

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Memória Social

Brasil: modelo 70

Futebol e política no discurso da revista *Veja* em 1970

Lívia dos Santos Chagas

Rio de Janeiro
2010

Lívia dos Santos Chagas

Brasil: modelo 70

Futebol e política no discurso da revista *Veja* em 1970

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de mestre

Orientadora Prof^a Dr^a Lucia Maria Alves Ferreira

Rio de Janeiro

2010

Lívia dos Santos Chagas

Brasil: modelo 70

Futebol e política no discurso da revista *Veja* (1970)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de mestre

Aprovada em:

Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Alves Ferreira (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Diana de Souza Pinto – UNIRIO

Prof^a. Dr^a. Joana D`Arc Fernandes Ferraz – UFF

Prof. Dr. Marcos Alvito Pereira de Souza – UFF

Prof^a. Dr^a. Evelyn Goyannes Dill Orrico – UNIRIO (Suplente)

Como sempre e sempre ao meu Botafogo, o futebol na minha vida...

*Às pessoas que viveram o duro ano de 1970, aos que viveram a repressão e
aos que festejaram aquela Copa do futebol genial...*

Agradecimentos

Agradecer é a coisa que me parece mais importante depois desses dois anos de trabalho, dificuldades e alegrias. Agradecer pela possibilidade de ingressar no curso (no qual pensei por outros dois anos), pelo trabalho que pude desenvolver, à instituição na qual ingressei e às pessoas que passaram pela minha vida nesse tempo... imprescindíveis para a pesquisa.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Alves Ferreira, por aceitar orientar o meu trabalho e pelas indicações nessa caminhada.

Aos membros da banca, que estão comigo desde bem antes qualificação, pelas ajudas incríveis. À Prof^a. Dr^a. Diana Pinto, principalmente pela força no momento mais difícil. À Prof^a. Dr^a. Joana Ferraz, que desde início do curso me fez acreditar que era possível continuar. Ao Prof. Dr. Marcos Alvito, professor e historiador admirado desde a graduação, por mostrar um caminho e possibilitar um olhar mais feliz para pesquisa.

Aos companheiros do curso de Mestrado de Memória Social da Unirio: André Januário, Bruno Leal, Caroline Vivas, Edinamária Mendonça, Isabella Trindade, Renata Almeida, Maria Rosa Correia, que me ouviram falar sobre o projeto e as angústias tantas e tantas e... tantas vezes. Agradeço as observações e a convivência, com a qual percebi não estar sozinha.

Aos integrantes do GEFut, por me ouvirem e darem boas sugestões. Em especial, ao Chico...

À CAPES, pelo auxílio financeiro.

À queridíssima Dilma Cabral, pelo exemplo de pessoa e historiadora, pela leitura, senso crítico e inspiração.

Aos amigos de sempre, Cínthya e Lucas, Gabriela, Marquito, Mariana Lambert, Mariana Picanço, por dividirem os momentos. À Mariana Lambert, por opinar nos textos com tanta presteza.

À minha família, em especial às minhas avós queridas, Anna Maria e Marina, importantes em tudo.

Ao meu Eduardo, por fazer minha vida e expectativas mais felizes... É como se você sempre tivesse estado aqui.

Aos meus amores. À minha Manuela, por ocupar espaço e tempo e me deixar mais e mais feliz, tranquila, leve e sempre com saudades. Ao meus irmãos, Vitor e Igor, pela companhia, parceria e amor nos jogos de futebol e em toda a vida. Aos meus pais, Erla e Marcos, os responsáveis pelo seguir em frente. Ao meu pai, pelo amor, força e possibilidades. A minha mãe, minha leitora mais do que fiel (e mais do que crítica), meu amor, minha força, meu colo.

A todos que estiveram comigo nesses anos, nessa empreitada... Sou extremamente grata pelo que aprendi com cada um. Obrigada, obrigada e obrigada.

Resumo

A expressão que dá título a essa dissertação foi retirada de uma das reportagens da revista *Veja* de 1970. Publicada durante a Copa do Mundo realizada no mesmo ano, a matéria fazia referência aos bons resultados obtidos pela seleção brasileira. O futebol se tornou tema recorrente, pois as vitórias do esporte respondiam às intenções de legitimação do governo militar. Sob o comando de Emílio Garrastazu Médici, o Brasil vivia os momentos mais duros da ditadura militar; contraditoriamente, a mídia mostrava um país tomado por uma euforia nacionalista. No período, muitas reportagens mostravam o futebol como elemento da identidade nacional e o relacionavam ao regime. Visando estabelecer o consenso social, o regime instalou um grande aparato de censura e propaganda política. Através desse aparato, os governantes tentavam controlar as informações divulgadas pela imprensa e divulgar ideais de identidade e participação nacional, pelo estímulo à popularidade do presidente e promoção de feitos do regime. Uma das estratégias da propaganda foi a associação do futebol à imagem do governo. As intenções de controlar a mídia podem ser entendidas pela lógica de que os fatos por ela divulgados são aceitos como verdadeiros. A ação dos jornalistas incide nas representações sociais e são fundamentais para a construção de memória e identidades. O presente trabalho analisa a produção de sentidos presentes no discurso da *Veja* em 1970, que tinham como tema o futebol. As construções discursivas orientam a produção de sentidos sobre os acontecimentos e são desenvolvidas de acordo com questões históricas, sociais e ideológicas do período em que se inserem.

Palavras-chave: Futebol. Ditadura militar. Discurso jornalístico. Memória.

Abstract

The expression which gives the title to this thesis was taken from one of the news reports in the weekly magazine *Veja*, published in 1970. Published during the Soccer World Cup which took place in the same year, the news article refers to the good results achieved by the Brazilian national team. Soccer became a recurrent theme then because victories in sport corresponded to the military government wishes of legitimacy. Under the command of Emílio Garrastazy Médici Brazil went through one of the hardest periods of the military dictatorship and contradictorily the media showed a country dominated by nationalistic euphoria. At that time many news articles showed soccer as an important element of national identity and related it to the political regime. To establish social consensus, the military regime installed a huge apparatus of censorship and of political propaganda. Through this special apparatus the government tried to control information disseminated by the press and tried to promote ideals of national identity and of participation, stimulating the president's popularity and promotion of the government's achievements. One of the propaganda strategies was the association of soccer to the government image. Attempts to control the media can be understood through the rationale that considers facts disseminated by the media as necessarily true. The action of journalists affects social representations and is fundamental to the construction of memory and identity. The current thesis analyses the production of meanings in *the Veja* 1970 discourse, which had soccer as its theme. The discursive constructions guide the production of meanings about events and are developed in accordance with historical, social and ideological issues of the period in which they occur.

Keywords: Football. Military dictatorship. Journalistic discourse. Memory.

Índice de imagens

Imagem nº 1, <i>Veja</i> nº 95 de 01.07.1970, <i>A imagem do sucesso</i> , p. 18-19.....	58 e 139
Imagem nº 2, <i>Veja</i> nº 66 de 10.12.1969, <i>Torturas</i> , capa.....	84
Imagem nº 3, <i>Veja</i> nº 97 de 15.07.1970, <i>Carta ao leitor</i> , p. 15.....	87
Imagem nº 4, <i>Veja</i> nº 81 de 25.03.1970, <i>O futebol dos cartolas</i> , capa.....	95
Imagem nº 5, <i>Veja</i> nº 81 de 25.03.1970, <i>O estranho jogo do futebol</i> , p. 34- 35.....	97
Imagem nº 6, <i>Veja</i> nº 87 de 06.05.1970, <i>O presidente – A fé do torcedor</i> , p. 20- 21.....	102
Imagem nº 7, <i>Veja</i> nº 93 de 17.06.1970, <i>Festividade e conflito</i> , p. 54- 55.....	108
Imagem nº 8, <i>Veja</i> nº 93 de 17.06.1970, <i>Festividade e conflito</i> , p. 56- 57.....	109
Imagem nº 9, <i>Veja</i> nº 121 de 30.12.1970, <i>Seqüestro: a firme posição do govêrno</i> , capa.....	128
Imagem nº 10, <i>Veja</i> nº 92 de 10.06.1970, <i>A camisa número 12</i> , p. 63- 64.....	136
Imagem nº 11, <i>Veja</i> nº 95 de 01.07.1970, <i>A nova imagem de Medici</i> , capa.....	137
Imagem nº 12, <i>Veja</i> nº 95 de 01.07.1970, <i>A imagem do sucesso</i> , p. 20- 21.....	141
Imagens nº 13 e14, <i>Veja</i> nº 95 de 01.07.1970, <i>O sucesso da imagem</i> , p. 24- 27.....	142

Índice de quadros

Quadro 1. Matérias selecionadas para constituir o <i>corpus</i> de análise.....	91
Quadro 2. Capas referentes a ações de oposição.....	127
Quadro 3. Matérias com temática e título ligados ao presidente.....	133

Sumário

Introdução.....	14
1. Memória, identidade, nação: futebol e política no Brasil de 1970.....	21
1. 1. Memória e identidade.....	21
1. 2. A ideia de nação e a identidade nacional.....	25
1. 3. O esporte como instrumento de legitimação de regimes políticos.....	29
1. 4. Futebol: o esporte nacional.....	33
2. Jornalismo e memória social: as condições de produção do discurso jornalístico na ditadura militar.....	47
2. 1. Discurso e produção de sentidos.....	48
2. 1. 1. O discurso jornalístico e a construção da memória social.....	52
2. 1. 2. Leitura e interpretação da imagem.....	54
2. 2. As condições de produção do discurso jornalístico do período.....	59
2. 2. 1. A doutrina de segurança nacional e o estabelecimento da ditadura militar...61	
2. 2. 2. A propaganda política do governo militar.....	64
2. 2. 3. A ação da censura.....	72
2. 2. 4. O lugar de fala da oposição.....	80
3. A imprensa e o esforço pelo consenso social durante o regime militar: a construção de sentidos sobre o futebol na revista <i>Veja</i>	89
3. 1. O <i>corpus</i> da pesquisa.....	89
3. 2. Mapeando sentidos: aproximações para a análise de construções discursivas da revista <i>Veja</i>	93
3. 2. 1. Futebol e disputas de poder.....	93
3. 2. 2. Futebol como fator de integração do povo.....	102
3. 2. 3. Futebol: festa e guerra.....	106
3. 2. 4. Futebol e patriotismo.....	110
3. 2. 5. Necessidade de legitimação do governo.....	116
3. 2. 6. <i>Brasil, ame-o ou deixe-o</i> : o caráter de oposição no discurso da <i>Veja</i>	119
3. 2. 7. A construção da imagem de Médici.....	130
3. 2. 8. <i>A camisa número 12</i>	134

Considerações finais.....	145
Referências bibliográficas.....	150
Anexo I – Quadro das matérias selecionadas na revista <i>Veja</i> do ano de 1970.....	157
Anexo II – Quadro das matérias da revista <i>Veja</i> apresentadas no anexo.....	169
Anexo 1 – <i>Substituindo o violino – O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo</i> de 14.01.1970.....	172
Anexo 2 – <i>Do Presidente: ontem, hoje e amanhã</i> de 14.01.1970.....	175
Anexo 3 – <i>Medici: a imagem</i> de 28.01.1970.....	177
Anexo 4 – <i>O Morumbi, enfim</i> de 28.01.1970.....	179
Anexo 5 – <i>O GRANDE ASSALTO</i> de 04.02.1970.....	181
Anexo 6 – <i>A garra das feras</i> de 04.03.1970.....	183
Anexo 7 – <i>O SEQÜESTRO DO CÔNSUL – UM TERROR REORGANIZADO? UM TERROR DESESPERADO?</i> de 18.03.1970.....	185
Anexo 8 – <i>O PRESIDENTE – A decisão firme</i> de 18.03.1970.....	187
Anexo 9 – <i>O futebol dos cartolas</i> de 25.03.1970.....	189
Anexo 10 – <i>O ESTRANHO JÔGO DO FUTEBOL</i> de 25.03.1970.....	191
Anexo 11 – <i>CRIME E DIPLOMACIA – O DRAMA DO SEQÜESTRO</i> de 15.04.1970.....	198
Anexo 12 – <i>O PRESIDENTE – A fé do torcedor</i> de 06.05.1970.....	200
Anexo 13 – <i>SEGREDOS DO TERROR</i> de 03.06.1970.....	202
Anexo 14 – <i>O PRESIDENTE – Lições da História</i> de 10.06.1970.....	204
Anexo 15 – <i>Um alegre começo</i> de 10.06.1970.....	206
Anexo 16 – <i>Elementar, caro Ramsey</i> de 10.06.1970.....	213
Anexo 17 – <i>A camisa número 12</i> de 10.06.1970.....	218
Anexo 18 – <i>Uruguai, vinte anos depois</i> de 17.06.1970.....	224
Anexo 19 – <i>Festividade e conflito</i> de 17.06.1970.....	226
Anexo 20 – <i>BRASIL, PARA SEMPRE</i> de 24.06.1970.....	230
Anexo 21 – <i>O PRESIDENTE – Casas e música</i> de 24.06.1970.....	232
Anexo 22 – <i>A ilusão dos uruguayos</i> de 24.06.1970.....	234
Anexo 23 – <i>A taça do futebol de ouro</i> de 24.06.1970.....	239
Anexo 24 – <i>FUTEBOL DE EXCEÇÃO</i> de 24.06.1970.....	241

Anexo 25 – <i>A NOVA IMAGEM DE MEDICI</i> de 01.07.1970.....	248
Anexo 26 – <i>Carta ao leitor</i> de 01.07.1970.....	250
Anexo 27 – <i>A imagem do sucesso</i> de 01.07.1970.....	252
Anexo 28 – <i>O sucesso da imagem</i> de 01.07.1970.....	259
Anexo 29 – <i>A maioria silenciosa</i> de 01.07.1970.....	266
Anexo 30 – <i>O PRESIDENTE – Uma boa semana</i> de 08.07.1970.....	268
Anexo 31 – <i>O TERROR REGENERADO</i> de 15.07.1970.....	271
Anexo 32 – <i>E a taça?</i> de 15.07.1970.....	273
Anexo 33 – <i>O PRESIDENTE – O calor dos jogos</i> de 29.07.1970.....	275
Anexo 34 – <i>Ame-o ou deixe-o</i> de 05.08.1970.....	278
Anexo 35 – <i>Não o deixe</i> de 14.10.1970.....	280
Anexo 36 – <i>Um ano de Medici – O estilo do general nos atos do presidente</i> de 04.11.1970.....	282
Anexo 37 – <i>Ame-o, e ninguém o segura</i> de 23.12.1970.....	287
Anexo 38 – <i>SEQÜESTRO: A FIRME POSIÇÃO DO GOVÉRNO</i> de 30.12.1970.....	289
Anexo 39 – <i>O PRESIDENTE – Alegria de Natal</i> de 30.12.1970.....	291

*Toda memória revela o que não pode ser esquecido
e esquece ou sufoca o que não pode ser revelado,
daí não há dúvida de que toda memória é seletiva
e de que esta seleção está relacionada ao uso político
que fazemos dela...*

Joana Ferraz, 2006, p. 8.

O Brasil nos comove porque joga um futebol de exceção...

(Veja nº 81 de 24.06.1970, Futebol de exceção, p. 51.)

Introdução

*Aquele foi um processo muito difícil, trágico para a nossa esquerda.
O que podemos tirar de útil é, justamente, o seu estudo.
É nesse sentido que considero a história uma ciência revolucionária...
pelo estudo de experiências como foi a dos anos sessenta e setenta*

Jacob Gorender (1988)

O início dos anos setenta no Brasil foi marcado por sentimentos contraditórios. Ao mesmo tempo em que eram vividos os momentos mais violentos da ditadura militar, os meios de comunicação mostravam um país tomado por uma euforia nacionalista, como afirmam estudos sobre a década, entre os quais os de Ronaldo Sávio Paes Alves (2000) e Carlos Fico (1997).

Após o Golpe de Estado ocorrido em 1964, o regime militar, na estruturação de um ideal nacional, instalou uma nova ordem política de exceção, na qual o Poder Executivo foi sendo ampliado progressivamente. Sucederam-se atos institucionais, que, dentre outras medidas, limitaram as liberdades individuais, extinguíram partidos políticos, decretaram o fechamento do Congresso, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais e determinaram eleições presidenciais indiretas. A instalação da ordem política de exceção foi acompanhada, no entanto, da preocupação em manter algumas das instituições políticas do regime anterior, que apresentavam características democráticas. As pesquisadoras Sonia Regina de Mendonça e Virginia Maria Fontes (1991) afirmam que existia “uma ordem legal e uma de exceção” (p. 35). De acordo com as autoras, da coexistência dessas duas ordens resultaram a instabilidade do regime e a falta de legitimidade política dos governantes. Diante disso, o governo montou uma grande estrutura de propaganda, que buscou produzir a ideia de que estava comprometido com os anseios da população e que seu projeto de nação colocava o país num caminho de otimismo, usando o termo de Fico (1997), rumo ao sonhado desenvolvimento.

Visando à construção de um consenso no meio social, a propaganda política estabelecida a partir de 1968 agia considerando duas ideias: estimular a popularidade do presidente e promover os feitos do regime, divulgando ideias de identidade nacional e participação das pessoas comuns nos projetos do governo. Para Fico (1997), a propaganda tinha a estratégia de se apropriar de tudo que tivesse apelo popular, transferindo para os militares a responsabilidade do que

aconteciam de bom no período.

A associação da imagem do governo ao futebol foi uma das formas encontradas para estimular a identificação da população com os ideais de identidade nacional, pelos quais a ditadura se empenhou.

A busca por esses ideais nacionais pode ser comparada com a empreendida pelos burgueses no momento de formação dos Estados Nacionais Modernos. Ao explicar a constituição desses Estados, Eric Hobsbawm mostra como a invenção de tradições foi utilizada para a efetivação dessas intenções. De acordo com Hobsbawm (1997) essa invenção visa "... inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição", por meio do estabelecimento de um vínculo entre o passado e o presente, ou seja, pelo estabelecimento de "... uma continuidade em relação ao passado" (p. 9). O autor evidencia, a partir dessa perspectiva, a forma como o esporte pôde se constituir como meio de identificação nacional e criação de uma comunidade artificial na formação dos estados nacionais. Deixa claro ainda que a invenção de tradições ocorre com mais frequência em momentos de transformações sociais rápidas e amplas.

No esforço de divulgação dos ideais do governo como necessidades nacionais, o papel da imprensa foi fundamental. O regime tinha o controle dos meios de comunicação através de um aparato de censura e propaganda, podendo contar ainda com a colaboração de parte desses veículos (Beatriz Kushnir, 2004). Na ditadura militar, o estabelecimento de uma aliança entre censura e propaganda política serviu para apoiar o exercício do poder político do período e tentar estabelecer os discursos possíveis de serem emitidos, impedindo qualquer sentido divergente daquele que se institucionalizou. Esses sentidos visavam à veiculação de ideias de nacionalismo e patriotismo e à divulgação de imagens que mostravam o Brasil como país feliz e próspero em virtude das ações dos governantes.

Eram muito frequentes nos meios de comunicação representações do país que tinham como ponto principal o futebol tratado como elemento de integração. O tema do futebol se tornou muito recorrente, tendo em vista que as vitórias futebolísticas do período respondiam às necessidades do governo militar de busca por popularidade. Futebol, unidade e integração nacional estavam presentes no discurso da propaganda política dos militares e dos grandes veículos de comunicação. Esses elementos constituíram a narrativa histórica do período e incidiram na construção da memória oficial.

No texto *A mídia e o lugar da história*, Ana Paula Goulart Ribeiro (2000) discute como a história perdeu lugar para o jornalismo no papel de construção da memória oficial. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, o trabalho do historiador, que sempre esteve ligado ao discurso do poder e à memória, perdeu espaço para a mídia. O discurso jornalístico passou a ser o principal lugar no qual é constituída a memória oficial contemporânea. Assim, “os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade” (p. 115). Ao instalar um aparato que tentava manter a imprensa sob controle, o governo visava controlar as construções discursivas veiculadas pelos jornalistas. As preocupações do governo com a atuação da mídia podem ser justificadas quando se entende que os fatos divulgados pelo discurso jornalístico são geralmente aceitos como verdadeiros.

Visando entender como foi significada a relação entre futebol e política na imprensa em 1970, procurou-se compreender nesta pesquisa de que forma se construíram as práticas discursivas da mídia impressa do regime militar. Muitas reportagens na época apresentavam o futebol como elemento constituinte da identidade nacional e tinham a preocupação de relacioná-lo com a imagem do governo e do presidente. Para a constituição do *corpus* analítico foram tomadas as construções discursivas de reportagens da revista *Veja* do ano de 1970 que tinham como tema o futebol e as preocupações do governo com a própria imagem.

O ano de 1970 fez parte do período mais violento da repressão realizada pelo governo militar, quando ocorreu o desenvolvimento de um tipo de propaganda política diferenciada dos modelos clássicos de propaganda política e ideológica (Fico, 1997), como as veiculadas pelos regimes fascistas e pelo governo de Getúlio Vargas. Além disso, esse foi um momento emblemático para o futebol brasileiro, tendo em vista a realização da IX Copa do Mundo de Futebol, que, disputada no México e vencida pelo Brasil, consagrou o futebol como elemento da identidade nacional brasileira.

A opção pela *Veja*, pertencente ao grupo empresarial *Editores Abril*, se deveu ao fato de a revista ser um produto com ênfase mercadológica. Embora a revista tenha sofrido censura às suas reportagens, é vista como um dos veículos de comunicação que colaboraram com as intenções legitimadoras dos militares. De acordo com o historiador Alves (2000), “A *Veja* participou de forma ativa do esforço

legitimador da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP)”.

Lançada pela Editora Abril em setembro de 1968, inspirada nas revistas *Times*, *Look*, *Life*, *Newsweek*, e dirigida pelo jornalista Mino Carta, a *Veja: Revista Semanal de Informação* surge num momento sempre reconhecido pelas grandes agitações políticas e sociais ocorridas no Brasil e no mundo.

No período, o governo militar incentivava o crescimento de uma indústria cultural (Juliana Gazzotti, 1998) e a criação de oligopólios de imprensa no Brasil, o que facilitava a uniformização das informações e o controle sobre os veículos de comunicação que pretendia realizar. Esse desenvolvimento acontecia em conjunto com a ascensão do sistema capitalista brasileiro, também estimulado pelas ações políticas dos militares.

A revista se desenvolveu na perspectiva de um jornalismo de caráter empresarial, o que transformou a ação da imprensa, que passou a se dar de acordo com “os interesses de quem a percebe como mais que um serviço, um negócio” (Kushnir, 2004, p. 55), tirando de foco a politização das discussões. Gazzotti (1998) afirma que era frequente a exclusão de reportagens que apresentassem um caráter ideológico radical para não afastar leitores e anunciantes; assim, as matérias da *Veja* tinham um cunho conservador.

A *Veja* surgiu como uma revista semanal ilustrada direcionada a cobrir os fatos do dia a dia da sociedade brasileira para um público composto pelas classes média e alta que “exigia matérias mais ‘elaboradas’ em termos de linguagem e reportagens” (Gazzotti, 1998, p. 12). Suas seções abrangiam assuntos bastante variados para atingir o maior público possível e atrair mais anunciantes. A presença de muitos anúncios garantia no início sua lucratividade e atraía o público leitor. Nos seus primeiros anos de existência, quando o Estado era um dos seus principais anunciantes, a revista trouxe prejuízo financeiro, mas com o passar do tempo, vendendo centenas de milhares de exemplares¹, se transformou num dos produtos mais importantes da empresa, tornando-se um importante veículo de comunicação nacional (Gazzotti, 1998).

O objetivo da pesquisa é compreender de que forma o discurso da revista *Veja* veiculou o futebol e a relação do governo militar com o esporte mais popular do país, tendo em vista que o regime utilizou o futebol como meio de integração

¹Foram vendidos 45.000 (quarenta e cinco mil) exemplares da revista no ano de 1970 nas bancas de jornal do país.

nacional.

Visando alcançar o que foi proposto, as seguintes questões nortearam a pesquisa: De que forma o futebol era significado nas matérias da revista *Veja*? Quais as estratégias discursivas utilizadas pela revista para construir a relação entre o governo e futebol? Que estratégias discursivas podem ser identificadas na definição da identidade do brasileiro na materialidade linguística escolhida?

Para melhor responder às questões de pesquisa, foi construído um dispositivo analítico que tem a análise do discurso de vertente francesa como referencial teórico-metodológico, tendo em vista que ela "... visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos" (Eni Orlandi, 1999, p. 26). Nos termos de Bethânia Mariani (1998), a análise do discurso se caracteriza por ser uma teoria crítica de linguagem, situada no entremeio das ciências humanas e sociais, que re-investiga as relações entre seus campos de conhecimento. Nesta perspectiva teórica, as construções discursivas orientam a produção de sentidos sobre os acontecimentos e são controladas por questões históricas, sociais e ideológicas. Embora todo discurso carregue o comprometimento ideológico de seu emissor, ele é menos evidente no discurso jornalístico. Isso acontece porque, na sociedade contemporânea, o jornalismo é considerado como um discurso emissor da verdade, ao qual se credita a divulgação de fatos reais de forma imparcial e objetiva. Essas questões foram possíveis em virtude do mito da neutralidade formado em torno do jornalismo informativo, que, por mais que já tenha sido muito discutido, ainda confere legitimidade ao jornalismo.

Entender as relações que envolvem a produção da memória significa perceber que o controle do poder no presente passa pelo controle da memória que se construiu do passado no presente. A memória se constrói a partir dos interesses do presente e por isso controlar os agentes responsáveis pela construção da memória oficial se constituiu como importante interesse de muitos governos e também dos militares no pós-64.

Para o melhor desenvolvimento da reflexão proposta, o primeiro capítulo discute os conceitos de memória e identidade a partir das proposições de Michel Pollak (1989 e 1992). Em seguida, são abordados o conceito de nação e o processo que envolve a construção de identidades nacionais, tendo como base autores como Eric Hobsbawm (1980 e 1990), Benedict Anderson (1989) e Homi Bhabha (1998). Na sequência, a partir da relação que esses conceitos estabelecem entre si, é

discutida a forma de utilização do esporte como meio de legitimar regimes políticos, considerando o que foi proposto por Hobsbawm (1997) e Pierre Bourdieu (1983). Tendo como norte esse aporte teórico, foi estudada a utilização do futebol no Brasil, a partir de autores como Luiz Henrique de Azevêdo Borges (2008) e Denaldo Alchorne de Souza (2009).

No segundo capítulo é apresentado o arcabouço teórico e metodológico da análise do discurso de vertente francesa, que serviu para a constituição do dispositivo de análise da pesquisa. Aqui foram discutidos os conceitos que, a partir dessa perspectiva teórica, deram base à análise, considerando a leitura principalmente de Mariani (1998) e Orlandi (1995, 1999 e 2006). Nesse capítulo também é examinada a ação do discurso jornalístico na produção da memória oficial com fundamentação nas propostas de Ribeiro (2000). O texto analisa ainda as condições de produção desses discursos em 1970, a partir da apresentação do contexto histórico, social, econômico e ideológico. É também abordada a instauração do grande aparato de comunicação da ditadura militar, através do binômio propaganda política e censura. Nessas seções foram discutidos, principalmente, autores como Fico (1997) e Alves (2000).

Por fim, no terceiro capítulo é apresentada a análise das construções discursivas da revista *Veja* de 1970 sobre o futebol e a relação entre o esporte e a ditadura militar vigente. Inicialmente é evidenciado como, a partir da leitura dos materiais, foi realizada a seleção dos documentos e os recortes de sequências discursivas na materialidade linguística examinada no presente estudo. Visando compreender quais estratégias discursivas foram utilizadas pela revista, no ano de 1970, para conectar o futebol e os governantes militares, nesse segmento do texto estão presentes as análises das sequências discursivas que significam essa relação, evidenciando alguns dos sentidos construídos pela *Veja*.

É importante destacar que o futebol, tido como elemento da identidade brasileira, manifestação de nossa cultura, se caracteriza como uma construção de caráter simbólico, apta a produzir significados capazes de proporcionar a coesão e a integração entre os brasileiros. O Brasil como país do futebol é uma construção discursiva, elaborada com o passar do tempo, que possibilitou a individualização aos brasileiros. Ao produzir significados, o esporte não pôde se manter isento diante das relações de poder estabelecidas. Os governantes militares se apropriaram dessa construção discursiva, muito anterior à ascensão de seu governo, na tentativa de

conseguir a popularização de seus feitos. Em 1970, isso se tornou possível em virtude dos bons resultados da seleção brasileira na Copa do Mundo realizada naquele ano, da aparente espontaneidade dos atos do presidente Médici e das construções discursivas, aí se incluindo textos e imagens, publicadas pelos veículos de comunicação do período, que afirmavam, com maior ou menor ênfase, o vínculo entre vitória esportiva, patriotismo e propaganda política.

É esse processo de produção de sentidos que tematiza futebol e política em um tempo histórico determinado – o regime militar dos anos 70 – a partir do discurso veiculado por um periódico semanal de grande tiragem e circulação nacional – a revista *Veja* – que será o objeto da dissertação que ora se inicia.

1. Memória, identidade, nação: futebol e política no Brasil de 1970

*No campo e na vida, na gíngua e no jogo,
no peito e na raça se fundem brasilidade e futebol.
Torcer é pertencimento, é identidade.
Entre atitudes corporais, discursivas e sociais,
se afirma um sujeito nacional, se inventa o brasileiro...*

Luiz de Henrique Azevêdo Borges (2008)

Este capítulo tem por objetivo relacionar os conceitos de memória, identidade e nação, a partir da investigação de como o futebol foi significado no governo militar pelo discurso da *Veja*, tendo como eixo a análise das estratégias discursivas utilizadas para construir a relação entre política e futebol em 1970.

O primeiro item discute as questões relativas à memória e à identidade, tendo como base as ponderações de Michael Pollak, nos textos *Memória e Identidade Social* (1992) e *Memória, Esquecimento e Silêncio* (1989).

Em seguida, a partir do conceito de memória desenvolvido na primeira parte, é abordado o conceito de nação e discutido o processo de construção da identidade nacional, buscando apoio especialmente em Eric Hobsbawm (1980 e 1990), Benedict Anderson (1989) e Homi Bhabha (1998) e Norbert Elias (2006).

Por fim, foi examinado como o esporte pôde ser utilizado como instrumento de legitimação de regimes políticos e quais questões históricas constituíram o futebol como elemento de identificação do brasileiro.

1. 1. Memória e identidade

Muitas vezes quando afirmamos nosso pertencimento a um grupo, não pensamos de que forma ele se constituiu ou como nos identificamos com ele enquanto indivíduos. As questões que determinam a identificação dos indivíduos com seus grupos nem sempre são concretas, visto que, na maior parte dos casos, a identidade se estabelece em virtude de valores simbólicos. Nessa perspectiva, a memória aparece como elemento da construção das identidades sociais e a história surge como efetivadora da memória oficial, nos termos propostos por Pollak (1992).

Nas últimas décadas, muitos estudiosos têm refletido sobre o conceito de memória e como sua constituição social afeta a vida em sociedade. O interesse dos

pesquisadores pelo estudo dos costumes de determinado lugar, dos aspectos referentes ao papel da construção de monumentos para grupos de indivíduos, da estruturação de narrativas identitárias de nação, dentre outros temas comumente examinados, evocam aspectos constituintes da memória social.

A maioria dos estudos que tem como tema a memória se preocupa em dialogar com os conceitos de memória coletiva do sociólogo francês Maurice Halbwachs. Para Halbwachs (2006), a memória deve ser entendida, primordialmente, como um fenômeno construído coletiva e socialmente. Nessa medida, a memória individual só poderia se constituir e se estruturar em relação com a memória coletiva. Explicando de outra forma, a memória se formaria apenas no interior do grupo, através de um processo de negociação entre as diversas memórias individuais.

A partir do diálogo com as ideias de Halbwachs, Pollak discute aspectos relativos à memória e nos ajuda a pensar sobre o tema. Pollak (1992) entende a memória como um fenômeno construído, consciente ou inconscientemente, por um trabalho de organização, tanto individual como coletivo, que ocorre no presente, ou melhor, uma representação do passado realizada segundo expectativas e interesses dos indivíduos no presente. Além disso, a memória se caracteriza como um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, que auxilia a percepção de si e do outro e se relaciona com os sentimentos de coerência, continuidade e pertencimento de um indivíduo ou de um grupo. Para o autor (1992),

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (p. 204)

Assim, uma identidade só se legitima e se mantém quando estabelece relações com os valores da sociedade, além de ter como base os valores existentes.

As memórias coletivas e individuais, ao tentarem reconhecer e estabelecer suas fronteiras, se confundem e se complementam, ao mesmo tempo em que concorrem para que uma identidade se sobreponha às demais.

A memória é um campo de disputas de poder, no qual os grupos sociais se apropriam dos acontecimentos e tentam construir uma memória que seja reconhecida. Através do trabalho da linguagem, por exemplo, os grupos tentam determinar os sentidos que se tornarão hegemônicos. Aspectos discursivos conferem aos acontecimentos a condição de fato histórico (relevante para a constituição da memória) e auxiliam na estruturação (e nas constantes re-estruturações) da memória social. Quando a memória age no discurso, ocorrem acomodações, seleções e deslocamentos dos sentidos que agem construindo representações do processo histórico em curso. Por meio do discurso se estabelece aquilo que deve ser lembrado.

Ao funcionar como um processo de organização, a memória é seletiva. Os indivíduos guardam aquilo que, por algum motivo, foi relevante para a estrutura social vigente (que determina o que da memória tem valor). Em geral, é a mesma estrutura social que subsidia a construção da narrativa histórica oficial, registrada e consolidada em documentos, filmes, discursos organizados. Deste modo, a sociedade vai construindo e reconstruindo sua história e garantindo sua permanência enquanto grupo.

A construção de identidades nacionais é legitimada pela ação da memória, que, nesse caso, é utilizada para erigir a ideia de unidade, homogeneizando a identidade dos indivíduos e descartando a diferença. A utilização da memória visa à estruturação de um discurso de pertencimento através da sensação de que todos os indivíduos foram constituídos por um processo histórico comum e que caminham para o mesmo futuro. A memória contribui para a construção dos elementos nacionais, como os mitos de origem, heróis, símbolos nacionais, incidindo na constituição da identidade nacional.

Pollak (1989) afirma que a memória da nação é a forma mais legítima de memória coletiva, e a nação, a forma mais acabada de grupo. A memória nacional sofre muitas tentativas de organização, se tornando objeto de muitas disputas políticas. Assim,

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra... em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais... A referência ao passado serve para manter a coesão

dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum... eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referência e de pontos de referência (Pollak, 1989, p. 9).

A memória da nação se constitui como oficial, unificadora e homogeneizadora, buscando silenciar e apagar o que não deve aparecer. Na tentativa de silenciar, a memória age na criação e produção de sentidos, preenchendo espaços com conteúdos, reinvestindo-os de novos sentidos, atualizando-os. O processo de seleção da memória se relaciona com os usos que os indivíduos fazem dela; são os interesses políticos e ideológicos que determinam sua utilização. Aliás, nos vinte anos de ditadura militar brasileira, a construção da memória oficial buscou fazer com que os indivíduos apreendessem do passado o que era permitido e transmitido pelo discurso do governo. A propaganda oficial agiu na tentativa de criar imagens positivas do regime e da realidade política e social do país, visando à adesão ao seu projeto de nação pelo povo, tentando silenciar e apagar os discursos divergentes das oposições. No entanto, não houve apenas silenciamento, mas produção de sentidos novos na rede simbólica que estava disponível na sociedade. Com isso, novos conteúdos foram investidos num material precedente.

O governo militar buscou formas de obter a identificação dos indivíduos para que se constituísse uma memória que lhe favorecesse e permitisse a manutenção dos militares no poder. Um claro exemplo foi a denominação dada pelos militares ao golpe de *Revolução de 1964*. O termo revolução constrói sentidos que evocam uma carga discursiva tendo como significado a participação popular e a preocupação com as vontades do povo, reiterando o caráter de legitimidade do governo e a identificação dos indivíduos.

No caso do regime militar, é possível perceber que o futebol foi utilizado como fator de unidade. A proposta do governo era o estabelecimento de uma identidade pela origem e interesses comuns e pela busca dos mesmos ideais. A propaganda governamental criava a ideia de uma nação una e homogênea e divulgava o que pudesse dar popularidade ao regime, como o futebol e as grandes obras implementadas no período, demonstrando o progresso e o desenvolvimento obtidos pelo governo militar (Fico, 1997).

1. 2. A ideia de nação e a identidade nacional

A nação é um fenômeno recente na história da humanidade e seu estabelecimento dependeu (e depende) de circunstâncias históricas e geográficas particulares. Cultura, história, origem, costumes, tradição, língua e território são elementos constantemente utilizados como sinônimo da unidade dos indivíduos que constituem as nações. Essa identidade é estabelecida em virtude da tentativa de construção de uma memória única, nacional, a partir das relações de força existentes na sociedade. Assim, a identidade nacional muitas vezes traduz o sentimento de grupos representados através de símbolos que não necessariamente dão características de unidade, mas forjam o sentimento de nacionalismo unívoco.

Desde o século XIX, estudiosos se preocuparam em compreender os fenômenos históricos da nação e do nacionalismo. Ao discutir os processos de formação de Estados e nações, Norbert Elias (2006) faz referência às enunciações de Ernest Renan que, em 1882, proferiu a conferência *O que é uma nação?*, na qual discutiu o fenômeno da nação dando destaque a seu caráter recente, que contradiz a eternidade frequentemente conferida aos símbolos e ideais nacionais. De acordo com Elias (2006):

Renan mencionou de maneira clara um fato freqüentemente ocultado ou esquecido: que as nações são algo novo. As ideologias nacionais geralmente as representam como formações muito antigas, quase eternas e imortais. ... os estados fizeram-se “nacionais” em conexão com mudanças específicas na distribuição de poder entre governantes e governados, e entre os estratos sociais de suas sociedades – o que afetou a natureza da própria estratificação (p. 160).

As considerações de Renan dialogam com outros estudos que repercutem nas formulações que hoje orientam os estudiosos da nação e dos nacionalismos. Atualmente, entre as deduções que se pôde chegar sobre as origens das nações está a de que a incipiente classe burguesa dos fins da Idade Média, formada por cidadãos livres na condição de terceiro estado, subjugados e usados pela monarquia, começou a esboçar, juntamente com sua contínua ascensão econômica, a vontade de liberdade econômica e igualdade política, presentes no ideário burguês (Hobsbawm, 1990). Para efetivar esse projeto, os burgueses tiveram que transformar suas aspirações individuais em *nacionais* e *universais*, buscando formar

alianças. Para tanto, em muitos momentos, *inventaram tradições* que buscavam fazer com que os indivíduos se vissem como integrantes de uma mesma comunidade, a nação. Como pode ser verificado através do exemplo utilizado por Hobsbawm (1997),

... o desenvolvimento do nacionalismo suíço, concomitante à formação do Estado federal(...), as práticas tradicionais existentes – canções folclóricas, campeonatos de ginástica e de tiro ao alvo – foram modificadas, ritualizadas e institucionalizadas para servir a novos propósitos nacionais. Às canções folclóricas tradicionais acrescentaram-se novas canções na mesma língua, muitas vezes compostas por mestres-escola e transferidas para um repertório coral de conteúdo patriótico-progressista... (p. 14)

No texto *Nações e nacionalismo* (1990), Hobsbawm discute o conceito de nação e afirma que o mesmo é deslizante, na medida em que nenhuma definição consegue dar conta do que realmente constitui uma nação. Para o autor, a explicação desse fenômeno pode ser encontrada na relação entre nação, Estado e povo, que poderia ser compreendida por elementos como a territorialidade, a política e o povo. A base da discussão se deve ao fato de que a principal característica do conceito é que nenhum critério é satisfatório para classificar os grupos humanos e decidir quais das muitas coletividades podem ser rotuladas desta forma. Até os dias atuais, o debate da historiografia da nação e do nacionalismo não foi capaz de chegar a uma definição precisa sobre o termo. Ao mesmo tempo, é impossível olhar para a história dos últimos séculos sem se deparar com os conceitos de nação e nacionalismo.

Ao estudar o Estado alemão, sua constituição e a relação entre o ser alemão, seu *habitus* nacional e o nazismo, no livro *Os alemães* (1997), Elias mostra como não são naturais as divisões geográficas que determinam as fronteiras dos países, assim como os sentimentos que constituem os ideais de nacionalidade tão propagados. Segundo o autor, essas divisões são abstratas e teriam ocorrido através de um processo de homogeneização social dos indivíduos e de nacionalização.

Elias explica que as experiências passadas e o processo civilizador, que fizeram parte do desenvolvimento dos Estados nacionais, continuam a ter efeitos nos momentos seguintes do país. Todas essas experiências incidem na sedimentação do *habitus* dos indivíduos da nação e isso demonstra como as "...formas de percepção e comportamento, em toda a sua amplitude e profundidade,

têm em cada país, uma coloração caracteristicamente nacional” (Elias, 2006, p.127).
A partir dessas noções se dá a constituição de

... algo como um “nós-ideal”, algo que alguém como alemão, francês, italiano ou inglês gostaria de ser ou não gostaria de ser, de fazer ou de não fazer; uma exigência que alguém coloca para si e para o outro como inglês, francês, italiano ou alemão. Algo assim ocorre em qualquer estado nacional. Isso existe como uma espécie de base comum, mais ou menos subentendida e evidentemente com matizes variados, que fundamenta as diferentes opiniões partidárias no interior de um mesmo país... (Elias, 2006, p. 119).

Na constituição das sociedades nacionais, os indivíduos trocam sua identidade “eu” por uma identidade *nós*, uma identidade nacional, estabelecida através de coações externas exercidas pelo Estado, pelas demais instituições e pelos outros indivíduos que compõem a sociedade.

Ao examinar a questão, Anderson (1989) tem como preocupação maior o sentimento de nacionalismo e não o surgimento dos estados nacionais europeus. Dessa forma, apresenta como ponto principal das suas discussões a noção de que a nação é um fenômeno histórico temporalmente determinado. O que marca a estruturação do conceito de Anderson (1989) é a ideia de *comunidade imaginada*.

As nações, como *comunidades imaginadas*, teriam surgido através da interação de processos históricos como a emergência dos Estados Nacionais, o surgimento das línguas vernáculas, a relação entre o capitalismo e a imprensa e a ação da burocracia. A partir desses fatores, as nações foram imaginadas, sendo forjada a noção de pertencimento a uma comunidade.

Entender a nação como uma *comunidade imaginada* contribui para o desenvolvimento da presente pesquisa, que pretende olhar para o ideal nacional brasileiro existente no discurso do governo militar e suas representações no discurso jornalístico da revista *Veja*. A proposta é observar um dos elementos que constituíram (e ainda constituem) a narração da unidade nacional brasileira, o futebol.

Inspirado nas ideias de Anderson, Bhabha (1998) retoma e amplia a aproximação entre nação e narrativa². No texto *DissemiNação – O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna*, o autor faz referência ao caráter múltiplo

² O discurso sobre o nacionalismo não é o principal interesse de Bhabha. O autor pretende demonstrar que a cultura não pode ser localizada na história da nação ocidental apenas como é propagado pelas *comunidades imaginadas*, mas que da ação das minorias também se estabelece a cultura na sociedade.

da nação e do espaço que constitui a identidade de cada indivíduo. De acordo com essa perspectiva, a nação tal como é narrada é uma construção, uma criação, que não dá conta da heterogeneidade, mas se constrói de forma homogeneizante e disciplinadora. As estruturas simbólicas pedagógicas sugerem sentidos fundadores, signos, para as comunidades nacionais. Como afirma, Bhabha (1998), “O pedagógico funda sua autoridade narrativa em uma tradição do povo... encapsulando numa sucessão de momentos históricos que representa uma eternidade produzida por autogeração” (p. 209). Toda essa mobilização para instituir um caráter coletivo tem a intenção de reunir o povo numa nação uniforme. Aliás, para o autor, a nação é uma narração e essa forma de narrar tem um caráter linear e preza o homogêneo.

A partir dessa perspectiva, é possível notar que a unidade da nação, como força simbólica, é algo impraticável, embora os discursos nacionalistas tentem produzir a ideia de algo uno. Bhabha (1998) propõe que a estruturação simbólica e discursivo-pedagógica, formada através de discursos e estruturas de poder, utiliza o passado para estabelecer o futuro. Assim, a tradição se estabelece como uma das principais linhas de força para a narrativa da nação. Na sua constituição, é preciso esquecer acontecimentos traumáticos, como afirma o autor (1998), ser “... obrigado a esquecer – na construção do presente nacional – não é uma questão de memória histórica é a construção de um discurso sobre a sociedade que *desempenha* a totalização problemática da vontade nacional” (p. 226).

As narrativas das nações são construídas para conservar um modelo hegemônico. E, como dito antes, a nação surge em virtude de sua narração. As linhas de discurso interagem e a nação se constitui através de uma memória narrada a partir dos esquecimentos de determinados acontecimentos, de uma memória construída. A pesquisa aqui desenvolvida se insere nessa perspectiva devido ao olhar direcionado para o esforço de legitimação do governo militar e pela busca do estabelecimento de um projeto de nação que se deu por meio da homogeneização dos discursos, pela perpetuação de uma narrativa hegemônica de nação.

O projeto de nação dos militares tinha como base os ideais do governo, que visavam à formação de consensos legitimadores (Alves, 2000) por meio de uma narrativa de caráter hegemônico. No período, um dos elementos que influenciaram no estabelecimento da identidade nacional brasileira foi a propaganda. A estratégia dos militares contemplava o passado e o futuro comuns. Sua propaganda trazia

elementos de identidade dos brasileiros e o desenvolvimento do país como um processo histórico compartilhado, com a necessidade de participação de todos.

A propaganda e a imprensa do período exaltavam a importância do futebol, tratando o esporte como elemento que constituiu a identidade do brasileiro. O esporte foi utilizado como forma de propaganda principalmente após a vitória da seleção na Copa de 1970. Como afirma Alves (2000)

*A conquista do título fazia o povo demonstrar, espontaneamente ou incentivado, um fervor patriótico, uma alegria ufanista sem par no período ditatorial. A vitória foi devidamente capitalizada pela AERP... ligando a imagem da conquista no futebol com as **vitórias** que o Brasil vinha **conquistando** na esfera econômica, política e social. O povo deveria se sentir vencedor, não somente como torcedor, mas como brasileiro (p. 130).*

A estrutura de comunicação do governo ressaltava o que era vitorioso, vinculando essas vitórias às ações do governo e divulgava as intenções de seu projeto de nação como ideais nacionais (Fico, 1997). Futebol, unidade e integração nacional eram elementos frequentes nos discursos do período; constituíram sua narrativa histórica e incidiram na construção da memória oficial. Os discursos se formavam em direção à estabilidade, à busca da homogeneização e do consenso social. Com isso, a elaboração de uma memória histórica oficial buscava, através de constantes re-arrumações, estabilizar discursos, instituindo uma continuidade, apresentando os sentidos como se os fatos acontecessem de forma homogênea.

1. 3. O esporte como instrumento de legitimação de regimes políticos

De acordo com Hobsbawm (1997), assim como as nações, muitas tradições foram inventadas. Além disso, como a nação, as tradições também têm um caráter dual; dessa forma, são fenômenos criados não apenas pelo Estado, mas também podem igualmente ser inventados, entendidos e percebidos de baixo para cima. Assim tanto o Estado como as camadas mais baixas da sociedade podem inventar tradições. E essas tradições inventadas são *complexos simbólicos e rituais*, ou, para que fique mais claro, de acordo com as afirmações do autor (1997) são

... um conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual e simbólica, visam inculcar certos

valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado... (p. 9)

A ideia de *inventar tradições* tem como intenção viabilizar a sensação de integração ao grupo. Hobsbawm (1997) afirma que, “provavelmente, não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a ‘invenção’ de tradições neste sentido” (p. 12) e a manipulação e apropriação da memória.

Uma das formas de promoção da integração dos indivíduos verificada desde a formação dos Estados nacionais foi através do esporte. Isso foi possível porque, embora seja um espaço que carregue sua autonomia, o esporte, como todas as instâncias de ação dos indivíduos, é influenciado pela sociedade na qual está instalado. Como explica Bourdieu (1983) ao analisar as condições históricas e sociais do fenômeno do esporte moderno:

... Esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele (p. 210).

Assim, Bourdieu (1983) considera o esporte como um conjunto de estruturas específicas e inter-relacionadas, que se movem socialmente em virtude dos interesses dos indivíduos envolvidos num campo de disputas específico. Com a noção de campo, é possível delimitar um lugar onde há uma autonomia, normas e regras específicas, que ocorrem na constituição de um espaço dentro do qual estão envolvidas questões políticas, econômicas e sociais que lhe são próprias.

No entanto, por mais que se possa definir o que há de específico a esse campo, ele está sempre relacionado com os demais espaços que envolvem os indivíduos na sua interação social.

Bourdieu (1983) afirma ainda que a invenção do esporte ocorrida a partir da institucionalização do jogo, que tem caráter ancestral, se realizou em meio às elites burguesas. Assim, o esporte foi sendo definido como meio de identificação para a delimitação de uma classe específica e, por conseguinte, em virtude da delimitação do nacional, serviu também para o reconhecimento dos indivíduos como nação.

O desenvolvimento dos meios de comunicação facilitou na propagação dos esportes (Bourdieu, 1983). A televisão incluiu cada vez mais espectadores, trazendo

uma massificação através do interesse pelo produto midiático. Com isso, os espetáculos esportivos, que eram restritos aos praticantes, atraíram sujeitos desprovidos de competência para a prática, mas interessados em virtude da divulgação proporcionada pelas redes de televisão.

Os regimes, entendendo que a dominação do corpo proporcionada pela prática esportiva apreende a disciplina, se reservam o direito de utilizá-lo como instrumento de dominação. O esporte pode ser utilizado como meio de dominação do corpo e forma de propaganda governamental. Conforme explica Bourdieu (1983):

*Talvez seja refletindo sobre o que o esporte tem de mais específico, isto é, a manipulação regrada do corpo, sobre o fato de o esporte, como todas as disciplinas em todas as instituições totais ou totalitárias, os conventos, as prisões, os asilos, os partidos, etc., ser uma maneira de obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar, que se conseguiria compreender melhor o uso que a maior parte dos regimes autoritários faz do esporte. A disciplina corporal é o instrumento por excelência de toda espécie de 'domesticação'... Assim se explica o **lugar destinado por todos os regimes de caráter totalitário às práticas corporais coletivas que, simbolizando o social, contribuem para somatizá-las e que (...) visam reforçar essa orquestração** (p. 220, grifos nossos).*

Ao permitir essa manipulação regrada do corpo a que o autor se refere, capaz de domesticar o indivíduo e suas ações, o esporte serve como instrumento de regimes políticos autoritários.

Além disso, a rápida comunicação simbólica proporcionada pelo esporte e a possibilidade de massificação desta comunicação dão o tom do interesse dos regimes totalitários pelas práticas esportivas.

Então, por muito tempo, a prática esportiva, “uma das novas práticas sociais mais importantes do nosso tempo” (Hobsbawm, 1997, p. 306) foi utilizada como forma de demarcação social, pois sua institucionalização “... constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de *status* social equivalente” (p. 307). Para Hobsbawm (1997a):

Tanto o esporte das massas quanto o da classe média uniam a invenção de tradições sociais e políticas de uma forma ou de outra: constituindo um meio de identificação nacional e comunidade artificial. Isso... não era novo, pois exercícios físicos de massa havia tempo que eram associados (...) à identificação nacional. (p. 309)

Ainda de acordo com o autor (1997a), “a ascensão do esporte proporcionou novas expressões de nacionalismo através da escolha ou invenção de esportes

nacionalmente específicos” (p. 309).

A utilização dos esportes como instrumento político ocorreu em muitos governos durante a história e, muitas vezes, esteve ligada a regimes autoritários que buscavam legitimação. Durante o regime fascista, a Itália conquistou a Copa do Mundo de 1934, após Benedito Mussolini determinar que a vitória era uma obrigação para os atletas do seu país. O título serviu como forma de propaganda do regime no âmbito internacional. As olimpíadas de 1936 foram realizadas em Berlim, então sede do governo nazista da Alemanha. Os jogos olímpicos foram marcados por embates entre os capitalistas e os socialistas. O esporte também participou do esforço de legitimação empreendido pelos governos de Franco na Espanha e de Salazar em Portugal. Já em 1978, o campeonato mundial de seleções foi realizado na Argentina em pleno regime militar e, após uma vitória um tanto contestável, os militares se apropriaram das comemorações da Copa. Em comum, nesses momentos históricos, ocorre a utilização do esporte como instrumento de propaganda política por regimes autoritários.

Os campeonatos mundiais de seleções de futebol (Copas do Mundo), mais do que um evento esportivo de caráter mundial, representam para muitos países um momento importante, em que se tornam evidentes e intensas as manifestações de caráter nacionalista por parte de sua população, como é o caso do Brasil. Por esse mesmo motivo, nos períodos de Copa são mais evidentes algumas tensões políticas e sociais nacionais. Essas questões fizeram parte do ambiente do evento esportivo desde sua primeira edição, no Uruguai, em 1930. Como explica Borges (2008):

... o jogo, mais do que uma disputa desportiva, também revela o “confronto” de culturas e de identidades. Demarca diferenças em relação ao outro e nos individualiza e personaliza. Nesse sentido, o ponto alto das disputas futebolísticas se dá durante a Copa do Mundo, momento em que não só se exala nacionalismo como também é capaz de estabelecer, mesmo que temporariamente, uma hierarquia não só entre as seleções, mas também das próprias identidades nacionais. Para alguns países sul-americanos, especialmente o Brasil, a Argentina e o Uruguai, o futebol fornece até mesmo um meio de afirmação e de superação em relação aos europeus (p.9).

Dessa forma, a utilização do futebol e da Copa do Mundo de 1970 pelo governo militar não foi um fenômeno novo, mas a repetição de algo que já havia ocorrido, influenciado por uma memória anteriormente construída.

A utilização das repercussões da Copa, no caso brasileiro, tornou-se possível

porque o futebol estava amplamente difundido no país, sendo praticado por uma parcela grande da população, e já havia sido transformado em espetáculo popular – *inventado* como paixão nacional. Embora a Copa do Mundo de 1970 tenha sido realizada no México, a vitória do selecionado canarinho serviu aos interesses do governo militar como forma de manutenção de poder. Integrado ao meio social, o futebol se ajustou bem à busca pela *alma nacional* (Fico, 1997) empreendida pelos militares e por isso foi utilizado como forma de propaganda.

1. 4. Futebol: o esporte nacional

As motivações que levaram os governantes militares a se valerem do futebol como instrumento de legitimação passam pelo entendimento de que esse esporte estava amplamente difundido no cotidiano da população brasileira e fazia parte do sentimento dos indivíduos como brasileiros.

Analistas do futebol, profissionais e amadores, sempre discutiram a questão da singularidade com a qual os brasileiros praticam o esporte. Muitos acreditam que o estilo de jogo dos habitantes do nosso país é incomparável. Considerado como *futebol-arte*, esse estilo teria sido desenvolvido desde a chegada do esporte ao país. O antropólogo Lopes (2004) indica como motivo para o desenvolvimento de uma maneira peculiar de jogo do brasileiro, entre outros, o fato de o esporte ter sido disseminado por diferentes classes e grupos sociais. A ampla propagação permitiu que, através de uma “apropriação criativa”, os indivíduos que não tinham o conhecimento das regras inglesas e condições financeiras para a compra dos equipamentos utilizados na Europa praticassem o esporte fazendo adaptações.

As características da sociedade influenciam o futebol assim como o futebol influencia o meio social como um todo, repercutindo em relações econômicas, sociais, políticas, culturais, deixando aparecer os valores que agem na constituição da sociedade, já que essa relação é culturalmente construída. Compreender como a sociedade está organizada, como estabelece e desenvolve suas relações faz com que sejam entendidos os diversos componentes históricos formadores da sua complexa estrutura.

Questões históricas como as que incidiram na ascensão do futebol como esporte nacional merecem ser abordadas. Introduzido no país em meio à elite, o

futebol teve seu crescimento e generalização influenciados pela crônica jornalística e pelo *status* que envolvia a prática do esporte de origem inglesa trazido por estudantes de famílias ricas para o país no início de sua institucionalização. Esse esporte faz parte da diferenciação do brasileiro em relação aos indivíduos de outras nacionalidades.

No imaginário, o futebol no Brasil é entendido como marca identitária, um elemento de singularidade, inerente ao povo, algo que diferenciaria os brasileiros de indivíduos de outras nacionalidades. Borges (2008) explica que isso, no entanto, não é algo inerente, mas uma construção social e culturalmente desenvolvida. Segundo o autor (2008)

... a relação entre o futebol e a sociedade está culturalmente demarcada, não é algo evidente e natural, mas sim construída. Há uma relação de interdependência envolvendo o esporte e a sociedade, sendo um parte integrante do outro. Ele é uma das formas pela qual a própria sociedade se expressa" (p. 2).

Muito antes dos anos finais do século XIX, o futebol era praticado em terras brasileiras, especialmente por imigrantes ingleses e marinheiros estrangeiros que realizavam jogos nas proximidades do porto. Esse último caso, aliás, era, muitas vezes, o primeiro contato que as camadas populares tinham com o esporte.

Assim, embora fosse praticado anteriormente no território brasileiro, a introdução oficial do futebol ocorreu em São Paulo, em 1895, quando Charles Muller, filho de uma família rica, retornou ao país depois de anos estudando na Europa. Muller voltou com bolas, um uniforme e as regras do jogo que praticava no Velho Continente. Segundo vários estudiosos, em abril de 1895, Charles Muller organizou a primeira partida de futebol no país.

No Rio de Janeiro, o esporte só teria chegado três anos depois, através de Oscar Cox, descendente de ingleses, também de família rica, que, como Muller, também fora enviado à Europa para uma temporada de estudos. Cox se empenhou na organização de um clube para a prática do futebol e, em 1902, foi um dos responsáveis pela fundação do Fluminense Football Club.

Desse modo, Charles Muller e Oscar Cox conheceram o futebol na Europa e, ao retornarem ao país, continuaram a praticar o esporte. Era principalmente a obediência às regras inglesas o que diferenciava o esporte praticado pela elite brasileira daquele que os indivíduos praticavam nas praias, portos e praças

brasileiros desde o meio do século XIX.

A caracterização dessas histórias como a versão oficial para a chegada do futebol ao Brasil tem como uma das explicações o fato de que a partir desse momento ele começaria a ser praticado sistematicamente com as regras inglesas. A questão de conhecer e seguir as regras e técnicas inglesas assim como a utilização de equipamentos e uniformes importados da Europa serviram, por muito tempo, como marcas de definição e identificação de seus praticantes, além de os distinguirem do futebol jogado no cais do porto.

De acordo com Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), essas histórias consolidam uma memória segundo a qual essa prática esportiva teria nascido e se desenvolvido entre as camadas da elite social e econômica brasileira. Ainda que as versões consagradas não deem conta de explicar o processo de introdução e desenvolvimento do futebol, a ação desses setores de elite foi fundamental para o estabelecimento e a consolidação do esporte no país.

Com o empenho desses jovens, essa prática esportiva começou a ser difundida no Brasil. O futebol se estabeleceu inicialmente por aqui como meio de integração de indivíduos de uma mesma classe social – membros das elites brasileiras. E os clubes acabaram por se constituir como local de sociabilidade das elites urbanas escolarizadas. Assim, a classe social dos espectadores refletia a condição social e econômica dos praticantes. Tanto atletas como espectadores pertenciam às elites brasileiras. Esses grupos pretendiam demonstrar a modernidade das novas práticas e tradições que traziam de suas experiências no território europeu.

Os times foram aos poucos atraindo cada vez mais público, assim como a atenção da imprensa. Isso foi ampliado com a criação de ligas, que foram organizando os campeonatos.

O esporte se difundiu de maneira muito acelerada e foram surgindo cada vez mais clubes, inclusive clubes populares. De acordo com Lopes (2004), em 1906 já haviam sido fundados mais de trinta clubes no Rio de Janeiro e em 1907 teriam surgido mais quarenta associações voltadas para a prática do futebol.

Em 1908, pela primeira vez, a capital federal recebia a visita de uma seleção estrangeira, atraindo uma multidão sem precedentes, que também pela primeira vez torcia por um mesmo time, formado por jogadores brasileiros. Foram realizadas três partidas, jogadas contra o time da Argentina e todas vencidas pelos visitantes. Esse

teria sido o marco inicial das manifestações de patriotismo relacionadas com o futebol no Brasil. O interesse pelos jogos surpreendeu a todos. Segundo Pereira (2000),

Mais do que uma taça, estava em jogo, para os torcedores de segmentos diversos, o próprio orgulho da nação – na cristalização de um sentimento nacional que começava a mostrar a sua força social em terras cariocas (p.106).

A crescente popularização não agradou aos setores da elite pertencentes aos principais clubes da cidade, além de se opor às medidas que limitavam o acesso às diversas classes sociais estabelecidas pela Liga Metropolitana de futebol. Como exemplo dessas limitações, pode-se mencionar o envio aos clubes de um documento, em 1907, que restringia o registro como amadores na liga “... às pessoas de cor” (Pereira, 2000, p. 67).

Apesar das tentativas da elite de limitar a prática do futebol, nas duas décadas seguintes esse esporte se difundiu de maneira ampla, por todas as classes sociais. Nos anos vinte, o futebol estava extremamente disseminado pela população brasileira. Muitos clubes menores, dos subúrbios do Rio de Janeiro, começavam a reivindicar participação em eventos esportivos dos quais participavam os clubes de elite. Das tensões e conflitos provenientes das questões relativas à popularização do futebol emergiu a profissionalização no meio futebolístico. Isso aconteceu principalmente na tentativa de possibilitar a prática do esporte para bons jogadores, que, por não terem respaldo financeiro e precisarem trabalhar, não tinham condições de jogar de forma amadora. Esses indivíduos passaram a ser remunerados para exercerem a prática esportiva.

Nesse mesmo período, quando o futebol começou a se transformar num importante evento de massa, o poder público surgiu como um dos seus financiadores através da seleção brasileira. No entanto, isso só se tornou mais evidente no governo de Getúlio Vargas. No Estado Novo, Vargas estabeleceu um regime ditatorial de inspiração nazista, caracterizado por conotações ufanistas e pela forte presença do Estado em diversos âmbitos da sociedade, inclusive no esporte. Rubim Aquino (2002), ao falar sobre o futebol no período, no livro *Futebol: uma paixão nacional*, explica que

... Com a chamada Revolução de 1930 muitas transformações ocorreram

na sociedade brasileira. Essas mudanças também se fizeram sentir no futebol, cuja prática se profissionalizou e cada vez mais ganhou força como elemento controlado e manipulado pelo governo. Aumentando progressivamente sua interferência na política, na economia e nas manifestações culturais, o governo não poderia deixar de usar o rádio, a música popular e o futebol como instrumentos manipuláveis a serviço da política estatal (p. 53).

Do período compreendido entre os anos de 1937 e 1945, durante o Estado Novo, datam as primeiras disposições legislativas sobre o tema do esporte. Ressalte-se que esse foi um período ditatorial e essas leis estavam carregadas da ideologia política do regime (Marcelo Avancini Neto e José Francisco C. Manssur, 2002). É possível perceber isso no trecho do Decreto-lei nº 3.199, promulgado em 1941, e mantido vigente até 1975, que estabelecia as bases das práticas esportivas no país, a seguir exposto.

Art. 18. A entidade desportiva exerce uma função de caráter patriótico. É proibida a organização e funcionamento de entidade desportiva de que resulte lucro para os que nela empreguem capitais sob qualquer forma.

O trecho expõe características do regime autoritário, como o caráter ufanista e patriótico, além da forte presença do Estado delimitando a forma de atuação das entidades desportivas.

A década de trinta é reconhecida como o momento de consolidação no processo de popularização e profissionalização do esporte. Nessa época, o futebol atraía muitos praticantes e espectadores, sendo por isso mesmo apropriado pelo governo como meio de propaganda.

Em 1934, Leônidas Silva, um atleta negro, foi convocado para jogar a Copa do Mundo. Nesse mesmo período surgia uma nova mentalidade relacionada à formação de uma cultura mestiça do povo brasileiro. Esses novos pensamentos foram influenciados por ideias que estavam sendo difundidas no campo intelectual, como os conceitos do livro *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre. O autor trazia novas abordagens relativas às questões étnicas que vinham marcando a convivência na sociedade brasileira: as relações entre negros, brancos e índios. A mistura de raças, sempre vista de forma negativa, passava a ser encarada como uma vantagem para o povo brasileiro.

O surgimento de uma imprensa esportiva também foi fundamental para esse processo de democratização. Nos anos trinta surgiram os primeiros narradores do

estilo de jogo brasileiro, com discursos associados à formação de sentimentos nacionais. Esses discursos, propagados até os dias atuais, se construíram considerando a oposição entre o futebol brasileiro, futebol-arte, e o futebol-força, característico principalmente dos jogadores europeus (Borges, 2008).

A seleção começava a ser transformada em metáfora de nação no imaginário popular. Como afirma Borges (2008),

O Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva repleta de sentidos e que pode ser balizada temporalmente. Na construção dessa imagem os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente, afinal as crônicas estavam presentes nos grandes jornais que circulavam diariamente pelo país. (...) ... os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma consciente e inconsciente, de país (p. 6).

As crônicas esportivas produzidas não se restringiam apenas a tratar questões referentes ao meio esportivo. Seus discursos se dirigiam também a outros aspectos, considerando questões de identidade nacional e, como afirma Borges (2008), "... projetos para a nação brasileira" (p. 6). O autor sustenta que, ao escreverem crônicas esportivas, nomes conhecidos e reconhecidos como vozes autorizadas, entre eles Mário Filho, Nelson Rodrigues, João Saldanha, agiram como narradores do estilo de jogo dos brasileiros. As falas desses cronistas são legitimadas por sucessivas vitórias obtidas pela seleção e por times brasileiros durante anos e, assim, auxiliaram a construção de representações de Brasil e do que é ser brasileiro.

Dentre os diversos cronistas que participaram da constituição do discurso que auxiliou na construção de uma memória calcada na relação entre o futebol e o estabelecimento de uma identidade nacional brasileira, escolheu-se dar destaque à participação de Nelson Rodrigues. Como afirma Borges (2008), sua importância pode ser comprovada pelo fato de que era um dos "... membros da mesa-redonda do primeiro bate-bola televisionado do Brasil, a *Grande Resenha Facit*, inclusive transformando um horário morto, o final da noite de domingo, em um horário de audiência" (p. 6).

Nelson Rodrigues publicou seus textos na revista *Manchete Esportiva* e no jornal *O Globo*, tendo sido influenciado pela produção intelectual de Gilberto Freyre. A valorização da mestiçagem, característica da visão de Freyre, repercutiu no

discurso de Nelson Rodrigues, às voltas com o complexo de inferioridade do brasileiro e a questão racial. A obra de Gilberto Freyre serviu como base para a valorização dos negros na prática do esporte, empreendida no final dos anos 30, quando houve a reinvenção do futebol brasileiro a partir da caracterização de uma forma de jogar dos brasileiros.

Após a Copa de 1950, Nelson Rodrigues afirmava que os jogadores brasileiros assumiam um *complexo de vira-latas* e após a superação desse complexo, o autor passou a enaltecer o futebol praticado no país, vinculando-o com a questão da brasilidade (Rodrigues, 1994).

(...) desde 50 que nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada absolutamente nada, pode curar. (...) Por 'complexo de vira-latas', entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol (Rodrigues, 2002, p. 222 apud Borges, 2008, p.7).

Assim, depois da conquista do primeiro campeonato mundial, a formação multirracial da população do Brasil e dos jogadores de futebol de sua seleção passou a ser exaltada. Nos anos 60, após a conquista da segunda Copa do Mundo, consecutiva (em 1962), Nelson Rodrigues fazia referências à consolidação de uma identidade nacional, que deixava de lado o complexo de inferioridade em relação aos estrangeiros, característico dos vira-latas. De acordo com Nelson Rodrigues (1993),

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional... O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: – o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas. Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo, Eu pergunto: – que éramos nós? Uns humildes. (...) Mas vem a deslumbrante vitória do escrete e o brasileiro... A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada... E o escrete vem dando banho de bola, um show de futebol, um baile imortal na Suécia. Como se isso não bastasse, ainda se permite o luxo de vencer de goleada a última peleja. Foi uma lavagem total (p. 60).

E a vitória da Copa de 1958 auxiliava a constituição de uma imagem positiva da nacionalidade brasileira. A partir de então, de acordo com Nelson Rodrigues, os brasileiros passaram a ter uma nova imagem de si, não mais inferiorizada. Essas

representações eram validadas pela capacidade que esses discursos tinham de suscitar reconhecimento entre os indivíduos. E a capacidade de produzir reconhecimento está vinculada com o fato de a representação estar baseada na realidade.

Como para outros cronistas, Rodrigues acreditava que a habilidade dos jogadores brasileiros os diferenciava dos de outros países e configurava a superioridade futebolística do brasileiro. Dessa forma, a partida de futebol entre seleções podia ser percebida como um confronto de identidades nacionais. Nos textos há uma associação entre o brasileiro e a seleção do país e foi esse elemento que possibilitou a produção de uma imagem positiva da identidade nacional.

Observem agora o que o escrete fez por nós. Há pouco tempo o brasileiro tinha uma certa vergonha de ser brasileiro. Como conheço um patricio que andou ensaiando um sotaque para não trair a sua nacionalidade. Agora não. Acontece esta coisa espantosa: – todo mundo quer ser brasileiro. O país foi invadido por brasileiro, ocupado por brasileiros. Dizia-me o Francisco Pedro Coutto: – “Nunca vi tantos brasileiros”. E outra coisa: – as mulheres estão mais lindas, e os homens mais fortes, e há uma bondade difusa, volatizada, atmosférica. Jamais se cumprimentou tanto. E como sorrimos uns para os outros. (Rodrigues, 1993, p. 190).

O brasileiro é valorizado através do futebol e, dessa forma, as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues, entre outros, auxiliaram a construção de uma identidade nacional. Essa memória continua a influenciar a sociedade brasileira até os dias de hoje. Não foi por acaso que os militares escolheram o futebol como elemento de representação do brasileiro. E foi com base nessa memória que foram estruturadas algumas das estratégias que tentaram fazer propaganda do governo, associando os governantes ao futebol, esporte nacional.

Ao ter como meio de divulgação a imprensa, que cria fato e representação e que produz em seu discurso efeitos de verdade, esses ideais de brasileiro foram amplamente disseminados e apropriados. Os indivíduos se reconhecem através das representações da crônica esportiva, nas quais há “... uma íntima associação entre o homem brasileiro e a seleção nacional, por isso, a vitória de um seria também o triunfo do outro” (Borges, 2008, p.10).

Na Copa de 1938 o esporte passou a ter uma popularidade que ainda não tinha sido vista. Souza (2009) afirma que esse foi o momento no qual as representações relacionando futebol e identidade nacional teriam se firmado. Para que isso acontecesse, foi de grande importância a atuação do Estado, que, ao agir

na construção de uma identidade nacional brasileira, fez com que os esportes, principalmente o futebol, se tornassem um importante foco de atenção do período. O debate sobre a importância da utilização do esporte nas questões políticas e ideológicas iniciado desde o final da Primeira Guerra Mundial havia tomado grandes proporções na Europa, especialmente após os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, quando os órgãos de propaganda da Alemanha nazista transformaram as Olimpíadas em importante instrumento de divulgação do regime.

Segundo Souza (2009), além da atuação do Estado, foi muito importante a divulgação dada pela imprensa à Copa do Mundo de 1938 e a participação do que o autor chama de torcedores comuns. Isso porque, para o autor, através da imagem de Leônidas Silva, o Diamante Negro – negro, de origem humilde, surgido em um time de subúrbio, que se tornou o jogador mais popular do período no país – muitos brasileiros eram capazes de visualizar diversas concepções de nacionalidade. Leônidas Silva era “... o protótipo do homem brasileiro idealizado pelo Estado Novo” (Souza, 2009), contribuindo para a promoção de sua ideologia de um Brasil de múltiplas raças e classes sociais unidas em prol da grandeza da nação.

A identificação do povo com o futebol foi consolidada nos anos cinquenta com a realização da Copa de 1950 no Estádio Mário Filho (o Maracanã) recém-construído, no Rio de Janeiro. No entanto, a derrota na final da Copa para o selecionado do Uruguai se transformou num dos grandes traumas do futebol nacional. A partir do acontecido, foram dadas novas forças para estereótipos e preconceitos raciais comumente presentes na constituição da sociedade brasileira. As justificativas para a derrota estiveram associadas à cor dos atletas do nosso selecionado. Essas ideias tinham como base o fato de que, embora negros e mestiços tivessem ginga para o jogo, não tinham a estrutura psicológica necessária para os momentos decisivos (Lopes, 2004). As questões raciais só voltaram a ser atenuadas com a vitória na Copa do Mundo da Suécia em 1958. Esse foi o primeiro campeonato obtido pela seleção brasileira. O feito foi repetido na Copa posterior, em 1962, quando um time composto por muitos negros e mestiços foi campeão novamente.

Com a ascensão dos militares como governantes na ditadura a partir de 1964, futebol e política foram aproximados. Como no Estado Novo, durante o regime militar, entre 1964 e 1985, muitas normas legais foram editadas com o intuito de disciplinar a atividade. O governo demonstrava que, como nas demais instâncias da

vida social, o futebol também seria tutelado pelas medidas disciplinadoras e repressoras do regime.

O governo militar utilizou o futebol seguindo a lógica de se apropriar de tudo o que fosse vitorioso e popular no país. Muitas foram as formas pelas quais os militares se utilizaram do esporte. Como exemplo, é possível destacar as partidas realizadas no dia primeiro de maio posterior ao golpe. No dia, quando eram esperadas manifestações contrárias ao regime recém-estabelecido, os militares organizaram jogos entre grandes equipes do futebol nacional e realizaram o que foi chamado de festa cívico-futebolística. O governo interveio na prática esportiva estabelecendo diversas normas legais; a propaganda política do regime se apropriou das vitórias futebolísticas; e o campeonato nacional foi organizado durante os anos de governo dos militares (Avancini e Manssur, 2002).

Em conformidade com interesses políticos, os campeonatos de futebol foram ganhando mais espaço. Em 1959, foi criada a Taça Brasil que durou até 1969 quando foi substituída pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa – a Taça de Prata, entre 1967 e 1970. Os campeões foram clubes do sudeste brasileiro e o torneio contava com 17 (dezesete) participantes dos seguintes estados: Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Bahia e Pernambuco. A partir de 1971, com o Campeonato Brasileiro, as disputas de futebol nacionais passaram a ter clubes de todas as regiões do Brasil, como uma tentativa de promover a integração do país. Em 1970, com a Copa, o futebol, com sua força simbólica, obteve mais espaço e foi utilizado como fator de legitimação e integração nacional pelo governo.

No mesmo ano de 1970, foi criada a loteria esportiva, que foi instalada inicialmente nos estados da Guanabara e de São Paulo, com a promessa de ser estendida para o restante do país. A *Loterimania*, noticiada muitas vezes e questionada pela *Veja*³, encontrou grande interesse de apostadores e ampliou a visibilidade do futebol, associando ao esporte a sorte e a possibilidade de mobilidade social.

O Campeonato Brasileiro foi ampliado com os anos, contando a cada edição com mais clubes, até que em 1979, ainda durante o governo militar, teve 94 (noventa e quatro) clubes participantes. O número de clubes que participou do campeonato realizado em 1979 se manteve como recorde de participantes da

³ A loteria esportiva lançada em 1970 foi matéria de capa das edições nº 100 e nº 119 da *Veja*, publicadas em 05.08.1970 e 16.12.1970, respectivamente.

competição até o ano de 2000, quando o evento foi denominado Copa João Havelange e passou a ser estruturado por um regulamento distinto aos dos anos anteriores. A competição contou, então, com 116 (cento e dezesseis) clubes das três divisões do campeonato nacional em um torneio único.

Foi também durante o regime militar que muitos campeonatos estaduais foram organizados e o futebol foi deixando de se restringir aos principais polos políticos. A lógica do novo regime era a de enfatizar a integração de todos os cidadãos para que eles sentissem que o governo agia pelos interesses de todos.

A utilização política do futebol foi possível porque como afirma Borges (2008)

Este esporte cumpre importante papel na formação da consciência de identificação e diferenciação, na demarcação de um nós e dos outros. Dessa forma, seria impossível ignorar a forte atração que ele exerce sobre grande parte dos brasileiros. O nacionalismo e o sentimento de identidade nacional têm um peso bastante acentuado na contemporaneidade, afinal, acredita-se que é preciso afirmar-se como nação para poder existir e ter um lugar entre as demais potências e o futebol se apresenta como um dos caminhos possíveis para a construção desse sentimento de pertença (p. 3).

Nessa perspectiva torcer pelo futebol significaria participar de forma ativa da vida social e da construção de identidades sociais na convivência do espaço público. Assim, o futebol se tornou um importante elemento da identidade brasileira.

Durante os 21 (vinte e um) anos de ditadura militar, foram realizadas cinco Copas do Mundo, que ocorreram nos anos de 1966, na Inglaterra; 1970, no México; 1974, na Alemanha; 1978, na Argentina e 1982; na Espanha. Apesar disso, é evidente que, dentre todos esses, o evento de 1970, no auge do milagre econômico e da repressão política no Brasil, foi o que teve o maior valor de utilização política no país. Ressalte-se ainda que, com um time considerado até hoje um dos melhores de todos os tempos, o Brasil conquistou o campeonato apenas no ano de 1970, na Copa do Mundo do México. Dada a repercussão da realização do evento e da conquista brasileira, o período da Copa do Mundo de 1970 se tornou um momento de grande utilização política do futebol. O governo se utilizou dos bons resultados dos jogadores brasileiros no México, se apropriando do futebol, importante elemento de identidade presente no imaginário brasileiro.

A Copa de 1970 atraía a atenção no país também por ser a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo pela televisão brasileira – poucos tinham acesso à transmissão ao vivo e em cores, reservada principalmente para autoridades como o

presidente. A notícia sobre a transmissão do evento esportivo ao vivo teria feito com que aumentassem muito a venda de televisores no país. O lugar de destaque da televisão como grande agente de entretenimento dos cidadãos brasileiros ia se tornando cada vez maior e era ratificado pela exibição das partidas da seleção brasileira na Copa.

1. Grandes ou pequenos, portáteis ou semiportáteis, os aparelhos de televisão registraram uma audiência espantosa. Na Guanabara, uma pesquisa do IBOPE revelou uma média de 93% de aparelhos ligados das 19 às 22 horas, índice só comparável ao registrado quando houve a transmissão ao vivo da chegada do primeiro homem à Lua (Veja nº 92 de 10.06.1970, A camisa número 12, p. 63).

A ascensão da televisão demonstrava também o progresso que o país experimentava sob o governo dos militares, como os mesmos faziam questão de reafirmar e demonstrar pelo investimento do governo na transmissão das partidas. Isso se devia também ao fato de que o campeonato, além de ser uma possibilidade de propagandear o governo, poderia incidir favoravelmente nos números da economia brasileira.

Diante desses sentimentos, com dois títulos mundiais e em busca do Tricampeonato e de ficar definitivamente com a Taça Jules Rimet, após o fracasso em 1966, o time do Brasil foi para a IX Copa do Mundo de Futebol. Além do Brasil, Itália e Uruguai tinham vencido dois campeonatos mundiais de seleção e poderiam ter o direito de permanecer definitivamente com a Taça, caso vencessem seu terceiro campeonato.

A militarização da equipe brasileira que foi para a Copa se evidenciava pelo fato de que importantes membros da delegação eram militares, como o brigadeiro Jerônimo Bastos, que chefiava o grupo, e o preparador físico, o capitão Cláudio Coutinho. Aquino (2002) afirma que durante o período era comentado o fato de que o grupo responsável pela preparação física dos atletas deveria, além de exercer essa função, disciplinar os jogadores e militarizar o futebol.

Com esses militares na composição de comissão técnica, a seleção brasileira jogou pelo grupo três durante a primeira fase, que era composto também pelas seleções da Tchecoslováquia, Inglaterra e Romênia⁴. Embora o grupo contasse com

⁴ Dezesesseis equipes foram classificadas para participar da Copa de 1970, divididas em quatro grupos, cada um dos quais contava com quatro equipes, que se enfrentaram em um único turno. As duas equipes com mais pontos seriam classificadas para a fase seguinte. No grupo 1, estavam as seleções do México, da União Soviética, da Bélgica e de El Salvador; o grupo 2, contava com Itália, Uruguai,

outras três fortes equipes, os jogadores brasileiros ganharam todas as partidas.

No primeiro jogo o time brasileiro enfrentou a Tchecoslováquia, vencendo por 4 a 1. A segunda vitória foi obtida na partida contra a seleção da Inglaterra, com o resultado de 1 a 0. No jogo contra a Romênia, o resultado favorável se deu pelo placar de 3 a 2. Nas quartas-de-final, o time do Brasil enfrentou e venceu a seleção do Peru pelo placar de 4 a 2.

A semifinal de que participou a seleção brasileira foi realizada contra a seleção do Uruguai, também bicampeã e importante adversário brasileiro na trajetória do futebol nacional, em especial na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, quando o país perdeu em pleno Maracanã, recém-inaugurado. O placar do jogo da Copa de 1970 foi a vitória da equipe do Brasil, por 3 a 1.

Após o jogo, emergiram na *Veja* discursos relacionados com a memória do jogo de 1950, que tinham forte caráter de identidade nacional. Esses discursos estavam ligados à superação do *complexo de vira-latas* como elaborado por Nelson Rodrigues e à superação do trauma do jogo do Maracanã, 20 (vinte) anos depois.

2. Eles nunca deixaram de pensar que sempre foram melhores do que nós. Talvez eles tenham, escondida bem no fundo de seus vibrantes corações, uma incômoda necessidade de pensar assim. Eles são poucos, menos de 3 milhões, apenas a metade dos habitantes da nossa maior cidade. No campo, porém, são onze contra onze, e cada um deles vale um pouco mais do que um porque traz sobre o peito o azul heróico de sua camisa de tantas glórias. Os uruguaios crescem tanto, com essa camisa, que se diria que ela para eles tem tanto valor como tinha para Davi sua funda contra Golias. (...) ... os uruguaios, mesmo depois de 1958 e 1962, continuavam achando que eram melhores do que nós. Diziam sempre: "Ustedes son campeones del mundo porque no se encontraron con la Celeste". (...) Um senhor de uns quarenta anos chega diante dos soldados chorando e se ajoelha: "Pelo amor de Deus, eu esperei vinte anos por isso..." (...) Em 1950, nós dizíamos que éramos melhores do que eles. Depois do jogo, nem sabíamos onde estávamos. "Não sei como fui parar em Niterói. Não me lembro de ter pegado a barca", contou Zizinho. Antes, depois de Gigghia ter marcado seu gol, um silêncio de entêrro monumental tinha tomado conta do Maracanã e de todo o país. Por um momento, uma voz possante o interrompeu: "Isso é uma mentira. Estamos sonhando, gritou na arquibancada o barítono Valdri de Perrota. Mas era um pesadelo. Durante vinte anos, os uruguaios alimentaram o mito desse, para eles, sonho maravilhosamente real. Agora, eles perderam o seu triunfo. Talvez já tenham sido tão bons quanto nós, mas não são mais e sabem disso. (Veja nº 94 de 24.06.1970, A ilusão dos uruguaios, p. 39-42).

A questão do sentimento de inferioridade do brasileiro a partir da derrota para o Uruguai na Copa de 1950 é retomado pela reportagem. De acordo com a *Veja*, a

Suécia e Israel; as seleções do grupo três eram Brasil, Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia; e por fim; pelo grupo 4 jogaram as seleções da Alemanha, do Peru, da Bulgária e do Marrocos.

vitória contra a seleção uruguaia fez com que a ideia de superioridade dos uruguaios assumisse o significado de mito; e os brasileiros puderam acabar com o trauma deixado pela derrota da seleção brasileira para a uruguaia na Copa de 1950, em pleno estádio do Maracanã no Rio de Janeiro.

A seleção brasileira obteve seis vitórias nas seis partidas que disputou no Mundial de 1970. No jogo final o selecionado brasileiro venceu os italianos por 4 a 1, confirmando, nos termos de *Veja*, o palpite de Médici e considerando o presidente como um bom entendedor de futebol.

3. O último capítulo da Copa Jules Rimet foi escrito pela Seleção Brasileira na Cidade do México, domingo, dia 21 de junho de 1970. Campeão mundial de futebol, ao derrotar na final a Seleção Italiana por 4 a 1 (confirmando o palpite do Presidente Garrastazu Médici), depois de vencer em 1958 e 1962, o Brasil fica com a Copa para sempre (Veja nº 94 de 24.06.1970, A taça do futebol de ouro, p. 47).

No México, o estádio Azteca foi invadido pela torcida brasileira, e enquanto os jogadores da seleção brasileira eram reverenciados pelo mundo e recebidos por aqui em ritmo de “a taça do mundo é nossa, com brasileiro, não há quem possa”, o país vivia duros momentos da ditadura militar sob o comando do presidente Médici.

A *Veja* comemorativa do Tricampeonato do Brasil na Copa do Mundo, publicada em 24.06.1970, trazia as manchetes *BRASIL, PARA SEMPRE; A taça do futebol de ouro; Futebol de exceção* e muitas fotografias de jogos e das comemorações dos jogadores no México. Na edição subsequente da revista (*Veja* nº95 de 01.07.1970) foi abordada a recepção dos tricampeões no Brasil e as vantagens em termos de propaganda para o governo que o sucesso no campeonato pôde proporcionar.

A vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 foi festejada no Brasil como um êxito nacional, ultrapassando a questão esportiva e sendo associada ao governo via propaganda política. Diante disso, os governantes investiram ainda mais em sua propaganda e, inclusive, incentivaram manifestações populares de festejos pelo campeonato obtido pela equipe brasileira no México.

2. Jornalismo e memória social: as condições de produção do discurso jornalístico na ditadura militar

*Num tempo
Página infeliz da nossa
história
Passagem desbotada
na memória
Das nossas novas
gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão
distráida
Sem perceber que era
subtraída
Em tenebrosas
transações...*

Chico Buarque de Hollanda (1984)

Neste capítulo, serão apresentados o aporte teórico e metodológico que deu base ao dispositivo estruturado para a análise da revista *Veja*, além dos conceitos de condições de produção, formação discursiva e memória discursiva no âmbito da análise do discurso de vertente francesa.

A seguir, é pensado o papel do discurso jornalístico no mundo contemporâneo a partir da ideia de que a mídia se constitui como importante agente de construção da memória. Considera-se que através do discurso socialmente construído se realizam representações do mundo (consideradas aqui como representações sociais da realidade) e que a memória social surge a partir das relações de poder estabelecidas no momento em que ela se manifesta.

Por fim, são discutidas as condições (históricas, sociais e ideológicas) que incidiram na produção do discurso jornalístico em 1970. Dentre essas condições destacam-se a propaganda política, a censura e a existência de setores de oposição ao governo. A aliança entre censura e propaganda política servia para dar apoio ao exercício do poder político desse período e tinha como intenção estabelecer os discursos possíveis de serem emitidos através da adoção de medidas que visavam impedir a propagação de sentidos diferentes do que se institucionalizou. A censura incidiu na imprensa como forma de controle do Estado; no entanto, para além da ação repressiva dos agentes da censura, muitos veículos de comunicação tinham interesse em agir em prol dos intentos dos governantes. Ademais, embora o autoritarismo, a violência e a repressão fossem fortes características do regime, os

militares pretendiam deixar transparecer uma imagem positiva e para tanto criaram órgãos responsáveis pela propaganda política, que agiam divulgando a imagem do governo. A incidência desses elementos, que buscavam direcionar a produção discursiva, limitou a liberdade de atuação dos jornalistas do período.

2. 1. Discurso e produção de sentidos

A intenção do trabalho é analisar de que forma as práticas discursivas da revista *Veja* incidiram no esforço de legitimação empreendido pelo governo militar brasileiro. Para tanto foi importante entender a partir do enfoque teórico e metodológico da análise do discurso de vertente francesa que um discurso está sempre em relação com os outros enunciados em diversas temporalidades. A opção pelo campo de estudo da análise do discurso francesa faz com que o discurso seja entendido como efeito de sentido. É em virtude dos sentidos produzidos por um discurso que são mantidos vínculos com discursos anteriores e posteriores a ele. Isso ocorre porque ao fazer movimentos que remetem a outros discursos, esse discurso é inserido em redes de sentidos estabelecidas pela memória, que age perpetuando alguns sentidos e silenciando outros. A presente pesquisa buscou compreender a construção dos discursos jornalísticos a partir de noções de caráter teórico-metodológico da análise do discurso francesa que, como afirma Mariani (1998),

... se apresenta como sendo uma teoria crítica da linguagem, constituindo uma disciplina que, por se situar no entremeio das ciências sociais humanas, encontra-se sempre reinvestigando os fundamentos de seu campo de conhecimento: as relações entre a linguagem, a história, a sociedade e a ideologia, a produção de sentidos e a noção de sujeito (p. 23).

Em virtude de uma constituição multidisciplinar, que coloca em relação diversas áreas de conhecimento das ciências humanas e sociais, a análise do discurso francesa se constitui como um campo e uma prática, que pretende estudar as construções ideológicas de um discurso e suas relações com a história e a sociedade em que é produzido. A análise desses processos de produção de sentido é realizada com o auxílio de conceitos comuns a outros campos teóricos, adotados

e ressignificados pela análise do discurso francesa, que serão apresentados a seguir.

Na produção discursiva incidem aspectos linguísticos, históricos, sociais, ideológicos de determinado período, o que remete à importância da temporalidade na esfera discursiva. Partindo do discurso e dos elementos que marcam sua constituição, podemos entender as redes de sentidos que o constituem. A temporalidade pode ser explicada pela historicidade, entendida como o trabalho de organização de sentidos no acontecimento do discurso (Pêcheux apud Orlandi, 1999).

Nessa perspectiva, é bastante relevante a noção de **condições de produção**, pois a partir dela são consideradas as questões que incidem na organização e estruturação de um discurso. O discurso, como todo o campo da linguagem, é produzido e controlado em virtude do contexto social, histórico e ideológico. A *historicidade* tem um caráter importante para a constituição dos discursos, pois incide na organização dos processos de significação. Os discursos são significados no tempo em que são produzidos e em virtude das condições que envolvem e possibilitam sua produção.

Ao direcionar a construção de significados sobre os fatos históricos, o discurso se estrutura como campo de disputa pelos sentidos. Essas disputas extrapolam o campo linguístico e trazem a historicidade para a esfera discursiva.

As condições de produção do discurso compreendem os sujeitos, a situação e a memória como explica Orlandi (1999). O **sujeito** é considerado em relação à posição que ocupa ao enunciar, tendo em vista que a posição sujeito projetada no discurso é estabelecida pelos múltiplos discursos que se entrecruzam, opondo-se, contrapondo-se, negando-se.

O sujeito da análise do discurso de vertente francesa não é responsável pelos sentidos que enuncia, pois a formação discursiva na qual está inserido determina essas construções. Apesar disso, o sujeito significa diversamente ao ocupar diferentes posições sociais e discursivas. A formação discursiva determina os sentidos produzidos pelo sujeito.

No que se refere à **situação**, devem ser levados em consideração o contexto imediato, a situação de enunciação específica, e o contexto mais amplo, que corresponderia ao contexto social, histórico e ideológico.

A **memória discursiva** é evidenciada a partir da concepção de interdiscurso,

ou seja, o que foi dito antes em algum lugar. Os dizeres anteriores dão significado ao discurso. A memória faz referência ao *já-dito* a partir do qual se constroem todas as situações discursivas, pois um discurso está sempre em relação com os demais (possíveis no momento da enunciação do sujeito). Ou seja, o que pode ser dito tem relação direta com as condições de produção de sentido de determinado período.

A memória discursiva está relacionada com os discursos que já foram proferidos. Através dela é possível perceber os implícitos, pelos sentidos pré-construídos, necessários para que se possa entender o que está sendo dito. Como afirma Mariani (1998), é *a memória do dizer*. Através do interdiscurso é possível perceber a importância da memória na constituição dos sentidos.

O trabalho da memória discursiva é a estruturação da materialidade discursiva complexa, tensionada numa dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que frente a um texto aparecendo como acontecimento a ler, vem reavivar os 'implícitos' (ie, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados, relatados, discursos-transversos etc.) necessários para a sua leitura: a condição do lísivel com relação ao próprio lísivel (Pêcheux apud Mariani, 1998, p. 40).

A memória discursiva constitui o *já-dito*, as formulações anteriormente utilizadas e acionadas para a construção de um discurso. Através de processos que relacionam algo anterior ao que é atual, o acontecimento discursivo é filiado a redes de sentido que o integram a uma continuidade. Através da memória discursiva, é possível perceber que as palavras não significam apenas o que pretendemos dizer, pois estão impregnadas pelo que significaram antes. Destacam-se a seguir exemplos retirados do discurso da revista *Veja*.

4. Como nos velhos tempos medievais, onde o poder e o domínio eram decididos pela hereditariedade, a CBD continua com Havelange até hoje – depois de mais de cinco eleições e apesar da amarga desclassificação em 1966 (Veja nº 81 de 25.03.1970, O estranho jogo do futebol, p.34).

5. O time inglês, campeão mundial, era símbolo da frustração do futebol latino-americano, derrotado em toda a linha na Inglaterra em 1966. Por isso, a vitória de domingo não é apenas brasileira, é de todo um continente que cultiva um futebol feito de malícia e arte. No encontro entre os representantes mais expressivos de duas diferentes escolas de bola, o futebol-fôrça saiu derrotado (Veja nº 92 de 10.06.1970, Elementar, caro Ramsey, p. 55).

A Copa de 1966 é lembrada em vários momentos pela revista *Veja* significando o que não deve ser feito na Copa de 1970 pelos responsáveis pelo

futebol do Brasil. Ao retomar a derrota no campeonato, a revista faz emergir outros sentidos relativos à autoestima do brasileiro e à construção da imagem de um povo vitorioso, além de emergirem questões relativas ao futebol arte e futebol força, que caracterizam também a questão das identidades nacionais, construídas por oposição (como apontado no primeiro capítulo).

Através do interdiscurso se determinam as formações discursivas. Isso acontece sempre que há algo dito antes, e só assim é possível que algo enunciado faça sentido.

Ao analisar a produção de sentidos, é possível perceber as marcas que agem na construção de um discurso, delimitando as formações presentes em determinada esfera discursiva. A partir do conceito de **formação discursiva**, utilizado pela análise do discurso francesa, se procura entender o processo de produção e organização dos sentidos. Elaborado inicialmente por Michel Foucault em sua *Arqueologia do saber* (2004), o conceito visa definir as regularidades observadas nas possibilidades de enunciação, considerando as questões históricas, sociais e ideológicas desse discurso.

Para melhor esclarecer o conceito, citamos Orlandi (1999), que afirma que “...as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas” (p. 43). Os sentidos são adquiridos a partir das posições ideológicas relacionadas ao processo social e histórico. Dessa forma, as palavras adquirem sentido de acordo com a posição ideológica de quem as utiliza. A ideologia no âmbito da análise do discurso de vertente francesa, como afirma Orlandi (1999), é entendida como forma de significação e não como ocultação.

As formações discursivas configuram ideologicamente determinado espaço discursivo, podendo ser definidas como o que pode e deve ser dito em determinado contexto histórico, social e ideológico a partir de uma posição dada ao sujeito enunciador (Orlandi, 1999). Como as palavras só adquirem sentido em virtude da posição ideológica ocupada, os enunciados e seus efeitos de sentido estão relacionados com as formações discursivas de que fazem parte. Nessa medida, as formações discursivas representam as formações ideológicas no âmbito da linguagem.

Os sentidos migram de uma formação discursiva para as demais. Essas

formações são invadidas por outras através do interdiscurso e, por um processo que busca a estabilização dos discursos, há sempre desestabilizações. A memória histórica oficial, ao estabilizar um discurso, institui um efeito de continuidade, apresentando os sentidos com conteúdos hegemônicos (Mariani, 1998) – como se os acontecimentos fossem homogêneos. No entanto, sabemos que a memória é constituída de conflitos, “pensar discursivamente a memória é analisar as formas conflituosas de inscrição da historicidade nos processos de significação da linguagem” (Mariani, 1998, p. 38).

2. 1. 1. O discurso jornalístico e a construção da memória social

O advento de novas tecnologias para os meios de comunicação colaborou para que a mídia emergisse como detentora do papel principal na efetivação da memória das sociedades contemporâneas. O jornalismo adquiriu caráter legitimador, capaz de transformar fatos em acontecimentos históricos (importantes para a narrativa da memória histórica oficial). Esse fenômeno é tributário do mito da neutralidade construído em torno do jornalismo informativo. A partir dele foi construída a ideia de que o discurso jornalístico é objetivo e que nele o emissor não transmitiria sua opinião. Diante dessa perspectiva, o discurso jornalístico na sociedade contemporânea é considerado como emissor da verdade, divulgador dos fatos concretos de maneira imparcial e objetiva. Ribeiro (2000) afirma que “O mito da objetividade, por mais que já tenha sido exaustivamente criticado pelos próprios jornalistas e pelos teóricos da comunicação, é um dos grandes responsáveis pela acolhida que o jornalismo tem” (p. 117). Assim, por mais que os debates tentem desconstruir essa ideia, os jornalistas têm um discurso legitimado e o que enunciam é visto como verdadeiro.

A ancoragem nos fatos reais faz parte do mecanismo de construção desse discurso e isso transforma os efeitos de sentido produzidos em efeitos de verdade. Como explica Ribeiro (2000):

... nenhum registro é ingênuo ou descomprometido. Nenhum registro apenas registra. Todo ele pressupõe o trabalho da linguagem, pressupõe uma tomada de posição dos sujeitos sociais. Todo registro é discurso e possui, assim, um mecanismo ideológico próprio, uma forma de funcionamento particular. Entender esse funcionamento, conhecer as

operações discursivas através das quais o jornalismo atribui sentido aos fatos da atualidade é essencial para dar conta de como os meios de comunicação produzem uma idéia de história e como, no mesmo processo, constroem-se e legitimam-se como lugar social (p. 120)

O discurso se constitui através de uma escolha ideológica tendo em vista que o sentido só se produz em função da interpretação do que é enunciado. E a ideologia, nos termos de Orlandi (1995), ao apagar a interpretação e produzir evidências pela ideia de que o sentido sempre esteve lá, “representa a saturação, o efeito ‘evidência’, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados” (p. 99).

A fala dos jornalistas é socialmente autorizada. Dessa forma, o discurso jornalístico produz representações sociais que se mantêm no meio social. No entanto, nenhum discurso é neutro e, ao pretender causar convencimento, tem pretensão de poder. Na presença diária dos jornais, os processos de significação e de disputa pela memória se apagam e é transmitido ao leitor o pretense caráter de objetividade presente na produção desses discursos.

O discurso jornalístico é uma das principais formas de registro de seu tempo. Através dele muitos indivíduos se posicionam sobre as questões cotidianas. De acordo com Alves (2000): “... a imprensa escrita sempre fez parte do dia-a-dia do cidadão brasileiro, e sempre desempenhou junto a ele um papel, não somente informativo, como também divulgador de ideias e formador de opinião” (p. 14).

De maneira geral, a imprensa tem um papel de homogeneizar e explicar os acontecimentos diários. Embora seja possível ver nos jornais e revistas versões e opiniões, o discurso jornalístico expõe os fatos de forma homogênea, dando um aspecto de continuidade e linearidade.

Na perspectiva de Foucault (1987), não há saber desvinculado de poder. Assim sendo, todo discurso é uma forma de poder, pois tem pretensão de convencimento. Nessa medida, o discurso jornalístico se dá a partir de um lugar político, social, econômico e cultural e se constrói na tentativa de estabelecer ou manter estruturas de poder.

Vinculado ao discurso do poder, esse discurso se constrói a partir das relações de força que constituem o meio social. Em geral, são colocados em circulação os sentidos de interesse das classes dominantes, contribuindo para a fixação de uma memória.

Nenhum discurso é reflexo da realidade: não há discurso puro, neutro, verdadeiro ou objetivo. E, no desenvolvimento de uma pesquisa, é necessário considerar que o fato histórico é produzido a partir de representações sociais. Assim, o texto jornalístico deve ser examinado levando-se em consideração que a realidade e os processos de significação se misturam. Essas instâncias não são externas à imprensa; antes, constituem seu campo, intervindo diretamente em sua produção. O jornalismo como campo discursivo e lugar de memória se constitui pelas disputas sociais e ideológicas da sociedade.

Através das operações discursivas da imprensa são atribuídos sentidos aos fatos da realidade social. O papel do jornalista na construção da memória é de grande relevância, pois ele realiza um trabalho de mediação, atribuindo sentidos aos acontecimentos e construindo representações da sociedade. Como afirmam as pesquisadoras Ribeiro e Danielle Ramos Brasileira (2007): “O controle da memória social parte de ‘testemunhas autorizadas’, e o jornalista, mediador entre o fato e o leitor, interfere neste processo não só enquadrando os fatos, mas reconstruindo valores e identidades sociais” (p. 222).

Os processos discursivos utilizados pela revista *Veja* do ano de 1970 estabeleceram efeitos de sentido hegemônicos na materialidade discursiva. Para analisar as práticas discursivas da revista, serão utilizados principalmente os conceitos de **condições de produção**, **formação discursiva** e **memória discursiva**, situados na pesquisa desenvolvida no âmbito da análise do discurso francesa. Através da utilização desses conceitos, é possível localizar marcas na materialidade discursiva que evidenciam efeitos de sentido que remetem a outros discursos anteriormente proferidos e sinalizam para a possibilidade de enunciação de outros posteriores. A base desse movimento de produção discursiva é possibilitada pela ação da memória, que é capaz de selecionar tanto os sentidos que serão perpetuados como os silenciados.

2. 1. 2. Leitura e interpretação da imagem

Para se realizar a análise do discurso jornalístico é preciso considerar a importância que a imagem fotográfica tem para a produção de sentidos, tendo em vista que no período de estudo, o discurso jornalístico já se constituía de duas

materialidades discursivas: o texto linguístico e o texto imagético.

Ao fazer uma avaliação das revistas ilustradas do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1960, Ana Maria Mauad (2008a) destaca entre outros aspectos, que

*Há uma modernização no padrão da programação visual, da impressão de tipos e fotos e na linguagem visual e escrita que denotam a adequação da forma da expressão das publicações ilustradas aos padrões cosmopolitas da imprensa internacional. Dentre estas as publicações que serviram de modelo foram a **Life** e a **Paris Match**. As fotografias ganham espaço nas páginas das revistas e alguns jornais diários evidenciando o poder da imagem seduzir, convencer e educar o olhar do público. Nesta época consolidam-se as fotorreportagens, nas quais, a força da imagem estaria cada vez mais enfatizada, pelo aumento significativo do uso de fotografias e pelo seu encadeamento narrativo. Dessa forma, elabora-se visualmente, através do uso pedagógico da imagem, uma cultura política que reunia o nacional ao popular para compor uma imagem de Brasil. (p. 6)*

A ideia das novas publicações era apresentar grandes reportagens com muitas fotografias e as revistas cediam cada vez mais lugar aos anúncios publicitários, que auxiliavam enormemente as intenções de lucratividade das empresas de comunicação que se estabeleciam. A fotorreportagem veio ganhando cada vez mais espaço a partir dos anos 1930 e deu mais espaço e destaque para a fotografia na constituição do discurso jornalístico (Mauad, 2008a). De acordo com esse mesmo padrão encontra-se a revista *Veja*, lançada no final de 1968.

Em termos discursivos, as fotografias agem com o texto escrito em composição, como afirma a analista de discurso Suzy Lagazzi (2007). Ao explicar o uso do conceito, a autora o distingue do conceito de complementaridade:

Não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais (p. 3).

A análise aqui desenvolvida não considera a fotografia como mero recurso ilustrativo para o texto escrito, mas acredita que ela constitui e compõe os discursos em virtude da relação entre discurso imagético e linguístico.

Surgida no início do século XIX, a fotografia era entendida inicialmente como uma reprodução fiel da realidade, sendo utilizada em muitos momentos como prova irrefutável de que algo realmente havia acontecido. Mauad (2008) afirma que

Por muito tempo, essa marca inseparável de realidade foi atribuída à imagem fotográfica... A fotografia foi utilizada como prova infalsificável. (...) O atestado de um certo modo de vida e de uma riqueza perfeitamente representada através de objetos, poses e olhares (p. 31).

Mesmo partindo de um referencial real, não se pode compreender a imagem fotográfica como um reflexo da realidade já que ela é produzida, é resultado de investimento de sentidos. Dessa forma, deve-se considerar em que circunstâncias foi obtida a imagem e quem é o enunciador daquele discurso. Assim, como a imagem necessita de alguém que a produza, não remete apenas ao visível.

Como fonte de pesquisas históricas, a fotografia traz a necessidade de olhares mais críticos para o pesquisador, tendo em vista que, como afirma Mauad (2008), embora ela forneça marcas materiais do passado, trazendo informações sobre aspectos constituintes do período no qual foi produzida, "... é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro" (p. 37). A fotografia, dessa forma, produz sentidos em determinada direção discursiva, estabelecendo uma maneira de ver o mundo.

Embora ainda construa sentidos de realidade, hoje, podemos ter um olhar mais crítico em relação à fotografia. A imagem fotográfica tem um sistema de comunicação e uma série de códigos e regras que lhes são próprios, pois como explica Mauad (2008) "... entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais do que os olhos podem ver. A fotografia... é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido..." (p. 31). A imagem é um discurso investido de sentidos.

Já no campo discursivo, Jean Davallon (1999) afirma que quem observa a imagem realiza uma produção de significação, na medida que ela é um operador através do qual é sinalizado o lugar que o espectador deve ocupar. Esses modos de significação funcionam primeiramente pela compreensão do sentido da totalidade da imagem. O sentido total é compreendido antes que seja reconhecido o significado dos elementos que a compõem. Dessa forma, a imagem aparece como a própria origem de sua significação. Do apagamento dos elementos que formam a imagem e de sua gênese deriva a indefinição que caracteriza sua interpretação. Por essas questões, é preciso estar atento para as múltiplas possibilidades de leitura de uma fotografia.

Preocupando-se com a questão da construção da memória, Davallon (1999)

cita Halbwachs para apontar como as reconstruções dos acontecimentos necessitam de pontos de convergência entre as lembranças de indivíduos de uma mesma comunidade para que sejam efetivadas na memória coletiva. No entanto, por indicar um lugar para o espectador, a imagem estabelece um acordo de olhares, que ultrapassa os limites estabelecidos pelos olhares dos indivíduos do grupo e suas memórias.

Falando do campo da semiótica, Martine Joly (2003) entende a imagem como máquina para fabricar o esquecimento na temporalidade visual, pois recordamos aquilo que se repete. As imagens midiáticas memorizadas estimulam discursos, que intervêm como condicionamento de nossas experiências. É possível apontar na imagem midiática uma função de reconhecimento e integração social e é através da repetição que se produz esse reconhecimento; é a partir do estabelecimento de elementos que se repetem que se dá a interpretação das imagens.

Durante o regime militar, a fotografia jornalística se constituiu como um dos elementos que agiram na tentativa de produzir controle social, assim como lugar de memórias e lembranças (Alves, 2000). O governo buscava identificar-se com o povo e durante os festejos da conquista do Tricampeonato, o presidente Médici foi fotografado no Palácio do Planalto com a bandeira do Brasil nas mãos, vibrando pela vitória da seleção. A edição da revista *Veja* de 01.07.1970, publicada posteriormente à edição comemorativa do campeonato, veiculou uma grande fotografia com uma imagem do general na reportagem intitulada *A imagem do sucesso*, que falava sobre as repercussões da vitória na Copa do México para a imagem do presidente. Ao observarmos a imagem que se segue, percebemos que ela está investida de sentidos que caracterizam o presidente como um cidadão brasileiro, nacionalista e torcedor de futebol, o esporte nacional, como os demais habitantes do país eram ou deveriam ser.



Imagem nº 1, *Veja* nº 95 de 01.07.1970, *A imagem do sucesso*, p. 18-19.

A divulgação de imagens como essa pela imprensa era importante para auxiliar a legitimação do governo. O ato do presidente Médici, aparentemente espontâneo, identifica e aproxima o governante do povo, caracterizando o general-presidente como um homem comum, que, feliz com o resultado da Copa, comemora a vitória do futebol nacional.

No entanto, como explica Fico (2004) “esses ‘lances de *marketing*’, obviamente, não têm nada de espontâneo. Tentar construir em torno do mandatário público uma imagem positiva sempre foi um traço marcante de qualquer propaganda oficial”. No corpo do texto, as preocupações das instâncias governamentais com a imagem do presidente eram comentadas pela revista *Veja*:

6. Popularidade revolucionária – O Presidente Médici parece procurar estabelecer a imagem do que seria a popularidade revolucionária. O Marechal Castelo Branco, pela própria situação do país em seu governo, teria preferido abdicar de qualquer intenção popular pelo receio da necessidade das custosas concessões que ele vira o governo Goulart fazer. O Marechal Costa e Silva, lançado dentro de um clima mais otimista, teve sua imagem seriamente alterada depois da edição do AI-5, em dezembro de 1968. O General Médici, segundo alguns, teria a seu favor uma relativa estabilidade financeira – afastando-o do clima que envolveu ao Marechal Castelo Branco – e sua própria promessa de redemocratização,

distanciando-o da imagem do govêrno Costa e Silva na fase posterior ao AI-5. Além dessas vantagens da conjuntura política e econômica da revolução, o General Medici reuniria algo da figura austera de Castelo Branco e da comunicabilidade de Costa e Silva (Veja nº 95 de 01.07.1970, A imagem do sucesso, p. 19).

A sequência acima produz efeitos de sentidos sobre os investimentos e cuidados que o governo tinha com sua imagem, que, tendo em vista principalmente a ilegitimidade do regime, foi uma preocupação constante dos governantes durante a ditadura militar. As intenções dos militares ficam evidentes ao se pensar nos investimentos que foram feitos em termos de propaganda, que visava construir representações que atuassem favoravelmente no imaginário da população. Sob a ótica da propaganda governamental, o importante é exatamente que as fotografias como as obtidas de Médici nas comemorações pela vitória no Copa do Mundo, publicadas em jornais e revistas ajam no imaginário dos indivíduos e constituam representações da realidade social. No entanto, ao evidenciar as estratégias do governo em seu texto, a *Veja* produz efeitos de sentido que demonstram que mais do que apenas um torcedor como qualquer outro, ali estava o terceiro presidente de um regime ditatorial que buscava a popularização de suas estratégias desde sua instalação.

2. 2. As condições de produção do discurso jornalístico do período

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir

Michel Foucault (1984)

Para a análise do discurso francesa, como já pontuamos, o conceito de condições de produção é fundamental na construção discursiva tendo em vista que aspectos relativos à historicidade, como as condições históricas, sociais e ideológicas, incidem na organização dos discursos, produzindo significados. Nesse sentido, as condições de produção delimitam os lugares de fala passíveis de serem ocupados pelo sujeito ao enunciar.

Partindo dessa premissa, dentre os fatores que condicionaram a produção do discurso da revista *Veja* e o discurso jornalístico como um todo durante o regime

militar, estão as constantes investidas em termos de propaganda política realizadas pelos governantes. Embora o governo imposto por um golpe militar fosse ilegítimo, a intenção dos militares era a de passar uma imagem favorável ao regime; para isso, o governo teve o apoio principal de parte da classe média e da elite econômica, especialmente por conta do grande crescimento econômico alcançado a partir do início dos anos 70, que, ressalte-se, não foi acompanhado pela distribuição de renda.

Outro aspecto relativo às condições de produção do discurso da imprensa na época diz respeito à incidência de censura sobre os veículos de comunicação. Ao funcionar como forma pela qual o Estado estabelecia o controle da divulgação das informações, a censura restringiu a ação dos jornalistas. Aliás, essas duas instâncias, propaganda e censura, estavam diretamente ligadas e tinham como uma de suas intenções direcionar a produção discursiva do período através de estratégias que buscavam limitar e controlar a divulgação de informações. A veiculação de ideias de nacionalismo e patriotismo, a divulgação de imagens que mostravam o Brasil como país do futuro, assim como a repressão ao que representasse oposição foram medidas adotadas pelo regime militar na sua estruturação. Ao optar por essas estratégias, os militares pretendiam formar as bases do sentimento de confiança na estrutura governamental que acreditavam ser necessário para sua manutenção.

Outro aspecto relacionado à questão das condições de produção do discurso do período do governo militar, ao qual se dará destaque a seguir é a atuação da oposição ao regime. A partir das limitações impostas pelo governo, foi possível a produção de um discurso de oposição. Em virtude das restrições à prática discursiva, a fala do outro, o que não era autorizado a ser dito, é produzido e possibilitado através de sua negação.

Esses aspectos, assim como as circunstâncias que envolveram a instalação do governo militar em 1964, serão tratados nos tópicos a seguir. A partir dessas questões, foram definidos os discursos do período e, entre eles, o discurso da revista *Veja* em 1970, analisado na presente pesquisa.

2. 2. 1. A doutrina de segurança nacional e o estabelecimento da ditadura militar

Com o golpe, que interrompeu o projeto político da democracia populista instaurada no Brasil até os anos 60, foi decretado um governo militar apoiado por uma parcela importante da sociedade civil.

Em 1º de abril de 1964, generais, contando com o apoio dos governos de São Paulo, Minas Gerais e da Guanabara, e com o suporte militar de outros estados, deflagraram o golpe de Estado e estabeleceram uma nova ordem política no país. Nesse momento, teve início o regime de exceção comandado por militares, no qual os outros Poderes foram diminuídos em detrimento do Executivo (Mendonça e Fontes, 1991). Esse sistema político se manteve por vinte e um anos e deixou marcas nas estruturas políticas e sociais do Brasil.

Antes mesmo da efetivação da ditadura, o aparato repressivo que deu sustentação ao regime vinha sendo instalado. Para isso, alguns militares foram enviados para os Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial, visando incorporar questões doutrinárias sobre a nova ordem mundial, marcada pela divisão do mundo em dois blocos políticos e econômicos e o enfrentamento entre eles no fenômeno conhecido como a Guerra Fria (Mendonça e Fontes, 1991). Os interesses estadunidenses, assim como o apoio financeiro foram importantes para a concretização e manutenção do golpe militar ocorrido em 1964. A articulação do golpe expressava oposição às reformas de base estabelecidas por João Goulart e ao projeto nacional desenvolvimentista.

A partir dos ensinamentos apreendidos por esses militares, foi criada a Escola Superior de Guerra (ESG), pela Lei nº 785 em 20 de agosto de 1949. Os idealizadores da criação do centro contaram com o apoio e o financiamento dos Estados Unidos da América, que enviaram uma missão militar que tinha como objetivo auxiliar a implantação da ESG tendo como referencial a escola militar estadunidense *National War College* como afirma Angelo Priori (2004). Apelidada de Sorbonne, a ESG foi responsável por grande parte dos planos de ação dos governos do pós-64. Através da Escola foi desenvolvida a ideia da necessidade de intervenção no processo político do país e se operacionalizou a internalização do conceito de *segurança nacional*. No centro militar de estudos intensivos foi desenvolvida a Doutrina de Segurança Nacional, assim como os órgãos de

repressão governamental que surgiram como suas consequências, como o Serviço Nacional de Informações, o SNI (Priori, 2004).

A Doutrina surgiu a partir da apropriação de valores presentes na Lei de Segurança Nacional (LSN) promulgada em 1935, durante a Era Vargas, que definia delitos contrários à ordem social e política. Embora a Lei tenha se mantido vigente nos governos subsequentes ao de Getúlio Vargas, a concepção de segurança nacional só tomou maiores proporções nos governos ditatoriais do pós-64 com a formulação da Doutrina pela ESG. A Doutrina tinha como objetivo o reconhecimento e o combate dos opositores do governo. Em virtude de sua propagação, surgiu a noção de *inimigo interno*. De acordo com essa concepção, todo cidadão era um suspeito em potencial, pois o comunismo havia chegado ao Brasil. Em 13 de março de 1967, durante a vigência do governo de Humberto Castello Branco, é publicado o Decreto-Lei nº 314, que, de acordo com o texto legal, “define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social...” e ficando sujeitos ao foro militar tanto militares como civis (Priori, 2004).

No dia 18 de março de 1970, o número 80 da revista *Veja* publicou um quadro na seção *Brasil* sobre a Escola em reportagem sobre as preocupações com a segurança do governo Médici, no qual dizia que,

7. Para o General Augusto Fragoso, comandante da Escola ‘segurança e desenvolvimento constituem um binômio irreduzível’. Para (...) Medici ela deverá fornecer planos de ação contra os anacronismos administrativos e problemas sociais (Veja nº 80 de 18.03.1970, Uma escola de política, p.23).

A sequência acima produz sentidos relativos às preocupações do governo com o propagado binômio *segurança e desenvolvimento*, que, de acordo com a voz apropriada pela revista, a do comandante da Escola, General Augusto Fragoso, constitui um binômio irreduzível. O texto assinala ainda as preocupações do presidente Garrastazu Médici, que propaga a ideia da importância da Escola Superior de Guerra para os problemas sociais do país. De maneira mais clara, as iniciativas que envolveram a criação da ESG visaram o desenvolvimento de estratégias que levariam o país em direção à soberania, considerada a relação entre desenvolvimento e segurança nacional.

A estruturação dos militares através da ESG, com a definição de uma doutrina e forma de atuação evidenciam que a ação das forças golpistas articuladoras da

derrubada de João Goulart em abril de 1964 foi resultado de um projeto político e ideológico. Na perspectiva histórica, a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento é assim definida por Fico (2004):

A doutrina era um conjunto não muito criativo de considerações geopolíticas que, tendo em vista certas premissas óbvias (tamanho do país e de sua população e vulnerabilidade à convulsão social), perseguiram o objetivo do “Brasil potência”. A principal recomendação da doutrina era o combate interno ao comunismo. (...) é preciso não perder de vista que a antiga tradição brasileira de pensamento autoritário inspira ambas e que a propaganda anticomunista precede em muito a ditadura militar. A mencionada utopia assentava-se na crença em uma superioridade militar sobre os civis, vistos, regra geral, como despreparados, manipuláveis, impatrióticos e – sobretudo os políticos civis – venais (p. 38).

Dessa forma, no pós-golpe, a Escola agiu como principal agente propagador da Doutrina. De lá saíram importantes nomes que assumiram o comando do país com a queda de Goulart, como o primeiro presidente militar do período, o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco.

Visando à divulgação de seus discursos e com isso à legitimação e institucionalização dos seus propósitos, o regime montou uma estrutura de propaganda política. A propaganda do governo visava dar ao seu controle político ilegítimo e ditatorial a imagem de defensor dos valores democráticos.

A Igreja foi uma das aliadas para a propagação dos propósitos da democracia burguesa, que apontavam para o lugar que a família deveria estar para a defesa da ordem da sociedade cristã e capitalista, seguindo o estabelecido na doutrina de segurança nacional (Alves, 2000). A comunicação de massa recebeu grandes incentivos, como explica Gazzotti (1998)

Do ponto de vista da análise da indústria cultural, é importante destacar aqui, que, no plano econômico, o regime militar era modernizador e dinâmico (ao mesmo tempo em que marginalizava uma parte da população, pois concentrava renda e aumentava a miséria). As empresas jornalísticas, que se beneficiavam do desenvolvimento econômico em geral, foram favorecidas com isso, pois puderam se modernizar (inclusive com o acesso a maquinários importados e com as formas de fazer jornalismo características de outros países) e atingir um número cada vez maior de leitores (Gazzotti, 1998, p. 154).

A comunicação de massa foi amplamente utilizada como instrumento de divulgação da ideologia do regime. A indústria cultural recebeu muitos investimentos, inclusive dos Estados Unidos, e sofreu controle constante de órgãos governamentais

estruturados com esse intento.

Passados alguns anos do início do governo militar, o caráter ideológico das organizações políticas e dos movimentos sociais, que mesmo antes do golpe não estavam baseadas em valores democráticos, ficou ainda mais evidente.

2. 2. 2. A propaganda política do governo militar

A arte de comunicar, não é a arte de vender a imagem ótima (...) do governo, mas a arte de apresentá-la verdadeira.

Otávio Pereira Costa

O trabalho de legitimação do governo no período tinha como bases principais a popularização da imagem do presidente Emílio Garrastazu Médici – mas com a preocupação de não se tornar personalista – e a exaltação dos índices econômicos obtidos.

Na tentativa de centralizar e organizar a propaganda do governo, em 1968 (ainda sob o comando de Costa e Silva) foi criada a Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República (AERP). A partir de então, “... a Aerp encheria a TV com seus filmes enaltecendo o amor, a participação, a crença no ‘Brasil potência’” (Fico, 2004, p. 5).

O trabalho da Assessoria tinha o objetivo de selecionar as informações que chegariam ao conhecimento da população, preenchendo o espaço de comunicação entre poder e povo, que vinha sendo suprimido pela ação da censura. No entanto, a AERP teve uma repercussão muito maior do que se poderia esperar de uma agência de comunicação do governo, sendo responsável por 396 peças publicitárias, transmitidas em todos os veículos de comunicação, no período de 1970 a 1973 (Fico, 1997).

Em 14 de janeiro de 1970, a revista *Veja* publicou um quadro, na seção *Brasil*, com o título *Substituindo o violino – O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo*. O texto fala sobre um documento presidencial que teria sido preparado para uma reunião ministerial. A revista destaca, no entanto, de quatorze itens do documento, que segundo o texto configurariam diretrizes políticas e administrativas de Médici, três pontos, que são,

nos termos da *Veja*:

8. 1) a recomendação para que os ministérios promovam “as medidas necessárias à observância das normas e princípios constitucionais” e a promessa de consolidação da imensa, esparsa e, em alguns casos, conflitante legislação revolucionária; 2) transferência imediata dos núcleos centrais dos ministérios para Brasília; 3) estabelecimento de “um sistema de comunicação social, com base na atuação dos órgãos do Poder Executivo” (Veja nº 71 de 14.01.1970, Substituindo o violino – O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo, p. 25).

A sequência acima cita um trecho do documento de Médici, marcando, pela utilização das aspas, o discurso do outro. E produz efeitos de sentido críticos ao governo quando fala a *imensa, esparsa e, em alguns casos, conflitante legislação revolucionária*, porém significa as preocupações do presidente em consolidar a legislação. Além disso, a sequência evidencia mais uma vez as preocupações do governo com as questões relativas à comunicação com o povo. O subitem do quadro intitulado COMUNICAÇÃO trata do assunto e situa as estratégias de comunicação dos governos brasileiros, desde o Estado Novo, resgatando a memória discursiva de um tipo de propaganda que era desenvolvido com o Departamento de Imprensa e Propaganda de Getúlio Vargas, pelos órgãos responsáveis pela comunicação dos governos de Juscelino Kubitschek e de João Goulart, para enfim falar sobre a criação da AERP no governo Costa e Silva e sobre sua atuação no período.

9. COMUNICAÇÃO – “Objetivando informar a opinião pública, motivar a vontade coletiva para o esforço nacional de desenvolvimento e contribuir para o prestígio internacional do Brasil, será estabelecido um sistema de comunicação social, com base na atuação dos órgãos do Poder Executivo.” Nesse terreno progredimos muito. A ditadura getulista do Estado Novo tinha o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda –, para controlar a divulgação das atividades oficiais. A redemocratização, em 1945, veio carregada de aversão pelas práticas ditatoriais, e a comunicação entre governo e imprensa se fazia diretamente através do Gabinete Civil. Juscelino, em 1955, voltaria a entregar a tarefa a um funcionário especializado... Jânio, depois dele, criou a Assessoria de Imprensa, confiada ao jornalista Carlos Castelo Branco. Com Costa e Silva, surgiu a **Assessoria Especial de Relações Públicas**, que imediatamente passou a disputar competência com a Assessoria de Imprensa. Enquanto esta se limitou, sempre, a apenas facilitar o acesso dos jornalistas às informações governamentais, aquela **planeja e executa verdadeiras campanhas para projetar uma imagem favorável do governo na opinião pública**. A Assessoria de Imprensa, a esta altura, parece definitivamente submetida à Assessoria Especial de Relações Públicas... (Veja nº 71 de 14.01.1970, Substituindo o violino – O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo, p. 25, grifos nossos).

A sequência começa dando voz ao presidente, citado no documento, sem especificar de maneira clara a quem pertence a fala no trecho entre aspas. Em seguida, recorre à memória que marcou a comunicação entre governo e sociedade assim como a aversão causada pelo DIP e suas práticas marcadas pelo caráter autoritário do governo. Antes de recorrer a essa memória, a reportagem ressalta que *nesse terreno progredimos muito*. A frase aparece com uma carga irônica e desqualifica a fala do general Médici. A sequência dá destaque ainda ao fato de que, embora a AERP, responsável pela comunicação do governo no período e desde Castelo Branco, vivesse sob o eufemismo de *Relações Públicas* (Fico, 1997), suas campanhas visavam projetar uma imagem favorável do governo, além de ter se apropriado de algumas das funções da Assessoria de Imprensa. A sequência produz efeitos de sentido que destacam o atraso do sistema de comunicação do governo, mais preocupado com a questão de projetar uma imagem favorável do governante.

A intenção da propaganda oficial era criar um consenso na sociedade, assim como um padrão de comportamento do brasileiro. Com isso, eram estabelecidos compromissos que o brasileiro deveria manter em prol do desenvolvimento e participação no projeto de nação do regime militar. A ideia era evidenciar os compromissos que o poder central tinha em relação aos anseios do povo e que, por mais que a população devesse participar, não estava pronta, devendo então ser conduzida.

A propaganda do governo Médici se constituiu de forma diferenciada, não podendo ser analisada como as propagandas políticas e ideológicas clássicas de regimes totalitários como o nazismo e o fascismo. Como explica Fico (1997), a AERP tinha a preocupação de não ser identificada com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Getúlio Vargas, desenvolvido a partir de modelos dos fascismos, pois os governantes conheciam a aversão que esse tipo de propaganda poderia causar.

A atuação da AERP teve grande eficácia e inteligência em termos de apropriação, pois não se desenvolveu de maneira personalista, nem veiculou diretamente os ideais autoritários. As campanhas funcionavam porque procuravam pontos que dialogassem com os anseios da população e, além disso, mantinham poucas características oficiais, pois não apresentavam referências claras à política. Alves (2000) explica que

Na maioria dos casos, a propaganda ideológica assume uma característica que certamente é uma de suas principais: a subjetividade. Assim, nem sempre é muito fácil perceber que se trata de dominação ideológica, e que há pessoas ou grupos tentando convencer outras a se comportarem de determinada maneira. As idéias difundidas nem sempre deixam transparecer sua origem, nem os objetivos a que se destinam. Por trás delas, porém, sempre existem certos grupos que precisam do apoio e participação de outros para a realização de seus intentos, e com este objetivo, procuram persuadi-los a agir numa certa direção (p. 62).

De acordo com essa lógica, a AERP afastava de sua imagem as intenções de legitimar o regime ditatorial, se apropriando de um caráter pedagógico e aproximando o povo pela exaltação de sua participação nos grandes feitos da nação (Fico, 1997).

As campanhas passaram a ter mais espaço no governo Médici e a partir desse momento tomaram outras direções em termos de estruturação com o comando de Otávio Costa e Toledo Camargo. Os coronéis se tornaram os responsáveis pela Assessoria alguns dias após a posse de Médici e definiram uma estratégia através da qual eram veiculadas noções de civismo, patriotismo e cidadania, com um enorme caráter ufanista e base pedagógica. A AERP será novamente objeto da revista *Veja* na edição de número 95, em 01.07.1970:

10. Para o Coronel Otávio Costa, chefe da Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República (AERP), o objetivo é “conseguir canais de comunicação que permitam ao povo entender e acompanhar a ação do governo”. Dentro dessa orientação, a Assessoria promove uma campanha por meio de filmes que são exibidos na televisão e em cinemas. Essa atividade, segundo seus idealizadores, não deve ser encarada como propaganda convencional e sim como uma tentativa de criação de um clima de otimismo. Nesse espírito, dizem, procura-se informar sobre as realizações do governo, colaborando com a educação moral e cívica do povo e sobretudo dos jovens (Veja nº 95 de 01.07.1970, A imagem do sucesso, p. 19).

A partir dessas noções que tinham bases pedagógicas (Fico, 1997), eram transmitidos sutilmente a grandeza do Brasil e o orgulho nacional. Dessa maneira, as campanhas de propaganda política faziam propaganda do governo.

De acordo com Fico (1997), algumas das matrizes ideológicas da propaganda dos militares surgiram no Estado Novo. A propaganda dos militares re-significou questões ideológicas, colocando em maior evidência a questão da identidade nacional. As campanhas de propaganda governamental se referiam à

... valorização da mistura racial, a crença no caráter benevolente do povo, o enaltecimento do trabalho, uma certa ideia de nação – baseada nos princípios de coesão e cooperação. (...) o primitivo ufanismo baseado nas riquezas naturais (...) foi substituído, no Estado Novo, pela exacerbação do caráter e das conquistas do povo (p. 34).

A concepção nacionalista de cultura brasileira, amplamente difundida nessa época, colocou em evidência a questão da identidade nacional. Esses sentidos foram retrabalhados e re-significados no governo Médici.

A AERP desenvolveu uma série de campanhas de propaganda. Foram produzidos para isso filmetes e panfletos educativos, que propagavam as grandezas do país e sutilmente faziam propaganda do governo. As estratégias, juntamente com a concretização do milagre econômico e as vitórias do futebol nacional, alcançaram êxito na maneira como parte da sociedade olhava o presidente e a estrutura governamental.

A referência feita no texto ao *jogo da verdade*, expressão que volta a aparecer em outros textos da revista, está relacionada a um dos discursos de Médici pronunciado em 1969. O termo virou inclusive título do livro lançado pela Imprensa Nacional em 1970 que trazia os discursos do presidente no ano anterior (Médici, 1970).

Corroborando a propaganda, conferindo efeitos de unidade e coerência ao que era divulgado por ela, os discursos do presidente Médici enunciavam os mesmos sentidos direcionados para a necessidade de participação da sociedade e que os ideais do regime estavam comprometidos com os anseios do povo. A sequência discursiva a seguir foi retirada de seu discurso de posse em 07.10.1969, no livro *O jogo da verdade* (1970):

Vamos dar efetividade a esses objetivos revolucionários. Nesse sentido, iremos ouvir os homens de empresa, os operários, os jovens, os professores, os intelectuais, as donas de casa, enfim, todo o povo brasileiro. (...)

*Entretanto, insisto em afirmar que não acredito em nenhum plano de governo que não corresponda a um plano de ação nacional. **Na marcha para o desenvolvimento, o povo não pode ser espectador. Tem que ser o protagonista principal.** (...)*

*Precisamos reproduzir, na vida político-administrativa, aquilo que conseguimos, até hoje, **nas atividades esportivas ou artísticas.** De fato, é **significativo que tenhamos obtido expressivos triunfos, exatamente naqueles setores em que ocorre uma entusiástica e comovida participação do povo** (p. 14, grifos nossos).*

As palavras do presidente retomam ideias que fazem referência à integração

nacional e à igualdade entre os cidadãos brasileiros. Seu discurso produz efeitos de sentido relativos à necessidade de participação de todo o povo brasileiro, tendo em vista a importância de cada um desses cidadãos. Médici compara a participação esperada do povo a sua participação nas atividades esportivas ou artísticas, nas quais o Brasil teria obtido sucesso.

O posfácio do livro publicado pela Imprensa Nacional em 1970, *O Jôgo da Verdade*, traz esclarecimentos sobre a publicação, como as seguintes afirmativas:

São páginas que além de exprimir o pensamento político e anunciar, em suas linhas gerais, a missão administrativa do Presidente Emílio Garrastazu Médici, documentam, agora reunidas em livro, um momento decisivo da evolução política do País, constituindo-se em importantes subsídios para a sua interpretação e história.

Publicando essa documentação, estamos certos de prestar à Nação um serviço que ela, decerto, reclamava, para o melhor conhecimento do pensamento político daquele que a dirige e da essência de sua mensagem democrática e filosofia administrativa (p. 103, grifos nossos).

A publicação visava à divulgação do governo. Isso fica ainda mais evidente porque o livro publicado em 1970 vinha com um pequeno cartão com a inscrição: “Com os cumprimentos da Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República”. Foram editados um total de dez livros intitulados: *O Jogo da verdade*, de 1970, *A verdadeira paz* e *Tarefa de todos nós*, ambos de 1971, *O povo não está só*, *Nosso caminho* e *O sinal do amanhã*, de 1972, *Os vínculos da fraternidade*, *Os anônimos construtores* e *Nova consciência de Brasil*, de 1973 e *Compreensão do Povo*, de 1974.

Como aparece na sequência discursiva acima, assinada pela expressão *O editor*, as intenções do livro estavam vinculadas a atender uma vontade da nação, visando ao melhor conhecimento daquele que dirige essa nação, o presidente Médici. A publicação desses livros evidencia a necessidade de legitimação do governo, ilegítimo pela natureza de sua constituição golpista. Não se quer dizer com isso que governos eleitos democraticamente não procurem se apropriar de questões como o esporte e que não busquem propagandear seus feitos ou seu mandatário público. No entanto, isso é característica marcante de governos autoritários.

A razão de ser das muitas construções de caráter nacionalista e ufanista apresentadas pelo governo e a mídia e pelo discurso autorizado está exatamente na ilegitimidade do regime, na necessidade e na massificação da propaganda. Essa questão fica mais clara ao se perceber a existência de muitos setores de oposição à

estrutura governamental desde seu estabelecimento.

Os militares obtiveram mais apelo popular com a concretização do milagre econômico, iniciado nos últimos anos da década de 60 e decorrente de anos de recessão. Os investimentos eram apoiados por financiamentos obtidos internacionalmente junto a grandes bancos e tiveram como consequência posterior o grande endividamento do país. No entanto, os altos índices econômicos eram muito festejados e propagandeados pelos militares. A sequência a seguir foi retirada da revista *Veja* de uma matéria que tem como título: *O presidente – Uma boa semana*. O título ressalta as boas notícias que seriam trazidas em seguida no corpo do texto. A matéria, publicada semanas após o fim da Copa, relata que, passada a euforia do retorno dos campeões, o presidente teve uma semana calma, e enfatiza decisões e dados otimistas para a economia do país:

11. Passadas a euforia e a agitação que cercaram a chegada dos campeões mundiais de futebol a Brasília, o Presidente Emílio Garrastazu Medici passou uma semana relativamente tranqüila e aparentemente sem novidades. Esse calmo intervalo, porém, propiciou o ambiente para a tomada de importantes decisões, que serão anunciadas esta semana durante a estada do presidente na Guanabara. (...)

*... o dado mais otimista da semana o Ministro Delfim Netto lhe apresentou pessoalmente, logo na segunda-feira: **o saldo do comércio exterior brasileiro, atingindo níveis jamais alcançados**. Era a resposta nacional às barreiras levantadas pelas autoridades americanas aos nossos têxteis, com a compra de trigo em outros mercados e as ofertas espontâneas de **crédito por bancos internacionais**, aos quais o Brasil até agora sempre tem recorrido.*

E assim, graças a uma semana de poucas novidades em Brasília, o presidente terá uma semana de despachos e boas novidades no Rio (Veja nº 96 de 08.07.1970, O presidente – Uma boa semana, p. 16, grifos nossos).

A sequência acima produz efeitos de sentido que demonstram que a vitória da Copa do Mundo teve repercussões na vida política do país: passada a euforia, com suas comemorações, a semana pôde ser tranquila e com tomada de decisões importantes. O discurso propaga sentidos sobre a positividade dos dados da economia, tão importante que o próprio Ministro Delfim Netto foi transmiti-la ao presidente. A sequência demonstra que a estratégia econômica do governo estava dando certo e que o país vivia um momento tranquilo: economia se desenvolvendo bem, boas tomadas de decisão e tranquilidade após a vitória da seleção na Copa do Mundo. No trecho acima a revista não apresenta críticas ao governo, nem fala das consequências da utilização de créditos em bancos internacionais e das dívidas que

o país ia adquirindo e que causaram o endividamento do Brasil por anos. Esse crescimento da economia servia como justificativa às medidas autoritárias do governo e alimentava o clima de euforia que se tentava criar no momento. Como afirma Alves (2000),

Em 1970, buscava-se recriar o clima de euforia, com a classe média começando a desfrutar do Milagre Econômico, consumindo automóveis e eletrodomésticos, se calando – por medo ou falta de informação – diante da brutal repressão do regime e, portanto, contribuindo para o intento da propaganda oficial de controlar, ou ocultar, qualquer traço potencial de instabilidade (p. 129).

Diante desse panorama, em julho de 1970, foi realizado o Campeonato Mundial de Seleções. A conquista deflagrou inúmeras manifestações nacionalistas. A vitória do Brasil foi amplamente capitalizada pela AERP, servindo para demonstrar que o brasileiro era um povo vencedor e que o país estava no caminho do desenvolvimento, consolidando a popularidade do governo.

Alves (2000), ao explicar os sentimentos percebidos nos brasileiros no período da Copa do Mundo de 1970, evidencia os sentidos que a propaganda pretendia produzir:

(...) O sentimento era de Brasil Grande, e essa noção de grandeza, que advém do desenvolvimento e da segurança foi exaustivamente trabalhada sob o slogan 'Ninguém segura o Brasil!'
O referencial de verdade contido nesse slogan está na própria conquista esportiva do ano. O Brasil era um país vencedor! Vencedor, porque havia ganho o campeonato mundial de futebol. Vencedor porque a classe média estava tendo acesso ao consumo de diversos produtos, durante o Milagre Econômico, e o Brasil parecia caminhar rumo ao desenvolvimento. Vencedor, porque o Brasil, sob a tutela dos militares, livrava seus filhos das garras do comunismo e da corrupção, mantendo firmes os mais sólidos valores da família, da moral cristã e da ordem (p. 99).

A evidência desses sentimentos e a construção dos sentidos acima referidos, assim como a incidência da censura a seguir exposta, influenciaram o trabalho da imprensa brasileira durante o governo militar.

2. 2. 3. A ação da censura

*Hoje você é quem manda
 Falou, ta falado
 Não tem discussão
 A minha gente hoje anda
 Falando de lado
 E olhando pro chão, viu
 Você que inventou esse estado
 E inventou de inventar
 Toda a escuridão
 Você que inventou o pecado
 Esqueceu-se de inventar
 O perdão*

*Apesar de você
 Chico Buarque (1970)*

A ditadura apoiou a manutenção de seu poder não apenas na violência física amplamente utilizada; valeu-se também da violência simbólica, baseada no controle dos meios de comunicação através da censura e de um aparato de propaganda bem estruturado. Essas estruturas visavam à dominação cultural, ideológica e do comportamento dos indivíduos.

O governo militar expediu sucessivamente Atos Institucionais (AIs), decretos que visaram manter a legalidade das ações políticas dos militares e serviam como instrumento de legitimação do regime, ampliando o caráter repressivo e autoritário do sistema político vigente. O AI-5, decretado em dezembro de 1968 pelo general Arthur da Costa e Silva, é considerado como a maior marca de endurecimento e fechamento do regime e, como afirmam Mendonça e Fontes (1991) sinalizou "... o fim da primeira fase de institucionalização do Estado de Segurança Nacional" (p. 46). Através desse Ato Institucional ficaram suspensas as garantias constitucionais e o direito de *habeas-corpus*; foi concedido ao presidente o direito de intervir nos estados e municípios, decretar estado de sítio por tempo indeterminado e sem a aprovação do Congresso, cassar mandatos e suspender por dez anos os direitos políticos dos cidadãos, demitir e reformar oficiais das Forças Armadas e policiais militares, demitir e aposentar juízes e funcionários públicos. A ação da censura teve maior expansão a partir do AI-5, quando foi estabelecida a censura prévia aos órgãos da imprensa.

A censura agia na tentativa de impedir que fossem veiculadas críticas ou ideias contrárias às do governo. Para efetivar sua ação, foi desenvolvida uma

estrutura que controlava a divulgação de informações, pensamentos e ideias. Baseada num aparato legal, a censura se estabeleceu como forma de controle estatal da informação (Fico, 2003).

A existência da ideologia da ESG estruturou e instituiu a censura e todo o aparelho de repressão do regime pela propagação da noção da necessidade de um governo autoritário que conduzisse o Brasil. A censura era ainda legitimada por uma parte da população que considerava sua existência como algo natural. Assim, em 1966, foi editada a Lei de Imprensa, que incorporava a Doutrina de Segurança Nacional desenvolvida na Escola. A lei previa crimes contra a segurança nacional e as instituições militares e se tornou uma ameaça à liberdade de atuação dos jornalistas.

O processo de produção do discurso jornalístico sob a tutela da censura tem como principal característica o silenciamento, que perpassa todo o processo discursivo. O estabelecimento da censura pretende apagar as oposições e produzir um imaginário social através da divulgação de informações que valorizam o interesse do regime que impõe a estrutura censora.

No caso do regime militar brasileiro, o governo não pretendia assumir seu caráter autoritário. Os militares institucionalizaram a censura e a propaganda política de forma a impedir a circulação de sentidos oposicionistas e a evitar a produção de uma imagem diferente da que pretendiam transmitir. Ao adotarem essas medidas, evitavam a construção de uma imagem negativa do regime, como afirma Fico (2005)

... ao estabelecer, claramente, um campo de atuação legal para instâncias (...) a censura de diversões públicas ou a propaganda política (que sempre foi chamada pelo eufemismo de 'relações públicas'), o regime militar conseguiu mobilizar a seu favor uma grande variedade de imagens positivas. Combater a corrupção, controlar a imoralidade e enaltecer os valores brasileiros foram opções que favoreceram bastante a construção de uma imagem positiva do período para as pessoas comuns. De outro lado, ao ocultar a dimensão propriamente repressiva da tortura ou da censura da imprensa, por exemplo, negando-as enquanto pôde e normatizando-as através de diretrizes secretas e não através de diplomas legais ostensivos, o regime poupou-se de transmitir uma imagem negativa generalizadamente.

Com a criação da AERP, o governo estruturou um órgão que tentava coordenar a divulgação de informações, selecionando quais poderiam ser transmitidas pelos meios de comunicação para o povo. Agindo com a intenção de institucionalizar um discurso, o governo empreendia um esforço para calar e apagar os demais.

Do ponto de vista do discurso, Orlandi (1995) afirma que a censura não é falta de informação, mas a exclusão, impossibilidade de circulação de um sentido. A censura pode ser vista, então, como construção discursiva limitadora, que atua juntamente com o esquecimento e os apagamentos comuns ao processo discursivo. Carla Barbosa Moreira (2007) explica, no entanto, que “Se isso impõe consequências para a produção de efeitos de sentidos, esse controle não garante jamais o sentido único, ilusão de completude; pois os sentidos resvalam” (p. 77). Os sentidos não são completos tendo em vista que os processos de significação são abertos, por isso o discurso “... está sujeito à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização” (Orlandi, 1999, p. 52). Nessa perspectiva é possível perceber a interação do sentido institucionalizado com o que é proibido e a partir dessa relação se estabelece o que será censurado. A censura demonstra claramente a relação com o outro no discurso, pois, ao impor um discurso, significa o que não se pode dizer. “O jogo da unicidade, ao se afirmar, se mostra. Quanto mais se nega a multiplicidade de sentido mais ela é aparente. Mais a multiplicidade é aparente mais se busca o ‘um’” (Orlandi, 1995, p. 117). Os militares construíram um aparato ideológico na tentativa de legitimar o governo e estabelecer a sua verdade na intenção de perpetuá-la. No entanto, na tentativa de manutenção de um sentido oficial, no qual se negam as oposições, elas são reafirmadas.

A respeito da censura, sustenta ainda Moreira (2007a), que “... trata-se de um mecanismo ideológico que intervém na ordem do discurso, visando o controle dos sentidos. Por isso, falar de censura é, necessariamente, falar de ideologia, de tentativas de anular as lutas ideológicas e, por assim dizer, os efeitos de sentido, a opacidade, alterando as condições de produção e a divulgação do discurso” (p. 1). O processo ideológico não se dá pela falta da informação, mas pelo excesso. O que ocorre não é a ocultação de sentido, mas sim a simulação, a interpretação dos processos de significação em uma direção determinada.

Institucionalizada, a censura atinge a ordem do discurso e diante de sua atuação, os discursos jornalísticos durante governo militar seguem, em geral, três possibilidades: a autocensura, o colaboracionismo e a resistência através de metáforas (Orlandi, 1995). Essas posturas se caracterizam pela consciência do que podia ser dito e da legitimação da censura instituída, a apreensão pelos indivíduos de que se vive sob a égide da censura. O povo sabe que não pode falar mal do governo. Os meios de comunicação, cumprindo as determinações do governo,

apresentam um discurso condizente com os ideais dos militares e proclamam os feitos do regime.

Para Moreira (2007), através da internalização das regras, o jornalista pratica a autocensura, de forma que apresenta um discurso institucionalizado através das relações de poder estabelecidas no contexto histórico do governo militar. Orlandi (1995), por outro lado afirma não haver autocensura, tendo em vista que nesses casos, sempre há um outro. Ou seja, a censura “... sempre se dá na relação do dizer e do não poder dizer, do dizer de ‘um’ e do dizer do ‘outro’. É sempre em relação a um discurso outro – que, na censura, terá a função do limite – que um sujeito será ou não autorizado a dizer” (p.108).

A instalação de órgãos de vigilância e repressão foi um fator que incidiu na configuração das práticas discursivas do governo militar. Além disso, os censores espalhados pelas redações estabeleciam o controle, determinavam alterações e cortes nas matérias jornalísticas, organizavam pareceres e relatórios, exercendo, assim, micropoderes e estratégias de poder. O censor vigiava e controlava enquanto a censura prévia estabelecia a vigilância contínua e reforçava a consciência de se estar sendo vigiado, como afirma Moreira (2007).

Ordenada e esquematizada, a censura costumava agir de duas maneiras. A censura prévia, estabelecida através do Departamento de Polícia Federal (DPF), não permitia a circulação de matérias de jornais sem antes serem analisadas pelo órgão censor e procedia à retirada de circulação de publicações após o envio ao conhecimento público.

Com o controle que os militares tinham sobre os meios de comunicação, além da propaganda desenvolvida pela AERP, existiam as propagandas divulgadas através de veículos comerciais, como jornais e revistas. Essas propagandas ocorriam, por exemplo, através da escolhas de matérias e do tratamento dado a determinados assuntos de interesse dos militares. Muitos projetos do regime eram expostos na capa de jornais e revistas e colocados no foco da imprensa.

A ideia da estrutura de comunicação do governo era institucionalizar um discurso e estabelecer as condições para sua produção. Um discurso produzido para significar a unidade nacional, o patriotismo, o combate à corrupção e a defesa de valores democráticos. A propagação da ideia de otimismo, segundo Fico (1997), sempre esteve presente no imaginário do brasileiro e seguia a convicção de que os problemas do país se resolveriam em virtude de uma série de características

inerentes aos brasileiros e ao destino de grandeza do Brasil. De acordo com Fico (1997), essas questões teriam relações com os tópicos do otimismo relacionados com “a exuberância natural, a democracia racial, o conagraçamento social, a harmônica integração nacional, o passado incruento, alegria, a cordialidade e a festividade do brasileiro, entre outros” (p. 147).

Os sentimentos relacionados à grandeza do país, disseminados por parte da mídia e pela propaganda do governo militar, estabeleciam suas bases, principalmente, no enorme crescimento econômico.

Na opinião de Kushnir (2004), alguns jornais e revistas, como instâncias envolvidas na questão, se comportaram de forma colaboradora, e, para além de questões relativas à repressão governamental, se fundamentavam na convicção política ou no interesse pelas vantagens econômicas que poderiam obter.

Parte dos jornalistas e donos de jornal, entre outros setores da sociedade civil..., ao apoiarem os governos militares naquele momento, optaram por estar ao lado do poder, tornaram-se tanto agentes como 'vítimas' dessa autocensura. (...) Permanecer no palco das decisões era mais importante que a busca e a publicação da verdade (Kushnir, 2004, p. 52).

O Estado, além de investir no crescimento da imprensa através do desenvolvimento de uma indústria cultural, era um dos mais importantes anunciantes do período. De acordo com Gazzoti (1998), a concessão de recursos e a publicidade dos órgãos do governo, por exemplo, foram de grande importância para que a revista *Veja* conseguisse funcionar nos seus primeiros anos de existência. Tendo em vista as relações capitalistas em que a *Veja* estava envolvida, suas matérias tinham um cunho conservador. Para Gazzotti (1998), mesmo quando eram demonstrados interesses pela mudança, esses ideais eram propagados sem grandes rupturas, levando em consideração as ideias de ordem do governo. A revista apresentava intenções de mudança de forma conciliadora.

Embora a *Veja* apresentasse caráter de conciliação, como muitos dos demais veículos de comunicação no período, a revista também sofreu com a censura, que ocorreu de duas formas diferentes, em fases distintas. Até 1973, sofria com a censura através de telefonemas e comunicados do governo, que informavam, quase diariamente, o que não poderia ser publicado. De acordo com Gazzotti (1998), a partir de então, foi estabelecida a censura prévia, criada em março de 1970, no “governo Médici (1969-1974), que legalizou o ilegalizável...” (Kushnir, 2004, p. 48). A

censura prévia, entre idas e vindas, se manteve na revista até 1976.

A censura à Veja teve duas fases... Nos primeiros anos a censura foi intermitente e não tão rigorosa como a que era imposta aos demais jornais e revistas. Entretanto, exatamente durante o governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), no momento em que se iniciava o abrandamento da censura, Veja foi severamente cerceada, no sentido de ter um censor que lia todas as edições antes de seu envio para publicação. (Alves de Abreu apud Gazzotti, 1998, p. 181).

Logo em seu quinto número, editado em 18.12.1968, a revista teve uma parcela de seus exemplares apreendidos nas bancas. A capa da edição trazia uma foto de Costa e Silva e do ministro da Guerra de Castello Branco na Câmara dos Deputados com o plenário vazio (Kushnir, 2004).

Para Alves (2000), no início dos anos de 1970, a crítica realizada de forma discreta pela *Veja* não teria resistido à demissão de toda sua editoria política em virtude do episódio de censura ocorrido na edição da revista de número 66, de 10.12.1969, anteriormente citado, quando a revista publicou na capa um desenho de câmaras de censura medievais⁵, além de divulgar a morte e o enterro do militante político Chaerl Cherles Schreider. Meses após a revista ter sido censurada, houve mudanças na editoria da *Veja*. Ao analisar o ocorrido Alves (2000) explica o que ocorreu a partir de então. Segundo o autor (2000):

*O que passou então a marcar o estilo VEJA foi exatamente o perfil colaboracionista de suas matérias. Reportagens alusivas ao governo e suas realizações, enaltecimento de feitos, conquistas e efemérides passaram a ter mais espaço que as sérias questões políticas e econômicas que, apesar do Milagre, assolavam a sociedade brasileira. Os princípios de ordem, legalidade, nacionalismo, patriotismo e de legitimidade do governo também ganhavam vulto dentro da Revista.
(...) Com essa nova roupagem, a revista começou a fazer ampla cobertura dos 'feitos' da nação (p. 117).*

Durante a leitura das revistas do ano de 1970, foi possível perceber que algumas das bases do discurso por elas apresentado têm relação com os ideais do discurso estruturado pelo governo. Estão ausentes acontecimentos e questões relevantes para a sociedade do período. De acordo com a pesquisa realizada, em todo o ano de 1970 não houve, por exemplo, reportagens divulgando a repressão a presos políticos⁶.

⁵ A imagem da capa da revista será apresentada na página 84.

⁶ A edição nº 66 de 10.12.1969 tinha em sua capa o desenho de câmaras de torturas medievais e nela foram divulgados a morte e o enterro do militante político Chael Cherles Schreider, militante da

As críticas eram sempre feitas de forma cautelosa, ou melhor, conservadora. Para Gazzotti (1998), "... o semanário era um 'opositor de elite', ou seja, não queria uma ruptura radical com a ordem social, política e econômica e, ao mesmo tempo, não queria o controle da liberdade de informar" (p. 206). A revista demonstrava não desejar grandes transformações na estrutura do país e as desejadas deveriam considerar a ordem.

Um dos efeitos de sentido do discurso jornalístico é o caráter de neutralidade (objetividade) que lhe é conferido. Uma das estratégias discursivas que conferem a credibilidade ao discurso jornalístico, responsável pela noção de imparcialidade e pelos efeitos de verdade projetados por esse discurso, é a presença de diversas vozes e discursos em um mesmo veículo de comunicação. No entanto, há uma linha seguida pelo veículo que pode ser percebida pelo tratamento concedido dentro da publicação a cada uma dessas falas. A *Veja* se utilizou dessa estratégia discursiva em muitos momentos, produzindo um discurso dúbio através do qual hoje lhe é concedida a imagem de que a revista constituiu um importante veículo de resistência ao governo militar. Mas como pode assumir esse caráter uma publicação da Editora Abril, que tinha como diretor-geral, Vitor Civita, que, como afirma Kushnir (2004), concedeu palestras sobre censura de filmes, colaborando para a formação de censores? Havia um elemento de negociação entre a *Abril* e o governo e, foi nessa perspectiva que se construiu o discurso da *Veja*. Possivelmente, a heterogeneidade das falas reproduzidas na revista (ainda que uma heterogeneidade possível e necessária para a composição do discurso dominante) concedeu a ela uma imagem que produz os efeitos de sentido relacionados com neutralidade e objetividade reconhecidos como características do jornalismo.

Embora tenham ocorrido focos de oposição, os militares se mantiveram no poder por mais de vinte anos, manipulando bens simbólicos em prol de suas ações e dizendo que iriam resolver os problemas da nação. Como afirma Fico (1997), "Enquanto os militares causavam temor e transpareciam uma imagem soturna (...) sua propaganda, paradoxalmente, falava de 'amor' e 'participação'" (p.145).

Através de sua propaganda, da censura e colaboração dos próprios meios de comunicação, o regime militar tentava estabelecer quem tinha o privilégio de dizer, o que podia ser dito e as posições que os sujeitos podiam ocupar. Sem o acesso às informações necessárias a uma visão ampla de mundo, a população recebia uma

organização armada VAR-Palmares, sob tortura depois de ser preso.

representação da realidade social que defendia e disseminava os valores ideológicos dos governantes. Como explica Kushnir (2004), “Em um tempo de imposição de silêncio, informar-se apenas pelas notícias permitidas é, no mínimo, apreender uma imagem bastante equivocada do tempo vivido” (p. 39). A estrutura de comunicação do governo estabelecia um controle político e ideológico, no qual tudo o que contrariava os seus valores era negado e ampla e duramente reprimido.

Uma peculiaridade da ditadura brasileira foi a preocupação com a manutenção de órgãos das instituições políticas anteriores de características democráticas. Isso representou uma ambiguidade que se fez presente durante os anos da ditadura, pois como explica Priori (2004),

*Uma das reflexões possíveis que tange a especificidade do governo militar brasileiro refere-se à forma como o regime autoritário foi arquitetado no país. O regime foi articulado por uma notável ambigüidade, pois mesmo no exercício de um regime de exceção e essencialmente enfatizado por uma indelével "lógica da suspeição", os dirigentes procuravam legitimá-lo e caracterizá-lo como sendo um sistema de governo democrático. Do primeiro general-presidente (Humberto de Alencar Castello Branco) até o último (João Baptista de Oliveira Figueiredo) **foi salientado, principalmente, nos discursos de posse dirigidos ao povo brasileiro, a adoção de ações e comportamentos em nome da defesa da democracia no país.***

Por outro lado, constatou-se, ao longo de vinte e um anos de permanência dos militares no poder, que a existência de uma administração democrática foi apenas fictícia, haja vista o contundente papel repressor desempenhado pelos órgãos policiais e jurídicos a fim de suplantar possíveis distúrbios sociais que afetassem o andamento das atividades do Poder Executivo (grifos nossos).

O regime militar fez repercutir em todos os campos da sociedade o caráter antidemocrático de sua proposta ideológica de governo; no entanto, estava sempre tentando se legitimar através de medidas que afirmavam a composição democrática do regime.

2. 2. 4. O lugar de fala da oposição

*Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta*

Gilberto Gil e Chico Buarque (1973)

Desde os primeiros anos da década de 1960, os movimentos sociais, associações e instituições, tanto urbanos como rurais, se mostravam muito ativos. A politização de diversos setores da sociedade era grande, os movimentos se posicionavam de acordo com opções políticas e ideológicas, com projetos de esquerda ou direita. A democracia não era um valor claro na cultura política brasileira, isso porque nem setores de esquerda ou nem de direita tinham como base valores democráticos. No período, as lutas sociais e políticas se baseavam na implementação de projetos políticos determinados.

A concretização do golpe demonstrou a oposição ao nacional desenvolvimentismo e às reformas de base que o governo João Goulart pretendia implantar no Brasil. As ações de Goulart eram vistas e temidas por se caracterizarem como uma grande aproximação do país ao comunismo e à União das Repúblicas Sociais Soviéticas. Principalmente porque isso ocorria no contexto da Guerra Fria, quando o Brasil estava no foco dos Estados Unidos da América por conta do papel que o país poderia desempenhar em relação à América Latina.

Ressalte-se a influência das diversas lutas de libertação nacional que apareciam como vitoriosas no âmbito internacional, como foram os casos da Revolução Cubana, da Independência da Argélia, da guerra do Vietnã. A Revolução Cubana gerou nos latino-americanos uma esperança de sair do domínio dos estadunidenses.

A efervescência política e ideológica existente no Brasil durante a década de 1960 também era vista no âmbito internacional. A produção artística e intelectual assim como a ação de diversos movimentos sociais ativos no país procuravam alternativas à estrutura de desenvolvimento capitalista. Além disso, iam surgindo muitas críticas voltadas para o burocratismo soviético, que fizeram com que a

esquerda procurasse novas formas de chegar ao comunismo. Frente ao cristianismo instalado na sociedade brasileira, estava a ameaça do comunismo ateu. Nos momentos iniciais de instalação do regime, a Igreja foi uma das importantes aliadas dos elementos golpistas, principalmente na divulgação de ideais da democracia cristã e burguesa (Alves, 2000).

Os grupos que tinham como premissa preocupações como os direitos humanos e a cidadania assim como as questões relativas à posse de terra eram vistos como perigosos para o regime e a estrutura capitalista e imperialista estabelecida. Instituída a figura do *inimigo interno*, todos eram suspeitos potenciais, já que o comunismo havia chegado ao país. Esse princípio colocou no foco da repressão os intelectuais, jornalistas, professores, profissionais que a partir de sua atuação poderiam disseminar a conscientização.

José Luiz Werneck Silva (1985) explica que muitas faculdades “...representavam na virada dos anos 50 para os 60, focos de grande potencial crítico ao arcaísmo acadêmico e, depois, ao reacionarismo do sistema militar” (p. 39). Diante do fato de as universidades serem lugares potenciais de crítica ao regime, sofreram durante todo o tempo ameaças dos órgãos de repressão do regime e de invasões do comando de caça aos comunistas (Silva, 1985).

A relação entre o Estado e os intelectuais durante a ditadura militar foi bastante conflituosa desde seus primeiros momentos após a implantação do regime. Com o passar dos anos, a ideologização das ações políticas foi aumentando e diversas manifestações se sucederam como, por exemplo, ações de grupos de guerrilha urbana e rural, sequestros, assaltos a bancos, organizações de novos grupos de resistência, produção cultural que visavam resistir, entre outras ações políticas e ideológicas.

Ao mesmo tempo, o governo tentava desestruturar a resistência, restringindo cada vez mais as liberdades individuais, o que se acirrou ainda mais com o AI-5. A tortura se tornou prática de Estado: lideranças dos movimentos sociais eram presas e os locais de reuniões desses grupos, destruídos.

As campanhas de propaganda oficiais buscavam suavizar o ar da ditadura. A propaganda política tinha espaço também nas diversas mídias, jornais, revistas. No entanto, durante o regime militar brasileiro uma parcela expressiva dos jornalistas se empenhou em fazer oposição ao governo, conforme indicado por um número vasto de estudos sobre o tema. Esses indivíduos entendiam que sua atuação era

importante para que fosse possível romper com a ditadura e estabelecer uma nova ordem política.

Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis (1998), ao analisarem o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar, indicam que a política invadia todos os espaços da vida de alguns indivíduos que optavam por posturas de oposição ao governo militar. De acordo com esses autores, muitos indivíduos inclusive viviam em função de suas convicções políticas e, por essa escolha, tinham seu cotidiano todo alterado. Áreas da vida privada viam-se expostas publicamente devido à exposição que as ações políticas de resistência suscitavam. Segundo a análise desses autores (1998), nesses

... regimes de força, os limites entre as dimensões pública e privada são mais imprecisos e move-diços do que nas democracias. Pois, embora o autoritarismo procure restringir a participação política autônoma e promova a desmobilização, a resistência ao regime inevitavelmente arrasta a política para dentro da órbita privada. Primeiro, porque parte ponderável da atividade política é trama clandestina que deve ser ocultada dos órgãos repressivos. Segundo, porque, reprimida, a atividade política produz conseqüências diretas sobre o dia-a-dia" (p. 327).

Segundo as convicções ideológicas de alguns indivíduos que faziam oposição, derrubar o regime militar deveria estar acima de suas preocupações pessoais. Dessa forma,

No universo afetivo e familiar, muitas vezes não havia como saber se uma crise era efeito ou causa da ação política de resistência. Na esfera profissional, a própria natureza do ofício e as condições em que era exercido tendiam a expor seus praticantes, menos ou mais, à tentação do oposicionismo e a determinar o tipo de oposição praticado. Em alguns casos, trabalho e política praticamente coabitavam: na advocacia, na produção artística e cultural, no jornalismo (Almeida e Weis, 1998, p. 338).

Muitos profissionais utilizavam seu ofício como forma de atuarem na resistência ao regime, compatibilizando o ato de resistir a sua vida cotidiana. Muitos advogados compartilhavam as convicções políticas com seus clientes, que estavam presos justamente por acreditarem nessas questões ideológicas. Jornalistas se encontravam num limite entre ter sucesso profissional e seguir suas convicções, pois em alguns casos, para obter as notícias era preciso manter bons relacionamentos com representantes do regime contra o qual lutavam. Além disso, do controle sob o que iriam escrever podiam depender os seus empregos e ficar sem emprego era se

tornar mais vulnerável à repressão.

Jornalistas insubordinados ao poder constituído, que eram empregados de grandes veículos de comunicação, tinham suas ações políticas restringidas para ficar longe da prisão e manter o emprego. Deviam trabalhar com um condicionamento prévio, a censura. Com o crescimento da industrialização do jornalismo, muitos dos interesses dos empresários coincidiam com os dos militares, que passavam por fatores econômicos, pelo medo da ameaça comunista e por questões ideológicas. Esses eram fatores de desestímulo para os jornalistas de esquerda.

No livro *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*, Bernardo Kucinski (1991) apresenta os jornais alternativos existentes no país no período de vigência da ditadura, demonstrando como foram criados e desapareceram jornais que tinham como intenção fazer oposição aos governantes. No momento em que os grandes jornais sofriam censura por questões ideológicas e se calavam por necessidades financeiras ou na tentativa continuar com suas publicações, os jornais alternativos tentavam fazer denúncias sobre as violações de direitos humanos que vinham ocorrendo de maneira sistemática no país.

De maneira geral, os jornais alternativos eram constituídos por indivíduos que haviam atuado no movimento estudantil na década de 60, ligados a movimentos sociais e partidos políticos esquerdistas, que tinham sido enviados para a clandestinidade. Muitos, inclusive, em virtude de suas convicções políticas e intenções de denunciar os desmandos do governo, não conseguiam espaço para atuar nos grandes veículos de imprensa.

Muitos foram os jornais alternativos do período, que tentavam abordar as questões políticas e sociais do Brasil nas suas publicações. É possível dar destaque aos jornais *Movimento*, *Opinião*, *Em tempo* e *Pasquim*. Esse último, aliás, se tornou um grande símbolo da resistência no jornalismo do período. Publicado entre os anos de 1969 e 1988, sofreu censura durante a maior parte de sua existência.

Kucinski (1991) afirma que a revista *Realidade*, que, assim como a *Veja*, pertencia à Editora Abril, funcionava como um polo que desenvolvia um trabalho crítico, de acordo com a perspectiva de um veículo de comunicação alternativo. Isso se deveria ao fato de que alguns jornalistas que ali trabalhavam tentavam divulgar sua visão sobre os acontecimentos através de um diálogo com os membros da direção da revista.

A revista *Veja* teve em sua equipe jornalistas de esquerda. Um caso importante, citado pelos estudos produzidos sobre a *Veja* no período, é o episódio ocorrido com o número 66 da revista, de 10.12.1969, que trazia em sua capa o desenho de câmaras de torturas medievais, conforme imagem que se segue:



TORTURAS



Imagem nº 2, *Veja* nº 66 de 10.12.1969, *Torturas*, capa.

Dessa edição constava uma grande reportagem sobre a tortura, além de terem sido divulgadas a morte e o enterro do militante político Chael Charles Schreider. Pertencente à organização armada VAR-Palmares, o militante foi comprovadamente morto sob tortura após ter sido preso por órgãos de repressão do regime. Meses após esse acontecimento foram realizadas mudanças na editoria da *Veja*, que, segundo Alves (2000), teriam sido causadas em virtude da censura ocorrida nessa edição da revista e das pressões que incidiram sobre os responsáveis pela publicação. A *Veja* fala sobre as mudanças na editoria da revista, na *Carta ao leitor* da edição de número 71 (setenta e um), publicada em 14 de janeiro de 1970, conforme sequência a seguir exposta:

12. A ordem dos fatores não altera o produto: é uma grande verdade da aritmética. Mas nem sempre, dizem certos matemáticos, em certos cálculos,

mais complicados. O fato é que, no caso presente, VEJA tenciona provar que mudando alguns fatores, ela quer melhorar cada vez mais o produto. Nos últimos três meses houve em VEJA uma série de mudanças na escalação da equipe. (...) Alterados os fatores, o produto parece reagir cada vez melhor. Talvez a grande verdade da aritmética não se aplique ao nosso caso: no jornalismo, fatores como Garcia, Amorim, Gutemberg e Almir só se sentem bem em movimento (Veja nº, 14.01.1970, Carta ao leitor, p. 17).

Ao comentar o ocorrido, a *Veja* não cita nenhum acontecimento ligado à censura da edição de número 66, quando foram publicadas informações que faziam referência à censura. O discurso da revista produz efeitos de sentido que buscam transparecer normalidade em torno dos acontecimentos, como se as alterações na editoria tivessem relação apenas com interesses internos da revista.

Embora houvesse toda uma negociação que perpassava a relação entre os grandes veículos de comunicação e o governo, havia momentos em que o pacto era rompido pela veiculação de discursos que não compactuavam com a lógica do regime militar, como pode ser percebido pelo exemplo exposto acima.

Jornalistas adotavam táticas que visavam preservar os veículos de comunicação enquanto empresas que tinham como objetivo final obter lucro, como explica Kushnir (2004),

No cerne dessa estratégia de adotar a autocensura para evitar problemas... organizações implementaram táticas parecidas. É importante pontuar que tal prática preservava as empresas, mas também fazia delas colaboradores de um esquema repressivo. Ou seja, ao não querer perder os “dedos”, acreditavam estar cedendo apenas alguns anéis. Infelizmente, contudo eram os telespectadores e/ou leitores que “pagavam a conta” da desinformação. Manter a estrutura no ar ou o jornal nas bancas, mesmo que autocensurado, para esses empresários de comunicação era um preço (menor) a ser pago. Os fins justificariam os meios. Nessa direção, esquema semelhante... foi adotado pela Editora Abril... (p.190)

Ao expor a existência desse tipo de negociação entre a Editora Abril, complexo de comunicação que lançou a revista *Veja* e o governo, Kushnir (2004) fala sobre a existência de correspondências endereçadas a indivíduos ligados à empresa com convites para ministrar cursos para censores. A autora cita inclusive uma correspondência de agradecimento a Vitor Civita, diretor-geral da Editora Abril, por palestras ministradas em cursos de censor. A própria revista *Veja* em 1970 cita uma visita de Vitor Civita ao presidente através de duas fotografias e sua legenda. Uma das imagens é do encontro dos dois, a outra é da cabeça de Médici esculpida,

que foi estampada na capa da edição posterior à comemorativa pelo Tricampeonato, publicada em 01 de julho de 1970 (duas semanas antes da edição em questão). A escultura, segundo a revista, teria sido entregue ao presidente por Civita, conforme enuncia a legenda, seqüência transcrita abaixo:

13. O presidente Emílio Garrastazu Médici recebeu em Brasília o diretor e editor da Abril, Victor Civita, que durante a audiência lhe ofereceu a cabeça esculpida por Ilie Gilbert para a capa de VEJA nº 95 (Veja nº 97 de 15.07.1970, Carta ao leitor, p. 15).

Junto à Carta ao leitor, havia uma fotografia do encontro do diretor-geral da Abril e Médici.

20 ANOS Editora Abril
 Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
 Diretores: Edward de Silva Faria
 Carlos de Castro
 Conselho Editorial: Edward Faria, Antonio Giarola, Luis Carlos de Castro, Carlos de Castro, Victor Civita

veja

MÉDICO
 Victor Civita

Carta ao leitor

Entre o artigo de um ex-ministro, conhecido por suas brilhantes e argutas observações e por sua inesgotável erudição, o artigo de um combativo jornalista carioca, conhecido por sua coragem pessoal e por suas ousadas denúncias, e uma reportagem de VEJA, a malícia dos alunos da cadeira de Desenvolvimento Econômico da Faculdade de Economia e Finanças da UFRJ escolheu a reportagem como tema de um trabalho escolar sobre o capital estrangeiro no Brasil. O professor da cadeira, Américo Reis, diz: "Atribuo a razão da preferência à maior facilidade que os alunos encontraram em comentar a matéria de VEJA, escrita num estilo leve e com considerável quantidade e precisão de informações". E acrescenta: "Eu li VEJA com o mesmo prazer que me dá um bom romance" (página 41).

Trindade fica no litoral fluminense, entre São Paulo e Rio — mas os seus habitantes, com raríssimas exceções, conhecem essas duas cidades só "de ouvir falar". O repórter Nello Pedra Gandara e o fotógrafo Carlos Namba foram à procura de Trindade, 35 quilômetros de

morros, lama, pedra e mata ao norte de Parati, antes que lá chegasse uma comissão nomeada pelo governo fluminense para levantar as condições de vida no povoado esquecido. Na página 52 o repórter e o fotógrafo de VEJA mostram a vida primitiva e precária da gente de Trindade, que ignora a coca-cola e a televisão e chama o visitante de "irmão" em conversas recheadas de citações dos Evangelhos. Enquanto isso, nevava em Santa Catarina (página 57); as bôlbas do Rio e de São Paulo passavam por momentos de euforia e perplexidade (páginas 34 e 79); executivos brasileiros voavam na rota de bons negócios em seus aviões e helicópteros (páginas 40 e 55); o Ministro Cime Lima voltava com boas notícias do Nordeste (página 27); José Soares, o gordo, preparava um novo programa de TV ao lado de Renato Cortê Real, o magro (página 72); uma brasileira participava de uma importante experiência científica no fundo do mar (página 62); e alguns moços, ex-integrantes de bandos terroristas, descobriam e declaravam que o caminho da subversão não leva a nada (página 16).

M.C.



Índice

AMBIENTE	52	GENTE	65
BRASIL	16	HUMOR	12
CARTAS	10	INTERNACIONAL	43
CIÊNCIA	62	INVESTIMENTOS	79
CIDADES	54	LITERATURA	70
CINEMA	76	MEDICINA	64
DATAS	67	MÚSICA	69
ECONOMIA E NEGÓCIOS	34	TEATRO	67
ENTREVISTA	3	TELEVISÃO	72
ESPORTE	58	VIDA MODERNA	55

15/7/70

Imagem nº 3, Veja nº 97 de 15.07.1970, Carta ao leitor, p. 15.

As informações sobre o encontro e a fotografia estampada na Veja constroem

sentidos comuns, relativos à negociação entre o governo, a *Editora Abril* e a *Veja*, que, inclusive, além de noticiar o encontro, trouxe estampada a fotografia do acontecimento, assim como uma fotografia da estátua oferecida ao presidente.

A memória que se construiu sobre o ofício de jornalista durante o regime militar foi a de um jornalismo combativo que fazia oposição às medidas autoritárias do governo. Contrariando essa memória, está a relação exposta acima entre a *Veja* e o governo. Decerto uma grande parcela dos jornalistas atuou na resistência, mas grande parte dos veículos de comunicação agiu em acordo com as intenções governamentais. As frequentes preocupações do governo com a divulgação das informações e a repressão às oposições deram mais valor à atuação desses profissionais. Com isso, se construiu uma memória de que o jornalismo como um todo teria sido combativo, atuante e contrário ao regime militar em defesa de valores democráticos, o que, como podemos perceber pelo que foi aqui apresentado, nem sempre ocorreu.

A existência da censura e a propaganda ideológica oficial agiam na tentativa de estruturação de um discurso institucionalizado. Os governantes buscavam construir um discurso *único*, emanado do regime, que pudesse ser reproduzido nos órgãos de comunicação e na sociedade como um todo. As estratégias do governo não tiveram a eficácia esperada. No entanto, as relações da imprensa e da *Veja* com o governo militar sentiam o impacto dessas estratégias e eram influenciadas pelo discurso produzido pela estrutura de controle de informação estabelecida durante o regime. O governo tentava transmitir a imagem do consenso, de que não havia conflitos na sociedade brasileira, e de que o país estava no caminho certo. E esse veículo da imprensa, por seu turno, não se furtou a propagar os ideais nacionalistas e ufanistas.

3. A imprensa e o esforço pelo consenso social durante o regime militar: a construção de sentidos sobre o futebol na revista *Veja*

*... Um gol na Seleção é diferente.
Final, estão defendendo o Brasil...*

(Veja n° 81 de 25.03.1970, O estranho jôgo do futebol, p. 34).

Considerando a visibilidade da imprensa na contemporaneidade e o importante papel assumido pela mídia no estabelecimento da memória oficial, o uso de jornais e revistas como fontes para análises tem se tornado cada vez mais relevante e frequente. Quando constrói sentidos sobre os acontecimentos, o discurso jornalístico coloca em evidência uma memória sobre seu funcionamento, pela qual seus enunciados são aceitos como verdadeiros.

Esse capítulo tem o objetivo de apresentar análises das estratégias discursivas utilizadas pela revista *Veja* para construir a relação entre o regime militar e o futebol em 1970. A apropriação do futebol como fator constituinte da identidade do brasileiro, tanto pelo governo como pela imprensa, ocorreu inúmeras vezes durante a ditadura militar. Era veiculado um modelo de comportamento para o povo brasileiro, no qual o esporte aparecia como importante elemento. A análise proposta tem a intenção de compreender os sentidos produzidos (e reproduzidos) por esse discurso.

Inicialmente, é mostrado como, a partir de processo de leitura e interpretação dos materiais, se realizaram a seleção dos documentos e a delimitação do *corpus* da pesquisa.

Em seguida, foi desenvolvida a análise visando compreender como o discurso da *Veja* organiza os sentidos para significar o futebol, a imagem do governo e a relação existente entre esses dois elementos: o primeiro, constituinte do sentimento de brasilidade; e o segundo, de importância evidenciada para os governantes do período.

3. 1. O *corpus* da pesquisa

A análise realizada nesta dissertação busca examinar a forma como foi

construída discursivamente a relação entre o futebol e a imagem do governo na revista *Veja* no ano de 1970 e como o seu discurso significou o esporte e a identidade nacional brasileira. O estudo dessa questão nos auxilia a verificar as redes de produção de sentido constituídas, levando em consideração as condições históricas específicas do momento, das quais se pode destacar a incidência de censura aos meios de comunicação, a repressão às manifestações de oposição e a conformação dos discursos da mídia, entre outros aspectos.

Visando à produção da análise, foi necessária a constituição de um *corpus* formado pelo material que deu base ao exame da questão em estudo. Considerou-se que a análise se inicia no momento da seleção dos documentos que serão utilizados. Como afirma Orlandi (1999), "... decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas" (p. 63). A seleção aplicada no ato de construção do *corpus* se caracteriza como um gesto interpretativo necessário ao trabalho de análise.

Na delimitação do *corpus* foi realizada a distinção entre um *corpus* de análise e um *corpus* de arquivo, considerando que todo discurso se constrói em relação, ou melhor, está sempre relacionado com um discurso anterior e outro posteriormente proferido. O de análise propriamente dito constitui-se de recortes de sequências discursivas realizados em 35 (trinta e cinco) matérias selecionadas e 4 (quatro) capas (quadro 1. Matérias selecionadas para constituir o *corpus* de análise, a seguir). As demais matérias, bem como outros materiais, a seguir especificados, constituem o *corpus* de arquivo.

No processo de seleção do *corpus* de análise foram inicialmente examinados, de cada uma das 52 (cinquenta e duas) edições da revista *Veja* publicadas no ano de 1970, as capas e os editoriais – considerando que a partir dessas duas materialidades a revista construía o seu perfil –, e as seções *Esporte* – pois a pesquisa pretendia olhar o tratamento dado ao futebol pelo discurso da revista.

No decorrer da leitura, no entanto, foi possível perceber que o tema do futebol transcendia a seção referente aos esportes, sendo assunto em todas as seções da revista. Em muitos momentos, por exemplo, o esporte era tratado na seção *Brasil* – que, iniciada na primeira página depois do índice, tinha como característica marcante a apresentação dos acontecimentos políticos do país, do cotidiano do governo e das medidas adotadas pela estrutura governamental na semana anterior à publicação. Na seção eram comuns comentários de Médici sobre o esporte e a

seleção brasileira demonstrando a importância dada ao esporte como elemento de identidade do povo.

Constatado que o tema futebol podia ser encontrado em várias seções da revista, o segundo movimento para a construção do *corpus* de análise visou ao levantamento de matérias em que a *Veja* trazia a temática do futebol, e, em especial, da seleção brasileira, além de textos que abordavam questões relacionadas à imagem do governo e à do presidente Emílio Garrastazu Médici. Foi nesta etapa que foram selecionadas as 35 (trinta e cinco) reportagens e 4 (quatro) capas para constituir o *corpus* de análise, como vemos a seguir no quadro.

Quadro 1. Matérias selecionadas para constituir o *corpus* de análise⁷

Título	Data e página da <i>Veja</i>	Anexo e página
<i>Substituindo o violino – O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo</i>	14.01.1970, p. 26	Anexo 1, p. 179
<i>Do Presidente: ontem, hoje e amanhã</i>	14.01.1970, p. 26	Anexo 2, p. 182
<i>Medici: a imagem</i>	28.01.1970, p. 20	Anexo 3, p. 184
<i>O Morumbi, enfim</i>	28.01.1970, p. 61	Anexo 4, p. 186
<i>A garra das feras</i>	04.03.1970, p. 21	Anexo 6, p. 190
<i>O PRESIDENTE – A decisão firme</i>	18.03.1970, p. 24	Anexo 8, p. 194
<i>O FUTEBOL DOS CARTOLAS</i>	25.03.1970, capa	Anexo 9, p. 196
<i>O ESTRANHO JÔGO DO FUTEBOL</i>	25.03.1970, p. 34-41	Anexo 10, p. 198
<i>O PRESIDENTE – A fé do torcedor</i>	06.05.1970, p. 20	Anexo 12, p. 208
<i>Um alegre começo</i>	10.06.1970, p. 49-54	Anexo 15, p. 214
<i>Elementar, caro Ramsey</i>	10.06.1970, p. 55-58	Anexo 16, p. 221
<i>A camisa número 12</i>	10.06.1970, p. 60-64	Anexo 17, p. 226
<i>Uruguai, vinte anos depois</i>	17.06.1970, p. 47-49	Anexo 18, p. 232
<i>Festividade e conflito</i>	17.06.1970, p. 54-56	Anexo 19, p. 234
<i>BRASIL, PARA SEMPRE</i>	24.06.1970, capa	Anexo 20, p. 238
<i>O PRESIDENTE – Casas e música</i>	24.06.1970, p. 23	Anexo 21, p. 240
<i>A ilusão dos uruguaios</i>	24.06.1970, p. 39-45	Anexo 22, p. 242

⁷ Nesse quadro foi mantida a formatação dos títulos, conforme publicado nas edições da revista *Veja* de 1970.

<i>A taça do futebol de ouro</i>	24.06.1970, p. 47	Anexo 23, p. 247
<i>Futebol de exceção</i>	24.06.1970, p. 51-54	Anexo 24, p. 249
<i>A NOVA IMAGEM DE MEDICI</i>	01.07.1970, capa	Anexo 25, p. 256
<i>Carta ao leitor</i>	01.07.1970, p. 17	Anexo 26, p. 258
<i>A imagem do sucesso</i>	01.07.1970, p. 18-23	Anexo 27, p. 260
<i>O sucesso da imagem</i>	01.07.1970, p. 24-29	Anexo 28, p. 267
<i>A maioria silenciosa</i>	01.07.1970, p. 30	Anexo 29, p. 274
<i>O PRESIDENTE – Uma boa semana</i>	08.07.1970, p. 16	Anexo 30, p. 276
<i>E a taça?</i>	15.07.1970, p. 10	Anexo 32, p. 281
<i>Ame-o ou deixe-o</i>	05.08.1970, p. 07	Anexo 34, p. 286
<i>Não o deixe</i>	14.10.1970, p. 08	Anexo 35, p. 288
<i>Um ano de Medici – O ESTILO DO GENERAL NOS ATOS DO PRESIDENTE</i>	04.11.1970, p. 17	Anexo 36, p. 290
<i>Ame-o, e ninguém o segura</i>	23.12.1970, p. 10	Anexo 37, p. 295
<i>SEQÜESTRO: A FIRME POSIÇÃO DO GOVÊRNO</i>	30.12.1970, capa	Anexo 38, p. 297
<i>O PRESIDENTE – Alegria de Natal</i>	30.12.1970, p. 20-21	Anexo 39, p. 299

No *corpus* de arquivo foram agrupados todos os textos selecionados na revista *Veja* durante o trabalho de pesquisa desenvolvido na Biblioteca Central do Gragoatá, na Universidade Federal Fluminense, e na Biblioteca Nacional. Também constituirão este *corpus* a Lei n° 3.199/41, editada no Estado Novo, que regulava a prática esportiva, a Lei n° 6.251/75, a Lei n° 6.354/76 e a emenda à Constituição de 1967, que atribuía à União competência para legislar e estabelecer normas gerais sobre o desporto; além dos discursos de Médici, proferidos em 1969, reunidos no livro *O Jôgo da Verdade*.

O estabelecimento do *corpus* e sua divisão em dois tipos, de análise e de arquivo considerou que todo discurso estabelece relações com o que foi dito antes e que sua enunciação prepara o caminho para que outros possam ser proferidos. A decisão de considerar um *corpus* de arquivo além do de análise visa à recuperação tanto de sentidos construídos, quanto da memória produzida pelos discursos do período; pretende ainda possibilitar uma compreensão mais ampla, mais coerente e de melhor qualidade, onde os gestos de interpretação não sejam restringidos em virtude da delimitação dos documentos com os quais se irá trabalhar. Esta

investigação não teve como objetivo a exaustividade e a completude, pois o objeto é inesgotável e todo discurso se constrói a partir da incompletude. A pesquisa desenvolvida nessa dissertação é uma interpretação possível do *corpus*, uma análise entre outras. O objeto pode ser explorado de diversos pontos de vista teóricos, metodológicos e de recortes distintos. Nessa lógica, Orlandi (1999) explica:

Um vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição. E isto não tem a ver com a objetividade da análise mas com o fato de que todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos. Por isso o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes tomadas que fazemos do corpus, relativamente à questão posta pelo analista em seus objetivos. Isto conduz a resultados diferentes (p. 64).

Seguindo esse entendimento, será apresentada a seguir a análise na qual foram mapeados sentidos encontrados na *Veja* de 1970 sobre o futebol e a relação entre o esporte, o discurso da revista e a estrutura política vigente no período.

3. 2. Mapeando sentidos: aproximações para a análise de construções discursivas da revista *Veja*

A análise foi organizada a partir das redes de sentido depreendidas no decorrer da leitura dos textos devido à recorrência de marcas discursivas e a seu alinhamento a determinadas formações discursivas.

Nos itens a seguir são apresentadas as principais redes de filiação de sentidos que emergiram da leitura da materialidade linguística, verbal e imagética analisada.

3. 2. 1. Futebol e disputas de poder

Apesar da vigência da ditadura com estratégias políticas de direita e da militarização do governo em 1964, desde 1969, a seleção brasileira de futebol era preparada por um técnico declaradamente comunista, o jornalista e radialista João Saldanha. Aquino (2002) comenta a escolha do cargo de técnico da seleção

brasileira em plena ditadura militar:

Como explicar que, na época mais repressora da ditadura militar, fosse convidado um indivíduo conhecido por seu posicionamento comunista? Essa escolha torna-se compreensível se levarmos em conta que a CBD vinha sendo alvo de críticas contundentes. Os erros e o fracasso na Copa do Mundo de 1966 vieram à tona e deixaram a cúpula da CBD em posição difícil. Como Saldanha era um comentarista de grande prestígio nos meios esportivos e bastante popular entre os amantes do futebol, a CBD apelou para tal jogada política. A responsabilidade do que acontecesse passaria a ser do treinador. (p. 90)

A escolha de Saldanha teria atendido ao critério de sua popularidade como comentarista esportivo no meio do futebol, além da lógica de que após a derrota de 1966, eram necessárias medidas efetivas para a melhora da equipe.

O técnico, que havia sido fichado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), um dos principais órgãos da repressão do governo militar, desenvolveu um bom trabalho na seleção e conseguiu classificar o time para a Copa do México. Apesar de obter a classificação, Saldanha foi demitido do cargo em março de 1970, poucos meses antes do início do campeonato mundial de seleções.

Havia indícios de desgaste nas relações do treinador com membros da Confederação Brasileira de Desporto (CBD). Além disso, Saldanha se envolveu numa série de episódios polêmicos, entre os quais se destacam o fato de o treinador ter afirmado que Pelé tinha problemas de visão, assim como o surgimento de histórias sobre atritos do técnico com o próprio general-presidente. Essas versões propagavam a ideia de que Médici queria que o jogador de futebol Dario, atacante do Atlético Mineiro, fosse convocado para a seleção que iria à Copa, contrariando as escolhas do técnico. O presidente realmente deu entrevistas elogiando o jogador⁸, respondidas por Saldanha com o seguinte comentário: “Vamos fazer um acordo. Eu não escalo o seu ministério e o senhor não se mete com a minha seleção” (Aquino, 2002, p. 91).

Em março de 1970, o técnico que preparou a seleção para a Copa de 70 foi substituído por Mário Jorge Lobo Zagalo. O novo treinador assumiu o cargo recebendo bons comentários e elogios nas páginas da revista *Veja*, como indica o título de um quadro da reportagem da edição nº 81 de 25.03.1970: *A nova seleção joga com a sorte de Zagalo* (p. 41). O enunciado deixa transparecer um sentido de que a troca de técnico teria sido uma decisão acertada.

⁸ Ver *Veja* nº 87 de 06.05.1970, *O presidente – A fé do torcedor*, p. 20, Anexo 12.

Em 25.03.1970, após a saída de João Saldanha do cargo de treinador da seleção brasileira, a edição nº 81 da *Veja* publicou uma grande matéria que falava sobre o futebol e as questões políticas que envolviam o esporte. A manchete de capa era *O futebol dos cartolas*.

A capa da revista tinha as principais cores da bandeira brasileira, tomadas como sinônimo de brasilidade, o amarelo ao fundo e o verde na inscrição *Veja*. A imagem contava ainda com uma imensa cartola, João Saldanha saindo do carro e como se estivesse também saindo de dentro da cartola. Um homem o fotografava e na imagem há outro homem atrás da cartola. Destaque-se que na montagem, de fundo colorido, as fotografias de Saldanha, dos dois homens e do carro estão em preto e branco.



Imagem nº 4, *Veja* nº 81 de 25.03.1970, *O futebol dos cartolas*, capa.

A fotografia produz efeitos que mantêm uma relação consensual com o discurso textual⁹, mas abre espaço para outros sentidos. A imagem remete à cartola do mágico, dentro da qual há sempre surpresas, produzindo o efeito discursivo de que não se sabe o que há no futebol dos cartolas. A capa é uma autoconstrução do sujeito discursivo, revista e imprensa, narrando os fatos relativos à saída de Saldanha de fora dos acontecimentos, tendo em vista que o fotógrafo, ícone do repórter, está fotografando à distância a saída de Saldanha (do carro na imagem) do cargo de técnico da seleção brasileira.

A reportagem, que tem como título *O estranho jogo do futebol*, onde se destaca a polissemia do termo “jogo”, fala sobre os meandros do futebol brasileiro, abordando seus embates políticos, e faz um histórico dos acontecimentos que vai até a demissão do treinador que classificou a seleção para a Copa.

O texto constrói sentidos associados a disputas de poder, que são no decorrer da reportagem relacionados com a demissão de Saldanha, e termina desqualificando a figura polêmica do treinador. Destacam-se sentidos relativos à obscuridade das decisões e à exploração dos jogadores pelos dirigentes de futebol. A reportagem traz fotografias que sinalizam essas construções relativas à falta de transparência existente no meio: pequenos grupos conversando, cochichos, homens de terno, rostos tensos, formalidade.

⁹ Ver *Veja* nº 81 de 25.03.1970, *O estranho jogo do futebol*, p. 34-41, anexo 10.

O ESTRANHO JÔGO DO FUTEBOL

Uma estranha formação de homens brancos, ruidosamente pelo gramado verde — o "green" do Lushan Golf Club. Na linha de frente, como um desordenado regimento, rows de costas de fotografias, estimuladas pelos palcos dos que perdiam a melhor posição para os seus objetivos. Depois, mais grupos compactos e imaturos, vêm os repórteres de rádio, armados de complicadas combinações de fios, microfones e gravadores — alguns detras de mãos anônimas pela primeira palavra do vis-

ante que todos exprimam. Finalmente, marcha o médio negro, alto e forte, em sorriso glorioso de conquista primum inter omnes. Toda a multidão não consegue fotografá-lo, os radiolistas não conseguem ouvir e o médio visitante não consegue dizer palavra nenhuma. Porque agarrado à sua cintura caminha um homem baixo, de olhos pretos e nariz grande, abalado num termo de fadado green — apesar do estêreo e do calor carvão. "Quem é ele?", perguntam-se todos, perplexos. Em

cidade desconhecida se vê: "Fôdo Fonseca do clube Atlético Mineiro" — porque "chapa édo" entalhado em a perspectiva de ser "cartola" (?) É o próprio dirigente carioca: "Eu aqui entregar meu jogador Dario ao técnico Zagari, pessoalmente". Insuficiente o comentário, os jogadores da Seleção Brasileira continuam seu último treino físico antes do jogo de domingo marcado contra o Chile no estádio de Maracanã. Eles comemoram as cartolas e sabem que as oportunidades faltam — mas não tardam.

Gramado de tapete

Na Terra dos Cartolas, até o que se respira é diferente. Acomodados em seus leitos regionais, quase sempre por muitos anos. Eles vivem mais tempo nos confortáveis escritórios de tapetes felpudos e longas escrivaniabas, do que nos gramados de futebol. Se os atletas lutam diariamente por um salário melhor, ou por uma simples promoção, o trabalho dos cartolas nunca ultrapassa as portas gasosas de seus gabinetes. Ali, tranquilizados pelo ambiente agradável dos condicionadores de ar, uma atmosfera tão limpa que resaca as gargantas, preparam seus futuros num jogo que pode valer desde o mais puro acesso até a mais incrível competição.

O sector dessa fantástica terra tem nome comprido e portoso como os de reis. Jean-Marie Faustin Godet e Havelange, 57 anos, ganhou o póster pelos mesmos motivos que podem determinar agora a sua queda, a derrota do Brasil em duas Copas do Mundo. O fracasso de 1950, por causa do oitimismo, e a desorganização em 1954 tinham deixado o sôdo à ilva de Rivaldivia Cotzica Meyer, então presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos). E uma campanha liderada por um jovem, João Havelange, colheu no treno Silvio Cordeiro Pacheco. O reinado de Pacheco, cartola inexpressivo, dura apenas dois anos.

Em 1957, quando o antigo anão deusa da reeleição, Havelange, cartola quase nãdo, resolve apoiar sua própria candidatura.

Como nos velhos tempos medievais.

onde o poder e o domínio eram decididos pela hereditariedade, a CBD continua com Havelange até hoje — depois de mais cinco eleições e apesar das amargas desclassificações em 1966.

O ano da Copa na Inglaterra fica um período duro para Havelange, esportista acostumado às glórias da juventude — destacou-se como um bom jogador e um bom jogador de pólo aquático. Ele havia sido assistido de Paulo Machado de Carvalho, chefe das delegações campeãs.



Doutor Paulo no último dia de Copas

de 1958 e 1962, marginalizando os paulistas do comando nacional do futebol. No ano de 1967, como um pecador arrependido, Havelange procura novamente o apoio do velho Paulo. Quase ninguém acredita na reconciliação. Afinal, durante esse ano e ano anterior recebeu duas vezes a imprensa suas críticas ao advento do momento. No entanto, os que lidam com o futebol não são bonzinhos como os outros. E o reconhecimento se dá

num ambiente de estranha erosião, litúrgicas e promessas de confiança eterna. "Havelange sempre ao lado de João Havelange, para trabalhar pelo futebol brasileiro", afirma, comovido, Paulo Machado de Carvalho. E João Havelange, emocionado, responde: "Nunca mais divergimos".

O Marçal da Vitória, título eterno concedido a Paulo Machado de Carvalho, é oficialmente declarado chefe da mais recente Seleção Brasileira (que excursionaria à Europa em 1968 e participaria das eliminatórias para a Copa do México em 1969). E Amador Moreira, também preferido por Havelange em 1966 (no seu lugar, vigia Vicente Fiala, o técnico de 1958) é nomeado técnico do selecionado.

De qualquer modo, nesse ambiente surrealista de selórios e conspirações simultâneas, a confiança mais sólida precisa ser sempre mais solidária entre os brivores.

Quando uma Seleção de novos jogadores, que disputaria a Taça Rio Branco (contra o Uruguai, em Montevideo) e inventaria uma 11ª marcha de junho, o comando da delegação cai nas mãos de Cantor de Andrade, cartola do Banco Atlético Clube e do jogo do bicho. Na volta da excursão, quase todos os jornais do Rio dizem que Paulo Machado de Carvalho perdeu seu lugar para Cantor.

De seu castelo paulista, a TV-Record, o "marçal da vitória", brada: "Deu 500.000 cruzeiros (velhos) a quem me provar que a notícia é verdadeira". De seu castelo carioca, a CBD Havelange retruca: "Paulo, não se preocup, estou com você". Finalmente, no

(?) Cartola: nome, não necessariamente pejorativo, pelo qual são chamados os dirigentes de federações de clubes esportivos, principalmente de futebol.



Paulo Machado de Carvalho e Amador Moreira (acima), companheiros de Seleção, em 1962, encontraram-se de novo em 1967. E o técnico brava o apoio do presidente da CBD (à direita).

A esquerda, o abraço de Havelange em seu amigo Paulo Machado de Carvalho. Quando o marçal saiu, Amador do Passo Interim, estava pronto para ser chefe da Comissão Técnica.

No lugar de Amador entrou Saldanha (acima). No lugar de Saldanha entrou Zagari (ao lado, ouvindo o Passal).

Imagem nº 5, Veja nº 81 de 25.03.1970, O estranho jôgo do futebol, p. 34-35.

A matéria retoma o termo cartola, utilizado na capa, e em uso até os dias atuais para denominar os dirigentes de futebol. Há várias explicações para a utilização do termo, que teria sido adotado no Brasil porque os dirigentes dos clubes se vestiam de maneira luxuosa, utilizando cartolas, passando a ser denominados pelo nome do acessório. Outra versão afirma que caricaturas de imprensa representavam os novos ricos como senhores de cartola, fraque e charuto e, através dessa associação, cartola passou a denominar os dirigentes de futebol que enriqueceram na administração de clubes. No entanto, a matéria tem a preocupação de explicar o termo numa nota de rodapé:

14. Cartola: nome, **não necessariamente pejorativo**, pelo qual são chamados os dirigentes de federações de clubes esportivos, principalmente de futebol (Veja nº 81 de 25.03.1970, O estranho jôgo do futebol, p. 34, grifos nossos).

O destaque à expressão "não necessariamente pejorativo" e a preocupação que a revista teve de fazer o esclarecimento produzem um efeito de sentido exatamente contrário, marcando a negatividade do termo. A denominação cartola é

utilizada com a intenção de produzir esse sentido, visto que o termo é definido como “*pej. dirigente de clube ou de qualquer outra entidade esportiva, visto ger. como indivíduo que se aproveita de sua posição para obter ganhos e prestígio*” (Houaiss e Villar, 2001, p. 638). Via de regra, o termo usado para referência aos dirigentes dos clubes não marcado para a depreciação é *dirigente*. Além disso, a reportagem, contradizendo a nota, constrói uma imagem dos dirigentes altamente desfavorável utilizando expressões como *feudos regionais, confortáveis escritórios com tapetes felpudos, velhos tempos medievais, poder e domínio decidido por hereditariedade*, como veremos a seguir. Por outro lado, a nota de rodapé com a definição de cartola é uma estratégia discursiva onde a revista se coloca numa posição de neutralidade.

15. Na Terra dos Cartolas, até o ar que se respira é diferente. Acomodados em seus feudos regionais, quase sempre por muitos anos, eles vivem mais tempo nos confortáveis escritórios de tapetes felpudos e longas escrivaninhas, do que nos gramados do futebol. (...)

Como nos velhos tempos medievais, onde o poder e o domínio eram decididos pela hereditariedade, a CBD continua com Havelange até hoje – depois de mais de cinco eleições e apesar da amarga desclassificação em 1966 (Veja n° 81 de 25.03.1970, O estranho jogo do futebol, p. 34).

Com os subtítulos *De fera a formiga* e *A voz mais alta*, os dois últimos tópicos da reportagem de 25.03.1970 tratavam diretamente do período em que Saldanha esteve sob o comando da seleção e do momento em que foi demitido. Do primeiro trecho se ressalta a seguinte sequência:

16. No Rio, dois veteranos jogadores, bicampeões do mundo, duvidaram da capacidade do técnico e sempre mantiveram essa opinião: Nilton Santos e Garrincha. Além das dúvidas que deixou publicar, Nilton disse a amigos: “Os jogadores não vão confiar nele. Sabem que, quando ele sair, voltará a escrever em jornais, e quem garante que não vai contar o que viu? E, se os jogadores não confiarem, derrubam o técnico: o jogo é decidido por eles, dentro do campo”.

A previsão pessimista parecia ter lógica, mas os resultados a desmentiam. Aparentemente, João Saldanha somava pontos junto aos jogadores, apoiando-os mesmo em atos de indisciplina, como no conflito do Maracanã, no jogo do Peru (quando pela primeira vez foram chamados de “feras do João”). (Veja, n° 81 de 25.03.1970, O estranho jogo do futebol, p.39, grifos nossos)

Ao dar voz a Nilton Santos e a Garrincha, dois jogadores consagrados, bicampeões mundiais, e utilizar palavras afirmando o que o primeiro teria dito a amigos, a revista tenta legitimar seu dizer, desqualificando mais uma vez João Saldanha. Destaque-se que embora a *Veja* se aproprie do discurso do jogador, a

utilização de aspas é um recurso discursivo que marca a fala do outro, deixando claro que não é a revista que fala. O texto continua sua investida contrária ao treinador, reportando que o primeiro com quem Saldanha se desentendeu foi o capitão José Bonetti e, mais uma vez, a preparação mantida por Saldanha foi colocada em questão.

17. ... o Capitão José Bonetti, assessor de Passo por imposição de Havelange. *Bonetti foi o primeiro com quem Saldanha se desentendeu: discutiram sobre preparo físico em Bogotá. (...)*

A imprensa perseguiu Bonetti, mas sem resultado: “Quem sou eu para falar de Saldanha? A imprensa iria ficar sempre contra mim. Adiantaria eu dizer que ele não entende nada?”

Tudo está bem, quando caminha bem. *A Seleção se classificou, ninguém se importou com o resultado fraco do último jogo, contra o Paraguai, 1 a 0 só, e no Maracanã. (...)*

Na terça-feira passada, Saldanha caiu. Antes, sabendo que seria demitido, barrou Pelé (que realmente não vinha jogando bem). À noite, um repórter da Rádio Bandeirantes de São Paulo, falando da redação de “O Globo”, informou às 21 horas que Saldanha lhe dissera: “Pelé tem uma lesão gravíssima”. Mas o repórter não conseguiu explicar que lesão seria essa (Veja, nº 81 de 25.03.1970, O estranho jogo do futebol, p. 39, grifos nossos).

Com a frase *Tudo está bem, quando caminha bem*, a sequência produz sentidos que significam que Saldanha não era qualificado e só se manteve no cargo enquanto a seleção obtinha bons resultados. Quando os resultados ruins apareceram, o treinador foi questionado e demitido. Por fim, no texto da *Veja*, Saldanha é desqualificado por não ter convocado Pelé, considerado o melhor jogador de futebol do mundo. De acordo com a revista, o técnico justificou a não convocação do jogador com a afirmativa de que ele tinha uma lesão, mas, segundo a *Veja*, o jogador *realmente não vinha jogando bem*.

Da sequência é possível destacar ainda efeitos de sentido que evidenciam um caráter de intervenção na seleção. Além de citar que a equipe contava com a presença de um capitão do exército, José Bonetti, a reportagem afirma que o militar estava no cargo devido a uma imposição de João Havelange, um importante nome no esporte brasileiro até os dias atuais, que sempre esteve envolvido nas questões políticas relativas à prática esportiva. Em seguida, no subitem *A voz mais alta*, a reportagem apresenta de forma clara a intervenção do governo no futebol, o que teria ocorrido também no caso da demissão de Saldanha.

18. A voz mais alta

*A ascensão e queda de Saldanha tinha tudo para ser mais uma questão resolvida e encerrada nas discussões dos baronetes do futebol. A Comissão fôra dissolvida e reconvocada com Zagalo e o caso ia sendo encerrado na Terra dos Cartolas, **quando uma voz mais alta se levantou. O governo federal (...) entrou energicamente na questão, para controlar a polêmica.** O ministro Jarbas Passarinho (...) **quis saber o que estava acontecendo e tomar providências para que não acontecessem muitas outras coisas. Além do interesse comum de ver o Brasil ganhar a Copa, Passarinho tem a preocupação particular de impedir que a imagem do governo seja comprometida.** Para Havelange, isso foi uma surpresa. Juscelino, Jânio Quadros, João Goulart, Castelo Branco e Costa e Silva mantiveram-no na presidência da CBD enquanto êle exercia sua autoridade absoluta. (...)*

*... os baronetes sabem que só lhes resta a alternativa de conquistar a Jules Rimet... Havelange prometeu ao ministro, aos chefes das casas Civil e Militar e ao chefe do SNI um relatório completo da situação. Passarinho vai ouvir Saldanha nesta semana e, enquanto a Seleção se prepara, o **governo observa com maior atenção as coisas que se passam na estranha Terra dos Cartolas.** (...)*

*Para os jogadores e para o técnico Zagalo, é uma questão de valorização profissional. Para os torcedores, será uma fonte de prazer pessoal. **Para o governo, uma questão de prestígio e de zêlo.** Para os cartolas, porém, a manobra falhou e no México será jogada a sobrevivência de seus feudos. (Veja, nº 81 de 25.03.1970, O estranho jogo do futebol, p.40, grifos nossos).*

Como deixa claro o texto, a voz mais alta a que se referiam o subtítulo e o corpo do texto era o governo federal. Ao explicar que Havelange teria que fazer um relatório para diversos órgãos do governo, a revista propaga sentidos relativos à intervenção governamental no esporte. De acordo com a sequência, o governo agiu de maneira enérgica pelo interesse que todos tinha em comum. Os significados que emergem dessa afirmativa remetem ao fato de que torcedores, jogadores e governo partilhavam ideais como *ver o Brasil ganhar a Copa*. Ao governo importava também, nos termos da *Veja*, não ver sua imagem comprometida. Entre os sentidos explicitados pela reportagem está a boa intenção do governo, que agiu prontamente, levando em consideração os interesses de todos os brasileiros.

Não há como se confirmar se o presidente estava realmente empenhado na escalção de Dario. No entanto, era evidente que, frente à militarização e aos arbítrios que vinham sendo cometidos pelo governo, estava no ar a preocupação com o que Saldanha poderia falar em suas entrevistas fora do país, como explica Aquino (2002)

Comentou-se, na época, que a verdadeira razão da demissão de Saldanha, na noite de 17 de março, prendeu-se a questões políticas. Dizia-se, à boca pequena, que Saldanha levava para o exterior documentos denunciando a ocorrência de prisões arbitrárias, torturas e assassinatos de presos políticos. Violências que a ditadura sempre negou (p. 91).

As justificativas ligadas às questões políticas para a demissão de João Saldanha têm pertinência ao se considerar o momento de grande repressão política que o país vivia. No entanto, esse viés da questão não aparece no discurso da *Veja* no ano. Ao contrário disso, as reportagens enunciam sentidos que ratificam ideias de que o técnico teria sido demitido em virtude dos problemas que a seleção vinha experimentando sob o seu comando, conferindo efeitos de unidade e coerência a esses discursos.

Zagalo levou Dario para a Copa e a confiança do presidente Médici para o México.

19. Tenho muita confiança na Seleção, porque não a julgo pelos seus jogos aqui no Brasil. Trata-se de uma fase, com os jogadores procurando resguardar-se ao máximo, a fim de evitar o pior: a dispensa, por causa de uma contusão qualquer. A Seleção vai melhorar, estou certo disso (Veja nº 87 de 06.05.1970, O presidente – A fé do torcedor, p. 20, grifos nossos).

A afirmativa acima, retirada da reportagem *O presidente – A fé do torcedor*, foi a primeira matéria publicada na seção *Brasil* da revista do dia 06.05.1970, pouco antes da ida dos jogadores brasileiros para o México. O texto dá voz ao próprio general Emílio Garrastazu Médici e produz sentidos ligados à torcida, confiança, interesse e envolvimento do presidente da nação no futebol. A matéria contava com uma fotografia de Médici ao lado de Dario, com a legenda: *Confio nos seus gols*, corroborando com sentidos que afirmavam que o presidente tinha interesse em ver o jogador na seleção. A fotografia e sua legenda agem como um discurso que remete a questões relativas à demissão do técnico que preparou a equipe para o mundial.

BRASIL

O novo salário mínimo

Medici e Dario: como nos seus póis

O PRESIDENTE

A fé do torcedor

"Tenho muita confiança na Seleção porque não a julgo pelos seus jogos aqui no Brasil. Tronarei de uma festa, com os jogadores procurando requerdar-se ao máximo, a fim de voltar o país a disputar por causa de uma concessão qualquer. A Seleção vai melhorar, estou certo disso."

Chagas Freitas assinou o novo Estatuto Eleitoral. Medici, que, por ser também presidente da República, pôde eleger-se em qualquer um dos Estados, no Rio de Janeiro, no Rio. Como bom estadista, o presidente dirigiu-se a cada um dos jogadores de forma especial: usou a "carninha" de Governador, manifestou apreço aos jogadores de Dario, parabenizou pelo dia de Torralba e dispensou a apresentação a Pelé ("Este eu já conheço muito"). Evitou mencionar um campeonato estadual e foi apresentado pelo próprio presidente a Dona Sylvia: "Afinal de contas, ele vai representar o meu Grêmio no México".

Depois do almoço o presidente promoveu um jogo de cartas. Os jogadores do México compraram, cada um recebeu a concessão de pôquer de recebimento de apostas de Lázaro Espinosa.

Na quarta-feira, realizou de pé na mão, fazendo muito, o presidente assistiu ao jogo contra a Austrália, no Maracanã. No início do segundo tempo, ele já tinha uma opinião: "Essa coisa do Brasil é muito bom". Mais tarde, o Governador Neyrin de Lima, ao ir ao jogo, preferiu aguardar o gol de Rivellino (que acabou a vitória) para dizer: "Estou muito contente. É um jogo muito bom. Muito bom". O Brasil está

Memmo os políticos da oposição reconheceram e louvaram o tom do discurso presidencial. "Bólio, sem nada de demagogia", comentou o secretário geral do MDB, Adolfo de Oliveira "Magalhães", considerado a sanção política. Mem de Sá: "O trabalhador deixou de ser tratado como uma criatura a quem se exigia com promessas lindas", disse o Deputado Tourinho Dantas, da Arena da Bahia.

Justiça rápida — Com o projeto que já enviou ao Congresso Nacional, propõe a modificação da CLT, o presidente visa sobretudo a obter um mais rápido funcionamento da Justiça do Trabalho. Uma previdência simples será fundamental para conseguir esse aceleramento e dispensa da homologação das juntas de conciliação para as rescisões de contratos de trabalho, tarefa que passa a ser executada pelo sindicato. Com isso, eliminam-se mais de 50% dos processos que atualmente entram no trabalho das juntas. O projeto estabelece ainda um procedimento sumário para os direitos individuais de valorizar que dos salários mínimos, tornando inoperantes as sentenças provisórias.

Além das medidas tendentes a acelerar o processo judicial, o projeto dá aos sindicatos a incumbência de prestar assistência jurídica aos trabalhadores, não apenas aos seus filiados, mas a todos

Medici e Dario: como nos seus póis

O PRESIDENTE

A fé do torcedor

"Tenho muita confiança na Seleção porque não a julgo pelos seus jogos aqui no Brasil. Tronarei de uma festa, com os jogadores procurando requerdar-se ao máximo, a fim de voltar o país a disputar por causa de uma concessão qualquer. A Seleção vai melhorar, estou certo disso."

Chagas Freitas assinou o novo Estatuto Eleitoral. Medici, que, por ser também presidente da República, pôde eleger-se em qualquer um dos Estados, no Rio de Janeiro, no Rio. Como bom estadista, o presidente dirigiu-se a cada um dos jogadores de forma especial: usou a "carninha" de Governador, manifestou apreço aos jogadores de Dario, parabenizou pelo dia de Torralba e dispensou a apresentação a Pelé ("Este eu já conheço muito"). Evitou mencionar um campeonato estadual e foi apresentado pelo próprio presidente a Dona Sylvia: "Afinal de contas, ele vai representar o meu Grêmio no México".

Depois do almoço o presidente promoveu um jogo de cartas. Os jogadores do México compraram, cada um recebeu a concessão de pôquer de recebimento de apostas de Lázaro Espinosa.

Na quarta-feira, realizou de pé na mão, fazendo muito, o presidente assistiu ao jogo contra a Austrália, no Maracanã. No início do segundo tempo, ele já tinha uma opinião: "Essa coisa do Brasil é muito bom". Mais tarde, o Governador Neyrin de Lima, ao ir ao jogo, preferiu aguardar o gol de Rivellino (que acabou a vitória) para dizer: "Estou muito contente. É um jogo muito bom. Muito bom". O Brasil está

Como dia, outros dirigentes sindicais paucos manifestaram desinteresse. Mas nos regimes mais pobres onde a mão-de-obra "o pára, o mínimo é o salário da maioria, foi certamente atento a essa diferença que o governo concedeu os maiores índices aos Estados do nordeste.

Novos tempos — Com as medidas anunciadas, o Presidente Garrastazu Medici cumpre algumas promessas feitas aos trabalhadores, em São Paulo, no dia 25 de janeiro último. Naquela ocasião, ele já manifestara preocupação com a eficiência da Previdência, a lentidão da Justiça do Trabalho e a questão salarial.

SUCESSESÕES

O lugar do MDB

"Parágrafo. Primeira linha, abre aspas. O Governador Neyrin de Lima, após audiência com o presidente da República, procurado pelos representantes do clero e leigos... (seguem-se longas frases muito bem encadeadas dizendo que o presidente não teve nenhum nome da lista de cinco que lhe foi apresentada e que não intervirá nas eleições do MDB)... Fecha aspas. Ponto final."

"Agora, off the record, é o Chagas Freitas..."

O estadista autor do mandado tomou seu grande carro preto e desceu a ladeira do Palácio das Laranjeiras. Francisco Neyrin de Lima, governador da Guanabara, na quinta-feira da semana passada estava praticamente livre da última grande batalha de sua longa vida política. A batalha da própria sucessão. A proclamação das palavras que ditou aos jornalistas no Palácio refletiu a utilidade de todo o processo que lhe vinha

Medici e Dario: como nos seus póis

O PRESIDENTE

A fé do torcedor

"Tenho muita confiança na Seleção porque não a julgo pelos seus jogos aqui no Brasil. Tronarei de uma festa, com os jogadores procurando requerdar-se ao máximo, a fim de voltar o país a disputar por causa de uma concessão qualquer. A Seleção vai melhorar, estou certo disso."

Chagas Freitas assinou o novo Estatuto Eleitoral. Medici, que, por ser também presidente da República, pôde eleger-se em qualquer um dos Estados, no Rio de Janeiro, no Rio. Como bom estadista, o presidente dirigiu-se a cada um dos jogadores de forma especial: usou a "carninha" de Governador, manifestou apreço aos jogadores de Dario, parabenizou pelo dia de Torralba e dispensou a apresentação a Pelé ("Este eu já conheço muito"). Evitou mencionar um campeonato estadual e foi apresentado pelo próprio presidente a Dona Sylvia: "Afinal de contas, ele vai representar o meu Grêmio no México".

Depois do almoço o presidente promoveu um jogo de cartas. Os jogadores do México compraram, cada um recebeu a concessão de pôquer de recebimento de apostas de Lázaro Espinosa.

Na quarta-feira, realizou de pé na mão, fazendo muito, o presidente assistiu ao jogo contra a Austrália, no Maracanã. No início do segundo tempo, ele já tinha uma opinião: "Essa coisa do Brasil é muito bom". Mais tarde, o Governador Neyrin de Lima, ao ir ao jogo, preferiu aguardar o gol de Rivellino (que acabou a vitória) para dizer: "Estou muito contente. É um jogo muito bom. Muito bom". O Brasil está

Medici e Dario: como nos seus póis

O PRESIDENTE

A fé do torcedor

"Tenho muita confiança na Seleção porque não a julgo pelos seus jogos aqui no Brasil. Tronarei de uma festa, com os jogadores procurando requerdar-se ao máximo, a fim de voltar o país a disputar por causa de uma concessão qualquer. A Seleção vai melhorar, estou certo disso."

Chagas Freitas assinou o novo Estatuto Eleitoral. Medici, que, por ser também presidente da República, pôde eleger-se em qualquer um dos Estados, no Rio de Janeiro, no Rio. Como bom estadista, o presidente dirigiu-se a cada um dos jogadores de forma especial: usou a "carninha" de Governador, manifestou apreço aos jogadores de Dario, parabenizou pelo dia de Torralba e dispensou a apresentação a Pelé ("Este eu já conheço muito"). Evitou mencionar um campeonato estadual e foi apresentado pelo próprio presidente a Dona Sylvia: "Afinal de contas, ele vai representar o meu Grêmio no México".

Depois do almoço o presidente promoveu um jogo de cartas. Os jogadores do México compraram, cada um recebeu a concessão de pôquer de recebimento de apostas de Lázaro Espinosa.

Na quarta-feira, realizou de pé na mão, fazendo muito, o presidente assistiu ao jogo contra a Austrália, no Maracanã. No início do segundo tempo, ele já tinha uma opinião: "Essa coisa do Brasil é muito bom". Mais tarde, o Governador Neyrin de Lima, ao ir ao jogo, preferiu aguardar o gol de Rivellino (que acabou a vitória) para dizer: "Estou muito contente. É um jogo muito bom. Muito bom". O Brasil está

Imagem nº 6, *Veja* nº 87 de 06.05.1970, *O presidente – A fé do torcedor*, p. 20-21.

Ao construir sentidos relativos às disputas de poder, a revista destaca as tensões envolvidas não apenas na convocação de Pelé e de outros jogadores para a seleção e nas relações entre dirigentes e jogadores (considerando a exploração que esses últimos podiam sofrer), mas também os desacordos entre os dirigentes pelo poder nas federações e na própria seleção brasileira. Nos textos, fica evidente o destaque para a tensão existente entre os dirigentes de futebol e o governo, que impôs sua tutela para resolver as questões que envolviam o meio futebolístico. Outras relações entre o governo e o futebol foram estabelecidas no discurso da revista *Veja*. Assim, além de apresentar o futebol como um espaço no qual existiam muitas disputas de poder, a *Veja* significou o futebol em 1970 a outros diversos sentidos, como será possível perceber no decorrer dessa análise.

3. 2. 2. Futebol como fator de integração do povo

Algumas das sequências discursivas selecionadas a partir dos textos da

revista *Veja* fazem referência à unidade do povo que o futebol seria capaz de promover. Essas construções discursivas se filiavam a redes de sentidos que tentavam transmitir a crença da igualdade e integração entre os brasileiros. Fala-se de uma sociedade integrada, conforme pode ser visto no texto abaixo:

*20. Uma arte popular e barata: o futebol não requer alfabetização, duas pedras fazem o gol, uma bola faz o jogo. Essa economia o tornou tão difundido. São mais de 10 000 partidas a cada domingo, da qual participam ou já participaram 85% dos brasileiros. **Toda a população, assim, é parte ativa no processo de criação dessa arte que é o futebol.***

*Por isso, é possível o acordo entre o intelectual e o semi-analfabeto, sobre a beleza deste ou daquele gol. **Todos têm direito e condição para opinar, e essas opiniões pouco divergem, na verdade. Foi a nação em péso que obrigou, por exemplo, Zagalo a mudar o Selecionado na partida contra a Áustria. Se houvesse uma pesquisa nacional sobre os cinco ou dez melhores jogadores da atualidade, a unanimidade seria impressionante** (Veja nº 93 de 17.06.1970, Festividade e conflito, p. 56, grifos nossos).*

A sequência remete à ideia pré-construída de que a identidade do brasileiro se constrói a partir do futebol, filiando-se a uma rede de sentidos que desde a década de 1930 associa o esporte aos sentimentos de nacionalidade. O discurso da *Veja* sobre o futebol como fator de identificação e integração do povo toma como base discursos de cronistas esportivos que davam ao futebol um caráter de nacionalidade brasileira, como os de Néelson Rodrigues e João Saldanha, auxiliando a propaganda do governo, que tentou produzir discursos de unidade e consenso social através do futebol.

O regime militar se empenhou desde o seu início pela busca de uma *alma nacional* (Fico, 1997), que faria transparecer a unidade do povo. O futebol, além de se vincular a essa memória, era capaz de significar a grandeza da nação brasileira, já que o país era um grande vencedor no esporte. Algumas das ideias propagadas pelos militares eram herdeiras das bases ideológicas estabelecidas no Estado Novo, quando a forte presença do Estado conferiu ao esporte conotações patrióticas e ufanistas. Ao estimularem sentimentos nobres entre os brasileiros, os militares agiram em conformidade com o que propõe a interpretação de Hobsbawm (1997) sobre a invenção das tradições, que servem para manter a sensação de pertencimento ao grupo e buscam a unidade do povo no passado e futuro comuns.

De acordo com os discursos produzidos em 1970, o interesse pelo futebol era um dos fatores que viabilizavam a unidade entre os brasileiros. Como explica Borges (2008), “Torcer por um clube ou pelo selecionado do país significa participar

ativamente da vida social e da construção de identidades que extrapolam o âmbito privado... vivencia-se concretamente o pertencimento no espaço público” (p. 4). Essa noção se construiu através de um processo que naturalizou o futebol como algo inerente ao ser brasileiro.

Tendo em vista o gosto pelo futebol, a conquista do campeonato mundial de seleções no México trouxe para o povo uma alegria sem tamanho, comemorada após a vitória e com a chegada dos jogadores brasileiros ao país, alterando o cotidiano do povo. Em 01.07.1970, *Veja* publicou uma reportagem sobre as repercussões políticas da vitória que, segundo a revista, seriam maiores do que se poderia imaginar, principalmente em termos de propaganda política para o governo. A imagem do governo foi bastante favorecida com a vitória e isso era algo que os militares buscavam desde a instalação do regime em 1964, como afirmam a reportagem e estudiosos sobre o tema (Fico, 1997). A sequência a seguir, retirada do texto da *Carta ao leitor* da mesma edição, destaca a alegria do povo, fundamental para que houvesse o aproveitamento político da vitória.

*21. Na semana passada, porém, o surgimento de uma peça imprevisível e idolatrada que agiu sobre o povo e o govêrno com podêres praticamente mágicos alterou com uma intensidade fora dos padrões convencionais os rumos do jôgo político e propôs novamente, em têrmos inéditos, o importante problema da popularidade de um govêrno revolucionário. **Esse estranho agente da felicidade coletiva foi uma estatueta de ouro: a Taça Jules Rimet.** (Veja nº de 01.07.1970, Carta ao leitor, p. 17, grifos nossos).*

A questão da integração do povo que o futebol poderia proporcionar é retomada na sequência abaixo transcrita, que fala sobre a festa pelo retorno dos jogadores da seleção ao Brasil após vitória no México.

*22. Mulheres entusiasmadas driblavam os guardas para se agarrarem aos campeões enquanto os próprios guardas tentavam conseguir autógrafos dos jogadores. O Governador Hélio Prates chorava literalmente ao abraçar Pelé e Zagalo. **A massa humana tentava a qualquer custo tocar no símbolo mítico da glória nacional, a Taça Jules Rimet,** que Carlos Alberto prensava contra o peito ao passar pelo estreito corredor humano do aeroporto (que Mário Américo chamou de “corredor polonês”). Um homem conseguiu subir no carro de bombeiros preparado para levar os jogadores em desfile até o Palácio do Planalto e tentou beijar os pés de Rivelino como se adora um deus (Veja nº 95 de 01.07.1970, O sucesso da imagem, p. 24-29, grifos nossos).*

A construção discursiva acima significa mais uma vez a alegria dos indivíduos

com a vitória futebolística. Neste sentido, são colocados no mesmo patamar as mulheres entusiasmadas, os guardas que faziam a segurança dos jogadores, o governador do Distrito Federal, Hélio Prates e, o que a revista chama de a *massa humana*, todos os interessados em ver e tocar os jogadores e a Taça Jules Rimet – significada como *peça imprevisível e idolatrada que agiu sobre o povo e o govêrno com podêres praticamente mágicos e símbolo mítico da glória nacional*. A felicidade pela vitória do futebol, evidenciada por esse discurso, estava relacionada com o interesse dos brasileiros pelo esporte. Como afirma Borges (2008),

Vencendo espaços, que de outra forma seriam de difícil superação, este esporte é capaz de unir, de criar uma linguagem comum do “flanelinha” ao Presidente da República. Assim sendo, o futebol é um elemento marcante da identidade brasileira. Ele é capaz de engendrar sentimentos completamente díspares: alegria – tristeza, amor – ódio, delírio – desprezo, realização – fracasso, entre muitas outras possibilidades. (p. 2).

A partir da apropriação de indivíduos das diversas classes sociais e das vitórias brasileiras do futebol pelo mundo, o esporte emerge como elemento de identidade dos brasileiros. Trabalhando discursivamente na lógica do futebol como elemento da identidade brasileira, o esporte é associado ao carnaval, visto que o samba também é relacionado a uma memória discursiva sobre a identidade do brasileiro, conforme exposto nos recortes discursivos abaixo:

*23. E êsse substrato mágico [tradicionais valôres míticos, mágicos e místicos] aflora a explodir no carnaval e no futebol numa euforia que exige, inclusive, o perfeccionismo. “Nossos jogadores, por exemplo, são elevados à categoria de super-homens. **É o sentido mágico de nossa cultura**” (Veja, nº 93 de 17/06/1970, Festividade e conflito, p. 56, grifos nossos).*

*24. **Os brasileiros, quando jogam futebol, estão dançando, como o fazem no carnaval, a outra grande festa do país.** Que é o futebol então? É a nossa arte, como a arquitetura foi a arte dos gregos e a música a dos alemães (Veja, nº 93 de 17.06.1970, Festividade e conflito, p. 56, grifos nossos) .*

A associação ao carnaval retoma a noção do futebol como o esporte dos brasileiros. O mesmo acontece quando o discurso da *Veja* vincula o futebol à festa, pois tem a preocupação de estabelecer essa ligação através da ideia de coletividade, conforme será visto a seguir.

3. 2. 3. Futebol: festa e guerra

Repetidas vezes é possível notar que o discurso define o futebol como festa; ao mesmo tempo é recorrente sua associação à guerra. Na sequência a seguir é possível perceber a associação do futebol e do Brasil à festa.

25. ... alguém traz a notícia de que o cantor Wilson Simonal vai chefiar a torcida brasileira. Brito, passista da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, usa uma bandeja de plástico como pandeiro. Logo se forma uma roda de samba (com Rivelino no surdo, fundo de couro de uma cadeira, Marco Antônio no cinzeiro de metal, como frigideira, e os cantores Edu, Paulo César, Ado e Jair), assistida por Carlos Alberto, Pelé e Gérson da sacada colonial. Alguns torcedores dançam na calçada defronte ao hotel. **O Brasil está no México.** (Veja nº 92 de 10.06.1970, Um alegre começo, p.49, grifos nossos).

26. **O futebol é uma festa. Uma orgia, ainda que casta...** “Association”, o chamam internacionalmente – e **ninguém podia fazer uma festa**, principalmente essa, sòzinho (Veja nº 93 de 17.06.1970, Festividade e conflito, p. 54, grifos nossos).

A ideia de coletividade constrói redes de sentido que vinculam o futebol à cultura e ao povo brasileiro. Em contrapartida a metáfora da guerra e do conflito com frequência aparece com referência ao futebol.

27. ... o presidente disse ao cronista Armando Nogueira... **“Futebol é uma guerra”** disse o general, “e numa guerra as regras só valem até certo ponto...” (Veja, nº 78 de 04.03.1970, A garra das feras, p. 21, grifos nossos)

28. **Mas o futebol, ainda sendo uma festa, é também uma guerra.** Trata-se, antes e acima de tudo, de **liquidar o inimigo.** Esse caráter ambíguo do futebol, essa contradição entre festividade e **conflito**, reflete-se também fora de campo de jogo. Nisso possivelmente reside o segrêdo **da euforia militante, da alegria combatente que tomou conta do país nos últimos dias.** (Veja nº 93 de 17.06.1970, Festividade e conflito, p. 54, grifos nossos)

29. O **caráter conflituoso da festividade futebolística** tem também outros desses aspectos **extrafutebolísticos.** **Numa sociedade complexa e problemática como a nossa, nas dores do parto do desenvolvimento, as camadas populares têm poucas possibilidades de participação direta nas decisões** do rumo a tomar. Diz o psicólogo paulista Antônio Carlos Cesarino: **“Os movimentos de opinião estão dificultados. O futebol seria um momento em que é possível as pessoas se movimentarem coletivamente, inclusive com explosões violentas, extravasando uma agressividade que não tinha outro caminho para sair.** (Veja nº 93 de 17.06.1970, Festividade e conflito, p. 56, grifos nossos)

Nas sequências 27, 28 e 29 as metáforas utilizadas para qualificar o futebol atribuem características diversas ao esporte. Enquanto a festa está relacionada a sentimentos de alegria, a guerra está diretamente ligada à tristeza, perda, morte e

dor. Paralelamente, essas construções discursivas remetem à maneira coletiva como se pratica o esporte e por ele se torce.

Destaca-se ainda a relação entre o aspecto conflituoso do futebol e a impossibilidade de manifestação da opinião pública evidente no período do regime militar (*Veja* nº 93 de 17.06.1970, *Festividade e conflito*, p. 56, sequência discursiva número 29), numa sociedade representada como complexa e problemática, onde *as camadas populares têm poucas possibilidades de participação*. No meio do futebol, no entanto, seria possível a expressão da vontade de cada um da coletividade. É destacado o aspecto do esporte enquanto espaço de participação popular em contraponto com a participação política.

É importante que se dê destaque à recorrência da construção que leva à associação do esporte à guerra. A comparação constrói efeitos de sentidos que podem ser relacionados à questão da nacionalidade. Em grande parte dos casos, as guerras são realizadas tendo como referência sentimentos de identidade nacional e justificadas em nome dos interesses da nação. Além disso, é possível ressaltar que essa construção discursiva pode assentar sua significação no caráter de militarização do governo. Ou seja, esses discursos destacam todo o contexto sociopolítico e significam de acordo com essas condições: onde o regime de governo foi imposto por um golpe de estado, a estrutura governamental era comandada por militares e a repressão às oposições políticas era grande. Diante das questões que envolviam a sociedade brasileira, a *euforia* que toma conta do país após as vitórias da Copa de 1970 é *militante*; e a *alegria, combatente* (*Veja* nº93 de 17.06.1970, *Festividade e conflito*, p. 54, sequência discursiva número 28). A militarização do discurso sobre o esporte de forma geral pode ser relacionada à questão da doutrinação do corpo proporcionada pelo esporte (Bourdieu, 1983), que incide na participação dos indivíduos. Governos ditatoriais se apropriam com mais eficiência do esporte e a apresentação da torcida como combate é uma recorrência relacionada com a militarização do corpo pelo esporte.

Ressalte-se que na sequência discursiva 27 (*Veja* nº 78 de 04.03.1970, *A garra das feras*, p. 21) é o presidente Médici quem diz que o futebol é uma guerra. A afirmação que fecha sua fala é *“numa guerra as regras só valem até certo ponto”*, construção emblemática principalmente por estar sendo dita pelo presidente de um regime autoritário, que, mais do que isso, esteve no poder durante os anos em que a repressão da ditadura militar brasileira foi mais dura. No governo militar, em prol dos

objetivos do regime, na guerra contra o comunismo e a subversão, e tendo como justificativa o desenvolvimento do país, as regras também só valeram até certo ponto.

Na reportagem *Festividade e conflito*, na qual estão localizadas as sequências 28 e 29, embora ocorra a construção da noção de conflito, estão presentes fotos que retratam torcedores festejando as vitórias da seleção brasileira. O texto e as fotos se descolam. Onde está o conflito a que se refere o título da matéria, *Festividade e conflito*, se não há conflitos, mas há festas nas fotografias?

Festividade e conflito

Primero desabotando delicadamente, depois respondendo com brutalidade. Depois de muitas provocações, uma a uma, as bolas se jogam de novo de uma jogada, na Avenida Lado Xavier, no centro da pacata cidade de Curitiba. Logo após o jogo Brasil e Inglaterra. Quatro mil pessoas pontuam nos painéis aplaudindo e rindo, mas no meio da rua, as vitórias do Brasil na Copa estavam servindo de pretexto para o caribismo, sobretudo a jovem da classe média baixa, promover manifestações em que o desejo de comemorar acabou substituído por uma imperiosa vontade de agredir. Na semana passada, vinte minutos após o jogo com o Romêlia, a Avenida Lado Xavier, como de costumbre, cinema e restaurantes, bares e parques, ficou intensamente ocupada por cerca de 3.000 jovens, que lançavam fogos, bombas e faixas e se aglutinavam em grupos. E voltaram as discussões de política que tentaram e conseguiram impor a ordem uma hora depois.

SEGUNDA CENA — Durante esse não são mais menos no hábito de rezar, mas de discutir. Normalmente, em Minas Gerais esse quadro é muito mais para discussões, sobretudo. Mas foi motivo para que o comerciante Juvencio Pereira da Silva, mediante a lista o curador operário Dorotheo Queiroz de Silva, tenha comemorado a vitória do Brasil sobre a Inglaterra, bebendo cachaca e conversando com o irmão Nuno Sena, dono do Carmo, em Belo Horizonte. "Ah, não! Dorotheo só queria que o Dorotheo ficasse na regra dele", disse o teatromanista Tony Antunes, fazendo justificativas no diálogo: "A partida merecia com mais nervos. Quando foi agredido, aqui de novo e de dois lados. Também tenho direito de achar que o Dorotheo presta".

TERCEIRA CENA — Na noite de domingo, inicialmente fria, quarta-feira passada, os grupos que queriam sair das bares e dançar foram pelas ruas, arrastando nos capôs dos carros, jovens barbaletes por agredir de polícia de Grammaire. Depois das bares, os acrílicos dos rapazes e os gringos das moças que reataram comemoraram, antes do fim, a vitória contra o Romêlia, de repente foram interrompidos por um estranho silêncio. E logo substituído por lágrimas provocadas por bombas de gás lacrimogêneo lançadas contra todos, em cima dos grupos, sobre as mesas. Mesmo assim as moças reagiram com as bandeiras de gringos que se formaram na esquina. Então, depois dos choques e mágoas, aproximaram a avenida e ficaram pessoas, nas janelas e nos sacadas. Que os três partidos estão firmes, vorosos focos evidenciado nas verdadeiras exaltações promovidas pelos torcedores em Curitiba, onde o próprio Hino Nacional foi uma das armas. A cada início de festa da vitória, no ambiente alegre das ruas, grupos de quatrocentos a quinhentas pessoas se juntam numa esquina e começam a gritar o hino que só se dá importância ao juro de futebol. A polícia acode e o grupo se desfaz. Numa ocasião, porém, a polícia paranaense conseguiu surpreender um grupo em pleno sono. Diante da ameaça de dispersão talvez estranha, a multidão passou a cantar o Hino Nacional. Tal como mandam os regulamentos militares, os brava soldados imediatamente se pertubaram até o fim do hino. E a dispersão ocorreu só depois, tranquilamente. Em São Paulo, o patriotismo teve um desvio ainda mais acentuado, de

das pessoas, nas janelas e nos sacadas. Que os três partidos estão firmes, vorosos focos evidenciado nas verdadeiras exaltações promovidas pelos torcedores em Curitiba, onde o próprio Hino Nacional foi uma das armas. A cada início de festa da vitória, no ambiente alegre das ruas, grupos de quatrocentos a quinhentas pessoas se juntam numa esquina e começam a gritar o hino que só se dá importância ao juro de futebol. A polícia acode e o grupo se desfaz. Numa ocasião, porém, a polícia paranaense conseguiu surpreender um grupo em pleno sono. Diante da ameaça de dispersão talvez estranha, a multidão passou a cantar o Hino Nacional. Tal como mandam os regulamentos militares, os brava soldados imediatamente se pertubaram até o fim do hino. E a dispersão ocorreu só depois, tranquilamente. Em São Paulo, o patriotismo teve um desvio ainda mais acentuado, de

QUARTA CENA — Sua segunda filha tinha nascido há pouco no quarto 001 da Beneficência Portuguesa de Porto Alegre. Com licença, com licença que eu ainda quero ver o resto desse jogo lá na Praça da Alibóndega", disse o pai e condecorado Paulo de Tarso Mendes, caminhando rapidamente pelos corredores de maternidade, no intervalo do Brasil e Romêlia. Ato, aliado, desfilando e com a barba por fazer, suas palavras eram abafadas pelos sons de um rádio de pilha que carregava. Com áudio de 150 cruzetas, não tem religião. "O Marcos Vinícius nasceu um 40 minutos do primeiro tempo".

O drama nas ruas

O futebol é uma festa. Uma origem, ainda que casta, e, tal como acontece nos felizes bosques gregos, evoca alegremente todos os membros do corpo num balé sutil e enérgico. Associação, e chamam internacionalmente — e ninguém poderia fazer uma festa, principalmente essa, o futebol. Ainda no entanto, foi no campo, a primeira festa humana, que o futebol criou sobre a Terra comemorou a sua condição singular. E o futebol evoca ainda duas vezes primitivas do homem: além da dança e do andar tipicamente humano, o futebol é a atividade que envolve mais de perto as pernas e os pés.

Mas o futebol, ainda sendo uma festa, é também uma guerra. Traxano, antes e acima de tudo, de liquidar o inimigo. Esse caráter ambíguo do futebol, essa contradição entre festividade e conflito, reflete-se também fora do campo de jogo. Não porventura tende o jogador da escola militar, da escola combater que tomou conta do país nos últimos dias.

Talvez aqui interfira uma outra situação em que o entusiasmo está intimamente ligado a um conceito de superioridade e patriotismo. Um povo ainda jovem, de glórias passadas e esperanças — um vôo de Babilônia de Grammaire, um vôo de Santa-Dumont —, se exaltaria ao ficar claro que é uma potência mundialmente respeitada pelo menos em uma atividade. Então se explicariam as bandeiras estalantes estaladas no corpo, o vendicativismo que brava abertamente de dentro de um carro, nas mãos

admiráveis e ainda diferenciados socialmente. O relacionamento entre as pessoas passa a ter limitações. Ao fazeres a festa, juntos nas ruas, gritando os mesmos coros, cantando as mesmas canções inglesas, abayando-se, os brasileiros se sentem parte de uma grande comunidade.

Mais do que em qualquer outro lugar, isso tem clareza em São Paulo. Nos bares, após os jogos, a campalidade do grupo em comum tem gerado uma intimidade entre desconhecidos muito pouco paulistana. As pessoas se sentem livres para mudar de mesa, conversar com alguém que lhes sorria — ou sorria. Quando normalmente o paulistano, para iniciar uma amizade, exige os seus relacionamentos profissionais ou uma rígida apresentação formalizada.

Essa espontaneidade maior no encontro entre as pessoas, essa euforia na convivência, é que marca como dias de festa os dias de rua que o país está vivendo. Essa festa nasce do movimento dos corpos na televisão — e do fundo do coração das pessoas.

No entanto, nos bares de São Paulo, por exemplo, essa comemoração festiva frequentemente leva a um conflito, a brigas que não existiriam se não houvesse a repetição insistente entre desconhecidos. Chama igualmente a atenção o fato de que tanto a festa como o conflito gerados pela euforia da Copa são mais intensos na classe média. No Rio, igualmente, Zena Sul, em Porto Alegre, de quarta bandeira que ostentam na Avenida Borges de Medeiros após Brasil e Romêlia, 25 eram do Grêmio, dez do Brasil e apenas quatro do Internacional, o time popular. Em Salvador, a animação dura mais tempo no Paredão da Barra, bairro rico. Também se nota que em Porto Alegre são as moças que tomam a iniciativa nas festas e que as paulistanas se portam desinibidamente nas comemorações e nos conflitos.

Tudo isso configura um quadro de extravasamento de frustrações não futebolísticas. Em Curitiba, são os grupos dos bares, os estudantes de jornais noturnos — em suma, os jovens da classe média inferior — que no fim dos jogos emergem dos bares, apertam na boca das ruas, descem do ônibus no centro. Muitos dizem 14.000 e 6.000 ao fim de cada jogo já vem de cima, para correr.

Sofram foguetes dentro dos carros ou amassam os que passam na tentativa de formar um coro, dão empurres e pontapés, valem maldades que andam só. Por um momento, ocupam a zona privilegiada da Avenida Lado Xavier, com sua mistura de ponto de encontro de intelectuais, jornalistas e glóbofos.

Esse modo de comportamento, evidentemente, não é patriótico nem comemorativo — é muito menos esportivo. Talvez seja uma demonstração de que a classe

Festividade e conflito

ram na praia, correndo sem rumo. Quando as ondas molharam os seus pés, as nádeas e nádeas relaxaram e começaram a correr ao longo da praia, alguns rindo, na areia, novamente entre sorrisos e gritinhos.

QUARTA CENA — Sua segunda filha tinha nascido há pouco no quarto 001 da Beneficência Portuguesa de Porto Alegre. Com licença, com licença que eu ainda quero ver o resto desse jogo lá na Praça da Alibóndega", disse o pai e condecorado Paulo de Tarso Mendes, caminhando rapidamente pelos corredores de maternidade, no intervalo do Brasil e Romêlia. Ato, aliado, desfilando e com a barba por fazer, suas palavras eram abafadas pelos sons de um rádio de pilha que carregava. Com áudio de 150 cruzetas, não tem religião. "O Marcos Vinícius nasceu um 40 minutos do primeiro tempo".

O drama nas ruas

O futebol é uma festa. Uma origem, ainda que casta, e, tal como acontece nos felizes bosques gregos, evoca alegremente todos os membros do corpo num balé sutil e enérgico. Associação, e chamam internacionalmente — e ninguém poderia fazer uma festa, principalmente essa, o futebol. Ainda no entanto, foi no campo, a primeira festa humana, que o futebol criou sobre a Terra comemorou a sua condição singular. E o futebol evoca ainda duas vezes primitivas do homem: além da dança e do andar tipicamente humano, o futebol é a atividade que envolve mais de perto as pernas e os pés.

Porto Alegre: após os jogos

tertivamente trágico: dois irmãos embriagados misturam o capuz igualmente embriagado depois de ele ter cosido afirmar que a Inglaterra irritou o empino. Mas esse patriotismo exageradamente estibonista é às vezes intensamente distorcido não passa da expressão de uma questão de fundo. Os brasileiros, na exótica cantábria da semana passada, celebravam também a nostalgia da comunidade. Nas grandes metrópoles, ao contrário do que acontece nas vilas ou cidades pequenas, não há farmácia para discussões políticas, não há bares onde todos se conheçam, façam e bebam cerveja. Na verdade, com o desenvolvimento urbano, de Recife a Porto Alegre, há uma multiplicação de farmácias e bares que se tornam irrecognoscíveis.



Imagem nº 7, *Veja* nº 93 de 17.06.1970, *Festividade e conflito*, p. 54-55.

média resume dramaticamente as hesitações de um momento de transformação nacional. Em São Paulo, são universitárias que sentam nos capôs dos carros, dançam sobre mesas de bares, expandem-se mais do que no Rio — provavelmente porque as cariocas normalmente podem ser mais espontâneas do que as paulistas.

O caráter conflituoso da festividade futebolística tem também outros ângulos sociais complexos e problemáticos como a noção, nas dores do parto de desenvolvimento, as carnais populares têm poucas possibilidades de participação direta nas decisões do rumo à festa. Diz o jornalista paulista Antônio Carlos Casarino: "Os movimentos de opinião estão dificultados. O futebol seria um momento em que é possível as pessoas se movimentarem coletivamente, inclusive com explosões violentas, extravasando uma agressividade que não acha outro caminho para sair".

Essa situação não deixa de inquietar algumas pessoas, como o sociólogo mineiro Fábio Lucas: "Estamos vivendo o êxodo de uma pátria nacional: o interesse pela Copa do Mundo tornou momentaneamente secundários outros interesses da vida coletiva. É o caso de indagarmos até onde isso implica uma força positiva de coesão para superação das dificuldades comuns ou mero entorpecimento transitório e evanescente".

Outros, porém, encararam o problema com certo otimismo. Para o sociólogo pernambucano Penna de Menezes, "o chamado urbano — a civilização urbana brasileira — não é um fenômeno situacional, autônomo, mas uma combinação complexa, sobretudo em plano inconsciente, de tradições milenares, mágicas, místicas, com novas valências".

É esse substrato mágico afiora a exploração do carnaval e no futebol muita cultura que exige, inclusive, o perfeccionismo. "Novos jogadores, por exemplo, são elevados à categoria de super-homem. É o sentido mágico de nossa cultura".

A euforia da Copa, entretanto, pode não se relacionar com nada além do futebol. Bezerra de Azevedo, historiador, poeta paulista e teórico da construção de massas, que o futebol é uma manifestação da grande massa, daquelas que não demoram o "código central" (a palavra escrita) e assim desenrolam em alto nível os "códigos subsidiários" (discursos, hábitos, audíveis) de uma arte brasileira, intimamente ligada à dança e à música.

Uma arte popular e barata: o futebol não requer alfabetização, duas pedras flocam o gol, uma bola faz o jogo. Essa economia o tornou tão difundido. São mais de 10.000 partidas a cada domingo, de qualquer participação ou não participante.

85% dos brasileiros. Toda a população, assim, é parte ativa no processo de criação desta arte que é o futebol.

Por isso é possível o diálogo entre o intelectual e o semi-alfabeto, sobre a beleza do chute ou do gol. Todos têm direito e condição para opinar, e essas opiniões pouco divergem, na verdade. Foi a razão em pélo que obrigou, por exemplo, Zagalto a mandar o Selecionado na partida contra a Austrália. Se houvesse uma pesquisa nacional sobre os cinco ou dez melhores jogadores da atualidade, a unanimidade seria impressionante.

O futebol se caracteriza por uma alta flexibilidade corporal, mas também utiliza os pés e as pernas mais do que qualquer outra coisa. Nisso é diferente de todos os outros esportes, e exatamente por essa causa se mostrou mais adequado ao povo brasileiro, que com a contribuição africana se tornou dançarino por excelência. Os brasileiros, quando jogam futebol, estão dançando, como o fante no carnaval, a outra grande festa do país.

Que é o futebol então? É a nossa arte, como a arquitetura foi a arte dos gregos e a música a dos alemães.

S e o futebol é a nossa arte solitária, o modo mais autêntico de expressarmos a nossa cultura e civilização, isso não quer dizer que ele seja um fim em si ou que tenha origem em si mesmo. Tal como as edificações gregas e as áreas de Bach, o futebol tem origem nos sofrimentos e experiências de toda uma coletividade. Multidões de brasileiros tentaram campeonatos antes que do início do mesmo povo surgiram as grandes obras musicais. Quase todo brasileiro já deu seu chute — e dos milhares de chutes nasceu Pelé. É o povo brasileiro reconhece a sua imagem na Seleção, fruto de grandes e pequenas dores e de um inenarrável amor à arte.

Mas por que o povo brasileiro se reconhece numa festa que é também um conflito? Quem é inimigo do povo brasileiro? Talvez a frustração de não viver num país desenvolvido. Talvez o inimigo que todo homem precisa ter para sobreviver.

Suborne seu carro.

Seu carro é você. Você é seu carro. Compre a colaboração de acessórios, pneus novos, multigrax, Mobiloil super, por exemplo. Lubrifica melhor, é altamente detergente, deixa o motor limpinho. Alta viscosidade, conservada mesmo nas mais

fortes mudanças de temperatura. Há toda uma experiência mundial em cada lata de óleo que a Mobil produz. Reforce sua personalidade homem-máquina-homem. Mobilil super no seu carro.



Mobil

Imagem nº 8, *Veja* nº 93 de 17.06.1970, *Festividade e conflito*, p. 56-57.

Os conflitos apresentados no texto são silenciados nas fotografias. O soldado exposto na imagem publicada se inclina para ouvir o jogo de futebol no rádio ao seu lado e o homem que comemora a vitória da seleção está em cima do carro com a bandeira nacional enrolada na cintura, parecendo um cidadão que passou do ponto de uma comemoração saudável e consciente.

Construções discursivas relativas à associação entre futebol e guerra e a festa são muito recorrentes na *Veja*. A seguir selecionamos mais duas sequências para ilustrar essa estratégia. Na primeira sequência, a metáfora da guerra associa-se também à construção da identidade brasileira e ao patriotismo.

30. **Foi uma guerra** de faixas e bandeiras, de vaías e aplausos simultâneos. **Uma guerra** de homens e mulheres gritando com uma fôrça que éles próprios desconheciam. **Mas foi também uma festa** de côres alegres, onde o verde-amarelo do Brasil sempre envolveu e abafou o "red-and-blue" listrado dos ingleses. (*Veja* nº 92 de 10.06.1970, *Um alegre começo*, p. 49, grifos nossos).

31. Os olhos e ouvidos atentos se voltavam para o estádio mexicano Jalisco, em Guadalajara em que se travaria a **primeira batalha do Selecionado Brasileiro**. Aproveitando o instante dramático, o Deputado Federal Eurípedes Cardoso de Menezes, da Arena carioca, não conseguia

evitar uma frase de efeito: “**Ésses rapazes são os mesmos que mandamos à Itália, são os pracinhas do futebol**”. (Veja nº 92 de 10.06.1970, A camisa número 12, p. 63, grifos nossos).

As expressões *a primeira batalha do Selecionado Brasileiro* e *os pracinhas do futebol*, remetem aos indivíduos que lutaram na Guerra Mundial pelo Brasil, considerados heróis e motivo de orgulho para o brasileiro, como os jogadores da seleção. Além do mais, essas construções relacionam a questão da guerra ao patriotismo, sentido recorrentemente associado ao futebol na *Veja*. Sendo o futebol um instrumento da estratégia do governo militar de pertencimento à nação, este discurso militarizado, que associa futebol à guerra, pode ser percebido também como um reforço desta estratégia. Durante um conflito, uma guerra, as diferenças internas se dissipam frente a uma questão maior, a luta contra o outro. A questão da identidade construída a partir do futebol e do outro remete à imagem do militante que não poderia assistir aos jogos de futebol, o *ópio do povo*. Esse indivíduo também constitui um outro, em relação ao qual deveria ser construída a identidade brasileira.

3. 2. 4. Futebol e patriotismo

De acordo com os enunciados a seguir, o entusiasmo que o futebol suscitaria no brasileiro teria como justificativa o patriotismo, o amor pela nação. O termo patriotismo, relacionado com o nacionalismo e o orgulho nacional, está calcado nas questões que levam os indivíduos a manter uma identificação através da crença em uma situação de grupo, normalmente significada pela origem e destino comuns (Hobsbawm, 1997).

O patriotismo serve para legitimar a associação do esporte à guerra, que acontece em prol dos interesses da nação. Observa-se a partir disso a presença de sentidos que se repetem, em outros trechos do *corpus*, que relacionam o futebol à pátria, aos sentimentos de pertencimento do povo e ao destino de grandeza do Brasil. Além disso, mais uma vez, os sentidos apresentados pelo discurso de *Veja* podem ser relacionados aos produzidos pela propaganda do governo, que exaltavam a unidade do povo e o que era ser brasileiro (Fico, 1997).

32. Talvez aqui interfira uma outra situação em que o entusiasmo está intimamente ligado a um conceito de superioridade, o **patriotismo**. **Um povo ainda jovem, de glórias poucas e esporádicas** – um voo de Bartolomeu de Gusmão, um voo de Santos-Dumont –, **se exaltaria ao ficar claro que é uma potência mundialmente respeitada pelo menos em uma atividade**. Então se explicariam as bandeiras ondulantes enroladas no corpo, o verde-e-amarelo que brota súbitamente de dentro de um carro, nas mãos das pessoas, nas janelas e nas sacadas.

Que **brios patrióticos** andam fervorosos ficou evidenciado nas verdadeiras **escaramuças** promovidas pelos torcedores em Curitiba, onde o próprio **Hino Nacional foi uma das armas**. A cada início de festa da vitória, no ambiente alegre das ruas, grupos de quatrocentas a quinhentas pessoas se juntam numa esquina e começam a gritar o brado que só se diz impunemente ao juiz de futebol. A polícia acode e o grupo se desfaz. (Veja nº 93 de 17.06.1970, *Festividade e conflito*, p. 54, grifos nossos).

33. Mas esse **patriotismo exageradamente exibicionista e às vezes inteiramente distorcido não passa da aparência de uma questão de fundo**. Os brasileiros, na eufórica caminhada da semana passada, celebravam também a **nostalgia da comunidade**. (...) **Ao fazerem a festa juntos nas ruas, gritando os mesmos nomes, cantando as mesmas canções ingênuas, abraçando-se, os brasileiros se sentem parte de uma grande comunidade** (Veja nº 93 de 17.06.1970, *Festividade e conflito*, p. 56, grifos nossos).

Na sequência 32 é retomada a metáfora da guerra, quando a arma é o hino nacional e utiliza-se a palavra *escaramuças*, definida como “combate de menor importância, breve luta durante investida militar ou entre pequenos grupos de soldados, qualquer briga, combate ou conflito” (Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, 2001, p. 1202).

Ressalte-se também a frase que afirma que o país é formado por *Um povo ainda jovem, de glórias poucas e esporádicas...* (Veja nº 93 de 17.06.1970, *Festividade e conflito*, p. 54, sequência discursiva número 32). Se o país tem poucas glórias, não está no caminho do desenvolvimento, feliz e integrado como os militares propagavam.

As sequências acima também deixam transparecer um caráter de oposição ao governo, assim como insatisfação com a situação do país. Muitas críticas são apresentadas pelas sequências de forma que o patriotismo vinculado ao esporte e descrito pelo texto é *exageradamente exibicionista e às vezes inteiramente distorcido não passa da aparência de uma questão de fundo* (Veja nº 93 de 17.06.1970, *Festividade e conflito*, p. 56, sequência discursiva número 33). Ao mesmo tempo, quando são veiculadas noções de civismo e patriotismo, é incentivada a noção de orgulho nacional e isso, além de ter relação com o militarismo do regime, acaba por fazer propaganda do governo. Campanhas de

propaganda política do período, além de estabelecerem um modelo de comportamento para o brasileiro, tinham caráter ufanista, cultivando a vaidade e o orgulho da nação brasileira, apresentando um discurso com ideais comuns aos apresentados pelas sequências discursivas.

Por outro lado, é presente também na *Veja* uma aproximação com discursos do regime. A relação entre os discursos das campanhas de propaganda desenvolvidas pelo governo (Fico, 1997) e o discurso jornalístico constroem efeitos de sentido que dão coerência a ambos. O discurso jornalístico produz mais do que efeitos de sentido; produz efeitos de verdade, legitimando o discurso dos militares e o próprio governo ao remeter às questões apontadas pela propaganda. A existência de sentidos divergentes e críticos ao governo ratificam a credibilidade do discurso jornalístico da revista, visto que a heterogeneidade dos discursos constrói a ideia de que a *Veja* dá voz aos diversos elementos da sociedade. Porém, é preciso levar em consideração o espaço dado para cada um desses sentidos e o que será tratado no item relativo à oposição no discurso da *Veja*.

A busca de identificação com o futebol, elemento de identidade, é frequente. Todo brasileiro deve gostar de futebol, todos discutem e se interessam pelo esporte. Essa foi uma ideia naturalizada, uma construção discursiva que teve importante colaboração do discurso jornalístico.

34. Política de bola – Na verdade, mesmo os políticos mais sisudos acordaram, na quarta-feira, sem o ar solene e grave com que foram dormir na noite anterior. **Como qualquer torcedor apaixonado, todos os parlamentares não conseguiram evitar durante o dia discussões sobre o futebol.** (...)

Rondon Pacheco, presidente da Arena, também demonstra confiança. “Vamos ganhar de 2 a 0. Estou confiando no nosso quadro. Principalmente por uma razão: temos passado; há todo um passado para dizer que somos os melhores”.

Nesse ponto, Arena e MDB estão unidos. Humberto Lucena, líder do MDB na Câmara, comenta sorridente: “Vamos ganhar de 3 a 1; não tem quem possa com a dupla Pelé-Tostão”. (...)

... Oscar Passos, presidente do MDB, dizia a José Carlos Bardawil, repórter de VEJA: **“Vou torcer, embora não seja um desportista. Confio no nosso time, como patriota”.** O Senador Passos confessou também que assistiria pela primeira vez nos últimos anos a uma partida de futebol. “Estarei firme na TV”, disse, abrindo um sorriso. (...)

No fim da tarde de quinta-feira, os deputados já não falam tanto sobre futebol. Circulam pelo plenário, discutem na tribuna, trabalham nas comissões. Mas continuam sorrindo, falando calmamente, sem demonstrarem qualquer irritação. Como deveria estar acontecendo com a maioria dos brasileiros. Com a vantagem de poderem experimentar novas emoções e igual alegria. O que não acontece, provavelmente, com a **minoría silenciosa** (Veja nº 92 de 10.06.1970, A camisa número 12, p. 60,

grifos nossos).

A reportagem de onde foi recortada a sequência acima foi publicada durante a primeira fase do campeonato, quando as equipes jogam dentro dos grupos, e após as vitórias do time brasileiro contra os tchecos e ingleses, pelos placares de 4 x 1 e 1 x 0, respectivamente. O sentido reproduzido pela construção discursiva transparece que as vitórias do futebol seriam tão importantes que modificariam o ambiente e mesmo os políticos que, torcedores apaixonados por futebol como todos os brasileiros, não conseguiam evitar conversas sobre o esporte. De acordo como o texto, o futebol age nos brasileiros de forma a conduzir a integração dos indivíduos; até as oposições se unem pelo gosto pelo futebol, como é o caso de Arena e MDB, os dois únicos partidos políticos autorizados a atuar no período do regime ditatorial. A revista constrói uma imagem do futebol que reconcilia os opostos, Arena e MDB. Torcer e acreditar no time, mais do que uma questão de gosto pelo futebol, tornava-se uma questão de amor à pátria. Nesse sentido, apenas os subversivos, a *minoría silenciosa*, não iriam torcer pela seleção.

35. ... o massagista do Fluminense Eduardo Santana, mineiro... costuma fazer um trabalho de umbanda – a linha branca da macumba – em favor da Seleção Brasileira, e outra de quimbanda – a linha negra – contra a seleção adversária. (...) Ao repórter de VEJA, Oswaldo Amorim, que perguntou como seria esse trabalho, Santana respondeu ser impossível explicá-lo minuciosamente. “Mas se fôr preciso sacrificar um animal”, acrescenta ele, “eu sacrifico. **Faço qualquer coisa para o Brasil vencer.**” (Veja nº 92 de 10.06.1970, A camisa número 12, p. 63, grifos nossos).

Mais uma vez, um indivíduo é tomado como exemplo para significar o todo, o torcedor brasileiro. Também aparece no trecho supracitado o caráter de religiosidade vinculado ao futebol, a religião auxiliando a vitória futebolística. Para além disso, na parte final da fala do massagista do Fluminense é dado destaque ao fato de que para o Brasil vencer tudo é válido. Evidencia-se dessa afirmação a questão do patriotismo, da nação e do ideal amor pela pátria.

É importante ressaltar que a matéria jornalística em questão, com o título de *A camisa número 12*, trata de diversos torcedores do Brasil, trazendo uma dubiedade sobre quem usaria a camisa. Ao trazer em sua primeira página uma foto de Médici sentado em frente a uma televisão, a reportagem sugere que o presidente assiste a um jogo de futebol e que ele seria o camisa número doze¹⁰.

¹⁰ A imagem, apresentada no anexo número 17, será retomada a seguir no tópico que tratará a

Além disso, o Brasil estar jogando não seria importante apenas para o torcedor. Os jogadores, quando estão jogando futebol pela seleção, sentir-se-iam como representantes do país, sendo tomados pela sensação de pertencimento que o patriotismo proporciona.

O futebol assumiu um importante lugar de elemento de identificação do brasileiro através da construção de uma identidade. O gostar do futebol foi naturalizado como algo inerente à nacionalidade e capaz de diferenciar os brasileiros dos cidadãos de outras nacionalidades. Como comenta Borges (2008):

Este esporte cumpre importante papel na formação da consciência de identificação e de diferenciação, na demarcação de um nós e dos outros. Dessa forma, seria impossível ignorar a forte atração que ele exerce sobre grande parte dos brasileiros. O nacionalismo e o sentimento de identidade nacional têm um peso bastante acentuado na contemporaneidade, afinal, acredita-se que é preciso afirmar-se como nação para poder existir e ter um lugar entre as demais potências e o futebol se apresenta como um dos caminhos possíveis para a construção desse sentimento de pertença. (...) ... o futebol revelou-se não só um fenômeno de ilimitado alcance social, mas também se tornou uma das nossas riquezas como nação, assim como uma de nossas principais caixas de ressonância social (p. 3).

O Brasil como país do futebol é uma representação que se deu através da construção de uma imagem, baseada e legitimada por vitórias no campo futebolístico. De acordo com Borges (2008), isso “se naturalizou nas vitórias dos clubes brasileiros no exterior e principalmente do selecionado nacional a partir da Copa de 1958, quando sagrou-se campeão do Mundo na Suécia” (p. 7). A construção desse caráter identitário se estruturou por um elemento importante, a forma de jogar do brasileiro. O *futebol-arte*, principal característica que diferencia o brasileiro dos demais praticantes do esporte, seria apresentado em contraposição ao *futebol-força*, praticado pelos jogadores europeus. Enquanto o futebol praticado pelos brasileiros era caracterizado pela habilidade com a bola, criatividade e ginga, no *futebol-força*, contrariamente, não há jogadores com habilidade e sobressaem principalmente as características defensivas do jogador e da equipe.

A revista *Veja* se apoia nessa memória para construir seu discurso na edição comemorativa pelo Tricampeonato, ao falar sobre o estilo de jogo dos brasileiros na Copa de 1970. Na reportagem *Futebol de exceção*, o título, além de fazer referência à forma de jogar do brasileiro, remete ao regime político ditatorial em que o país vivia.

relação construída entre Médici e futebol na *Veja* – ver na página 137.

36. *Impressionado com as vitórias brasileiras, o jornalista espanhol Pedro Escartín, 68 anos, ex-juiz de futebol, teve esta frase no reservado de imprensa do Estádio Jalisco: “O Brasil nos comove porque joga um futebol de exceção”. Escartín se referia à insistência com que a Seleção Brasileira procura o gol, numa época marcada pelo jogo defensivo. Mas a frase vale também em relação ao próprio futebol brasileiro: a Seleção que veio ao México não mostra o futebol que se joga atualmente no Brasil. O esporte que a Seleção Brasileira exibiu no México foi verdadeiramente um futebol de exceção (Veja nº 94 de 24.06.1970, Futebol de exceção, p. 51-54).*

A referência ao talento do brasileiro também aparece como possibilidade que impõe a obrigação do brasileiro torcer pelo futebol nacional. Segundo Borges (2008):

De fato, a relação entre o futebol e a sociedade está culturalmente demarcada, não é algo evidente e natural, mas sim construída. Há uma relação de interdependência envolvendo o esporte e a sociedade, sendo um parte integrante da outra. Ele é uma das formas pela qual a própria sociedade se expressa (p. 2).

Em virtude dessa relação entre o cidadão brasileiro e o futebol no país, todos os habitantes se transformam em técnicos de futebol, discutindo sobre o jogo, dando seus palpites, como fica evidenciado em muitos momentos pela *Veja*. E esses sentidos são retomados pela repetição de expressões como os noventa milhões de técnicos, os noventa milhões de torcedores, os noventa milhões de apaixonados pelo futebol, fazendo referência ao número de habitantes do país e dando sentido à canção que embalou à vitória da seleção: *Noventa milhões em ação*, de Miguel Gustavo.

37. *Graças à ação do **governo**, o debate foi circunscrito pela promessa de que um poder maior que o dos baronetes está interessado no assunto. Se isso não tivesse sido feito, cada um dos **90 milhões de técnicos que vivem no Brasil** se dedicaria a alimentar o assunto numa discussão sem fim. (Veja nº 81 de 25.03.1970, O estranho jogo do futebol, p. 40, grifos nossos).*

38. **E a taça?**

*Sr. Diretor: Agora que, **para suprema alegria de 90 milhões de brasileiros, a Copa Jules Rimet foi conquistada e ficará para sempre nesta pátria generosa e acolhedora**, começam a surgir desinteligências sobre sua melhor e definitiva acomodação. (...) Esta é somente a idéia (...) **fruto do entusiasmo de um leitor vosso que, não sendo propriamente brasileiro, escolheu o Brasil como sua segunda pátria e sofre e rejubila com êle como qualquer nacional** (Veja nº 97 de 15.07.1970, Cartas: E a taça?, p. 10, grifos nossos).*

Deve-se destacar dos trechos acima: primeiro, a repetição da referência de

que todos os brasileiros teriam interesse no futebol, que faz parte dos sentidos que reproduzem o ideal de brasileiro construído pelo governo militar. Ressalta-se também a última sequência acima, retirada da seção de cartas da revista, uma carta enviada por um estrangeiro, que diz que, ao adotar o *Brasil como sua segunda pátria, sofre e rejubila com ele como qualquer nacional*. Além de caracterizar o ideal do que o brasileiro deve fazer pela pátria, sofrer e rejubilar, a sequência produz sentidos favoráveis aos militares, do Brasil como país do futuro, acolhedor e pátria generosa, pela qual deve-se tanto sofrer como se alegrar, como cita o texto publicado pela revista.

3. 2. 5. Necessidade de legitimação do governo

O general Emílio Garrastazu Médici assumiu a presidência do Brasil num momento de grande efervescência política em âmbito nacional e internacional, em 1969. O AI-5, decretado em 1968, deu um caráter ainda mais fechado e repressor ao regime imposto pelos militares. A situação do país era delicada tanto diante das questões políticas como em termos sociais e econômicos. A relação dos governantes com setores da classe média, que deu sustentação ao regime nos momentos de sua implementação, não era tão favorável. No entanto, a efetivação do milagre econômico e os bons índices econômicos que emergiram durante o comando do presidente fizeram com que a classe média voltasse a apoiar o governo.

Visando ampliar as repercussões do milagre econômico, a estrutura da AERP trabalhou com força total. A ideia era transformar a imagem do regime autoritário, concedendo-lhe legitimidade, e desformalizar a figura do presidente, fazendo com que Médici se tornasse mais acessível do que Castello Branco e Costa e Silva, os outros militares que estiveram sob o comando do país desde o golpe. Isso porque, desde o início do regime, os governantes transmitiam uma imagem que os distanciava do povo, como explica Fico (1997):

Desde os primeiros momentos de março de 1964, a imagem passada pelos governos militares foi soturna, sombria. A sisudez e a circunspeção dos uniformes, as cataduras graves dos "homens sérios", tudo isso esteve claramente estampado em imagens que eram divulgadas pela imprensa (p.59).

Após anos dessa aparição sombria, o governo Médici modificou a forma pela qual se dava o aparecimento dos governantes do país. A desformalização do presidente se tornou uma das mais importantes intenções da propaganda do regime, reiterada no discurso da revista em diversos momentos .

39. Assessoria Especial de Relações Públicas, hoje dirigida por um coronel alagoano muito simpático, Octavio Costa, preocupado principalmente em desformalizar a figura do presidente da República. Pretende que o general Garrastazu Medici almoce freqüentemente com jornalistas, intelectuais e homens de empresa, aos quais deixará de parecer a figura inacessível que foram os anteriores presidentes da Revolução, Castelo Branco e Costa e Silva. Nessa linha, a AERP funcionará também como um conduto de retôrno ao “jogo da verdade”, trazendo ao conhecimento do govêrno a verdade que circula cá fora (Veja nº 71 de 14.01.1970, Substituindo o violino – O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo, p. 24-25).

Na sequência acima, a revista explica as estratégias da comunicação do governo. Entre as táticas utilizadas para a aproximação entre o presidente e o povo, destacadas frequentemente na *Veja*, estava a preocupação de o presidente fazer uso em seus pronunciamentos de uma linguagem simples, que facilitasse o entendimento dos trabalhadores.

40. Uma linguagem simples que até os trabalhadores entendam
Uma entrevista à imprensa pode servir para diversos fins, desde a informação de medidas importantes até uma prestação de contas do govêrno. Para o Presidente Garrastazu Medici, a primeira entrevista coletiva programada para a segunda quinzena dêste mês será, também, o ponto de partida de uma aproximação maior com o povo. Depois da entrevista, o presidente irá a São Paulo, no dia 25, inaugurar a nova Praça Roosevelt, imponente conjunto de viadutos superpostos que modificarão o centro da cidade, e também o nôvo estádio do São Paulo Futebol Clube. Em fevereiro, realizará o velho sonho de conhecer a Bahia e, ao mesmo tempo, inaugurarás as avenidas Castelo Branco e Costa e Silva em Salvador. (...) Aproveitará a ocasião para percorrer o Nordeste, obedecendo a uma tríplíce preocupação: viagens não muito demoradas, comitiva não muito grande e despesas não muito elevadas. A novidade principal dessa ofensiva de comunicação do presidente será a linguagem que êle pretende utilizar nos seus discursos de inaugurações, quando deseja ser claramente entendido pelos trabalhadores dessas obras (Veja nº 71 de 14.01.1970, Do Presidente: ontem, hoje e amanhã, p. 26, grifos nossos).

A sequência dá realce à preocupação do presidente com a linguagem utilizada em seus discursos de inaugurações dessas grandes obras públicas. Ao afirmar que Médici utilizaria uma linguagem simples para ser entendido pelos

trabalhadores, o texto produz efeitos sobre as preocupações do governo com a imagem de Médici: o regime tinha a intenção de diálogo, de partilhar ideais e o presidente desejava se mostrar próximo do homem comum. No entanto, as afirmações dão relevo ao fato de que essa não era a linguagem utilizada naturalmente pelo presidente, tanto que era necessária uma produção, a criação de um indivíduo que se mostrasse com uma linguagem popular. Fica claro que entre a linguagem de Médici e a dos trabalhadores havia, na realidade, muitas diferenças, distanciando o presidente do povo. A revista evidenciou muitas das estratégias do governo, mostrando que suas ações tinham antes de tudo intenções de legitimação.

Na programação do presidente descrita pela matéria acima estava a inauguração de obras públicas como um estádio de futebol. Aliás, o estádio do São Paulo Futebol Clube, Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, começou a ser construído em 1952 e, apesar de ter sido utilizado para a realização de partidas de futebol, sua obra só foi terminada em 1970, sendo inaugurado pelo general Médici, como afirma o trecho da *Veja*. A reportagem não cita o fato de a obra ter sido iniciada em 1952. No entanto, a preocupação do governo em terminar e promover a inauguração da obra evidencia a intenção do governo de se beneficiar em termos de popularidade.

Muitos outros estádios foram construídos durante os anos da ditadura militar, inclusive estádios com grande capacidade em cidades com populações pequenas. Na reportagem, *O Morumbi, enfim*, a *Veja* fala sobre essas construções:

41. Em 1965 surgiu em Belo Horizonte o Mineirão, para 130 000 pessoas. E dele nasceu uma febre de grandes estádios. Dois foram inaugurados no ano passado: o Beira-Rio, em Pôrto Alegre, para 110 000; e o Lourival Batista, em Sergipe, para 60 000. Dois estão em construção: o Pinheirão, em Curitiba, para 70 000; e o Estádio de Manaus, para 46 000. Por todo êsse tempo, permanecia inacabado o Estádio Cícero Pompeu de Toledo... As grandes rendas dos outros gigantes, porém, despertaram os homens do São Paulo (Veja nº 73 de 28.01.1970, O Morumbi, enfim, p. 61).

As cerimônias de inauguração contavam com a presença de autoridades, políticos, prefeitos, governadores, e, em alguns casos, como o descrito pela sequência discursiva número 40 (*Veja* nº 71 de 14.01.1970, *Do Presidente: ontem, hoje e amanhã*, p. 26), com a presença do próprio presidente.

A partir dessas notícias transparecia também a crença de igualdade e integração do povo. Quando a revista afirmava que o governo federal estava

presente nas inaugurações, que incentivava e via com bons olhos as iniciativas de construção dos estádios, a *Veja* apresentava um governo comprometido com a diversão e os motivos dos cidadãos. A publicação desse tipo de informação interessava à propaganda do governo.

3. 2. 6. Brasil, ame-o ou deixe-o: o caráter de oposição no discurso da *Veja*

No livro *Veja sob censura 1968-1976*, a jornalista e historiadora Maria Fernanda Lopes aborda episódios em que a censura incidiu na revista *Veja*. Publicado em 2009, ano em que a publicação completou quarenta anos, o livro-reportagem apresenta uma versão que coloca a revista como um veículo de comunicação preocupado com a resistência à ditadura.

A atuação de uma revista semanal sob a tutela de um governo ditatorial atento às informações que seriam divulgadas ao grande público era evidentemente influenciada por essas questões. A construção desse discurso tinha limitações que estavam entre aceitar as imposições do governo ou significar de forma oposicionista.

Considerando que a *Veja* era um veículo de comunicação produzido em busca de lucratividade, são impostos mais limites ainda à produção discursiva de seus jornalistas.

Gazzotti (1998) caracteriza a *Veja* como um opositor de elite, enquanto Alves (2000) considera a revista como um veículo de comunicação que adotou postura colaboracionista a partir de 1970. Embora essas perspectivas tenham sido consideradas na estruturação dessa análise, a presente pesquisa possibilitou perceber que o discurso da revista foi construído juntando numa mesma publicação sentidos heterogêneos. Isso aconteceu porque, embora muitos dos sentidos produzidos e reproduzidos pela *Veja* pudessem ser relacionados com a propaganda governamental, outros evidenciavam o tom de crítica ao governo.

Foram frequentes na publicação as referências aos setores de oposição, à censura sofrida e ao incômodo de ter sua produção jornalística tutelada. Além disso, a revista apresentou algumas críticas mais diretas ao governo e suas estratégias políticas e econômicas. Apontar essas questões se caracterizou como uma das formas de atuação dos veículos de comunicação de oposição, não sendo uma estratégia de atuação bem-vista pelos órgãos de censura. No entanto, é através da

heterogeneidade que o discurso jornalístico consegue obter legitimidade.

Ao conceder voz a diversos setores da sociedade brasileira, a *Veja* pode tomar para si o ideal jornalístico da imparcialidade e da neutralidade. O espaço que uma notícia ocupa, a que assuntos se dá maior cobertura, quais matérias figuram na capa, quais versões são deferidas para a institucionalização de seus sentidos são questões para as quais se deve ter atenção quando se pretende entender como é construído o discurso jornalístico.

Nessa perspectiva, a questão da oposição se fez presente no discurso produzido pela *Veja*, inclusive quando o assunto tratado era o futebol, que em geral significava como lugar do consenso social do Brasil. Para dar destaque a essa questão, foram selecionadas algumas sequências discursivas que aparecem aqui por surgirem de forma recorrente na revista.

Diferentemente da visão do consenso, essas sequências evidenciam que com as notícias sobre o futebol apareciam também críticas à situação da população e visões diferentes da noção que o governo veiculava do Brasil rumo ao desenvolvimento:

42. TERCEIRA CENA – Na noite de Ipanema insólitamente fria, quarta-feira passada, os grupos que queriam sair dos bares e queimar fogos pelas ruas, sentados nos capôs dos carros, foram barrados por agentes da política da Guanabara. Dentro dos bares, os sorrisos dos rapazes e os gritinhos das moças que receosamente comemoravam, antes do fim, a vitória contra a Romênia, de repente foram interrompidos por um estranho silêncio. E logo substituídos por lágrimas provocadas por bombas de gás lacrimogêneo lançadas contra todos, em cima dos garçons, sobre as mesas... (...)

*QUARTA CENA – Seu segundo filho tinha nascido há pouco... “Com licença, com licença que eu ainda quero ver o resto desse jogo lá na Praça da Alfândega”, dizia o pai e comerciante... caminhando rapidamente pelos corredores da maternidade, no intervalo de Brasil x Romênia. **Alto, pálido, desdentado e com a barba por fazer, suas palavras eram abafadas pelos sons de um radinho de pilha que carregava. Com salário de 150 cruzeiros, não tem relógio:** “Marcus Vinicius nasceu aos 40 minutos do primeiro tempo” (Veja nº 93 de 17.06.1970, Festividade e conflito, p. 56, grifos nossos).*

Apesar de tornar a produzir efeitos relativos à integração entre os indivíduos possibilitada pelo futebol, a sequência acima faz referência a problemas que o país vivia, como a repressão e o arrocho salarial. A mesma reportagem, em sequência já analisada (sequência discursiva número 28, página 106), afirma:

43. Esse caráter ambíguo do futebol, essa contradição entre festividade e

conflito, reflete-se também fora de campo de jogo. Nisso possivelmente reside o segrêdo da euforia militante, da alegria combatente que tomou conta do país nos últimos dias (Veja nº 93 de 17.06.1970, Festividade e conflito, p. 56, grifos nossos).

Além de destacar o caráter ambíguo entre festividade e conflito, que caracterizariam o futebol, a sequência produz efeitos que fazem referência à militância, dando espaço para a oposição. No entanto, o governo militar pretendia reprimir e negar a existência de setores contrários aos ideais do regime, de forma que transparecesse a imagem de um país no qual havia tranquilidade e consenso social.

A referência a esses setores oposicionistas de esquerda ocorreu em diversos momentos na revista, como, por exemplo, no quadro *Do Presidente: ontem, hoje e amanhã*, publicado em 14 de janeiro de 1970, na seção *Brasil*, dividido em três itens que falam sobre o presidente. A primeira parte do quadro fala sobre o almoço promovido pela turma de Médici da academia militar em 1970.

44. Quarenta e três anos depois de sua formatura, na Escola Militar do Realengo (Rio), a turma “Laguna e Dourados” está bem diminuída (177 aspirantes, 59 já falecidos e só seis na ativa do Exército), mas se julga coberta de glórias: dela saíram um presidente da República – Garrastazu Medici –, 26 generais-de-exército, políticos de nome, como Juracy Magalhães, e até mesmo um jogador da Seleção Brasileira de futebol na década de 30, Póvoa. (...) É uma turma que tem muito a recordar: formou-se e viveu sob o signo da política. A formatura (1927) foi um mês depois da posse de Getúlio Vargas como ministro da Fazenda do governo Washington Luís e um mês antes que a famosa Coluna Prestes, movimento armado chefiado pelo então Capitão Luís Carlos Prestes (hoje líder dos comunistas brasileiros da “linha soviética”), chegasse ao fim, internando-se na Bolívia, depois de uma marcha de cerca de 30 000 quilômetros pelo Brasil. (...)

No final do almoço (NCR\$ 15,00 para cada um e Garrastazu Medici fez questão de pagar sua parte), o presidente estava emocionado: num discurso de improviso (cinco minutos), ofereceu seu cargo de presidente aos velhos companheiros da “Laguna”. Na mesma mesa em U onde comia em mangas de camisa o chefe do terceiro governo da Revolução estavam também seis colegas seus que haviam deixado as fileiras do Exército após 1964. Mas nem o presidente nem os seus lembraram as divergências recentes: recordavam a época distante da juventude e – talvez por terem uma idade média de 64 anos – lembravam também a batalha que nenhum estrategista pode vencer: a batalha contra o tempo (Veja nº 71 de 14.01.1970, Do presidente: ontem, hoje e amanhã, p.26, grifos nossos).

A sequência aborda a resistência, dando destaque à oposição ao golpe existente dentro do próprio Exército. Quando a *Veja* apresenta a oposição no interior da instituição militar produz sentidos que significam que nem ao menos dentro das

Forças Armadas, principal alicerce da manutenção do regime, havia consenso sobre a implantação do regime. Considerar essa questão é pensar que não tinha como existir o consenso da sociedade propagandeado pelos militares.

A revista especifica ainda que os opositores deixaram as fileiras do Exército por conta de divergências, significando que a instituição militar não aceitou opiniões diversas. No entanto, de acordo com o descrito pelo texto, Médici é significado como um indivíduo que sabe lidar com essas divergências, pois pôde almoçar com os opositoristas sem transtornos e sem relembrar esses momentos, pensando apenas nas boas lembranças que sua turma *coberta de glórias!* podia trazer.

São citadas pela *Veja* entre as glórias dessa turma, e colocadas lado a lado, ter um presidente da República, generais do Exército, políticos e um jogador de futebol da seleção brasileira. Explicita-se com essa comparação a importância que é defender a seleção brasileira para o país.

Fica claro no texto da *Veja* que o país e o regime tinham problemas: o Brasil não era o mar de tranquilidade divulgado pela propaganda do governo e a repressão dos militares às oposições não era suficientemente eficaz para impedir que existissem. Esses setores foram crescendo a cada ano que os militares se mantinham no poder, sofisticando cada vez mais sua atuação.

Uma das opções de atuação da oposição foi organizar guerrilhas urbanas e rurais. Entre as investidas desses grupos estavam a realização de assaltos a bancos, atentados e sequestros. Suas principais intenções eram libertar companheiros de luta política presos pelos órgãos da repressão, obter recursos econômicos que visavam manter suas organizações, além de ganhar visibilidade.

Alves (2000) afirma que “Os sequestros foram as atividades que mais chamaram atenção das autoridades” (p. 29). Acrescente-se que os sequestros concederam visibilidade pela atenção da mídia e ganharam espaço internacional principalmente ao ocorrerem com diplomatas estrangeiros.

Considerando que a grande mídia era o principal instrumento de divulgação de informações e que o que era divulgado por esses veículos auxiliava na constituição e institucionalização de sentidos sobre acontecimentos políticos, a versão propagada por ela foi importante para o ambiente político. A maneira como esses fatos de caráter político foram divulgados pela imprensa em geral não foi favorável à atuação da militância opositorista. Os militantes eram significados pela imprensa como terroristas, indivíduos contrários ao crescimento do país e brasileiros

que deveriam ser reprimidos.

Dentro da perspectiva de repressão às oposições surgiu o *slogan Brasil: ame-o ou deixe-o*, que ganhou espaço, principalmente através de adesivos para carros. A frase, como outras, foi por muitas vezes atribuída à AERP; no entanto, fica evidenciado que seu enunciado agressivo não tinha ligação com a lógica de atuação da Assessoria.

Publicada pela *Veja* de 01 de julho de 1970, na edição da revista posterior à comemorativa pela Copa do Mundo, na qual constava da capa a fotografia de uma estátua da cabeça de Médici e a manchete: *A nova imagem de Medici*, a matéria *A maioria silenciosa* discute a utilização da frase, conforme sequência a seguir:

45. No domingo da vitória, depois dos 4 a 1 sobre a Itália, o Brasil não era o país hospitaleiro que consta das cartilhas escolares. Andar de carro pelas suas principais cidades sem bandeiras nacionais nos pára-brisas era muito mais que uma falta de interesse esportivo: era uma temeridade. Para alguns estrangeiros, italianos principalmente, o contato com a delirante multidão das ruas transformava-se geralmente num desagradável teste de sobrevivência. (...)

AME-O OU DEIXE-O – *A interrogação começou a ter sentido a partir de uma campanha desenvolvida principalmente em São Paulo em torno de uma frase copiada dos EUA. Com a vitória de Nixon no fim de 1968, e com seu esforço desde o início do governo para despertar sua “maioria”, começaram a aparecer os dísticos e slogans dos defensores da guerra do Vietnam. “America, love it or leave it” (América, ame-a ou deixe-a) passou a ser visto com frequência em pára-choques e pára-brisas de carros dirigidos pelo operariado urbano e pela classe média não universitária dos EUA, representando um protesto dos cansados das agitações estudantis, das rebeliões dos negros e das críticas à posição do governo em relação à guerra do Vietnam. A versão brasileira – plásticos com a frase “Brasil, ame-o ou deixe-o” – apareceu de forma mais discreta. Os dísticos (10 000) foram fabricados com dinheiro de empresas particulares em São Paulo e distribuídos a repartições públicas, bancos e quartéis. Após o início pouco espontâneo, a campanha ganhou uma vida própria tão ativa, que chega a surpreender seus patrocinadores. Esgotados os 10 000 da distribuição gratuita, começou a venda dos slogans em bancas de jornal, por uma firma particular. Custando 3 cruzeiros, ainda assim cada banca vende uma média de cem por semana. Ao lado desta grande procura, criou-se uma absorção natural da palavra de ordem, que é copiada e redesenhada por crianças em escolas e mesmo fora delas.*

*(...) Com a Copa do Mundo, a campanha brasileira se tornou ainda mais parecida com a americana: milhares de bandeiras do Brasil invadiram as residências e os automóveis. **Elas agora passam a identificar uma maioria também defensora do esquema “lei e ordem” que apoiaria o governo em todas as suas decisões neste sentido?***

A resposta já é difícil; de qualquer forma, é preciso esperar que a lembrança do alegre futebol desanuvie o sisudo ar da política (Veja nº 95 de 01.07.1970, A maioria silenciosa, p. 30, grifos nossos).

O texto retirado da reportagem também estava relacionado à capa como as duas matérias que lhe antecedem e serão analisadas mais adiante, referentes às

repercussões em termos de propaganda que a vitória da Copa teria trazido para o governo. A sequência se inicia abordando a vitória brasileira e as comemorações da população no país, significadas pela *Veja* como exageradas. Ao continuar, o discurso da revista deixa clara a existência de setores de oposição ao regime; recupera também a memória da oposição sofrida pelo governo dos Estados Unidos da América durante o conflito na Guerra do Vietnã e afirma que a criação da expressão brasileira foi proveniente da tradução de frase utilizada naquele país. Os governantes dos EUA sofreram grande oposição em virtude do conflito, assim como os governantes brasileiros que assumiram após o golpe de 1964. E essa comparação da *Veja* significou a existência da oposição exercida por grupos contrários aos militares. De acordo com o texto, no caso estadunidense, a frase foi apropriada por setores que não aceitavam as constantes manifestações contrárias ao governo.

Evidenciando a oposição brasileira, a sequência constrói efeitos relacionados a esses sentidos. *Elas [as bandeiras] agora passam a identificar uma maioria também defensora do esquema "lei e ordem" que apoiaria o govêrno em tôdas as suas decisões neste sentido?* Embora se dê destaque ao fato de que a campanha, disseminada por empresas particulares, teria crescido rapidamente, significando a espontaneidade de seu desenvolvimento, o trecho identifica setores que apoiavam o governo como uma maioria que utilizou a frase, tendo em vista suas insatisfações com as oposições. No entanto, a sequência põe em questão o apoio que os colaboracionistas davam ao governo e afirma que o que poderia desanuviar o ar pesado da política era o futebol e a lembrança alegre da vitória futebolística.

A partir da publicação da matéria, parcialmente transcrita acima, a revista iniciou uma série de discussões sobre a expressão *Brasil, ame-o ou deixe-o* publicadas na seção de cartas dos leitores nas edições de 05 de agosto (*Ame-o ou deixe-o*), 14 de outubro (*Não o deixe*) e 12 de dezembro de 1970 (*Ame-o, e ninguém o segura*). As cartas faziam referência à reportagem de julho e a primeira das cartas publicadas em 12 de dezembro¹¹ também faz referência à de 14 de outubro de 1970.

Em nome de quatro leitores espalhados por três estados do Brasil, dois de São Paulo, um do Maranhão e outro da Bahia, as cartas produziam discursos acerca da frase inicial, *Brasil, ame-o ou deixe-o*, além de explicitarem versões para o

¹¹ Na edição de 23.12.1970 foram publicadas em conjunto duas cartas, além de um comentário da *Veja* sobre a segunda carta. Ver anexo 37.

slogan que deveriam ser adotadas pelos brasileiros. As construções discursivas apresentadas pelas cartas visavam produzir sentidos distintos dos veiculados pela frase inicial.

46. *Ame-o ou deixe-o*

Sr. Diretor: VEJA demonstrou oportunamente a falta de imaginação de quem criou o slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o”, relatando a origem e significado do mesmo: tradução literal da frase americana criada para apoiar a política do Presidente Nixon e a guerra do sudeste asiático. Embora o citado slogan possa agradar a nacionalistas mesquinhos e negativistas, é preciso estudar de forma construtiva meios de divulgar o Brasil Grande, objetivo e sentido da Revolução que o próprio Presidente Medici não se cansa de definir. E, para não tornarmos a atitude de adolescentes que apenas “agridem porque é agressivo”, procuramos propagar slogans mais positivos, como muitos que foram vistos e ouvidos. “Brasil, conte comigo!”, a título de sugestão. Ou por que não “Pra frente Brasil”, “Brasil, um só coração”, dentro dos motivos que nos sugere a famosa música de Miguel Gustavo?...

Professor Antônio Luís Gomes

São Paulo, SP (Veja nº 100 de 05.08.1970, Ame-o ou deixe-o, p. 7, grifos nossos).

A primeira das cartas, acima transcrita, produz sentidos contrários à divulgação da frase, retornando a questões disseminadas pela reportagem inicial, especialmente ao se considerar que, segundo a revista, a frase foi divulgada por elementos que apoiavam o regime militar. A carta produz sentidos críticos à divulgação do *slogan*, que não seriam uma forma construtiva de divulgar o *Brasil Grande*, conforme os militares pretendiam qualificar o país, e retoma a relação com o futebol, remetendo a frases de músicas criadas em virtude da Copa do Mundo e utilizadas nas comemorações do campeonato, que serviram para propagandear o governo.

As duas outras cartas que discutiram a primeira reportagem foram publicadas em 14.10.1970 e 23.12.1970.

47. *Não o deixe*

Sr. Diretor: Quando surgiu o decalque “Brasil, Ame-o ou Deixe-o”, imediatamente me lembrei do “America, Love it or Leave it”, tal como VEJA observou a seguir. Gostei da adaptação feita, porém senti, como publicitário, que talvez houvesse alguma coisa errada na frase. Parecia-me uma rejeição muito forte, incompatível com a hospitalidade brasileira, a repulsa contida na última parte da frase. Recentemente, em São Paulo, encontrei no bar do seu Mário de Oliveira, na rua Garcia Duarte, um slogan que me pareceu representar o verdadeiro espírito do povo brasileiro: “Brasil, Ame-o e Não o Deixe”. A frase, segundo me informaram, é de autoria de um estudante, muito inspirado, Eugênio Bretel Lopes.

Eddie Augusto da Silva

São Paulo, SP (Veja nº 110 de 14.10.1970, Não o deixe, p. 8, grifos

nossos).

A sequência retoma a questão da grande repulsa que poderia causar o *slogan*, produzindo efeitos de sentido também contrários à expressão inicial e, ao sugerir a utilização de *Brasil, ame-o e não o deixe*, afirma que a frase, de autoria de um estudante, poderia significar melhor o espírito do brasileiro. Segundo Fico (1997), os militares se empenharam pela busca de uma alma nacional, relacionada aqui ao espírito do brasileiro de que fala a carta. O futebol serviu bem a esse intento e, para isso, os governantes aproveitaram os reflexos do *Milagre Econômico* e da vitória da Copa do Mundo, vitória a que estava vinculada a reportagem de junho de 1970, assim como as cartas publicadas em edições subsequentes.

O discurso da primeira carta publicada em 23.12.1970 segue a mesma lógica dos demais, indicando nova redação para a frase, corrigindo também a frase proposta por outro leitor.

48. Ame-o, e ninguém o segura

Sr. Diretor: Ainda sobre o slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o”, que um leitor contestou no n.º 110 (14-10-70) de VEJA, e sugerindo a mudança para “Ame-o e não o deixe”, o que acho ainda incorreto; o mais certo mesmo, e mais brasileiro, talvez seja “Brasil, ame-o cada vez mais”.

Antônio Gomes da Silva Filho

São Luís, MA (Veja n.º 120 de 23.12.1970, Ame-o, e ninguém o segura, p.10, grifos nossos).

A alegação feita no discurso é que o *slogan Brasil, ame-o cada vez mais* seria mais brasileiro, retornando a lógica empreendida pelos militares do ideal do cidadão e da busca pela alma nacional.

A segunda carta publicada na edição de 23.12.1970 evidenciava um caráter crítico ao usar a ironia pela retomada da construção *Ninguém segura este país*, marcada como um discurso ufanista. O retorno desta expressão é ideologicamente marcado por um já-dito que retorna e se presentifica porque o contexto sócio-histórico e as circunstâncias políticas dão sentido a essa construção:

49. Sr. Diretor: Será que ninguém segura este país de copiar alguns slogans alienistas? Além do “Ame-o ou deixe-o”, o “Ninguém segura este país” foi copiado dos Estados Unidos, onde a frase foi usada e adquiriu fama na crise econômica de 1929. A National Association of Manufactures difundiu um cartaz mostrando a sedutora miss Colúmbia que proclamava: “Nothing can stop U.S.”

Jorge D. Almeida

Salvador, BA (Veja n.º 120 de 23.12.1970, Ame-o, e ninguém o segura, p.

10, grifos nossos).

A *Veja* publicou seis reportagens de capa em 1970 sobre os movimentos de oposição brasileiros. São elas:

Quadro 2. Capas referentes a ações de oposição¹²

Manchete de capa	Título da reportagem	Data e página	Anexo e página
<i>O GRANDE ASSALTO</i>	<i>DEZ BILHÕES EM MEIA HORA</i>	04.02.1970 p. 18-25	Anexo 5, p. 188
<i>O SEQÜESTRO DO CÔNSUL – UM TERROR REORGANIZADO? UM TERROR DESESPERADO?</i>	<i>CHANTAGEM NÚMERO DOIS</i>	18.03.1970 p. 16-21	Anexo 7, p. 192
<i>CRIME E DIPLOMACIA – O DRAMA DO SEQÜESTRO</i>	<i>SEQÜESTRO</i>	15.04.1970 p. 30-37	Anexo 11, p. 206
<i>SEGREDOS DO TERROR</i>	<i>A nova face do terror</i>	03.06.1970 p. 20-23	Anexo 13, p. 210
<i>O TERROR REGENERADO</i>	<i>Autocrítica do terror</i>	15.07.1970 p. 16-21	Anexo 30, p. 279
<i>SEQÜESTRO: A FIRME POSIÇÃO DO GOVÉRNO</i>	<i>A chantagem controlada</i>	30.12.1970 p. 14-19	Anexo 38, p. 297

Nessas capas, a oposição era significada como a forma pela qual o cidadão brasileiro ideal, que os militares pretendiam definir, não deveria se comportar. Os opositoristas receberam qualificações na *Veja* durante o ano de 1970 como terroristas, homens do terror ou subversivos, entre outras adjetivações que desqualificavam as práticas empreendidas com a intenção de se opor ao regime autoritário.

Uma dessas capas constrói sentidos relacionados à imagem do presidente Garrastazu Médici. É importante considerar, ao se observar a fotografia estampada na capa e sua manchete que, como dito anteriormente, a construção de uma imagem favorável do general e do governo foi uma preocupação frequente dos órgãos governamentais, em especial da AERP. A fotografia traz uma mão fechada batendo em cima de uma mesa. Há um efeito na imagem, uma sombra que demonstra a existência do movimento de abaixar a mão para bater na mesa. É

¹² Nesse quadro foi mantida a formatação dos títulos, conforme publicado nas edições da revista *Veja* de 1970.

visível que o autor do movimento está vestido com uma camisa de manga comprida, até o punho. A imagem vem acompanhada do dizer: *Seqüestro: A Firme posição do govêrno.*



Imagem nº 9, *Veja* nº 121 de 30.12.1970, *Seqüestro: a firme posição do govêrno*, capa.

O discurso construído pela capa da revista institui sentidos que apontam para a principal figura do governo, o presidente do país, o general Médici. A fotografia significa as ações que o governo teria empreendido para ter uma postura firme em relação à atuação dos opositoristas. Essa construção, além de aludir à dureza do regime estabelecido, que não aceita oposições, remete à imagem do presidente como um político com atuação autoritária, repressiva e firme. Os sentidos

construídos em relação a Médici são de um político responsável, que estaria fazendo tudo para evitar que os sequestros tornassem a ocorrer, mas que também era responsável por um governo autoritário. Nessa mesma direção de sentidos está a sequência a seguir, publicada na seção *Brasil*, em 18.03.1970:

50. O seqüestro do cônsul japonês Nobuo Okuchi (...) foi o problema mais delicado enfrentado pelo Presidente Garrastazu Médici, desde a sua posse, mas não chegou a alterar substancialmente o seu comportamento. Embora preocupado com a segurança do diplomata – as imediatas providências adotadas para atender às exigências dos terroristas mostram que não houve vacilação –, o presidente não chegou sequer a alterar seu horário normal de refeições ou estender além do habitual seu tempo de permanência no Palácio do Planalto, em Brasília. (...) Firmeza e serenidade no comando dos acontecimentos ajudaram o presidente a superar o episódio sem que se chegasse a criar um clima de tensão nos escalões inferiores da administração. No Palácio do Planalto, enquanto importantes decisões eram tomadas no gabinete presidencial, os assessôres de todos os níveis mantiveram suas atividades rotineiras (Veja n° 80 de 18.03.1970, O presidente – A decisão firme, p.24).

O texto evidencia a existência da oposição ao regime, ao tratar dos casos de sequestros de diplomatas estrangeiros, que foi uma das estratégias de atuação dos grupos de resistência. A sequência remete à seriedade do governo e à eficácia de suas decisões, de forma que, em virtude da firmeza e serenidade do presidente diante do problema mais delicado desde a sua posse, não tenha havido alterações em suas ações cotidianas. Os comentários ratificaram a questão da segurança e firmeza das ações do governo, que, como a propaganda do regime pretendia deixar transparecer, estava colocando o país no rumo do desenvolvimento (Fico, 1997). A sequência também produz efeitos de sentido sobre a imagem do presidente, tendo em vista que o texto se constrói fazendo referência à atuação de Médici e, assim, à certeza de suas decisões.

Durante o ano de 1970, a *Veja*, como elemento importante da mídia impressa brasileira já no período, participou de forma ativa da construção da imagem do presidente, veiculando muitos sentidos sobre o general. A revista evidenciou as estratégias de propaganda que visaram popularizar a figura de Médici, demonstrando percepções das investidas governamentais e senso crítico em relação a esses acontecimentos que incidiam nas questões políticas do país, como ocorre na sequência a seguir.

51. ... é muito provável que os colaboradores do Presidente Médici,

dedicados à busca de melhores formas de comunicação, estejam atualmente mais preocupados em como aproveitar os resultados positivos da Copa e os aplausos de terça-feira.

*No Congresso esses fatos não passaram despercebidos. (...) O Deputado Raimundo Padilha, líder do governo na Câmara, mencionou o episódio da **Copa e o interesse pelo futebol como “uma ponte de comunicação entre o governo e o povo”**. (Veja nº 95 de 01.07.1970, A imagem do sucesso, p. 19, grifos nossos).*

No entanto, a vinculação do presidente ao futebol e a outros elementos de caráter popular, que mostravam Médici como um brasileiro de hábitos comuns, foi frequentemente visualizada no discurso da revista e dessa forma dialogava e ratificava os sentidos da propaganda oficial. Analisaremos a seguir a presença desses dizeres, por vezes contraditórios, sobre a figura do general-presidente Emílio Garrastazu Médici.

3. 2. 7. A construção da imagem de Médici

Na busca de uma *alma nacional* (Fico, 1997), através da qual transpareceriam a integração e a grandeza da nação, os militares colocaram em circulação um modelo do ser brasileiro. Esse indivíduo deveria, principalmente, participar dos feitos do país; no entanto, como o povo não estava preparado, deveria ser dirigido pelos militares. Em última instância, a representação desse brasileiro podia ser encontrada na figura do general-presidente.

A imagem de Médici era significada como presidente, homem comum, como brasileiro ideal, que contava com determinados atributos que definiriam os cidadãos do país. Esse dizer transparecia que, além de tomar decisões firmes e justas, capazes de levar o país para o desenvolvimento, o presidente também partilhava os mesmos gostos e ideais do povo. Visando construir uma imagem favorável, Médici era constantemente mostrado como esse homem que cultivava hábitos comuns, que sintetizava as características que todo brasileiro poderia e deveria ter. Mas, o presidente era significado também como o político eficiente e atento, que possuía as qualidades indicadas para administrar o país (Alves, 2000).

A sequência a seguir dá voz ao chanceler Mário Gibson, que identifica Médici como o *chefe de família* exemplar, que conduz a família da nação brasileira no caminho certo.

52. Às 5 horas da tarde, êle recebeu os cumprimentos dos seus ministros e do vice-presidente Augusto Rademaker. **“Nesta hora, reverenciamos em vossa excelência o chefe de família exemplar, que não poupa esforços nem mede cansaços para bem conduzir esta grande família que é a nação brasileira no caminho certo”**, disse o chanceler Mário Gibson Barboza falando por seus colegas (Veja n° 121 de 30.12.1970, O presidente – Alegria de Natal, p. 20-21).

Ressalte-se que, como dito anteriormente, a utilização das aspas se caracteriza como um recurso discursivo utilizado para evidenciar que o discurso não é da revista, marcando a fala do outro. A voz apropriada pela *Veja* produz efeitos de sentido que aproximam o presidente do homem comum, o chefe de família, que por ser presidente se preocupa com a grande família, a nação brasileira, ratificando sentidos produzidos e reproduzidos pela propaganda governamental.

O governo pretendia demonstrar que, além de ser um brasileiro como qualquer outro cidadão e torcedor de futebol, o general, como os governantes militares, era um político honesto e que não se rendia a demagogias. É comum se notar essa direção de sentidos na revista *Veja* sobre a imagem do presidente como um político competente que não bajula a opinião pública.

53. Acima de tôdas as diretrizes fica o cuidado do presidente de evitar providências que venham a dar mais propaganda do que resultados. ‘Nunca se encontrará o presidente fazendo uma concessão ao populismo’, comentou um dos seus colaboradores diretos (Veja n° 78 de 04/03/1970, Os caminhos de Médici, p. 20).

Essas ideias buscavam demonstrar que os governantes tinham o bem comum e o desenvolvimento como objetivos maiores. E estavam fundamentadas no que Fico (2004) chama de *utopia autoritária*, segundo a qual, os militares acreditavam que através do autoritarismo levariam o Brasil ao seu lugar de potência. De acordo com o autor, “a mencionada utopia assentava-se na crença da superioridade militar sobre os civis, vistos, regra geral, como despreparados, manipuláveis, impatrióticos e – sobretudo os políticos civis – venais” (p. 11).

Embora com frequência se alinhe a esta posição ideológica, na sequência discursiva a seguir a revista faz uma crítica à propaganda governamental que tentava transmitir uma imagem do presidente que, no entanto, não funcionava como pretendiam os articuladores das campanhas. Essa construção discursiva crítica da revista está presente na reportagem *Médici: a imagem*, na qual a *Veja* utiliza a voz

do jornalista Carlos Castelo Branco, cronista do *Jornal do Brasil*¹³, para fazer juízo das intenções de popularização do presidente.

Ao utilizar a fala do cronista do *Jornal do Brasil*, a *Veja*, embora apresente seu julgamento a uma forma de atuação do governo, não a assume como seu.

54. O estilo é o homem – e o Presidente Garrastazu Médici manteve... o mesmo estilo de imagens rebuscadas, com refrões encaixados entre os parágrafos. Talvez não seja essa a melhor linguagem para um discurso dirigido aos trabalhadores... Mas talvez revele coerência: o presidente sempre disse que gostaria de obter popularidade, mas sem fazer concessões à demagogia.

Comunicar-se com o povo é uma preocupação do governo. Nos últimos dias, sua Assessoria Especial de Relações Públicas vem distribuindo, por todo o país, um folheto em que procura mostrar o presidente como um homem comum, atento às pequenas alegrias, o chope no barzinho da esquina, o futebol, o cinema, as reuniões em família.

O cronista Carlos Castelo Branco, do “Jornal do Brasil” chegou a escrever: “Tomar chope no botequim da esquina ou suportar a estridência de discos de música de consumo na porta de lojas do gênero são contingências da pobreza ou da falta de espírito, nunca uma opção feita na plenitude das possibilidades de cada um” (Veja nº 73 de 28.01.1970, Médici: a imagem, p.20, grifos nossos).

As imagens formadas em torno de Médici o vinculavam ao cafezinho, ao cigarro e ao futebol, aspectos que faziam dele um homem comum, visando à identificação com a população. Apesar das críticas, de acordo com Fico (1997), “o presidente Médici (...) fruiria de alguma popularidade (...) graças à eficácia da propaganda (...) e aos desempenhos da economia e do futebol” (p. 69). Após a Copa do Mundo, a imagem do presidente toma proporções ainda mais populares.

As investidas na construção de uma imagem de Médici produziam, no entanto, sentidos que evidenciam uma figura, em muitos casos, contraditória. O mesmo presidente que, como um homem simples, era fumante e apaixonado pelo futebol, também era tratado como o político de fala rebuscada, que precisava ter, nos termos da *Veja*¹⁴, cuidado com as palavras utilizadas para ser entendido pelo povo.

Sinalizando a tentativa da construção de uma imagem do presidente, além de publicar inúmeras reportagens sobre a rotina e a figura de Médici, a *Veja* contou com sete intituladas *O PRESIDENTE*, seguidas de um subtítulo que trazia o tema da

¹³ O *Jornal do Brasil* foi um importante veículo de comunicação com postura crítica ao regime militar.

¹⁴ Ver *Veja* nº 71 de 14.01.1970, *Do presidente: ontem, hoje e amanhã*, p. 26, anexo 2.

matéria. Os textos foram publicados no decorrer do ano de 1970:

Quadro 3. Matérias com temática e título ligados ao presidente¹⁵

Título da matéria	Data e página da <i>Veja</i>	Anexo e página
<i>O PRESIDENTE – A decisão firme</i>	18.03.1970, p. 24	Anexo 8, p. 194
<i>O PRESIDENTE – A fé do torcedor</i>	06.05.1970, p. 20	Anexo 12, p. 208
<i>O PRESIDENTE – Lições da História</i>	10.06.1970, p. 30	Anexo 14, p. 212
<i>O PRESIDENTE – Casas e música</i>	24.06.1970, p. 23	Anexo 21, p. 240
<i>O PRESIDENTE – Uma boa semana</i>	08.07.1970, p. 16	Anexo 29, p. 276
<i>O PRESIDENTE – O calor dos jogos</i>	29.07.1970, p. 18-19	Anexo 32, p. 283
<i>O PRESIDENTE – Alegria de Natal</i>	30.12.1970, p. 20-21	Anexo 39, p. 299

Apenas um dos textos publicados durante a Copa fala sobre a realização do campeonato: *Casas e música*. No entanto, o tema também é tratado em outras três das reportagens: *A fé do torcedor*, *O calor dos jogos*, *Uma boa semana*. Dentre as sete matérias, quatro delas, mais da metade, citavam o futebol. Considerando que o esporte era considerado elemento de identidade do brasileiro, evidencia-se seu papel na construção da imagem do presidente Médici na *Veja*.

A seguinte sequência recortada da reportagem *O presidente – Casas e música* fala sobre eventos políticos a que o presidente compareceu, ressaltando sua participação em eventos filantrópicos, além da inauguração de obras públicas, que faziam parte de sua rotina política. A sequência termina informando que, em meio à série de acontecimentos ocorridos, Médici teve tempo de ver a final da Copa do Mundo entre Brasil e Itália.

55. Com a ajuda do Presidente Garrastazu Medici, a barraca de São Paulo arrancou a todo vapor, para obter a maior arrecadação da Festa dos Estados, promoção filantrópica que se realiza em Brasília, anualmente, no mês de junho, em favor da Casa do Candango.

... a barraca paulista realizou sexta-feira um concerto no Teatro Municipal de São Paulo (...) e o presidente compareceu, para prestigiar a promoção filantrópica, à exposição Arrastão 70 – de trabalhos artesanais em benefício do Clube das Mães.

*Mas não foi apenas para ouvir música que Garrastazu Medici esteve em São Paulo na semana passada. Ele aproveitou para inaugurar, em Campinas, um conjunto de 1 531 casas populares, que recebeu o nome do Marechal Costa e Silva. (...) Sábado de manhã, o presidente seguiu para o Rio Grande do Sul, mas **retornou a Brasília no domingo, a tempo de ver pela televisão em cores especialmente instalada no Palácio da Alvorada a decisão da Copa entre Brasil e Itália** (Veja nº 94, 24.06.1970, *O presidente – Casas e música*, p. 23).*

¹⁵ Nesse quadro foi mantida a formatação dos títulos, conforme publicado nas edições da revista *Veja* de 1970.

Ao descrever a rotina do presidente, a sequência produz efeitos de sentido que evidenciam o político comprometido, preocupado em realizações em favor do povo, participando de ações filantrópicas e inaugurando casas populares. O trecho finaliza ratificando o interesse do presidente pelo futebol nacional. A identificação do presidente com o povo se deu principalmente pela aproximação de sua imagem com o futebol, esporte nacional.

3. 2. 8. A camisa número 12

A popularização da imagem do presidente ficou mais evidente após a conquista do Tricampeonato Mundial de Seleções, momento de extrema euforia da população brasileira. A conquista do campeonato não podia ser controlada pelos governantes. No entanto, as repercussões da vitória foram utilizadas e capitalizadas pela estrutura governamental. Desde os momentos anteriores à Copa do Mundo, a *Veja* associava a imagem de Médici ao futebol.

56. Diz um dos velhos oficiais da “Laguna” que o cadete Garrastazu Médici era um tipo retraído, aplicado nos estudos (formou-se em nono lugar) e relativamente frustrado nos campos de futebol, onde nunca chegou a ser tão bom quanto o Póvoa, que foi à Seleção Brasileira, nem mesmo como o Neves, que chegou a titular do Fluminense (Veja nº 71 de 14.01.1970, Do Presidente: ontem, hoje e amanhã, p. 26, grifos nossos).

A sequência vincula Médici ao gosto pelo futebol e dá destaque ao fato de que isso ocorria desde a juventude, produzindo efeitos de sentido que se relacionam a uma memória segundo a qual todo menino brasileiro sonha em ser um atleta do esporte.

Em muitas construções discursivas, o que importa é Médici como torcedor, deixando seu cargo político de presidente em segundo plano. Fico (1997) explica que “não importa o hábito – futebol, cavalos ou pão de queijo – o ‘presidente como homem simples’ é um tópico do imaginário social que o *marketing* político sabe aproveitar”. (p. 60). Essa construção coincide com as ações do governo de demonstrar que seus ideais se baseavam nas intenções de todo o povo brasileiro: pessoas semelhantes têm ideais e intenções semelhantes. Os recortes discursivos

abaixo deixam claros os sentidos produzidos sobre o presidente como um homem simples e comum, um brasileiro, torcedor como qualquer outro:

57. *Para o **Presidente Garrastazu Medici (um dos 90 milhões de técnicos de futebol que vivem no Brasil)**... (Veja, nº 78 de 04.03.1970, A garra das feras, p. 21, grifos nossos)*

58. *Tenho muita confiança na Seleção (...)
Quem fala assim é o **torcedor Emílio Garrastazu Médici**, que, **por ser também presidente da República**, pôde oferecer um almoço aos jogadores da Seleção... (Veja, nº 87 de 06.05.1970, O presidente – A fé do torcedor, p. 20, grifos nossos)*

59. *Na quarta-feira, **radinho de pilha na mão, fumando muito**, o presidente assistiu ao jogo contra a **Áustria**, no Maracanã. (Veja, nº 87 de 06.05.1970, O presidente – A fé do torcedor, p. 20, grifos nossos)*

A relação entre a construção da imagem de Médici e a ideia do futebol como elemento da identidade do brasileiro está sempre presente no discurso da *Veja*.

A reportagem *A camisa número 12* fala sobre o entusiasmo dos torcedores com a Copa do Mundo. Entre esses torcedores são colocados políticos, cidadãos comuns e o próprio presidente Médici. A revista apresenta palpites desses torcedores para os jogos, além de comemorações pelas vitórias e boas atuações do selecionado brasileiro na Copa do México.

60. *“A Voz do Brasil”, também antecipado para **aquêle horário de 5 da tarde**, a fim de deixar disponível a hora costumeira, **quando se iniciaria a luta do Brasil pela conquista do título**. E que espaço aberto dentro da programação normal para assunto francamente esportivo, na voz do locutor Antônio Carlos Rezende (há cinco meses, **êle – que é locutor esportivo e de noticiário – saiu da Rádio Gaúcha para a Agência Nacional**), atendia a um desejo do **Presidente Garrastazu Medici de franquear os canais oficiais para informar o que acontecia no México, durante todo o campeonato**. (Veja nº 92 de 10.06.1970, A camisa número 12, p. 63, grifos nossos).*

O programa *A voz do Brasil* passou a ser veiculado durante o Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas e é um noticiário público que vai ao ar diariamente às 19 (dezenove) horas. Surgido em um governo de caráter autoritário, é transmitido de forma obrigatória em todas as rádios brasileiras e caracterizado por transmitir informações sobre o governo e seus três poderes. A afirmativa de que a alteração de horário de *A voz do Brasil* para a transmissão da partida da seleção foi um pedido do presidente Médici retoma a ideia sobre o interesse do governante pelo futebol, ratificado pela primeira imagem publicada na matéria com o presidente em frente a

um aparelho de televisão, sugerindo que ele estivesse assistindo a um jogo de futebol.

A reportagem trazia também fotografias da torcida comemorando e assistindo aos jogos. A primeira imagem, a que trazia o presidente Médici em frente a um televisor era a única fotografia colorida das duas páginas. Uma questão que deve ser considerada ainda é que na fotografia, Médici está de costas para o leitor, o povo, contrariamente às demais fotografias, conforme é possível ver a seguir.

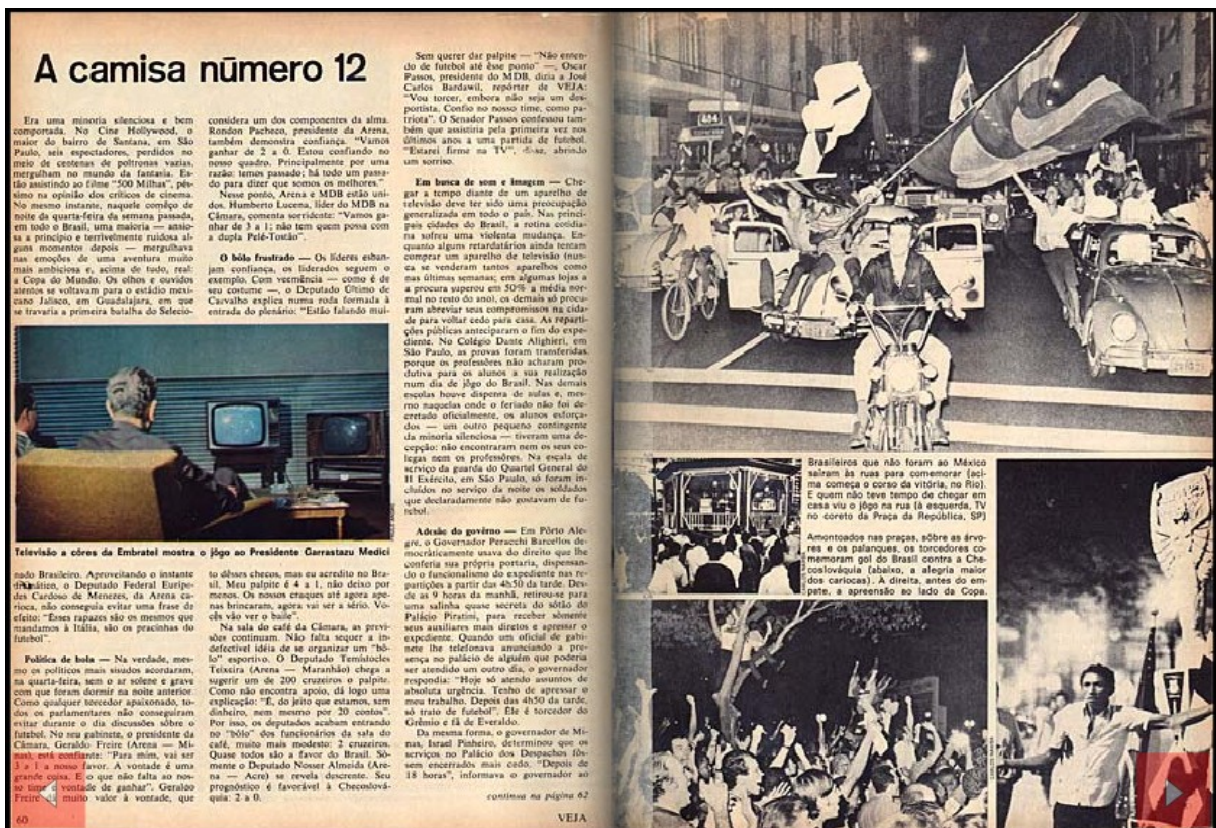


Imagem nº 10, *Veja* nº 92 de 10.06.1970, *A camisa número 12*, p. 63-64.

Considerando o conceito de composição conforme pensado por Lagazzi (2007) que ocorre entre texto e imagem na construção de discursos, a reportagem da *Veja* constrói sentidos de que Médici é o *camisa número doze*. Observando ainda que a memória pela qual a expressão *a camisa número doze*, que dá título à reportagem, é utilizada para se referir os torcedores, os outros sentidos a partir dessa construção retomam a ideia do presidente como o cidadão ideal, o torcedor número um, o torcedor ideal, representante da população brasileira.

Essa associação do presidente com o futebol acontece de tal forma que a edição da revista *Veja* posterior à comemorativa pelo Tricampeonato Mundial trazia

três reportagens que giravam em torno do tema. Na capa havia a foto de uma estátua da cabeça do presidente (que de acordo com a *Carta ao leitor* da edição era obra de um artista romeno) e a manchete: *A nova imagem de Médici*, capa apresentada a seguir.

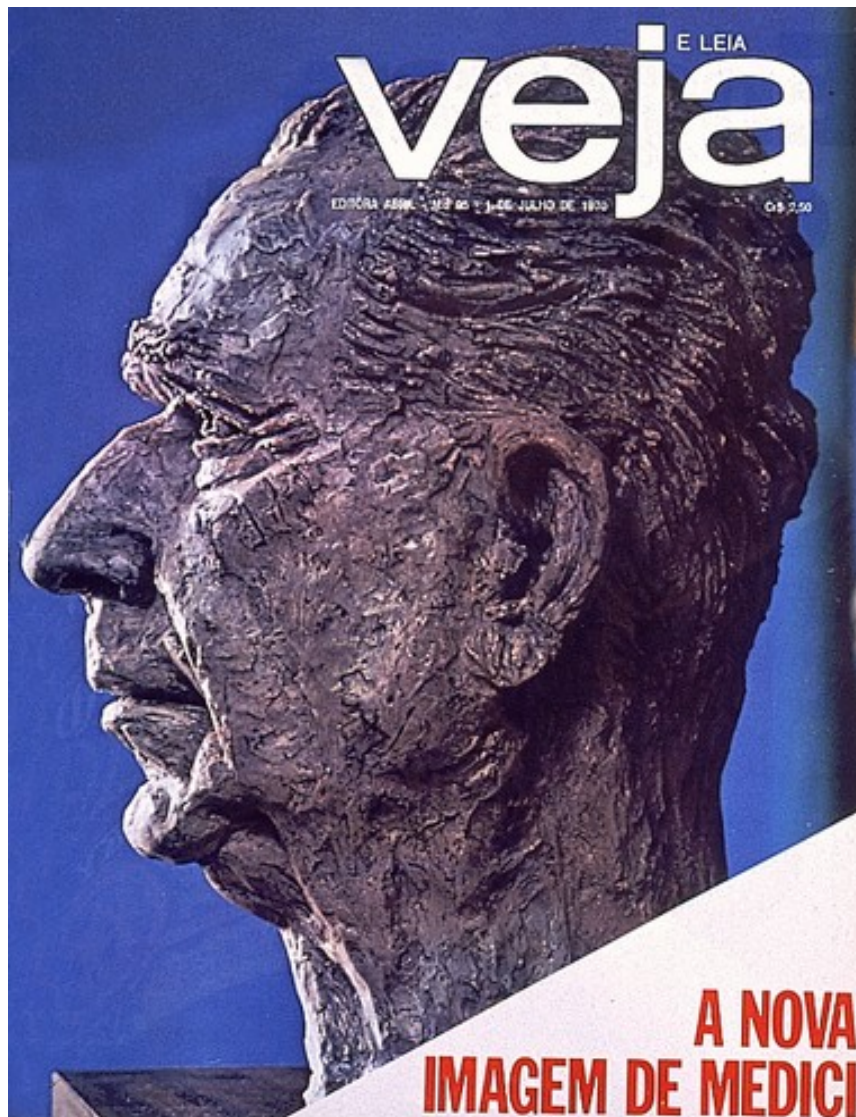


Imagem nº 11, *Veja* nº 95 de 01.07.1970, *A nova imagem de Médici*, capa.

A capa constrói sentidos contraditórios que demonstram algumas das ambiguidades do regime entre a popularidade do presidente e a dureza do governo autoritário e ditatorial. A imagem produz efeitos de sentido relativos ao caráter da autoridade ditatorial contraditória com a imagem que o governo pretendia transmitir e com *A nova imagem de Médici* a que se referia a reportagem de que trata a capa. Isso porque, segundo a reportagem, após a vitória brasileira na Copa de 70, a

imagem do presidente foi beneficiada pelo campeonato.

Três reportagens faziam referência à capa e estavam relacionadas com a questão da construção da imagem do presidente Médici. A primeira, *A imagem do sucesso*, comenta o aumento da popularidade do presidente e do governo proveniente do sucesso dos brasileiros na Copa. A subsequente, *O sucesso da imagem*, também se refere à questão das repercussões proporcionadas pelo campeonato que teriam sido bem maiores do que se poderia esperar e como os torcedores de todo o país festejaram a conquista. A terceira, *A maioria silenciosa* (acima analisada), discutia a frase *Brasil, ame-o ou deixe-o*, que produz efeitos de sentido diretamente relacionados com a questão da imagem e das ações do governo.

A edição trazia na *Carta ao leitor* comentários sobre as reportagens e a capa, conforme vemos a seguir:

61. Na semana passada, porém, o surgimento de uma peça imprevisível e idolatrada que agiu sobre o povo e o govêrno com podêres praticamente mágicos alterou com uma intensidade fora dos padrões convencionais os rumos do jôgo político e propôs novamente, em têrmos inéditos, o importante problema da popularidade de um govêrno revolucionário. Êsse estranho agente da felicidade coletiva foi uma estatueta de ouro: a Taça Jules Rimet. Sua chegada a Brasília provocou o alegre encontro, num só aplauso, da multidão com o General Garrastazu Medici. As reações populares e o júbilo governamental fizeram com que a imagem do presidente da República surgisse de uma forma inteiramente nova, buscada por todos há seis anos com muita persistência e algumas decepções. A pequena estatueta parece ter conseguido o êxito onde grandes planos e complicadas teorias falharam: o caminho da popularidade está aberto para o govêrno. A história e as imagens da chegada do símbolo mágico e das esperanças que êle estimula começam na página 18 (Veja nº 95 de 01.07.1970, Carta ao leitor, p.17, grifos nossos).

A vitória, de acordo com o discurso da *Veja*, foi capaz de modificar rumos do jogo político, auxiliando o governo na busca pelo consenso social, influenciando na resolução da questão da *popularidade revolucionária*. E aqui a revista reutiliza o adjetivo revolucionário em consonância com o fato de os militares se autodenominarem como governo revolucionário.

A primeira reportagem de que fala a capa e a *Carta ao leitor* se preocupavam em destacar que o governo aproveitaria o momento para obter a boa imagem que os governos revolucionários vinham buscando desde sua implementação. Da matéria, destacamos a seguinte sequência discursiva, onde é feita uma comparação com

Juscelino Kubistschek:

62. Na terça-feira, depois de assistir à manifestação popular que Brasília ofereceu aos tricampeões, quando a Seleção voou para o Rio levando a taça e proporcionando um carnaval em julho, o presidente tinha sua imagem nitidamente associada à vitória do México. Ele se interessou por todos os jogos, mas nunca disse aos jornalistas que não podia tratar dos assuntos do Ministério porque “o assunto hoje é futebol”, como fez em 1958 o Presidente Juscelino Kubistschek... (Veja nº 95 de 01.07.1970, A imagem do sucesso, p. 19, grifos nossos)

A comparação feita entre Juscelino Kubistschek e Médici produz efeitos de sentido de que o presidente, apesar de ser um apaixonado por futebol e ter se interessado por todos os jogos do selecionado na Copa do Mundo de 1970, não se afastou dos assuntos relacionados com a política nacional.

A matéria é iniciada por uma foto do general Médici comemorando o tricampeonato, como todo bom torcedor de futebol, com a bandeira nas mãos. Conforme se observa pela imagem das duas primeiras páginas¹⁶.

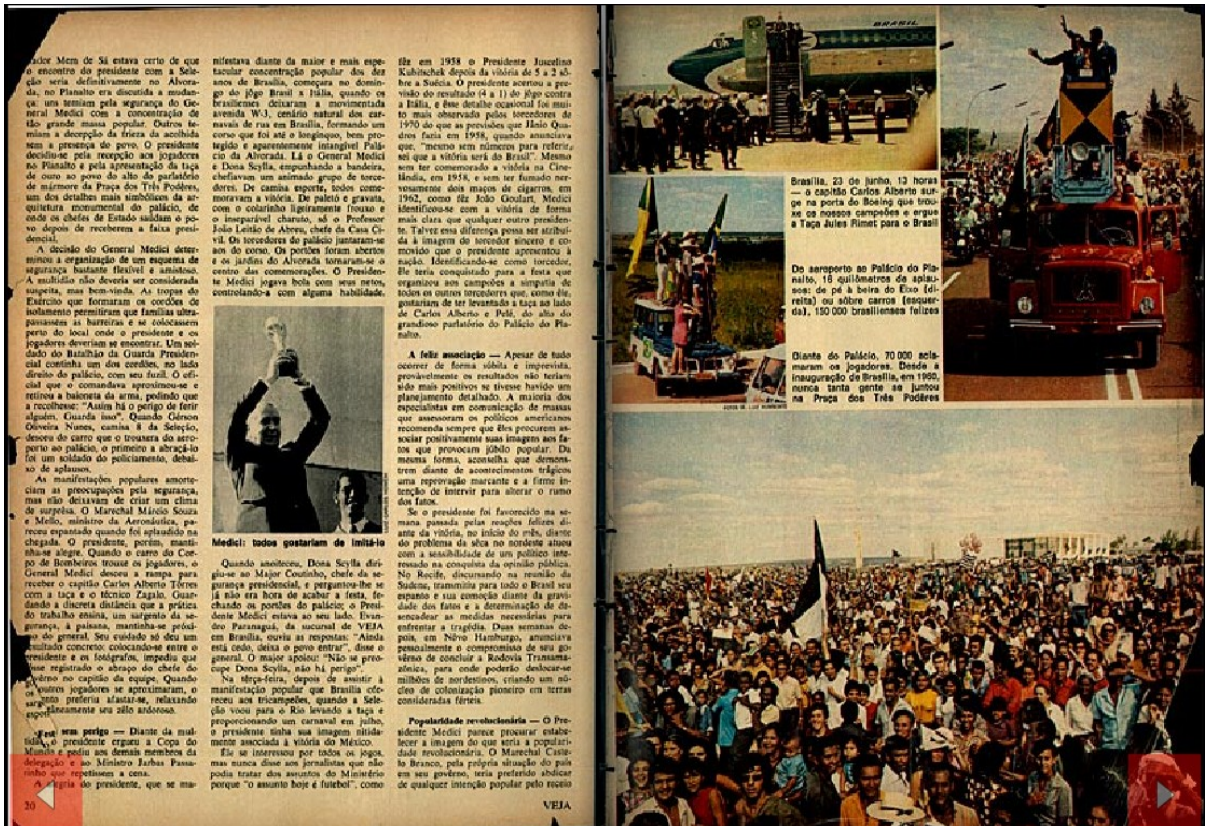


Imagem nº 1, Veja nº 95 de 01.07.1970, A imagem do sucesso, p. 18-19.

¹⁶ A imagem foi utilizada no segundo capítulo, na página 58, e repetida aqui para facilitar a visualização e a apresentação da análise.

A fotografia produz sentidos relativos à associação do presidente com o homem comum, apaixonado pelo futebol como todo torcedor brasileiro. No entanto, há um caráter dissonante entre a imagem e o texto da reportagem que remete às preocupações e estratégias do governo em produzir uma imagem popular. Dessa forma, o texto contradiz os sentidos relativos à espontaneidade da ação do presidente ao comemorar a vitória na Copa produzidos pela fotografia. O texto evidencia que, mais do que um torcedor apaixonado praticando um ato espontâneo, há um presidente e toda uma estrutura governamental preocupados com a popularização de sua imagem.

Nas páginas da reportagem estão estampadas outras fotografias. Entre as imagens está a da multidão que esperava o presidente no dia seguinte ao campeonato, em sua chegada ao Palácio do Planalto. Na última fotografia da página se vê uma multidão com bandeiras, mas não há evidências de comemoração e felicidade. Além dessa imagem, a reportagem contou ainda com fotografias dos festejos pelo tricampeonato, dos jogadores descendo do avião e em carro aberto saudando a população que estava em volta. Constavam imagens de Médici e seus familiares recebendo para um almoço os integrantes da seleção brasileira. Entre essas fotografias, havia uma do presidente Médici erguendo a taça Jules Rimet, com o capitão Carlos Alberto Torres, de quem o general repetia o gesto. A imagem era a única de uma das páginas e estava ao centro, no meio do texto. Na página ao lado há quatro fotografias referentes à chegada dos jogadores à Brasília.



...ador Memé de Sá estava certo de que o encontro do presidente com a Seleção seria, definitivamente, no Alvorada, no Piauí. Mas era disposta a mudar-se, uma vez que a segurança do General Médici com a concentração de tão grande massa popular. Outros temiam a decepção da fúria da acobrdada sem a presença do povo. O presidente declinou, pelo respeito aos jogadores do Piauí, e pela apresentação da taça de ouro ao povo do alto de parafuso de mármore da Praça dos Três Poderes, um dos detalhes mais simbólicos da arquitetura monumental do palácio, de onde os chefes de Estado saíram o povo depois de receberem a taça presidencial.

A decisão do General Médici determinou a organização de um esquema de segurança bastante flexível e ágil. A multidão não deveria ser considerada suspeita, mas bem-vinda. As tropas do Exército que tornaram os cercos de isolamento permitiram que famílias ultrapasadas as barreiras e se colocassem perto do local onde o presidente e os jogadores deveriam se encontrar. Um soldado do Batalhão da Guarda Presidencial controla um dos cercos, no lado direito do palácio, com seu fuzil. O oficial que o comandava aproximou-se e retirou a balaçeira da arma, pedindo que a recolhesse: "Assim há o perigo de ferir alguém. Cuidado isso". Quando Gerson Oliveira Nunes, camião à da Seleção, desceu do carro que o transporta do aeroporto ao palácio, sua abração foi um soldado do policiamento, detalhe de aplausos.

As manifestações populares amoticiaram as preocupações pela segurança, mas não deixaram de criar um clima de euforia. O Marechal Mário Souza e Melo, ministro da Aeronáutica, parece espantado quando foi informado na chegada. O presidente, porém, manifestou-se alegre. Quando o carro do Cezar de Bombardieri trouxe os jogadores, o General Médici deu a tempo para receber o capitão Carlos Alberto Torres com a taça e o técnico Zagallo. Guardando discreta distância que a política do trabalho em si, um sargento de segurança, a paisagem, manifestou o presidente e os jogadores, impediu que os jogadores preferissem abraçar, relatando imediatamente seu pelo ardoroso.

...que sem perigo — Diante da multidão, o presidente ergueu a Copa do Mundo e pediu aos demais membros da delegação e ao Ministro Jerbas Passarinho que se aproximassem.

...o amigo do presidente, que se manifestava diante da maior e mais espetacular concentração popular dos dez anos de Brasília, começou no domingo do jogo Brasil e Itália, quando os brasileiros declararam a movimentada avenida W3, cenário natural dos carnavais de rua em Brasília, formando um curso que foi até o longínquo, bem protegido e aparadamente intangível Palácio da Alvorada. Lá o General Médici e Dona Scylla, empunhando a bandeira, chefiavam um animado grupo de torcedores. De camisa esportiva, todos com o brasão de armas, o Professor João Leão de Abreu, chefe da Casa Civil do governador do palácio juntamente com os jardins do Alvorada tornaram-se o centro das comemorações. O Presidente Médici jogava bola com seus netos, controlando-a com alguma habilidade.

...festa em 1958 o Presidente Juscelino Kubitschek depois da vitória de 4 a 2 sobre a Suécia. O presidente ocorreu a previsão do resultado (4 a 1) de Jogo contra a Itália, e esse detalhe ocasional foi muito mais observado pelos torcedores do 1970 do que as previsões que Hélio Quadros fazia em 1958, quando anunciava que, "mesmo sem rítmico para referir-se que a vitória será do Brasil". Mesmo sem ter comemorado a vitória na Cinelândia, em 1958, e sem ter fundado necessariamente dois clubes de futebol, em 1962, como fez João Goulart. Médici identificou-se com a vitória de forma mais clara que qualquer outro presidente. Talvez essa diferença possa ser atribuída à imagem de torcedor sênior e conhecido que o presidente apresentava à nação. Identificando-se como torcedor, ele teria conquistado para a festa que organizava aos campos e simpatia de todos os outros torcedores que, como ele, gostariam de ter levantado a taça no lado de Carlos Alberto e Pelé, do alto do grandioso pátio do Palácio do Piauí.

A falta de associação — Apesar de tudo ocorrer de forma rápida e imprevista, provavelmente os resultados não teriam sido mais positivos se tivesse havido um planejamento detalhado. A maioria dos especialistas em comunicação de massas que associaram os políticos americanos recomendou sempre que eles procurassem associar positivamente suas imagens aos fatos que provocaram (liberdade popular). De mesma forma, aconselha que demostrem diante de acontecimentos trágicos uma preocupação sincera e a firme intenção de intervir para aliviar o ruído dos fatos.

Se o presidente foi favorecido na semana passada pelas reações felizes diante da vitória, no início do mês, diante do problema da alta no nome da Suécia, transmitida para todo o Brasil seu espanto e sua preocupação diante da gravidade dos fatos e a determinação de proporcionar as medidas necessárias para enfrentar a tragédia. Duas semanas depois, em Petro, Hamburgo, transmitiu pessoalmente o compromisso de seu governo de combater a Rodovia Transamazônica, para onde poderão deslocar-se milhões de nordestinos, criando um núcleo de colonização planejado em terras consideradas férteis.

Popularidade revolucionária — O Presidente Médici parece procurar estabelecer a imagem do que seria a popularidade revolucionária. O Manifesto de Brasília, pela própria situação do país em seu governo, seria preferido abdicar de qualquer intenção popular pelo receio

...nifestava diante da maior e mais espetacular concentração popular dos dez anos de Brasília, começou no domingo do jogo Brasil e Itália, quando os brasileiros declararam a movimentada avenida W3, cenário natural dos carnavais de rua em Brasília, formando um curso que foi até o longínquo, bem protegido e aparadamente intangível Palácio da Alvorada. Lá o General Médici e Dona Scylla, empunhando a bandeira, chefiavam um animado grupo de torcedores. De camisa esportiva, todos com o brasão de armas, o Professor João Leão de Abreu, chefe da Casa Civil do governador do palácio juntamente com os jardins do Alvorada tornaram-se o centro das comemorações. O Presidente Médici jogava bola com seus netos, controlando-a com alguma habilidade.

...festa em 1958 o Presidente Juscelino Kubitschek depois da vitória de 4 a 2 sobre a Suécia. O presidente ocorreu a previsão do resultado (4 a 1) de Jogo contra a Itália, e esse detalhe ocasional foi muito mais observado pelos torcedores do 1970 do que as previsões que Hélio Quadros fazia em 1958, quando anunciava que, "mesmo sem rítmico para referir-se que a vitória será do Brasil". Mesmo sem ter comemorado a vitória na Cinelândia, em 1958, e sem ter fundado necessariamente dois clubes de futebol, em 1962, como fez João Goulart. Médici identificou-se com a vitória de forma mais clara que qualquer outro presidente. Talvez essa diferença possa ser atribuída à imagem de torcedor sênior e conhecido que o presidente apresentava à nação. Identificando-se como torcedor, ele teria conquistado para a festa que organizava aos campos e simpatia de todos os outros torcedores que, como ele, gostariam de ter levantado a taça no lado de Carlos Alberto e Pelé, do alto do grandioso pátio do Palácio do Piauí.

A falta de associação — Apesar de tudo ocorrer de forma rápida e imprevista, provavelmente os resultados não teriam sido mais positivos se tivesse havido um planejamento detalhado. A maioria dos especialistas em comunicação de massas que associaram os políticos americanos recomendou sempre que eles procurassem associar positivamente suas imagens aos fatos que provocaram (liberdade popular). De mesma forma, aconselha que demostrem diante de acontecimentos trágicos uma preocupação sincera e a firme intenção de intervir para aliviar o ruído dos fatos.

Se o presidente foi favorecido na semana passada pelas reações felizes diante da vitória, no início do mês, diante do problema da alta no nome da Suécia, transmitida para todo o Brasil seu espanto e sua preocupação diante da gravidade dos fatos e a determinação de proporcionar as medidas necessárias para enfrentar a tragédia. Duas semanas depois, em Petro, Hamburgo, transmitiu pessoalmente o compromisso de seu governo de combater a Rodovia Transamazônica, para onde poderão deslocar-se milhões de nordestinos, criando um núcleo de colonização planejado em terras consideradas férteis.

Popularidade revolucionária — O Presidente Médici parece procurar estabelecer a imagem do que seria a popularidade revolucionária. O Manifesto de Brasília, pela própria situação do país em seu governo, seria preferido abdicar de qualquer intenção popular pelo receio

...nifestava diante da maior e mais espetacular concentração popular dos dez anos de Brasília, começou no domingo do jogo Brasil e Itália, quando os brasileiros declararam a movimentada avenida W3, cenário natural dos carnavais de rua em Brasília, formando um curso que foi até o longínquo, bem protegido e aparadamente intangível Palácio da Alvorada. Lá o General Médici e Dona Scylla, empunhando a bandeira, chefiavam um animado grupo de torcedores. De camisa esportiva, todos com o brasão de armas, o Professor João Leão de Abreu, chefe da Casa Civil do governador do palácio juntamente com os jardins do Alvorada tornaram-se o centro das comemorações. O Presidente Médici jogava bola com seus netos, controlando-a com alguma habilidade.

...festa em 1958 o Presidente Juscelino Kubitschek depois da vitória de 4 a 2 sobre a Suécia. O presidente ocorreu a previsão do resultado (4 a 1) de Jogo contra a Itália, e esse detalhe ocasional foi muito mais observado pelos torcedores do 1970 do que as previsões que Hélio Quadros fazia em 1958, quando anunciava que, "mesmo sem rítmico para referir-se que a vitória será do Brasil". Mesmo sem ter comemorado a vitória na Cinelândia, em 1958, e sem ter fundado necessariamente dois clubes de futebol, em 1962, como fez João Goulart. Médici identificou-se com a vitória de forma mais clara que qualquer outro presidente. Talvez essa diferença possa ser atribuída à imagem de torcedor sênior e conhecido que o presidente apresentava à nação. Identificando-se como torcedor, ele teria conquistado para a festa que organizava aos campos e simpatia de todos os outros torcedores que, como ele, gostariam de ter levantado a taça no lado de Carlos Alberto e Pelé, do alto do grandioso pátio do Palácio do Piauí.

A falta de associação — Apesar de tudo ocorrer de forma rápida e imprevista, provavelmente os resultados não teriam sido mais positivos se tivesse havido um planejamento detalhado. A maioria dos especialistas em comunicação de massas que associaram os políticos americanos recomendou sempre que eles procurassem associar positivamente suas imagens aos fatos que provocaram (liberdade popular). De mesma forma, aconselha que demostrem diante de acontecimentos trágicos uma preocupação sincera e a firme intenção de intervir para aliviar o ruído dos fatos.

Se o presidente foi favorecido na semana passada pelas reações felizes diante da vitória, no início do mês, diante do problema da alta no nome da Suécia, transmitida para todo o Brasil seu espanto e sua preocupação diante da gravidade dos fatos e a determinação de proporcionar as medidas necessárias para enfrentar a tragédia. Duas semanas depois, em Petro, Hamburgo, transmitiu pessoalmente o compromisso de seu governo de combater a Rodovia Transamazônica, para onde poderão deslocar-se milhões de nordestinos, criando um núcleo de colonização planejado em terras consideradas férteis.

Popularidade revolucionária — O Presidente Médici parece procurar estabelecer a imagem do que seria a popularidade revolucionária. O Manifesto de Brasília, pela própria situação do país em seu governo, seria preferido abdicar de qualquer intenção popular pelo receio

...nifestava diante da maior e mais espetacular concentração popular dos dez anos de Brasília, começou no domingo do jogo Brasil e Itália, quando os brasileiros declararam a movimentada avenida W3, cenário natural dos carnavais de rua em Brasília, formando um curso que foi até o longínquo, bem protegido e aparadamente intangível Palácio da Alvorada. Lá o General Médici e Dona Scylla, empunhando a bandeira, chefiavam um animado grupo de torcedores. De camisa esportiva, todos com o brasão de armas, o Professor João Leão de Abreu, chefe da Casa Civil do governador do palácio juntamente com os jardins do Alvorada tornaram-se o centro das comemorações. O Presidente Médici jogava bola com seus netos, controlando-a com alguma habilidade.

...festa em 1958 o Presidente Juscelino Kubitschek depois da vitória de 4 a 2 sobre a Suécia. O presidente ocorreu a previsão do resultado (4 a 1) de Jogo contra a Itália, e esse detalhe ocasional foi muito mais observado pelos torcedores do 1970 do que as previsões que Hélio Quadros fazia em 1958, quando anunciava que, "mesmo sem rítmico para referir-se que a vitória será do Brasil". Mesmo sem ter comemorado a vitória na Cinelândia, em 1958, e sem ter fundado necessariamente dois clubes de futebol, em 1962, como fez João Goulart. Médici identificou-se com a vitória de forma mais clara que qualquer outro presidente. Talvez essa diferença possa ser atribuída à imagem de torcedor sênior e conhecido que o presidente apresentava à nação. Identificando-se como torcedor, ele teria conquistado para a festa que organizava aos campos e simpatia de todos os outros torcedores que, como ele, gostariam de ter levantado a taça no lado de Carlos Alberto e Pelé, do alto do grandioso pátio do Palácio do Piauí.

A falta de associação — Apesar de tudo ocorrer de forma rápida e imprevista, provavelmente os resultados não teriam sido mais positivos se tivesse havido um planejamento detalhado. A maioria dos especialistas em comunicação de massas que associaram os políticos americanos recomendou sempre que eles procurassem associar positivamente suas imagens aos fatos que provocaram (liberdade popular). De mesma forma, aconselha que demostrem diante de acontecimentos trágicos uma preocupação sincera e a firme intenção de intervir para aliviar o ruído dos fatos.

Se o presidente foi favorecido na semana passada pelas reações felizes diante da vitória, no início do mês, diante do problema da alta no nome da Suécia, transmitida para todo o Brasil seu espanto e sua preocupação diante da gravidade dos fatos e a determinação de proporcionar as medidas necessárias para enfrentar a tragédia. Duas semanas depois, em Petro, Hamburgo, transmitiu pessoalmente o compromisso de seu governo de combater a Rodovia Transamazônica, para onde poderão deslocar-se milhões de nordestinos, criando um núcleo de colonização planejado em terras consideradas férteis.

Popularidade revolucionária — O Presidente Médici parece procurar estabelecer a imagem do que seria a popularidade revolucionária. O Manifesto de Brasília, pela própria situação do país em seu governo, seria preferido abdicar de qualquer intenção popular pelo receio

...nifestava diante da maior e mais espetacular concentração popular dos dez anos de Brasília, começou no domingo do jogo Brasil e Itália, quando os brasileiros declararam a movimentada avenida W3, cenário natural dos carnavais de rua em Brasília, formando um curso que foi até o longínquo, bem protegido e aparadamente intangível Palácio da Alvorada. Lá o General Médici e Dona Scylla, empunhando a bandeira, chefiavam um animado grupo de torcedores. De camisa esportiva, todos com o brasão de armas, o Professor João Leão de Abreu, chefe da Casa Civil do governador do palácio juntamente com os jardins do Alvorada tornaram-se o centro das comemorações. O Presidente Médici jogava bola com seus netos, controlando-a com alguma habilidade.

...festa em 1958 o Presidente Juscelino Kubitschek depois da vitória de 4 a 2 sobre a Suécia. O presidente ocorreu a previsão do resultado (4 a 1) de Jogo contra a Itália, e esse detalhe ocasional foi muito mais observado pelos torcedores do 1970 do que as previsões que Hélio Quadros fazia em 1958, quando anunciava que, "mesmo sem rítmico para referir-se que a vitória será do Brasil". Mesmo sem ter comemorado a vitória na Cinelândia, em 1958, e sem ter fundado necessariamente dois clubes de futebol, em 1962, como fez João Goulart. Médici identificou-se com a vitória de forma mais clara que qualquer outro presidente. Talvez essa diferença possa ser atribuída à imagem de torcedor sênior e conhecido que o presidente apresentava à nação. Identificando-se como torcedor, ele teria conquistado para a festa que organizava aos campos e simpatia de todos os outros torcedores que, como ele, gostariam de ter levantado a taça no lado de Carlos Alberto e Pelé, do alto do grandioso pátio do Palácio do Piauí.

A falta de associação — Apesar de tudo ocorrer de forma rápida e imprevista, provavelmente os resultados não teriam sido mais positivos se tivesse havido um planejamento detalhado. A maioria dos especialistas em comunicação de massas que associaram os políticos americanos recomendou sempre que eles procurassem associar positivamente suas imagens aos fatos que provocaram (liberdade popular). De mesma forma, aconselha que demostrem diante de acontecimentos trágicos uma preocupação sincera e a firme intenção de intervir para aliviar o ruído dos fatos.

Se o presidente foi favorecido na semana passada pelas reações felizes diante da vitória, no início do mês, diante do problema da alta no nome da Suécia, transmitida para todo o Brasil seu espanto e sua preocupação diante da gravidade dos fatos e a determinação de proporcionar as medidas necessárias para enfrentar a tragédia. Duas semanas depois, em Petro, Hamburgo, transmitiu pessoalmente o compromisso de seu governo de combater a Rodovia Transamazônica, para onde poderão deslocar-se milhões de nordestinos, criando um núcleo de colonização planejado em terras consideradas férteis.

Popularidade revolucionária — O Presidente Médici parece procurar estabelecer a imagem do que seria a popularidade revolucionária. O Manifesto de Brasília, pela própria situação do país em seu governo, seria preferido abdicar de qualquer intenção popular pelo receio

Imagem nº 12, *Veja* nº 95 de 01.07.1970, *A imagem do sucesso*, p. 20-21.

A fotografia de Médici com a taça vinha com a legenda: *Medici: todos gostariam de imitá-lo* (Imagem nº 10, *Veja* nº 95 de 01.07.1970, *A imagem do sucesso*, p. 20), retomando a memória de que todo brasileiro gosta de futebol, assim como o presidente. Além disso, produz efeitos de sentidos de que o governo era vitorioso e estava levando o país para o caminho certo. Repita-se que apesar desses sentidos construídos pelas fotografias, o texto explicita as táticas adotadas pelo governo para popularizar sua imagem capitalizando a vitória na Copa do Mundo.

A segunda reportagem, *O sucesso da imagem*, sobre as repercussões da Copa, trazia fotografias, a maioria da multidão festejando o campeonato. As festas coletivas são mais evidentes nas imagens dessa reportagem do que na anterior; no entanto, há também indivíduos passando dos limites dos festejos e jogadores comemorando. As legendas apontam para o fato de que as fotografias foram tiradas em diferentes cidades brasileiras.

O sucesso da imagem

Em todo o país, muitos políticos saíram em busca de seu próprio pedaço da glória da Copa. Elogios e surpresas pela extensão da euforia que tomou conta de quase toda a nação. Eles procuraram interpretações particulares para a vitória e, na medida do possível, tentaram enquadrá-la em seus objetivos. O Governador Petrúcci Barcelos usou o lateral-esquerda Evaldo na sua chegada a Porto Alegre não apenas como um herói esportivo, mas como uma espécie de paladino da democracia, da liberdade e da Revolução de 1964. "Você não jogou em três décadas, com esta vitória, devem ter inflado no espírito de quanto, a serviço de causas nobres, procuraram chegar ao Brasil uma paz que não é uma democracia, mas, ditadura. Mas quem quiser ver que isto não é uma ditadura e uma democracia, que venha às ruas de todos os Estados brasileiros e veja como o povo livremente se manifesta. Ninguém lhe sobre os passos e, em, desta forma, testemunha ao mundo que a Revolução de Março de 1964 pode ter impulsionado, em certos momentos, algumas restrições, mas é uma Revolução eminentemente democrática. E exemplo disso não deu, sobejante, o presidente Cláudio Médici, com o qual você discutiu".

Com uma interpretação igualmente ampla e patriótica, o não-republicano político João Havelange defendeu a ideia de fazer de Pelé, "o brasileiro mais conhecido em todo o mundo", o presidente interino do Brasil. "Está na hora de aproveitar o prestígio do maior jogador de todos os tempos para fazer uma propaganda objetiva do governo e do povo brasileiro".

Governadores e prefeitos, politicamente interessados, multiplicaram propostas e pedidos, homenagens, e aproveitamento da conquista da taça. Mesmo nas cidades que não puderam participar do torneio da Copa, a vitória do Brasil também um estímulos políticos. Assim, a Câmara Municipal de Timóteo, cidade do interior de Minas, foi agitada por debates controversos por uma facção que pretendia a mudança do seu nome atual — segundo eles, indigna homenagem a um príncipe holandês que viveu e morreu lá — para a homenagem ao jogador de futebol. Em Curitiba, a cidade do Paraná, o prefeito anunciou imediatamente na TV a sua homenagem. Novo nome: Presidente Cláudio, a cidade do México.

Severo discurso a maioria dos Estados e o Presidente Cláudio.

Médici já instalou um Conselho Honorário do Brasil.

A capital esportada — O que de fato surpreendeu em todas as festividades futebolísticas não foi a já esperada participação dos políticos, mas sim a extraordinária e intensa adesão da classe média. Em geral, mais distanciada do futebol, famílias inteiras de funcionários, profissionais liberais e até mesmo



O carro: classe média na ditadura

rios proprietários de veículos felizes com seus automóveis embonbardados e acalorados se transformando na vanguarda dos festejos. Desde a primeira vitória do Brasil até a quarta de final com o Peru no dia 11, as comemorações em quase todas as capitais eram comandadas

Os sociólogos consideram muito difícil definir o que é "classe média" no Brasil, mas os indicadores entre níveis de renda e nível de instrução são os mais de uso e de valor.

Uma definição clássica, em nível internacional, de classe média foi adotada pela comissão de pesquisa pública do Brasil, para estudo de renda e distribuição de classes médias, que tem definição de classe média, incluindo, sobretudo, uma definição de nível de instrução, com grau de instrução.

Do ponto de vista do comportamento, a classe média é caracterizada por modo de vida, nível de instrução, nível de instrução e nível de instrução.

danos pelos cones de automóveis. A participação só se tornou mais geral nas últimas partidas, à medida que aumentava a tensão e a chance de vitória definitiva. Em Porto Alegre, por exemplo, uma das mais características cidades brasileiras de classe média, a nacional de VEJA notou que em muitos que antes passavam pelo centro praticamente silenciosos, formar de ônibus e de algarazas ao redor, na terça-feira, dia da chegada de Evaldo, transformaram-se em ventidões caixas acústicas de onde ecoavam gritos eufóricos e cantorias. Semelhante mesmo foi a escola do samba de Ramos da Orla, a qual pertence Evaldo e composta de pessoas da chamada classe C, saiu às ruas para festejar, Brasília, a mais classe média das cidades brasileiras, participou toda ela da recepção aos jogadores, na maior festa já acontecida na capital. Um cone de cortinas de carros e cones três horas de duração inaugurou a mesma espera da Seleção.

Os jornais calcularam em desde 70.000 até mais de 100 mil o número de participantes dos festejos, mas todos são estimativas em que nunca houve tanta massa humana reunida em Brasília. Quando chegou o Botafogo 707, às 12h45, a multidão invadiu o aeroporto apinhado para os mais variados recursos. Mulheres entusiasmadas driblaram os guardas para se agarrarem aos jogadores enquanto os próprios jogadores tentavam conseguir autógrafos dos jogadores. O Governador Hélio Prates chorava livremente ao abraçar Pelé e Zagalo. A massa humana tentava a qualquer custo tocar no símbolo máximo da glória brasileira. A Taça Jules Rimet, que Carlos Alberto pressionava contra o peito ao passar pelo estreito corredor humano do aeroporto (que Mário Américo chamou de "corredor polonês"). Um homem conseguiu subir no carro de bombeiros preparado para levar os jogadores em desfile até o Palácio do Planalto e tentou beijar o pé de Rivellino, mas se adaria um dia.

A festa carrega — Enquanto os empregos aumentavam com o presidente carioca, galinha ao molho "curry", peru, rosbife e vinho rosé, os cariocas acompanhavam sua festa no uma genes (no Hotel Plaza, destino dos jogadores, nos bairros antes da chegada final), e pôde lá disputar um lugar privilegiado, empurrando em ondas sucessivas o cordão de isolamento. A reatuação impossível debaixo de chuva mostrava a necessidade

continua na página 24



NO, apesar da chuva, a Seleção foi ovacionada durante toda noite. 300 mil e mais de milhares de pessoas festejaram a vitória da Seleção.

continuação da página 24

da glória do grande dependência afetiva criado entre o povo e a Seleção. Na Avenida Presidente Vargas a euforia era feita de samba e exultação. Livros compactos se movimentavam nas ruas sob estandartes e blocos, escolas de samba e bandeirolas de todos os times de futebol cariocas. Quando o cansaço venceu, as pessoas se deitavam nas calçadas. Mas a cada sorte de imprensa renova o entusiasmo e os gritos voltavam ainda mais histéricos. Finalmente surgiu o cortejo, que partiu do Catete, onde Carlos Alberto erguiu talvez pela centésima vez a taça sobre o acento de milhares de pessoas, cruzando a cidade em direção ao Hotel Plaza, precedido de infinitas bandeiras do Euzébio, Marinho e Pelé.

E, apesar do milhênio meio de parti-



A alegria: nas ruas de São Paulo, a comemoração da vitória é em família

cipantes, a festa de recepção no Rio foi muito menos agressiva do que as comemorações anteriores acontecidas à medida que o Brasil se aproximava da final. Também em Porto Alegre, onde havia 10.000 festejadores nas ruas e onde também havia música alegre e divertida, menos provocativa do que a surgida nas comemorações anteriores. Mas a maioria insistiu em fazer uma homenagem, permanecendo e chegando mesmo ao apogeu na hierarquia.

A vez do palavrão — As letras dessas paródias estavam todas em palavrões contra os quais o Brasil jogou, vários jogadores famosos e até mesmo a própria

As notícias procuraram palavras a mais estranhas: como "putifer", "ananas", que diz respeito aos latidos e ao grito, para comemorar "Brasil" e "Brasil".

da Inglaterra* (foi no jogo com a Inglaterra que elas comparem a se adiantar nos jogos de mal). Em Belo Horizonte, por exemplo, a vitória definitiva do Brasil no domingo desencadeou uma verdadeira explosão com características de desrequeles. As mesmas famílias conhecidas por formarem a "Tradicional Família Mineira" saíram às ruas em um carro gritando e cantando música paronográfica numa comemoração mais tradicional e extremamente religiosa da conquista de Jules Rimet. A incrível demissão dos mineiros acompanhando o comportamento da classe média do resto do país, que ainda está sendo deviantemente avaliada pelos mineiros mais velhos dessas mesmas famílias, segundo o sociólogo Pedro Lucas, foi uma "carga de agressividade e espontaneidade não está reprimida por frustração



A festa de comunicação — A transmissão dos jogos pela TV no instante mesmo da sua realização pode ser a chave que falta para definir o status da vitória participação da classe média na euforia futebolística. Os mesmos espelham a violenta penetração da TV em relação ao rádio principalmente porque ela usa o que eles chamam código de imagem de assimilação mais fácil e com muito mais informações do que apenas o código de som. A participação das mulheres na euforia (outro aspecto novo) é também resultado da vitória compreendendo das regras de um jogo em praticamente bommas que elas não conheciam. As mulheres acabaram identificando cada jogador, assim um nome apenas, uma abstração, como identificação na memória um personagem e não um mero jogador ao qual, que ele representa.

Janeite Clair, que escreve novelas de grande sucesso na classe média, inclusive "Voz de Nôva", compra a sensação provocada por uma novela com o título pela jogu da Copa. "Na novela, o público vai se identificando a tal ponto com os personagens que passa a confundir com os artistas. Por exemplo, quando morreu o personagem Felício Medeiros, da novela "Voz de Nôva", o ator que fazia o papel era agarrado na rua por pessoas em prantos.

continua na página 28

passagem dos heróis da Copa da janela de seus apartamentos no Rio de Janeiro parecia povoar-se com a inintermitente cantoria de paródias obscenas.

Seria uma reação natural da obediência apenas uma consequência de a própria cidade viver sempre onde o Obanito está às vésperas de ser?

Vera Maria Pereira, professora da Universidade Católica do Rio de Janeiro, diz que a euforia do Rio foi obviamente agressiva, fruto de uma depressão, como também é o carnaval, mas não se limitou a pelos instrumentos sexuais típicos da festa carnavalesca. Segundo ela, o demônio da cultura, que poderia explicar tanto mulheres que ficaram nus como as paródias obscenas e os atos ilícitos, violência entre manifestantes e policiais, era a grande vontade de simplesmente desafiar os valores estabelecidos.

Segundo Vera Maria, "a recente mudança do processo político do país, de um lado, e a própria despolitização, de outro, fazem com que as pessoas se liguem apenas através de acontecimentos como as festividades carnavalescas" e agora o futebol, formas de participação política e ainda estimuladas pelo meio de comunicação em massa, principalmente a televisão.

A festa de comunicação — A transmissão dos jogos pela TV no instante mesmo da sua realização pode ser a chave que falta para definir o status da vitória participação da classe média na euforia futebolística. Os mesmos espelham a violenta penetração da TV em relação ao rádio principalmente porque ela usa o que eles chamam código de imagem de assimilação mais fácil e com muito mais informações do que apenas o código de som. A participação das mulheres na euforia (outro aspecto novo) é também resultado da vitória compreendendo das regras de um jogo em praticamente bommas que elas não conheciam. As mulheres acabaram identificando cada jogador, assim um nome apenas, uma abstração, como identificação na memória um personagem e não um mero jogador ao qual, que ele representa.

Janeite Clair, que escreve novelas de grande sucesso na classe média, inclusive "Voz de Nôva", compra a sensação provocada por uma novela com o título pela jogu da Copa. "Na novela, o público vai se identificando a tal ponto com os personagens que passa a confundir com os artistas. Por exemplo, quando morreu o personagem Felício Medeiros, da novela "Voz de Nôva", o ator que fazia o papel era agarrado na rua por pessoas em prantos.

continua na página 28



SAO PAULO — No Vale de Anhangabá, 300.000 pessoas esperam pelo tempo frio a chegada da Seleção.

A decepção — Mas não vieram todos os jogadores (Cláudio e Rivellino) e não reservamos sem Pelé, Gérson e Carlos Roberto, o povo não o perdeu a seleção.

O corpo do texto fala sobre as repercussões da vitória e apresenta críticas ao uso do bom resultado dos brasileiros na Copa. Nessa perspectiva a reportagem se inicia afirmando que

63. ... muitos políticos saíram em busca de seu próprio pedaço da glória da Copa... surpreendidos pela extensão da euforia que tomou conta de quase toda a nação, eles procuraram interpretações particulares para a vitória e, na medida do possível tentaram enquadrá-la em seus objetivos (Veja nº 95 de 01.07.1970, O sucesso da imagem, p. 24).

As críticas que se sucedem são feitas com a utilização de vozes autorizadas, como a do sociólogo Padre Lucas, conforme exposto a seguir. Como já visto em outros segmentos desta pesquisa, a utilização de vozes como as do sociólogo visam legitimar o discurso da revista, além de se constituir como uma estratégia discursiva para criticar o governo sem assumir a crítica como sua, considerando que o uso das aspas evidencia o discurso do outro. Ao fazer críticas através da fala de outro sujeito, a *Veja* não assume para si as palavras das quais na verdade ela se apropria e compõe o seu discurso.

*64. **A vez do palavrão** – As letras dessas paródias atacavam todos os países contra os quais o Brasil jogou, vários jogadores famosos e até mesmo a rainha da Inglaterra... Em Belo Horizonte, por exemplo, a vitória definitiva do Brasil no domingo desencadeou uma verdadeira explosão com características de desrecalques. As mesmas famílias conhecidas por formarem a “Tradicional Família Mineira” saíram às ruas em seus carros gritando e cantando músicas pornográficas numa comemoração tradicional e extremamente ruidosa da conquista da Jules Rimet.... segundo o sociólogo Padre Lucas, foi uma “descarga de agressividade e espontaneidade até então reprimidas por frustrações e incertezas diante do presente e do futuro” (Veja nº 95 de 01.07.1970, O sucesso da imagem, p.26).*

A sequência tem características críticas já que *a vitória... desencadeou uma verdadeira explosão de desrecalques* e a conquista do futebol serviu como forma de descarregar a agressividade e a espontaneidade reprimidas por *frustrações e incertezas diante do presente e do futuro*. Esse discurso contradiz a imagem que o governo pretendia transmitir de um país tranquilo e feliz.

Muitas foram as estratégias utilizadas pelo governo para popularizar e nacionalizar seus intentos e, segundo o discurso da *Veja*, após o fim do campeonato, o governo pôde se sagrar vitorioso diante dessa intenção, como indica a avaliação veiculada pela *Veja*:

65. A ovação popular que Brasília deu ao general Medici e aos tricampeões mundiais de futebol não foi limitada à satisfação da vitória do futebol. Os aplausos recebidos na praça dos Três Podêres sensibilizaram o próprio general. Um de seus assessôres comentou: “Esta praça mudou os rumos do país”. Agindo em outras frentes, Medici conseguiu demonstrar a rapidez das decisões e a preocupação de seu govêrno pelos problemas sociais. (...) Contudo, a primeira quarta parte do mandato do general Emílio Garrastazu Medici foi ultrapassada com resultados considerados satisfatórios e sem os inquietantes indícios de crises políticas que rondavam os palácios nos dias que antecederam a sua posse. Um de seus assessôres, valendo-se da gíria dos locutores esportivos, definiu um ano de govêrno dizendo: “O time saiu bem no primeiro. Contusões ligeiras sem previsão de substituições. O técnico, sereno, permanece na boca do túnel. Quer todo mundo atacando e defendendo em bloco. E chutando em gol” (Veja n° 113 de 04.11.1970, Um ano de Medici – O estilo do general nos atos do presidente, p. 16-17).

O uso do futebol como metáfora pelo assessor do governo dá a dimensão de como o futebol auxiliou o governo na busca pelo consenso social. Embora o consenso não tenha podido ser atingido, grande parte da população passou a confiar no governo e a acreditar em seus ideais.

Considerações finais

Foi-se a copa?

*Foi-se a copa? Não faz mal.
Adeus chutes e sistemas.
A gente pode, afinal,
Cuidar de nossos problemas.*

Carlos Drummond de Andrade (1978)

Nas primeiras décadas do século XX o futebol passou a ser elemento importante para a construção da identidade nacional brasileira. A imprensa teve um papel fundamental na efetivação dessa construção discursiva não só pela publicação de crônicas esportivas, que não se limitavam a abordar aspectos relativos ao meio futebolístico, mas também pela divulgação de eventos, o que contribuiu para a valorização do esporte. Esses discursos sobre o futebol acabavam por outras questões como a identidade nacional, disseminando ideais de brasilidade. Incidiu nessas questões a utilização dos esportes como meio de propaganda política para os governantes do país. Ao ocupar lugar de destaque na construção da identidade brasileira, o futebol passou a corresponder às expectativas das intenções de propagandear regimes políticos brasileiros, sendo apropriado por governos em diferentes momentos históricos.

A influência do discurso jornalístico para a ascensão do futebol como elemento de identificação do brasileiro pode ser entendida ao se considerar que a imprensa se constituiu como importante formador de opinião da população e lugar de construção de memória. Isso porque a linguagem jornalística constrói sentidos, caracterizando-se sempre como espaço de disputas políticas e ideológicas, que acabam por refletir as condições de produção do período.

Entre as premissas que deram base para a estruturação dessa pesquisa está a relação entre memória e identidade, que incide no processo de construção de identidades nacionais. As questões que definem a identidade dos indivíduos em relação a seus grupos não são sempre concretas, sendo delimitadas por valores simbólicos. Entre esses valores, é possível destacar a memória, fenômeno construído através de um trabalho de organização, que corresponde às expectativas do presente (Pollak, 1992), e elemento que faz parte do sentimento de pertencimento dos indivíduos tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

Quando se afirma e percebe que torcer é pertencimento (Borges, 2008),

evidencia-se que, em virtude de suas características simbólicas, o interesse pelo esporte criou (e cria) identificação entre os indivíduos, efetivada a partir de redes de memória. A identidade é um conceito relacional, no qual está sempre colocada a alteridade e, através do jogo, é possível marcar diferenças, delimitando-se como mais que um enfrentamento esportivo.

O futebol serviu como elemento de individualização do brasileiro, balizado na diferenciação do nosso estilo de jogo, o *futebol-arte*, contraposto ao estilo de outras nacionalidades, o *futebol-força*. Através do esporte seria possível afirmar o Brasil enquanto nação. Essa ideia do futebol como elemento de identidade do brasileiro não é algo inerente ao povo, mas uma construção discursiva temporalmente determinada e relacionada com a publicação de crônicas esportivas e com o próprio papel que a imprensa assume na construção desta rede simbólica.

Nessa análise, iniciada a partir da leitura das edições da *Veja* de 1970, foi possível observar que a revista construiu seu discurso visando sua aceitação no panorama político do momento. Essa produção teve que considerar, então, a ditadura, o endurecimento do governo Médici, a censura, a propaganda governamental e as tentativas de institucionalização de um discurso único. Assim, a existência de sentidos nas sequências analisadas, semelhantes aos produzidos pela propaganda política dos militares, também se vincula ao fato de que o esporte se caracterizava como um dos fatores de interseção entre diversos setores da sociedade da época.

Também se pôde perceber que o discurso da *Veja* se construiu pela apropriação de falas que apresentavam diferentes perspectivas ideológicas e, portanto, pertencentes a formações discursivas diversas. Assim, além de apresentar sentidos semelhantes aos do governo, a revista publicou críticas ao regime. No entanto, é importante observar que, embora desse voz aos críticos do regime, a *Veja* não se apropriava de suas falas. A utilização de discursos de outros sujeitos dava legitimidade ao que estava sendo enunciado pela revista. Quando necessário, no entanto, esses discursos eram marcadas com aspas, como a fala do outro.

A presença de vozes da oposição na revista contribuiu para os efeitos de sentido de objetividade e imparcialidade do discurso jornalístico, responsáveis pela acolhida do jornalismo como um discurso legitimado. No mundo contemporâneo, os fatos enunciados pelos jornais são tidos como verdadeiros. Mas no discurso jornalístico, como em qualquer outra produção discursiva, também há uma tomada

de posição, uma escolha ideológica por esse ou aquele ponto de vista. Em virtude da heterogeneidade dos sentidos presentes num veículo de comunicação, essa escolha ideológica se evidencia pelo espaço concedido a vozes de cada um dos lados da questão.

A análise dos dados possibilitou responder às questões de pesquisa inicialmente colocadas: de que forma o futebol era significado nas matérias da revista *Veja*? Quais as estratégias discursivas utilizadas pela revista para construir a relação entre o governo e futebol? Que estratégias podem ser identificadas no discurso da revista para a definição da identidade do brasileiro?

No processo analítico, foi possível perceber que o futebol era associado a diferentes formações discursivas. Como um importante fator constituinte da nacionalidade brasileira, era frequentemente vinculado ao samba e ao carnaval. Além disso, foi significado como festa, guerra e vinculado ao regime militar e ao presidente Médici (simbolizando o próprio governo). A relação entre o esporte e o governo militar na *Veja* se estabeleceu, principalmente, associada à construção da imagem de Médici.

O chefe de governo do período mais duro da ditadura militar brasileira teve sua imagem construída na *Veja*, tanto nos textos quanto nas imagens, como um político de pulso firme, capaz de tomar as decisões certas para controlar as oposições sem causar grandes transtornos para o seu cotidiano e o do restante do país. Médici é significado como o indivíduo com as qualidades que todo brasileiro deveria ter e com os atributos necessários para conduzir o país no caminho do desenvolvimento.

A *Veja* veicula também outros sentidos sobre o general. Entre os mais recorrentes e importantes diante da conjuntura política e os ideais de propagandear o regime, estão as construções discursivas que mostravam Médici como o brasileiro ideal, homem simples, de gostos comuns, aproximado do povo, fumante, apaixonado por café. Nessa perspectiva estava a vinculação do presidente ao esporte mais popular do país. Significar o general enquanto torcedor apaixonado por futebol era construir uma ideia de pertencimento e identidade com o povo.

Em muitos momentos, o general-presidente era deixado de lado e o que importava para a *Veja* era significar o torcedor. Como se ser chefe do governo golpista, principalmente diante de todo o contexto social e político, pudesse ser considerado apenas um detalhe. No entanto, ficam claras as críticas às intenções do

governo quando a revista evidencia as estratégias de propaganda do regime acompanhadas de imagens do presidente durante as comemorações da vitória do selecionado brasileiro na Copa do Mundo de 1970.

Foi interessante constatar, então, que a *Veja* tinha uma grande capacidade crítica, percebendo e evidenciando estratégias de comunicação do governo que visavam obter legitimação e consenso social.

Através da exposição por parte da revista das intenções do regime militar e seus meios de atuação, são criados efeitos de sentido que evidenciam que mais do que um torcedor de futebol, Médici era um político preocupado com a popularização do regime militar e com a imagem que a ele seria atribuída. As ações do presidente eram pensadas em virtude de suas possíveis repercussões, e, por esse mesmo motivo, também se tentava controlar o que seria divulgado sobre ele pela mídia. Os enunciados da imprensa do período militar eram construídos em virtude de questões que iam muito além da imparcialidade atribuída ao jornalismo. A construção de um discurso acontece sempre em virtude de interesses políticos e ideológicos. No caso em questão são ainda mais evidentes estes interesses incidentes na construção do discurso, tendo em vista que o período se caracterizou como um momento de forte ideologização da política.

Esse caráter ideológico e a direção de sentidos do discurso da revista são evidenciados a partir da seleção das matérias, assim como da forma como foram construídos os enunciados. Durante a ditadura militar foram cultivadas ideias de vaidade e orgulho da nação em vários espaços da sociedade, convertidas em noções como civismo, patriotismo, amor à pátria. A propaganda governamental, omitindo suas estratégias de legitimação do regime, estimulava esses sentimentos de forma evidente. Além do progresso econômico do período, o vitorioso futebol brasileiro parecia ser capaz de demonstrar que o caminho traçado pelos militares conduziria todos ao desenvolvimento. Embora autoritarismo, violência e repressão fossem fortes características do governo, os militares pretendiam veicular uma imagem positiva. Nessa perspectiva, controlar a atuação da imprensa tendo em vista a divulgação de um sentido institucionalizado foi de grande importância, constituindo-se como uma estratégia política dos governantes.

Chamaram a atenção ainda as relações que podem ser percebidas entre o discurso da *Veja* e a propaganda governamental. Foi possível perceber que eles se tocam em muitos momentos. Isso confere a ambos efeitos de unidade e coerência:

um discurso, em seu dizer, legitima os enunciados do outro.

Embora a revista construísse seu discurso considerando as relações da publicação com os interesses da estrutura governamental e apesar de a revista ter dado voz a elementos com posturas de oposição ao regime, predominaram em suas páginas construções da formação discursiva oficial.

Destaca-se ainda que a análise desenvolvida nessa dissertação é uma interpretação possível das produções de sentidos publicadas pela *Veja* em 1970 e, nessa perspectiva, carregada de subjetividade e das escolhas ideológicas dessa pesquisadora. O objeto pode ser explorado de outras perspectivas teóricas e metodológicas e estar sujeito a diferentes delimitações do *corpus*.

O desenvolvimento desse trabalho apontou para alguns possíveis desdobramentos da pesquisa como: a importância obtida pelo esporte e a exploração cada vez maior de sua prática por parte do governo militar, o que influenciou na criação da loteria esportiva e no desenvolvimento de campeonatos pelo Brasil; as relações entre o discurso da *Veja* e o do governo, através da utilização de documentos oficiais como materiais de pesquisa; a análise das relações entre o discurso jornalístico e o futebol em outros momentos históricos; e principalmente, o comportamento de veículos de comunicação em relação a essas questões em outros regimes ditatoriais.

No caso do regime militar brasileiro, frente às dificuldades impostas pelo governo para a manifestação pública da opinião, frente à repressão e à violência impostas pelo regime, o esporte foi significado em muitos textos da *Veja* como o lugar no qual era possível a sociedade brasileira se expressar.

No entanto, ao contrário da normalidade transmitida em alguns momentos pelo conteúdo da revista, o período foi um momento de exceção que deixou marcas nas estruturas sociais, políticas e econômicas do Brasil principalmente em virtude da repressão, da tortura, da despolitização e do endividamento do país.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEIS, Luiz. *Carro-zero e pau-de-arara: O cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*. In: NOVAIS, Fernando (org. coleção). SCHWARCZ, Lilian M. (org. volume). *História da vida privada no Brasil; contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

ALVES, Ronaldo Sávio Paes. *Legitimação, publicidade e dominação ideológica no governo Médici (1969/1974) – A participação da Iniciativa Privada no Esforço de Legitimação Estudo de inserções publicitárias na Mídia Impressa* – Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2000.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja sob censura: 1968-1976*. São Paulo: Jaboticaba, 2009.

AVANCINI NETO, Marcelo. MANSSUR, José Francisco C. *As recentes alterações na Lei Pelé*. In: AIDAR, Antônio Carlos Kfourir. LEONCINI, Marvio Pereira. OLIVEIRA, João José. (orgs.) **A Nova Gestão do Futebol**. 2ª edição. Rio de Janeiro: FVG, 2002, pp. 19-37.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. SP: Editora Ática 1989.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BORGES, Luiz Henrique de Azevêdo. *Não mais vira-latas... Um homem genial! O Brasil como País do Futebol*. In: **Revista Esporte e Sociedade**. Ano 3, nº 8, Mar.2008/Jun.2008.

BOURDIEU, Pierre. *Como é possível ser esportivo?* In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BRASIL, Decreto nº 67.611, de 19 de novembro de 1970.

BRASIL, Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941.

DANTAS, Cintia Christiele Braga. *Do cabra marcado para morrer aos cabras marcados para lembrar: memória e construção de sentidos da ditadura militar de 1964*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

DAVALLON, Jean. *A imagem, uma arte de memória?* In: P. Achard (org.) *O papel da memória*. (Tradução de José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999, pp. 23-32.

ELIAS, Norbert. *Os alemães – A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

ELIAS, Norbert. *Escritos e ensaios: 1 – Estado, processo, opinião pública*. Frederico Neiburg (Org.), Leopoldo Waizbort (Org.) Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro: 2006.

FERRAZ, Joana D'Arc Fernandes. *Ditadura Militar no Brasil: as disputas pela memória*. *Interseções (UERJ)*, v. 7, pp. 7-16, 2007.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FICO, Carlos. *Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão*. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 4, pp.167-205.

FICO, Carlos. *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. *Revista Brasileira de História*. Volume: 24, número: 47, São Paulo: 2004.

FICO, Carlos. *A ditadura mostra a sua cara: imagens e memórias do período 1964-1985*. Disponível em:

www.history.umd.edu/HistoryCenter/200405/conf/Brazil64/papers/cficoport.pdf,

Acesso em: maio de 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado: Edições. Graal, 1979.

GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. Coleção Primeiros passos. São Paulo, 1985.

GAZZOTTI, Juliana. *Imprensa e ditadura: a revista Veja e os governos militares (1968/1985)*. São Carlos, 1998. Dissertação (Mestrado) — UFSCar.

GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*. Lisboa, Gradiva, 1993.

GORENDER, Jacob. *Uma vida de teoria e práxis: uma entrevista com Jacob Gorenader*. Revista Arrabaldes, ano I, no. 1-2, set.dez. 1988, pp. 135-154.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Introdução: a invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, pp. 09-24.

HOBBSAWM, Eric. *A produção em massa de tradições: Europa, 1879 a 1914*. In: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, pp. 271-316.

HOBBSAWM, Eric. *Nacionalismo e marxismo: a soberania como dependência*. In: Pinsky, J. (org). **Questão nacional e marxismo**. SP: Ed. Brasiliense, 1980.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INDURSKY, Freda. *A Fala dos Quartéis e Outras Vozes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

JOLY, Martine. *A imagem e a sua interpretação*. São Paulo: Edições 70, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda – Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

LAGAZZI, Suzy Maria. *O recorte significativo na memória*. In: **III Seminário de Estudos em Análise do Discurso - O Discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS, 2007, Porto Alegre. Disponível em http://www.discurso.ufrgs.br/sead/trabalhos_aceitos/O_RECORTE.pdf

LOPES, José Sérgio Leite. *Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro*. In: Batalha, Cláudio (e outros). "Cultura de Classe". Campinas, Edunicamp, 2004.

MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MARIANI, Bethânia S. C. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Unicamp, 1998.

MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história interfaces*. In: Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73-98.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MAUAD, Ana Maria. *Uma disputa, uma perda e uma vitória: fotografia e produção do acontecimento histórico na imprensa ilustrada dos anos 1950*. Conferência apresentada no Seminário de Comunicação e História 1808-2008, realizada no dia 3 de outubro de 2008a, organizado pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. *O jogo da verdade*. 2ª edição. Distrito Federal. Imprensa Nacional, 1970.

MENDONÇA, Sônia Regina de e FONTES, Virgínia. *História do Brasil Recente – 1964-1980*. São Paulo: Ática, 1991.

MORAES, José Geraldo Vinci de Moraes e REGO, José Marcio. *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002.

MOREIRA, Carla Barbosa. *A censura na ordem do discurso e a ordem do discurso da censura: produção, legitimação e funcionamento*. Niterói, 2007. Projeto de qualificação (Doutorado) – UFF.

MOREIRA, Carla Barbosa. *A sempre censura contra a opacidade: subversão da historicidade e condições de produção do discurso*. In: **III Seminário de Estudos em Análise do Discurso – O Discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS, 2007a, Porto Alegre. Disponível em http://www.discurso.ufrgs.br/sead/trabalhos_aceitos/A_SEMPRE_CENSURA.pdf, Acesso em 10 de março de 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Silêncios e resistência: um estudo da censura*. In: **As**

Formas do Silêncio – No movimento dos Sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos.* Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso.* In: Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni Pulcinelli Orlandi. (orgs.) **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade** . Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, pp. 11-31.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio.* In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social.* In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

PRIORI, Angelo. A doutrina de Segurança Nacional e o manto dos Atos Institucionais durante a Ditadura Militar Brasileira. In: Revista Espaço Acadêmico – nº 35 – Abril/2004. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/035/35priori.htm>, Acessado em junho de 2009.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? Disponível em <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>, Acesso em 08 de janeiro de 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *A mídia e o lugar da história.* **Lugar Comum**, Rio de Janeiro Nepcom/UFRJ, 11; 25-44, mai/ago. 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BRASILIENSE, D. *Memória e Narrativa Jornalística.* In: Ana Paula Goulart; Lúcia Maria Ferreira. (Org.). **Mídia e Memória.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, v., pp. 219-236.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, José Luís Werneck. *A deformação da história ou para não esquecer*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.

SOUZA, Denaldo Achorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *Futebol e resistência cultural no Primeiro Governo Vargas (1930-1945)*. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 14 - Nº 131 - Abril de 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd131/futebol-e-resistencia-cultural-no-primeiro-governo-vargas.htm>, Acesso em 20 de junho de 2009.

TURACK, Cynthia Fevereiro. *Mulheres-mães: memória e construção de sentidos no discurso do periódico A Mãe de Família (1879-1888)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

Anexo I – Matérias selecionadas na Revista *Veja* do ano de 1970

Veja nº - data e páginas	Título	Capa	Assinado (Autor)
Nº 70 - 07.01.1970			
Capa	Porque Delfim é otimista	Sim	
p. 03-06	Os anos 70: a transformação – no mundo inteiro, esperança é a palavra-chave da década que começa	Não	Não
p. 21	Carta ao leitor	Não	M.C. ¹⁷
p. 22-26	As novas palavras de paz (“... o presidente pede apoio, união. E prepara medidas simpáticas: a ‘operação impacto’”.)	Não	Não
p. 33	Funcionários – um presente adiado	Não	Não
p. 42-51	O saldo do ministro Delfim	Sim	
p. 60-61	Esporte – O aliado para a Copa – Saldanha e o prefeito: amor recíproco entre Brasil e Puebla	Não	Não
Nº 71 - 14.01.1970			
Capa	Os grandes impactos do ministro Velloso	Sim	
p. 09	Cartas: Jôgo de tabela	Não	Não
p. 17	Carta ao leitor (“... nos últimos três meses houve em veja uma série de mudanças na escalação da equipe”.)	Não	M.C.
p. 24-25	Quadro: substituindo o violino – o presidente na reunião: respeito à constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo	Não	Não
p. 52-54	Esporte: a Copa mais difícil do mundo – o primeiro placar da Copa: definidos na sorte os destinos dos 16 finalistas	Não	Não
p. 55	Campeonato de fôlego	Não	Não
Nº 72 - 21.01.1970			
Capa	Bolívia: um vizinho comunista?	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 18-19	O primeiro Ato de Garrastazu Medici – juridicamente é apenas mais um dos 95 atos editados desde 1964. Politicamente, o AC-78 tem outros significados	Não	Não
p. 19	Lei e exagero	Não	Não
p. 23	Quadro: a oposição em busca de um bom ibope (reportagem: MDB – viagem de Passos)	Não	Não
p. 29	Televisão: A Copa esta no ar	Não	Não
p. 52-53	Esporte: o difícil dinheiro da copa – O selinho da	Não	Não

¹⁷ M.C. era a sigla utilizada pelo editor da revista *Veja*, Mino Carta, para assinar os editoriais.

	Shell: 6000 000 para pagar uma taça que está custando mais de 6 milhões		
Nº 73 - 28.01.1970			
Capa	Vestibular, a difícil competição	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 18- 20	Sete dias do presidente – entre o Rio e São Paulo, Garrastazu Médici acelera o ritmo do governo	Não	Não
p. 20	Medici: a imagem	Não	Não
p. 61	Esporte: o Morumbi, enfim	Não	Não
p. 66	Futebol: lucro no estádio	Não	Não
p. 79-80	Integração, a defesa maior	Não	Não
Nº 74 - 04.02.1970			
Capa	O grande assalto	Sim	
p. 08-09	Cartas: A Copa da promoção	Não	Não
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 28	A confiança de Medici – Passarinho não cai só por invocar os exemplos de Cuba. A sua linha é a do governo: dialogar para convencer. O diálogo vai prosseguir	Não	Não
Nº 75 - 11.02.1970			
Capa	(Fotos do Rio de Janeiro/cartões postais)	Sim	
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 20	Brasil – Decisões no Carnaval – No sossego de uma granja em Brasília, o presidente Medici faz suas primeiras opções, começa a nascer o novo esquema político da Revolução	Não	Não
p. 56-57	Esporte: Uma vitória antes da Copa – É o fim da angústia da torcida e a certeza de que a Copa pode ser nossa: Tostão vai ao México	Não	Não
p. 57	Um novo capitão (Piazza: a vantagem de saber inglês)	Não	Não
Nº 76 - 18.02.1970			
Capa	Aprenda a declarar	Sim	
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 20-22	Brasil – Os cem dias do presidente: Os primeiros cem dias de um governo permitem que se trace o perfil correto de um presidente?	Não	Não
p. 22	Comunicação: O governo na TV	Não	Não
p. 22	Censura: as novas regras	Não	Não
p. 26	IMPrensa – UM DIA DE AZAR (Sobre a notícia veiculada no jornal “popular da tarde”, que não	Não	Não

	ocorreu)		
p. 55-56	A falta de Tostão: Pela terceira vez, a volta foi adiada. a torcida já começa a duvidar que êle possa entrar em campo na Copa	Não	Não
p. 56	O dinheiro da copa	Não	Não
p. 56	O fim de Falcão	Não	Não
Nº 77 – 25.02.1970			
Capa	A família em perigo	Sim	
p. 08	Cartas: A sorte do Brasil	Não	Não
p. 21	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 54-61	A consagrada família – Era grande, encolheu. Vai acabar?	Sim	Não
p. 69-70	Esporte: A seleção sem paz – Com Tostão de volta, Scala e Toninho dispensados, críticas e até ataques pessoais, a seleção começa sua Copa	Não	Não
p. 70	O Super Flamengo	Não	Não
p. 71	GENTE: Gérson: Guerra aos romenos	Não	Não
Nº 78 - 04.03.1970			
Capa	Os problemas do bebê de laboratório	Sim	
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 20-21	Os caminhos de Medici – Na sua primeira entrevista à imprensa, o presidente definiu os rumos e as metas do governo e da Revolução	Não	Não
p. 21	A garra das feras	Não	Não
p. 66	Esporte: O nôvo coração – A seleção tem um plano inédito: pela primeira vez vai chegar à Copa do Mundo fisicamente perfeita	Não	Não
Nº 79 – 11.03.1970			
Capa	Música: invadimos o mundo?	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 67	Esportes: Seleção – Um time de doze	Não	Não
p. 67	Um final feliz	Não	Não
p. 77	Gente	Não	Não
Nº 80 - 18.03.1970			
Capa	O seqüestro do cônsul – Um terror reorganizado? Um terror desesperado?	Sim	
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 22-23	A nova segurança: O Presidente da República (ao lado com o Marechal Dutra) traçou a política de segurança nacional na Escola Superior de Guerra, com ênfase no desenvolvimento	Não	Não

	Quadro: uma escola de política – a ESG: vinte anos de segurança		
p. 24	O PRESIDENTE – A decisão firme	Não	Não
p. 28	INCÊNDIO – O FOGO INESPERADO (“... no Ginásio de Esportes Gilberto Cardoso, o Maracanãzinho”...)	Não	Não
p. 59	Esporte: o Brasil na tela: Saldanha contra Iustrich: Como nos velhos tempos, a lei dos mais fortes	Não	Não
p. 68-69	Propaganda do lançamento da Revista Placar	Não	Não
Nº 81 - 25.03.1970			
Capa	O futebol dos cartolas	Sim	
p. 21	Carta ao leitor		M.C.
p. 22	Brasil – O Presidente vai ao Vice	Não	Não
p. 34-41	O estranho jogo do futebol	Sim	Não
p. 41	Quadro: a nova seleção joga com a sorte de Zagalo	Não	Não
Nº 82 - 01.04.1970			
Capa	Os militares e o poder	Sim	
p. 16	Apontamentos de Veja Futebol – “A festa cívico-esportiva da Revolução de Março de 1964, transmitida do Maracanã. No programa, o jogo-treino entre as seleções A e B do Brasil.Segunda-feira, às 21 horas. Várias redes. ”	Não	Não
p. 19	Carta ao leitor: “propostos como solução natural para recompor a situação turbulenta do Brasil de João Goulart, os militares surgiram como o único antídoto de seguro efeito contra a subversão e a corrupção, nascidas e criadas à sombra dos erros voluntários e involuntários dos líderes civis.”	Não	Não
p. 20-25	Os militares – Castelo Branco, Costa e Silva, Garrastazu Medici: Três governos, seis anos de Revolução – Teoria e prática do poder	Sim	Não
p. 55-56	Esporte: e pra nós, nada?	Não	Não
p. 56	A verdade de Pelé	Não	Não
p. 57-59	Vida moderna: a tragédia número dois	Não	Não
p. 59	Loteria Esportiva – eficiência nacional	Não	Não
Nº 83 - 08.04.1970			

Capa	A Crise da Democracia Liberal	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 18-25	A democracia – Presidente Garrastazu Medici: a democracia política clássica não pode assegurar a perfeita coesão social – Um regime pôsto à prova	Sim	Não
p. 63	Esporte: O meio é o fim	Não	Não
p. 62-63	Uma dor estranha	Não	Não
p. 63	Todo jôgo da copa	Não	Não
N° 84 - 15.04.1970			
Capa	Crime e diplomacia – O drama do seqüestro	Sim	
p. 8	Cartas: Cartolas e futebol	Não	Não
p. 12	Apontamentos de Veja: TV – Todas as Copas do Mundo	Não	Não
p. 21	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 72	Esporte: A rebelião mineira A grande notícia	Não	Não
N° 85 - 22.04.1970			
Capa	A descoberta do perigo	Sim	
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 20	Brasil: A nova ação da diplomacia	Não	Não
p. 66	Esporte: Um contra todos	Não	Não
p. 71-73	Arte: Museu em campo	Não	Não
N° 86 - 29.04.1970			
Capa	Os governadores	Sim	
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 20-23	Chamados e escolhidos	Sim	Não
p. 63	Esporte: Adeus às ilusões	Não	Não
p. 69	Televisão: Agraciado	Não	Não
N° 87 - 06.05.1970			
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 20	O PRESIDENTE – A fé do torcedor	Não	Não
p. 20	Brasil: O novo salário mínimo	Não	Não
p. 46-47	Comportamento: As vozes da multidão	Não	
p. 72-73	Esporte: O mêdo do gol	Não	
N° 88 - 13.05.1970			
Capa	Uma tragédia americana		
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 65-66	Esporte: Terceiro, e basta	Não	Não
p. 65-66	Copa do Mundo – Enfim, um time?	Não	Não
p. 65-66	Especial: O futebol mal assistido	Não	Não
N° 89 - 20.05.1970			
Capa	A escalada da “Tradição, família e propriedade”	Sim	
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 20-21	Brasil: A diplomacia de Medici	Não	Não
p. 79	Esporte: Quem perde mais?	Não	Não

p. 82	Gente	Não	Não
p. 93	A Copa é nossa	Não	Não
Nº 90 - 27.05.1970			
Capa	O mundo encantado e o som de Jorge Ben	Sim	
p. 12	Apontamentos de Veja: TV – Copa do Mundo – México x URSS, jogo de abertura da Copa. Primeira das onze transmissões diretas que serão apresentadas em cadeia por quase todas as emissoras do país. Domingo, às 15 horas. Gol – Documentário inglês sobre a Copa de 1966, disputada na Inglaterra. Cento e dezessete repórteres cinematográficos trabalharam para este filme, agora exibido pela primeira vez na televisão brasileira. Domingo, às 12h50, pela Record e Bandeirantes, em SP; Rio, GB; Vila Rica, BH; Difusora, PA; e mais nove emissoras da REI.	Não	Não
p. 21	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 36	Vida Moderna: TV: as côres estão chegando	Não	Não
p. 60-62	Esporte: Últimos dias de angústia	Não	Não
Nº 91 – 03.06.1970			
Capa	Segredos do terror	Sim	
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 34-36	Televisão: O grande programa	Não	Não
p. 39-47	Cadernos da Copa: A esperança pessimista A vida alheia Uma festa menor	Não	Não
Nº 92 - 10.06.1970			
Capa	1 X 0 O Brasil vinga 66	Sim	
p. 16-17	Apontamentos de Veja: TV e Quadro: O senhor das imagens da Copa	Não	Não
p. 23	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 30	O PRESIDENTE – Lições da História	Não	Não
p. 38	Justiça – A causa das Copas	Não	Não
p. 49-64	Caderno da Copa – Um alegre começo Elementar, caro Ramsey Risos e lágrimas A camisa número 12 Os brasileiros confiantes	Sim	Não

	Vitória pela ponta		
N° 93 - 17.06.1970			
Capa	O Brasil na semifinal	Sim	
p. 18	Apontamentos de Veja: TV	Não	Não
p. 21	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 22-27	A chantagem número três – Quadro: Os comunicados – No México	Não	Não
p. 34	Eleições: A força da bola	Não	Não
p. 41-56	Cadernos da Copa: Brasil, modelo 70 Copa em pedaços Ximbica elimina Didi (Quadro: Uruguai, vinte anos depois) Os juízes mudam o jogo Festividade e conflito	Sim	Não
p. 78	Televisão: Maracanã nos EUA	Não	Não
N° 94 - 24.06.1970			
Capa	Brasil para sempre	Sim	
p. 21	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 23	O PRESIDENTE – Casas e música	Não	Não
p. 30	ESG – Escola de Brasil	Não	Não
p. 39-58	Cadernos da Copa: A ilusão dos uruguayos (Quadro: o lendário Obdúlio) A taça do futebol de ouro (Quadro: Os minutos da vitória) Futebol de exceção (Os onze homens) A Copa em pedaços	Sim	Não
N° 95 - 01.07.1970			
Capa	A nova imagem de Medici	Sim	
p. 08	Cartas: Copa de 70	Não	Não
p. 14	Apontamentos de Veja: Exposições e Discos	Não	Não
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 18-23	A imagem do sucesso	Sim	Não
p. 24-30	O sucesso da imagem	Sim	Não
p. 33	Sucessões: Mais 4, faltam 6	Não	Não
p. 64	Gente	Não	Não
p. 66	Esporte: A força da técnica	Não	Não
p.67	De volta à terra	Não	Não
N° 96 - 08.07.1970			
Capa	Como fica esta guerra	Sim	
p. 13	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 15	Os donos da bola	Não	Não
p. 16	O PRESIDENTE – Uma boa semana	Não	Não
p. 56	Esporte: Futebol de fôlego	Não	Não
N° 97 - 15.07.1970			

Capa	O terror renegado	Sim	
p. 10	Cartas: E a taça?	Não	Não
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 58	Esporte: Um Brasil de campeões	Não	Não
p. 60	Futebol: A luta dos menores	Não	Não
p. 74	Saudades do México	Não	Não
Nº 98 - 22.07.1970			
Capa	Você aí, vamos comigo à bolsa?	Sim	
p. 8	Cartas: Copa	Não	Não
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 16	Brasil: A hora da raça	Não	Não
p. 64	Esporte: O velho jogador	Não	Não
p. 66-67	Gente: Quadro: As inacreditáveis entrevistas dos tricampeões	Não	Não
Nº 99 - 29.07.1970			
Capa	Esquadrão: a justiça ferida	Sim	
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 16-18	A força perdida	Não	Não
p. 18-19	O PRESIDENTE – O calor dos jogos	Não	Não
p. 61	Esporte: O ouro da Olimpíada	Não	Não
p. 68	Gente	Não	Não
p. 14	Brasil: Futebol e política	Não	Não
Nº 100 - 05.08.1970			
Capa	Loteria Esportiva: O jogo do momento	Sim	Não
p. 07	Cartas: Ame-o ou deixe-o	Não	Não
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 18	Comemoração – A grande festa	Não	Não
p. 19	ESG – A voz do Exército	Não	Não
p. 25	Futebol – O juiz Caximbau	Não	Não
p. 26	Campeão na Arena	Não	Não
p. 48-54	Vida Moderna: O jogo do futebol – Loteria Esportiva, sucesso antes de começar	Sim	Não
p. 64-65	Esporte: O homem marcado	Não	Não
p. 66	O choque das leis	Não	Não
Nº 101 - 12.08.1970			
Capa	O drama do Uruguai (A ex-Suíça americana)	Sim	
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
Nº 102 - 19.08.1970			
Capa	A queda dos caciques	Sim	
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 22-23	Unidos, em princípio	Não	Não
p. 76	Esporte – Os homens maus	Não	Não
p. 76	A igoa no campo	Não	Não
Nº 103 - 26.08.1970			
Capa	Como e por que todos faturam	Sim	Não
p. 06	Cartas – O dinheiro do jogo	Não	Não
p. 06	Nove Copas	Não	Não
p. 13	Carta ao leitor	Não	M.C.

p. 63	Esporte: O melhor mercado	Não	Não
p. 64	Crítérios da taça	Não	Não
Nº 104 - 02.09.1970			
Capa	Censo – Quantos somos – Como vivemos – Para onde vamos	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 19-20	A festa dos soldados	Não	Não
p. 74	Esporte: A derrota do azar	Não	Não
p. 34-35	O jôgo duplo da loteria	Não	Não
Nº 105 - 09.09.1970			
Capa	Analfabetos: Isso vai acabar	Sim	
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 16-19	Brasil: O dia do Brasil	Não	Não
p. 62	Esporte: O aprendiz	Não	Não
p. 62	O zero recorde	Não	Não
p. 62	Mineirão, ano um	Não	Não
p. 63	Gente	Não	Não
Nº 106 - 16.09.1970			
Capa	Para onde vai o Chile	Sim	
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 36	Banco do Brasil: Agora, na Europa	Não	Não
p. 60-61	Comportamento: Loterimania	Não	Não
p. 72-74	Esporte: A loteria dos pequenos	Não	Não
p. 85	Gentil (1908-1970)	Não	Não
Nº 107 - 23.09.1970			
Capa	A Guerra da Jordânia	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 19-21	A batalha eleitoral começou – Um combate de palavras e uma arma fantástica: a televisão	Não	Não
p. 74	Esporte: O Brasil na FIFA	Não	Não
p. 75	Emprêgo inseguro	Não	Não
p. 75	Torneio ameaçado	Não	Não
Nº 108 - 30.09.1970			
Capa	Oriente Médio: a tensão permanente	Sim	
p. 08	Loterimaníaco	Não	Não
p. 13	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 18	Políticos: Um adeus precoce	Não	Não
p. 52-53	Esporte: O futebol avarento	Não	Não
Nº 109 - 07.10.1970			
Capa	TV: Ela merece isto?	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 19	Eleitos os eleitos	Não	Não
p. 67	Educação: Chute com x	Não	Não
p. 70	Esporte: O futebol S.A.	Não	Não
p. 71	O time de ouro	Não	Não
p. 71	Um título inédito	Não	Não
Nº 110 - 14.10.1970			
Capa	A década da Amazônia	Sim	

p. 08	Cartas: Não o deixe	Não	Não
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 80	Esporte: O azar da loteria	Não	Não
p. 80	Jôgo a domicilio	Não	Não
Nº 111 - 21.10.1970			
Capa	S. EXA. o cabo eleitoral	Sim	
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 72	Esporte: A luta de Raimundo	Não	Não
p. 72	Pobres campeões	Não	Não
Nº 112 - 28.10.1970			
Capa	América Latina – Até onde vai a esquerda?	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 72	Esporte: O eterno Djalma	Não	Não
Nº 113 - 04.11.1970			
Capa	A revolução das comunicações	Sim	
p. 13	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 14-18	Brasil: Um ano de Medici – O estilo do general nos atos do presidente	Não	Não
p. 58	Raimundo sózinho	Não	Não
Nº 114 - 11.11.1970			
Capa	Exclusivo – Gomide na prisão do terror – Imagens e palavras do cônsul sequestrado	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 25	Prisões, políticos, eleições	Não	Não
p. 78	A capital dos técnicos	Não	Não
Nº 115 - 18.11.1970			
Capa	Em quem os jovens votaram	Sim	
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 75	Esporte: os Futepolíticos	Não	Não
Nº 116 - 25.12.1970			
Capa	Carro x Cidade	Sim	
Nº 117 - 02.12.1970			
Capa	Paulo VI, o político	Sim	
p. 06	O presidente	Não	Não
p. 13	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 14	Brasil: Futebol e política	Não	Não
p. 61	Esporte: A dolce vita	Não	Não
p. 62	Robertão: Do gol à briga	Não	Não
p. 70	Esporte: A rivalidade de volta	Não	Não
Nº 118 - 09.12.1970			
Capa	Um brasileiro ataca o mercado americano	Sim	
p. 15	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 70	Esporte: A rivalidade de volta	Não	Não
p. 72	Mal traçada linha	Não	Não
p. 72	Zezé, sem cabelos	Não	Não
p. 72	Zagalo, de longe	Não	Não
p. 72	lustrich, à noite	Não	Não

p. 84	Palavrões no ar	Não	Não
N° 119 - 16.12.1970			
Capa	Loteria: boa ou má?	Sim	
p. 19	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 36-42	Apostar, sonhar talvez... – Terminou o primeiro tempo do bolão e agora?	Sim	Não
p. 74	Esporte: Jôgo de corredor	Não	Não
p. 74-75	A escalada mineira	Não	Não
p. 75	A posição certa	Não	Não
N° 120 - 23.12.1970			
Capa	A contagem do censo – O Brasil a caminho dos 100 milhões	Sim	
p. 10	Cartas: Ame-o, e ninguém o segura	Não	Não
p. 17	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 28	ESG – Fim de curso	Não	Não
p. 68-69	Esporte: O valor do físico	Não	Não
N° 121 - 30.12.1970			
Capa	Seqüestro: a firme posição do govêrno	Sim	
p. 11	Carta ao leitor	Não	M.C.
p. 20-21	O PRESIDENTE – Alegria de Natal	Não	Não
p. 50	Esporte: Robertão sem lucros	Não	Não
p. 50-51	A marca do gol	Não	Não
p. 51	Flu organizado	Não	Não
p. 52	A nova Seleção	Não	Não

Anexo II – Matérias da revista *Veja* apresentadas no anexo

Título	Data e página da Veja	Anexo e página
<i>Substituindo o violino – O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo</i>	14.01.1970, p. 26	Anexo 1, p. 179
<i>Do Presidente: ontem, hoje e amanhã</i>	14.01.1970, p. 26	Anexo 2, p. 182
<i>Medici: a imagem</i>	28.01.1970, p. 20	Anexo 3, p. 184
<i>O Morumbi, enfim</i>	28.01.1970, p. 61	Anexo 4, p. 186
<i>O GRANDE ASSALTO</i>	04.02.1970, capa	Anexo 5, p. 188
<i>A garra das feras</i>	04.03.1970, p. 21	Anexo 6, p. 190
<i>O SEQÜESTRO DO CÔNSUL – UM TERROR REORGANIZADO? UM TERROR DESESPERADO?</i>	18.03.1970, p. 16-21	Anexo 7, p. 192
<i>O PRESIDENTE – A decisão firme</i>	18.03.1970, p. 24	Anexo 8, p. 194
<i>O FUTEBOL DOS CARTOLAS</i>	25.03.1970, capa	Anexo 9, p. 196
<i>O ESTRANHO JÔGO DO FUTEBOL</i>	25.03.1970, p. 34-41	Anexo 10, p. 198
<i>CRIME E DIPLOMACIA – O DRAMA DO SEQÜESTRO</i>	15.04.1970, capa	Anexo 11, p. 206
<i>O PRESIDENTE – A fé do torcedor</i>	06.05.1970, p. 20	Anexo 12, p. 208
<i>SEGREDOS DO TERROR</i>	03.06.1970, capa	Anexo 13, p. 210
<i>O PRESIDENTE – Lições da História</i>	10.06.1970, p. 30	Anexo 14, p. 212
<i>Um alegre começo</i>	10.06.1970, p. 49-54	Anexo 15, p. 214
<i>Elementar, caro Ramsey</i>	10.06.1970, p. 55-58	Anexo 16, p. 221
<i>A camisa número 12</i>	10.06.1970, p. 60-64	Anexo 17, p. 226
<i>Uruguai, vinte anos depois</i>	17.06.1970, p. 47-49	Anexo 18, p. 232
<i>Festividade e conflito</i>	17.06.1970, p. 54-56	Anexo 19, p. 234
<i>BRASIL, PARA SEMPRE</i>	24.06.1970, capa	Anexo 20, p. 238
<i>O PRESIDENTE – Casas e música</i>	24.06.1970, p. 23	Anexo 21, p. 240
<i>A ilusão dos uruguaios</i>	24.06.1970, p. 39-45	Anexo 22, p. 242
<i>A taça do futebol de ouro</i>	24.06.1970, p. 47	Anexo 23, p. 247
<i>Futebol de exceção</i>	24.06.1970, p. 51-54	Anexo 24, p. 249
<i>A NOVA IMAGEM DE MEDICI</i>	01.07.1970, capa	Anexo 25, p. 256
<i>Carta ao leitor</i>	01.07.1970, p. 17	Anexo 26, p. 258
<i>A imagem do sucesso</i>	01.07.1970, p. 18-23	Anexo 27, p. 260

<i>O sucesso da imagem</i>	01.07.1970, p. 24-29	Anexo 28, p. 267
<i>A maioria silenciosa</i>	01.07.1970, p. 30	Anexo 29, p. 274
<i>O PRESIDENTE – Uma boa semana</i>	08.07.1970, p. 16	Anexo 30, p. 276
<i>O TERROR REGENERADO</i>	15.07.1970, capa	Anexo 31, p. 279
<i>E a taça?</i>	15.07.1970, p. 10	Anexo 32, p. 281
<i>O PRESIDENTE – O calor dos jogos</i>	29.07.1970, p. 18-19	Anexo 33, p. 283
<i>Ame-o ou deixe-o</i>	05.08.1970, p. 07	Anexo 34, p. 286
<i>Não o deixe</i>	14.10.1970, p. 08	Anexo 35, p. 288
<i>Um ano de Medici – O ESTILO DO GENERAL NOS ATOS DO PRESIDENTE</i>	04.11.1970, p. 17	Anexo 36, p. 290
<i>Ame-o, e ninguém o segura</i>	23.12.1970, p. 10	Anexo 37, p. 295
<i>SEQÜESTRO: A FIRME POSIÇÃO DO GOVÊRNO</i>	30.12.1970, capa	Anexo 38, p. 297
<i>O PRESIDENTE – Alegria de Natal</i>	30.12.1970, p. 20-21	Anexo 39, p. 299

Anexo 1 – ***Substituindo o violino – O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo*** de 14.01.1970

preventiva (saúde pública e saneamento). A principal crítica contra o Plano Nacional de Saúde é que só nas três regiões onde foi aplicado (Nova Friburgo, Barbacena e Mossoró) gastaram-se praticamente os recursos destinados à sua aplicação em todo o país. Propõe-se, ainda, a instalação de redes de água e esgotos em todo o país, mediante financiamento aos governos estaduais e municipais. Nesse setor já se chegou a cogitar de uma ideia que, eventualmente, poderia ter muito maior impacto: transformar o Banco Nacional da Habitação num Banco Nacional de Desenvolvimento Social, que, ao lado do já existente Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE), financiaria planos como os de instalações de redes de água e esgotos.

ABASTECIMENTO: Está prevista a criação e a expansão de centrais de abas-



Cirne Lima: mercados nas capitais

tecimento nas cidades de mais de 500 000 habitantes para reduzir o custo dos gêneros alimentícios. Para ser um verdadeiro impacto, começará pelos maiores centros urbanos: Grande São Paulo, Grande Rio e Recife (onde serão ampliadas as centrais já existentes) e Belo Horizonte, Pôrto Alegre, Salvador, Fortaleza e Belém (onde serão implantadas as centrais).

AGRICULTURA: Além da "Marcha para o Oeste" (veja página 20), o impacto no setor rural será o barateamento dos preços de fertilizantes e implementos agrícolas (tratores, arados, enxadas). A reforma agrária baixada pelo Ato Institucional n.º 9 e que poderia se tornar o maior impacto nessa área é apresentada pelo Ministro Cirne Lima como não se limitando ao aspecto puramente fundiário. "A reforma agrária", diz o ministro, "é um processo, um conjunto de medidas destinadas a promover o desenvolvimento agrário do país, em termos de terra".

Na outra área estratégica — ciência e tecnologia e aumento do poder competitivo da indústria nacional —, o impacto não poderá render benefícios a curto prazo.

Uma das ideias é escolher algumas universidades para servirem como centros de pesquisas tecnológicas avançadas, que concentrariam recursos financeiros em pesquisas específicas e ajudariam a evitar a fuga de cérebros para o exterior. O Ministro Velloso diz esperar que as empresas estrangeiras que operam no país adaptem aqui a sua tecnologia, mas não revela os argumentos de que pretende lançar mão para convencer essas empresas.

E como se conseguirá o aumento do poder competitivo da indústria nacional? Na linguagem oficial do projeto, o assun-

to é tratado como "política de insumos básicos". "A palavra insumo mais parece um palavrão", reconhece um técnico do Ministério do Planejamento, Francisco Manoel de Mello Franco, encarregado de seu estudo. Na realidade, a palavra insumo é um neologismo próprio do economês, roubada do inglês "input", que tem o seu oposto no "output" — o produto final. Insumo seria tudo aquilo que entra na produção de determinado bem: matérias-primas, energia elétrica, óleo combustível, carvão, cimento, aço, etc. A indústria nacional se tornará competitiva, segundo o governo,

Substituindo o violino

O presidente na reunião: respeito à Constituição, mudança para Brasília, nova imagem para o povo

Para o Presidente Garrastazu Médici, a reunião ministerial da semana passada foi oportunidade para traçar, perante seus auxiliares mais qualificados, a orientação política e administrativa do governo. Sentindo, na reunião anterior, interrompida pelo falecimento do ex-Presidente Costa e Silva, que alguns pontos não iam bem, o presidente preparou um documento em que resumiu suas diretrizes políticas e administrativas. Uma certa pressa pode ter sido a responsável pelo tom confuso do documento, que colocaria em pé de igualdade temas como a melhor distribuição da renda nacional e a regulamentação das comitivas que representarão o Brasil em congressos, no exterior.

No campo especificamente político, o General Garrastazu Médici declarou aos ministros que a Arena é o partido da Revolução e do governo e responderá prontamente às críticas feitas no Congresso Nacional. Os ministros devem oferecer ao comando partidário, com rapidez, as informações necessárias para essa resposta. As contestações à Revolução e ao regime não serão toleradas. Aos ministros impõe-se, dessa forma, permanente respeito ao "fôgo da verdade", para o qual o presidente se declarou assessorado pelo Serviço Nacional de Informações e os ministros pelas divisões de Segurança e informações dos ministérios. Dos catorze itens do documento presidencial divulgado, três apresentam pontos de interesse político: 1) a recomendação para que os ministérios promovam "as medidas necessárias à observância das normas e princípios constitucionais"; e a promessa de consolidação da imensa, esparsa e, em alguns casos,

conflitante legislação revolucionária; 2) transferência imediata dos núcleos centrais dos ministérios para Brasília; 3) estabelecimento de "um sistema de comunicação social, com base na atuação dos órgãos do Poder Executivo".

RESPEITO À CONSTITUIÇÃO — Aparentemente, a recomendação para que os ministros promovam medidas para observância da Constituição não é novidade. No entanto, a vigência simultânea da Constituição e do Ato Institucional número 5 dá pelo menos oportunidade à fala presidencial. Muito provavelmente, estaria ele se referindo a certas situações de fato, que não têm origem nem na Constituição nem no Ato Institucional, mas que subsistem apesar de ambos e apesar da vontade presidencial, reiteradamente exposta, de fazer o país retornar ao caminho da normalidade institucional.

Em matéria de liberdade de imprensa, por exemplo, o jornalista Evandro Carlos de Andrade, em artigo publicado no "Jornal da Tarde", de São Paulo, ao mesmo tempo que formulava suas previsões para 1970, registrava, na semana passada: "A liberdade de imprensa é o ponto nevrálgico do regime plenamente democrático que o General Garrastazu Médici pretende legar. Ao abrir-se a década de 70, ela é praticada da maneira mais precária possível, como uma concessão paternalista do governo, sujeita a suspensão em qualquer emergência".

RUMO A BRASÍLIA — Ao recomendar que "os núcleos centrais de todos os ministérios se transfiram, desde logo, para Brasília, reduzindo-se ao mínimo a transferência de pessoal subalterno e auxiliar, que deverá ser recrutado e trei-

VEJA

a medida que os insumos tenham seus custos reduzidos.

Quaisquer que sejam as falhas do projeto-impacto, fica a certeza de que o planejamento não é uma tarefa fácil. (O ex-Ministro Hélio Beltrão, por exemplo, gostava de descansar dos planos e estatísticas tocando violão em casa.) Logo depois de ter sido indicado para o governo, o General Garrastazu Medici encontrou duas fórmulas para mudar o planejamento: ou criar um Ministério da Economia englobando o do Planejamento e o da Fazenda (idéia apresentada como simpática ao Ministro Delfim Net-

to); ou criar um Conselho Nacional do Desenvolvimento, semelhante ao Conselho de Segurança Nacional. O presidente, contudo, preferiu manter o antigo Ministério do Planejamento e, além disso, nomeou um técnico do próprio Ministério, o economista Marcus Vinicius Pratini de Moraes, como seu assessor especial para assuntos de coordenação econômica. "Mas, na verdade", diz Pratini de Moraes, com seu sotaque bem gaúcho, "a coordenação geral é e continuará sendo feita pelo presidente da República."

Nesta situação, com um Executivo for-

te praticamente monopolizando as atividades do planejamento e com insinuações veladas para a reformulação do próprio papel do Ministério, Veiloso parece encontrar-se numa situação difícil. Ele terá de lutar para manter seu prestígio e, ao mesmo tempo, levar a atividade do planejamento ao lugar de destaque que ela desfruta nas economias modernas. Possivelmente, saberá como fazê-lo. Em Yale, onde travou grande batalha; acabou vencendo. "Foi o primeiro em tudo", escreveu Nelson Rodrigues. "Os alunos e professores diziam d'ê: 'O grande brasileiro!'"



Evandro: liberdade de imprensa, um requisito importante para o presidente



Cel. Octavio Costa: nova imagem

nado, sempre que possível, no Distrito Federal", o presidente estava, tão-somente, mandando cumprir diretriz traçada ainda no governo Costa e Silva. Foi em 1968 que se criou o GEMUD (talvez o órgão de nome mais comprido e complicado de toda a administração: Grupo de Complementação da Mudança dos Órgãos da Administração Federal para Brasília), para selecionar os órgãos que deveriam mudar imediatamente, levando para Brasília os funcionários graduados e recrutando ali o pessoal auxiliar, para evitar excessiva demanda de moradias. O plano, engenhoso, falhou porque, aparentemente, os chefes de seção do serviço público não quiseram separar-se dos seus contínuos, motoristas e datilógrafos, e apresentaram ao GEMUD listas imensas de funcionários que deveriam ser transferidos.

Se não há novidade na diretriz de Garrastazu Medici, há a reafirmação de um empenho revolucionário: fazer de Brasília a verdadeira, única e efetiva capital do país.

COMUNICAÇÃO — "Objetivando informar a opinião pública, motivar a vontade coletiva para o esforço nacional do desenvolvimento e contribuir para o prestígio internacional do Brasil, será estabelecido um sistema de comunicação social, com base na atuação dos órgãos do Poder Executivo." Nesse terreno, progredimos muito. A ditadura getulista do Estado Novo tinha o DIP — Departamento de Imprensa e Propaganda —, para controlar a divulgação das atividades oficiais. A redemocratização, em 1945, veio carregada de aversão pelas práticas ditatoriais, e a comunicação entre governo e imprensa se fazia diretamente através do Gabinete Civil. Juscelino, em 1953, voltaria a entregar a tarefa a um funcionário especializado, o romancista Autran Dourado. Jânio, depois d'ê, criou a Assessoria de Imprensa, confiada ao jornalista Carlos Castello Branco. Com Costa e Silva, surgiu a Assessoria Especial de Relações Públicas, que imediatamente passou a disputar competência com a Assessoria de

Imprensa. Enquanto esta se limitou, sempre, a apenas facilitar o acesso dos jornalistas às informações governamentais, aquela planeja e executa verdadeiras campanhas para projetar uma imagem favorável do governo na opinião pública.

A Assessoria de Imprensa, a esta altura, parece definitivamente submetida à Assessoria Especial de Relações Públicas, hoje dirigida por um coronel alagoano muito simpático, Octavio Costa, preocupado principalmente em desformalizar a figura do presidente da República. Pretende que o general Garrastazu Medici almoce, freqüentemente com jornalistas, intelectuais e homens de empresa, aos quais deixará de parecer a figura inacessível que foram os anteriores presidentes da Revolução. Castello Branco e Costa e Silva. Nessa linha, a AERP funcionará também como um conduto de retorno ao "jogo da verdade", trazendo ao conhecimento do governo a verdade que circula cá fora.

Anexo 2 – ***Do Presidente: ontem, hoje e amanhã*** de 14.01.1970

Do Presidente: ontem, hoje e amanhã

Quarenta e três anos depois de sua formatura, na Escola Militar do Realengo (Rio), a turma "Laguna e Dourados" está bem diminuída (177 aspirantes, 59 já falecidos e só seis na ativa do Exército), mas se julga coberta de glórias: dela saíram um presidente da República — Garrastazu Medici —, 26 generais-de-exército, políticos de nome, como Juracy Magalhães, e até mesmo um jogador da Seleção Brasileira de futebol na década de 30, Póvoa. Na semana passada, no almoço que fazem todo dia 7 de janeiro no Clube Militar (Rio), os sobreviventes da "Laguna" recordavam o passado enquanto saboreavam melão com presunto cozido e filé à jardineira. É uma turma que tem muito a recordar: formou-se e viveu sob o signo da política. A formatura (1927) foi um mês depois da posse de Getúlio Vargas como ministro da Fazenda do governo Washington Luís e um mês antes que a famosa Coluna Prestes, movimento armado chefiado pelo então Capitão Luís Carlos Prestes (hoje líder dos comunistas brasileiros da "linha soviética"), chegasse ao fim, internando-se na Bolívia, depois de uma marcha de cerca de 30 000 quilômetros pelo Brasil. Diz um dos velhos oficiais da "Laguna" que o cadete Garrastazu Medici era um tipo retraído, aplicado nos estudos (formou-se em nono lugar) e relativamente frustrado nos campos de futebol, onde nunca chegou a ser tão bom quanto o Póvoa, que foi à Seleção Brasileira, nem mesmo como o Neves, que chegou a titular do Fluminense. No final do almoço (NCR\$ 15,00 para cada um e Garrastazu Medici fez questão de pagar sua parte), o presidente es-

tava emocionado: num discurso de imprevisto (cinco minutos), ofereceu seu cargo de presidente aos velhos companheiros da "Laguna". Na mesma mesa em U onde comia em mangas de camisa o chefe do terceiro governo da Revolução estavam também seis colegas seus que haviam deixado as fileiras do Exército após 1964. Mas nem o presidente nem os seis lembraram as divergências recentes: recordavam a época distante da juventude e — talvez por terem uma idade média de 64 anos — lembravam também a batalha que nenhum estrategista pode vencer: a batalha contra o tempo.

Uma linguagem simples
que até os
trabalhadores entendam

Uma entrevista à imprensa pode servir para diversos fins, desde a informação de medidas importantes até uma prestação de contas do governo. Para o Presidente Garrastazu Medici, a primeira entrevista coletiva programada para a segunda quinzena deste mês será, também, o ponto de partida de uma aproximação maior com o povo. Depois da entrevista, o presidente irá a São Paulo, no dia 25, inaugurar a nova Praça Roosevelt, imponente conjunto de viadutos superpostos que modificarão o centro da cidade, e também o novo estádio do São Paulo Futebol Clube. Em fevereiro, realizará o velho sonho de conhecer a Bahia e, ao mesmo tempo, inaugurará as avenidas Castelo Branco e Costa e

Silva em Salvador. Em março, ele já estará na divisa do Maranhão com o Piauí, pondo em funcionamento a Usina Hidrelétrica de Boa Esperança, de 54 000 kw. Aproveitará a ocasião para percorrer o Nordeste, obedecendo a uma tripla preocupação: viagens não muito demoradas, comitiva não muito grande e despesas não muito elevadas. A novidade principal dessa ofensiva de comunicação do presidente será a linguagem que ele pretende utilizar nos seus discursos de inaugurações, quando deseja ser claramente entendido pelos trabalhadores dessas obras. Dentro desse esquema, a entrevista coletiva deste mês também sofrerá modificações, sendo a mais importante a resposta sem texto preparado que o presidente dará às perguntas previamente levadas ao seu conhecimento. Apenas alguns detalhes continuavam sendo estudados, na semana passada, entre assessores "inovadores" e "tradicionais": a entrevista será direta pela TV ou gravada em vídeo tape? O jornalista poderá reinquirir o presidente? Deve o presidente levantar-se da cadeira e circular entre os jornalistas enquanto expõe uma resposta mais demorada?

Taticamente esquecidos,
mas estrategicamente
sob cuidadosa vigilância

O presidente está realmente pouco preocupado com a subversão? Embora taticamente venha omitindo a expressão "guerra revolucionária" de todos os seus discursos, estrategicamente mantém subversivos e possíveis situações subversivas sob rigorosa análise. Na semana passada, ao mesmo tempo que ampliou o número de vagas do projeto da Cidade Universitária da Ilha do Fundão (GE de 6 000 para 19 000 alunos, reduziu número de alojamentos do "campus" de 4 000 para 400 dormitórios. Por serem as universidades ainda consideradas como o meio onde preferem atuar e focos de insatisfação contra o governo o presidente parece temer que um alojamento com milhares de alunos se torne potencialmente perigoso. Aparentemente, o General Garrastazu Medici lembrava os momentos em que os órgãos de informação (ele era chefe do SN, consideraram explosivos os "campus" de cidades universitárias de São Paulo Brasília (segundo semestre de 1968) opinaram por sua ocupação.



Hoje, depois do almoço: com Juracy



Ontem: os bons tempos da "Laguna"

Anexo 3 – ***Medici: a imagem*** de 28.01.1970

O decreto-lei será regulamentado esta semana e não tem efeito retroativo, mas, daqui para a frente, o governo pretende fiscalizar todas as publicações, inclusive as estrangeiras — das quais a revista americana "Playboy" é a mais famosa, vendendo no Brasil 30 000 exemplares por mês, a NCr\$ 13,00 cada. A fiscalização deverá incidir, também, sobre livros de fundo erótico, cuja edição tem crescido substancialmente no país (VEJA n.º 11).

Comerciantes — O ato do governo encontrou algumas reações francamente favoráveis. A líder da Associação das Donas de Casa de Minas e inimiga das revistas eróticas, Maria Adelaide de Paula Fernandes ("Lalá Fernandes") disse a VEJA: "Já devíamos ter tomado essa providência há muito tempo. Essas revistas são uma libertinagem produzida em série". Com menos entusiasmo, o



Dona Lalá: decreto vem com atraso

Cardeal Dom Agnelo Rossi disse estar de acordo com o decreto-lei, embora preferisse uma solução mais formativa da opinião do que coercitiva. "Mas", acrescentou o cardeal, "diante da insensibilidade dos responsáveis aos apelos feitos por várias organizações, entre elas a Igreja, o governo tinha mesmo que intervir."

O escritor e teatrólogo Nelson Rodrigues declarou que se tornava necessário um ato moralizador, "muito mais para conter a subversão organizada inclusive com a imoralidade em punho".

Já o editor paulista Eli Behar, cuja Editora Hemus teve alguns livros apreendidos no passado por portaria federal ("Minha Vida, Meus Amores"), disse acreditar que a censura prévia estabelecida no decreto-lei pode evitar os prejuízos causados por apreensões de livros já editados: "Finalmente, os editores, na sua maioria, são 80 por cento comerciantes".

Medici: a imagem

O estilo é o homem — e o Presidente Garrastazu Medici manteve, no discurso que pronunciou domingo na Praça Roosevelt, em São Paulo, o mesmo estilo de imagens rebuscadas, com refrões encaixados entre os parágrafos. Talvez não seja essa a melhor linguagem para um discurso dirigido aos trabalhadores, como pretendiam que fosse os seus assessores. Mas talvez revele coerência: o presidente sempre disse que gostaria de obter popularidade, mas sem fazer concessões à demagogia.

Comunicar-se com o povo é uma preocupação do governo. Nos últimos dias, sua Assessoria Especial de Relações Públicas vem distribuindo, por todo o país, um folheto em que procura mostrar o presidente como um homem comum, atento às pequenas alegrias, o chope no barzinho da esquina, o futebol, o cinema, as reuniões em família. O folheto teve seus críticos. O cronista Carlos Castelo Branco, do "Jornal do Brasil", chegou a escrever: "Tomar chope no botiquim da esquina ou suportar a estridência de discos de música de consumo na porta de lojas do gênero são contingências da pobreza ou da falta de espírito, nunca uma opção feita na plenitude das possibilidades de cada um". Discursando no seu estilo ou apresentando-se como homem de gostos comuns, o Presidente Garrastazu Medici mantém-se fiel à frase que inspirou o folheto: "Venho como sempre fui".

Índios: a verdade

Na semana passada, Garrastazu Medici iniciou outra ofensiva, esta internacional: doze jornalistas estrangeiros foram levados à selva amazônica para conhecer os índios e mostrar ao mundo que o governo do Brasil não é culpado de qualquer genocídio em relação aos primitivos habitantes de suas terras. As agências, jornais, revistas e televisões destacaram para essa viagem alguns dos seus profissionais mais experimentados: François Pelou, da Agência France Presse, viveu três anos no Vietnã e viu a ofensiva do Tet, em 1968; Alexandre Joanides, um escocês de barbas ruivas, da Reuters, cobriu a guerra da Coreia; Kurt Klinger, da DPA, foi correspondente no Vaticano e compilou anedotas do Papa João XXIII. Com eles estava o russo Peter Bogatrev, da Agência Tass. Esses jornalistas visitaram a ilha do Bananal e o Parque Nacional do Xingu. Bert Quint e Lance Belville, da televisão americana, saíram de Brasília na companhia de jornalistas brasileiros, numa segunda expedição que enfrentou vários problemas antes de chegar aos índios, que seriam filmados para um programa

"coast to coast" da American Broadcasting Corporation e Columbia Broadcasting System (40 milhões de espectadores). O objetivo inicial era a aldeia dos cintas-largas, em Rondônia, mas os três pequenos aviões não puderam descer, por causa do mau estado da pista. Procuraram depois a aldeia dos nhambiquaras, em Mato Grosso. Um dos aviões desceu bem, o outro bateu nas árvores e feriu levemente seus ocupantes e o terceiro voltou para Vilhena, pois não encontrou a aldeia. Este era o que levava os dois americanos e seus cinegrafistas, que passaram a dizer, em tom de brincadeira: "Parece que mataram mesmo todos os índios, não há mais nenhum para nos mostrar". Mostrar-lhes índios tornou-se uma questão de honra, e eles foram levados ao Parque Nacional do Xingu, uma das reservas onde os remanescentes de algumas tribos vivem em boas condições e são efetivamente pro-



Índios do Xingu para a TV americana

tegidos, graças em parte ao esforço pessoal dos irmãos Orlando e Alvaro Villas-Boas. Com o término da missão de seus enviados especiais, provavelmente já nesta semana a imprensa estrangeira começará a divulgar suas versões do que foi chamado no exterior "o genocídio dos índios brasileiros". De acordo com os comentários feitos pelos correspondentes em Brasília, depois de suas viagens, os relatos devem coincidir em três pontos: 1) o governo atual não é responsável por qualquer massacre de índios; 2) as possíveis mortes ocorridas deveriam-se à omissão dos governos anteriores na defesa dos índios e de suas terras; 3) a matança dos indígenas tem sido feita pelas chamadas frentes pioneiras, de madeireiros e donos de fazendas interessados em ampliar suas áreas de exploração às custas das terras ocupadas pelos índios. É esta terceira questão que o governo Garrastazu Medici está empenhado em enfrentar.

Anexo 4 – ***O Morumbi, enfim*** de 28.01.1970

importante que o médio volante Cornel Dinu. Com 23 anos, 1 metro e 88, 80 quilos e doze jogos na Seleção, é ele quem praticamente ordena o ritmo do time: tem muita habilidade com a bola e é o que melhor sabe fazer lançamentos a distância (qualidade um tanto rara entre os romenos). A grande vantagem desse time é que sua estrutura está montada desde outubro de 1968 (início das suas eliminatórias). Apesar disso, ele deixa a impressão de que não terá um futuro muito longo durante a Copa, tendo que enfrentar brasileiros, checos e ingleses. A não ser que os romenos estejam guardando segredos realmente surpreendentes. ○

O difícil caminho do gol — Para o jornalista Frantisek Steiner, do "Lidova Democracie" (Democracia Popular), de Praga, que acompanha a delegação, o Sparta é um time que adota o mesmo sistema do Spartak de Trnava (o último campeão) e da Seleção: "A única diferença é que o Spartak e a Seleção têm Adamec, que faz os gols". O jornalista checo estava se referindo à diminuta capacidade de gols do ataque do Sparta: em quatro jogos (dois em Curitiba, um em Porto Alegre e um em Belo Horizonte), apenas dois gols. Na verdade, os checos parecem não ter muita imaginação no ataque e, tanto em Porto Alegre como em Belo Horizonte, repetiram qua-

kanin; em Belo Horizonte, contra o Atlético, Jurkanin melhorou um pouco (deu um chute), mas não melhorou a pontaria (acertou na trave). A deficiência que os checos mostram no ataque é, de certa forma, compensada pela participação que os atacantes têm no trabalho de destruição. Apesar de tudo, o Sparta mostrou dois jogadores de excelentes qualidades técnicas: o médio Svatopluk Bouska e o atacante Zeman — os dois muito inteligentes e perfeitos conhecedores dos segredos da bola. Quando se sabe que Bouska é apenas reserva na Seleção, tem-se a relação aproximada entre o Sparta e a Seleção: apenas uma amostra incompleta. ○

A amostra checa

"Alguns desses gringos — Vesely e Migas, em especial — podiam até figurar numa escola de samba carioca: têm ginga e estão com as cadeiras bem mais movidas." Assim escreveu Aparício Viana e Silva (um dos olheiros de Saldanha), comentando o jogo do Sparta de Praga com o Internacional para a "Fôlha da Manhã" de Porto Alegre. Vindo de uma longa parada (de novembro a março só se pratica hóquei sobre gelo na Checoslováquia) para uma excursão cansativa (era a terceira partida em uma semana), o Sparta impressionou bastante no seu jogo em Porto Alegre. Dois dias depois, porém, jogando contra o Atlético em Belo Horizonte, o Sparta perdia de 3 a 0 sem mostrar nenhum futebol, tendo por coincidência Vesely (ponta-direita) e Migas (zagueiro central) como seus piores jogadores. Os dois são titulares da Seleção da Checoslováquia. Além deles, o Sparta tem mais quatro jogadores na Seleção, todos reservas: Kramerius (goleiro), Bouska (meio-campo), Jurkanin (centroavante) e Jarabinsky (ponta-esquerda). Apesar de todos esses nomes, o Sparta (apenas o quarto colocado no último campeonato) não parece ser capaz de fornecer uma visão exata do futebol da Seleção Checa — também adversário do Brasil na Copa.



O ESTÁDIO DE S. PAULO

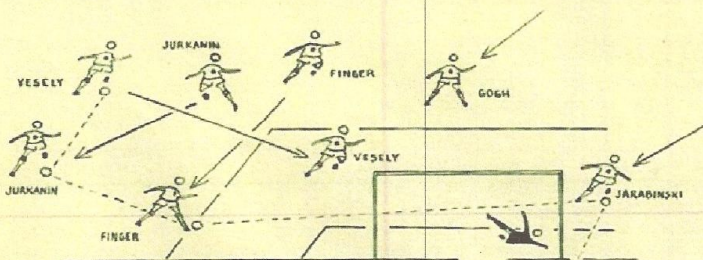
O Morumbi para 150 000 pessoas: São Paulo agora tem o segundo maior estádio

se sempre a mesma jogada: embolam dois ou três atacantes perto da linha de fundo e viram, de repente, a jogada para a área (veja o gráfico). O sucesso da jogada depende de um atacante hábil na conclusão — o que justifica o lamento do treinador Navara Milas: "Se eu tivesse o Adamec no meu ataque, teria vencido pelo menos três desses quatro jogos que realizamos".

A reclamação de Navara tem procedência: em Porto Alegre, contra o Internacional, o Sparta deu apenas oito chutes em gol, nenhum do centroavante Jur-

O Morumbi, enfim

Durante quinze anos, a partir de 1950, só existia o Maracanã, único gigante do esporte brasileiro, capaz de alojar até 200 000 torcedores. Em 1965 surgiu em Belo Horizonte o Mineirão, para 130 000 pessoas. E dele nasceu uma febre de grandes estádios. Dois foram inaugurados no ano passado: o Beira-Rio, em Porto Alegre, para 110 000; e o Lourival Batista, em Sergipe, para 60 000. Dois estão em construção: o Pinheirão, em Curitiba, para 70 000; e o Estádio de Manaus, para 46 000. Por todo esse tempo, permanecia inacabado o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, do São Paulo Futebol Clube, o primeiro que seguiu o exemplo do Maracanã, com sua construção iniciada em 1952. Era utilizado para jogos desde 1960, mas suas arquibancadas estavam pela metade. As grandes rendas dos outros gigantes, porém, despertaram os homens do São Paulo. As obras foram reiniciadas e na semana passada o Morumbi (bairro onde fica e nome popular do Cícero Pompeu de Toledo) estava concluído. Hoje é o segundo estádio brasileiro, com capacidade para 150 000 torcedores. ○



Assim ataca o Sparta: a tática ideal para quem tem um bom centroavante

Anexo 5 – **O GRANDE ASSALTO** de 04.02.1970

O GRANDE ASSALTO

veja

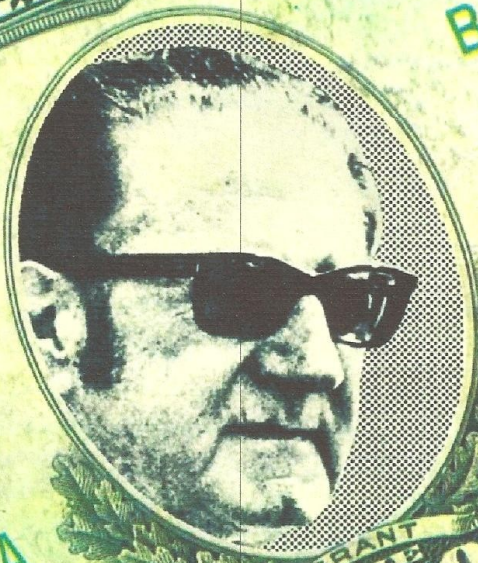
E LEIA

EDITORA ABRIL - N.º 74 - 4 DE FEVEREIRO DE 1970

NC.º 200

EDITORA A
ABRIL S.A.
EDITOR

FOR ALL DEBTS, PUBLIC AND
LAWFUL MONEY AT THE UNITED
FEDERAL RESERVE BANK.

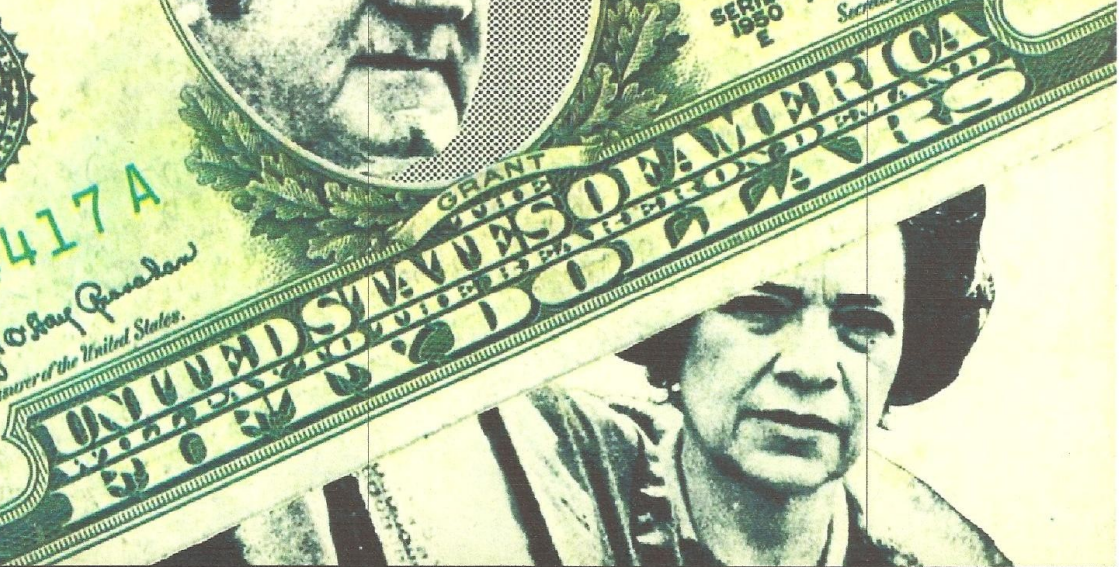


B 38284417 A
WASHINGTON, D.C.



SERIES 1950 E
Henry H. Fowler
Secretary of the Treasury

284417 A
Frederic O. Low
Treasurer of the United States



Anexo 6 – ***A garra das feras*** de 04.03.1970

Seu comportamento na administração é comparado ao de um trator "sempre passando sem muita velocidade, mas que nunca deixa de atingir seu objetivo, porque é feito exatamente para derrubar os obstáculos".

As causas — Na política, o comportamento presidencial não muda. Garrastazu Medici continua conduzindo-se com extremo rigor e precisão. Ele observa a situação com o olhar crítico de um general que antes de 1964 estava em seu quartel, de onde saiu para participar da Revolução.

Em seis anos, Garrastazu Medici e outros militares foram penetrando nas causas dos fenômenos políticos e se viram diante de realidades sociais e econômicas das quais, em parte, a vida da caserna os mantivera afastados. No seu caso, essa visão teve a amplitude da capacidade de investigação do SNI, que dirigiu. Graças a ela, detectou e apresentou ao Marechal Costa e Silva as características contra-revolucionárias das manifestações de 1968, quando se realizaram inúmeras passeatas em várias capitais do país, com choques entre manifestantes e a polícia, além da depredação e incêndio de veículos das Forças Armadas.

Na ocasião, conforme revelou durante a entrevista, pediu ao Presidente Costa e Silva que tomasse medidas drásticas para esmagar a crise. Adiadas na época, elas acabaram vindo cinco meses depois, em dezembro, com o AI-5. A visão crítica de Garrastazu Medici o levou a recomendar ao Presidente Costa e Silva várias alterações no programa da missão Rockefeller. A idéia inicial só destinava vinte minutos de conversa entre o presidente e o governador de Nova York, além de permitir encontros com políticos

cassados, entre eles Carlos Lacerda e Juscelino Kubitschek. Alterado, o programa permitiu uma entrevista de duas horas no Planalto e excluiu os outros encontros.

Os fortes — Quando explodiu o problema Dominium — sociedade anônima que exportava solúvel e que vinha sendo administrada irregularmente —, o General Garrastazu Medici, como chefe do SNI, convocou poderosos políticos e financeiros para prestarem depoimentos. Ao assumir o comando do III Exército, o General Garrastazu Medici já anunciava que a Revolução não devia voltar ao passado, mas apressar o futuro, pois se cobrava dela o que deixara de fazer. Ele

deixou o SNI equipado para operar informações econômicas. Esse equipamento permitiu, dias depois do AI-5, uma devassa no mercado de câmbio, que incluiu até a invasão de diversas casas do Rio e São Paulo. Essa ação, que era interpretada como um gesto isolado de alguns militares, foi mais tarde reconhecida como resultado de uma determinação revolucionária.

Depois de dizer, na sua entrevista de quinta-feira passada, que o AI-5 veio tarde, o presidente forneceu mais uma importante indicação para a definição de seus objetivos políticos ao lembrar que tomou parte na "primeira Revolução, a de 30", buscando o ideal da democracia plena sem ter conseguido vivê-lo. ○

VIAGEM

Através do tempo

A viagem de onze dias que o Presidente Garrastazu Medici começa no próximo dia 3 dá bem uma idéia das preocupações do seu governo: ele vai do passado, inaugurando terça-feira em Bagé uma estátua do líder liberal gaúcho Silveira Martins (*), ao futuro, visitando o Instituto Tecnológico de Aeronáutica e o embrião da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer), em São José dos Campos, São Paulo. Mas essa viagem não terá apenas significado simbólico. No dia 10, ao falar na abertura dos cursos da Escola Superior de Guerra, no Rio, o presidente fará seu primeiro pronunciamento específico sobre segurança nacional. Será uma definição formal e objetiva da doutrina de segurança do seu governo, da qual depende toda a estratégia da administração federal.

NOVILHOS E CORDEIROS — Duzentos novilhos e cinquenta cordeiros capões serão abatidos em Bagé, na terça-feira, para o churrasco que a Associação Rural oferecerá ao presidente. Seiscentos convidados, cem "penetras" (cálculo dos diretores da Associação) e 1.500 gaúchos vestidos a caráter, que farão a guarda de honra de Garrastazu Medici, serão servidos.

Antes do churrasco, o presidente deverá inaugurar a estátua de Silveira Martins — um velho sonho da população da cidade. Já em 1937 se pensava nela e o Presidente Getúlio Vargas chegou a comunicar que liberara verba federal para sua construção. O monumento só ficou pronto em 1969, graças a contribuições populares: da verba de Getúlio, Bagé jamais viu um tostão.

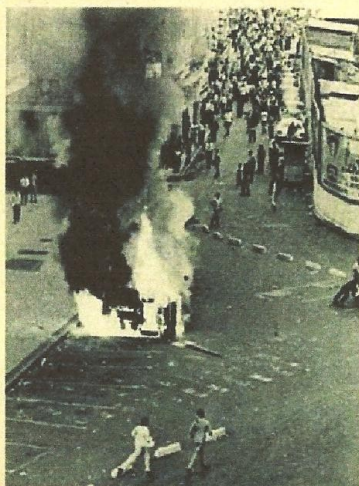
(*) Gaspar da Silveira Martins, senador e conselheiro do Império, primeiro chefe do Partido Federalista fundado em Bagé, em 1892.

Ainda em Bagé, o presidente ouvirá um discurso do Senador Mem de Sá e em Porto Alegre debaterá a sucessão gaúcha com o Governador Peracchi Barcellos. Mas o grande problema surgirá na viagem de volta: como transportar o retrato de Garrastazu Medici a cavalo (2 metros de altura) que está sendo pintado em segrêdo, em Bagé, para lhe ser dado de presente? ○

A garra das feras

Ser um estilista é bom, mas melhor ainda é ter muita garra para ser um rompedor de defesas. Para o Presidente Garrastazu Medici (um dos 90 milhões de técnicos de futebol que vivem no Brasil), esta é a receita certa para a escolha do centroavante ideal da Seleção Brasileira. "O Vavá (centroavante das seleções de 1958 e 1962) não era um estilista e foi um grande goleador justamente nas copas em que o Brasil foi campeão." Com esse argumento, Garrastazu Medici apresenta o seu candidato ao comando do ataque da Seleção: Dario, do Atlético Mineiro, que ele gostaria de ver entre as "feras", pelo menos na condição de suplente.

Tudo isso o presidente disse ao cronista Armando Nogueira, na quinta-feira passada, no Palácio da Alvorada, enquanto se aprontava o equipamento para a gravação de sua entrevista coletiva. "Futebol é uma guerra", disse o general, "e numa guerra as regras só valem até certo ponto. Antes de tudo, é preciso que nosso time tenha muita raça, para que não aconteça como em 1950, quando perdemos a Copa por covardia. Bastou o Obdulio Varela para amedrontar nosso quadro." Para desgosto do comentarista, o presidente mostrou-se francamente favorável ao futebol-fôrça. E apresentou outro argumento que o cronista não pôde contestar: o quadro do Flamengo, correndo muito, combatendo o adversário em toda parte do campo — e colecionando vitórias. ○



O fogo das passeatas: era a hora do AI-5

Anexo 7 – ***O SEQÜESTRO DO CÔNSUL – UM TERROR REORGANIZADO? UM TERROR DESESPERADO?*** de 18.03.1970

SPECIAL: O JAPÃO 70

E LEIA
veja

EDITORA ABRIL - N.º 80 - 18 DE MARÇO DE 1970

NC\$ 2,50

**O SEQUESTRO
DO
CÔNSUL**

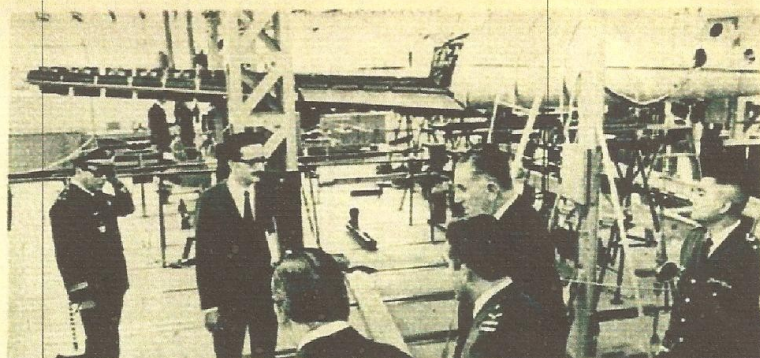
**UM TERROR REORGANIZADO?
UM TERROR DESESPERADO?**



Anexo 8 – **O PRESIDENTE** – **A decisão firme** de 18.03.1970

A esperança no ar

O pequeno e astuto avião sobrevoava a nova pista de concreto do Centro Técnico da Aeronáutica — CTA — em São José dos Campos (SP). Sob o comando do piloto de provas, subia rápido, quase verticalmente, para dar um giro sobre o próprio eixo e descer em parafuso. Voava rasante e subia outra vez, entre novas e sensacionais acrobacias. Do palanque de grades brancas, tódo listrado verde-laranja, o Presidente Garrastazu Medici observava atento as complicadas manobras do aviãozinho esperto e, vez ou outra, imitava-as com a mão direita, para seu vizinho, o Almirante Rademaker. Havia um clima de entusiasmo e animação no palanque e entre os outros espectadores que procuravam, na sombra do hangar, refugiar-se do sol forte do meio-dia. Era a apresentação do Universal, um dos quatro modelos de avião fabricados pela Construtora Aeronáutica Neiva — quase quinhentos funcionários, quinze engenheiros —, e o último de uma exibição organizada especialmente para Garrastazu Medici com aviões de fabricação nacional (dois Bandeirantes, seis Uirapurus, três Regentes e um Universal). Para os oficiais e engenheiros do CTA, não foi apenas a agilidade do Universal a razão do entusiasmo. A presença do presidente da República significou uma espécie de garantia de realização de uma esperança: o desenvolvimento da indústria aeronáutica.



Medici em São José dos Campos: prioridade para uma indústria que nasce

Durante as sete horas em que passeou pelo CTA, quarta-feira da semana passada, nos edifícios e hangares do Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento (IPD, onde foi desenvolvido o protótipo do avião de duas turbinas Bandeirantes), da Embraer (Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A., que espera estar produzindo vinte Bandeirantes por ano a partir de 1972), e entre as salas e laboratórios do ITA (considerado a melhor escola de engenharia eletrônica da América Latina), o presidente sentiu esse entusiasmo. Viu cuidadosamente as condições técnicas de montagem de aeronaves, as peças de fabricação nacional, os aviões já prontos. Num pequeno e superlotado auditório, ouviu a saudação do ministro da Aeronáutica, as palavras animadas do

comandante do CTA e assistiu a um filme colorido sobre o nascimento do Bandeirantes. Parecia extremamente interessado em tudo.

A vez da aviação — Esse interesse do presidente, já manifestado antes a amigos e auxiliares, alimentou as esperanças dos que trabalham no CTA. Para alguns deles, o governo do General Medici estaria disposto a realizar, em relação à indústria aeronáutica, o mesmo que outros governos fizeram para a automobilística e a naval. E o ministro do Planejamento confirmava essa expectativa. Para João Paulo dos Reis Velloso, a indústria aeronáutica é meta prioritária. Está incluída entre as chamadas "indústrias intensivas de tecnologia, fundamen-

O PRESIDENTE

A decisão firme

O seqüestro do cônsul japonês Nobuo Okuchi (veja a página 16) foi o problema mais delicado enfrentado pelo Presidente Garrastazu Medici, desde a sua posse, mas não chegou a alterar substancialmente o seu comportamento. Embora preocupado com a segurança do diplomata — as imediatas providências adotadas para atender às exigências dos terroristas mostram que não houve vacilação —, o presidente não chegou sequer a alterar seu horário normal de refeições ou a estender além do habitual seu tempo de permanência no Palácio do Planalto, em Brasília.

Através do General Carlos Alberto Fontoura, chefe do SNI, o presidente se manteve permanentemente informado sobre a evolução dos acontecimentos. Os ministros Alfredo Buzaid e Leitão de Abreu, da Justiça e da Casa Civil, conferenciaram com ele várias vezes, antes que fosse tomada a decisão de libertar os cinco presos.

Do Rio, o Chanceler Gibson Barbosa consultava o presidente constantemen-

te a respeito das gestões que começava a desenvolver na área internacional.

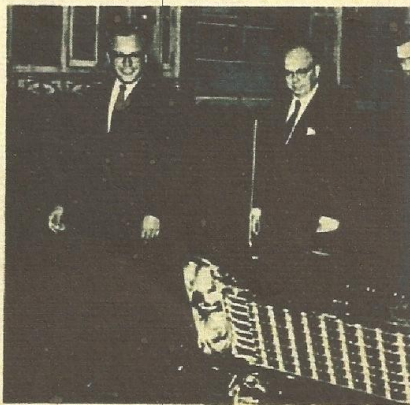
Eficientemente informado, Medici não teve dificuldades em definir a sua linha de ação: atender aos seqüestradores, para evitar violências contra o representante japonês. Antes de tornar essa decisão conhecida do país, o presidente comunicou-a pessoalmente aos ministros militares, obtendo deles a certeza de que nas Forças Armadas não haveria reservas em relação ao comportamento do governo.

Instruído antecipadamente, o Itamarati, ao iniciar entendimentos com a Embaixada mexicana, mostrou uma segurança não revelada no episódio do seqüestro do embaixador americano, Charles Burke Elbrick, quando procurou fazer consultas prévias antes das negociações oficiais.

Firmeza e serenidade no comando dos acontecimentos ajudaram o presidente a superar o episódio sem que se chegasse a criar um clima de tensão nos escalões inferiores da administração. No Palácio do Planalto, enquanto importantes decisões eram tomadas no gabinete presidencial, os assessores de todos os níveis mantiveram suas atividades rotineiras.

Os LTD no poder

O Ministro João Leitão de Abreu, chefe da Casa Civil da Presidência da República, recebeu na semana passada os dois novos carros que vão servir ao presidente, um no Rio, outro em Brasília. São LTDs especialmente equipados (bancos individuais, mesa escumoteável)



VEJA

Anexo 9 – **O FUTEBOL DOS CARTOLAS** de 25.03.1970

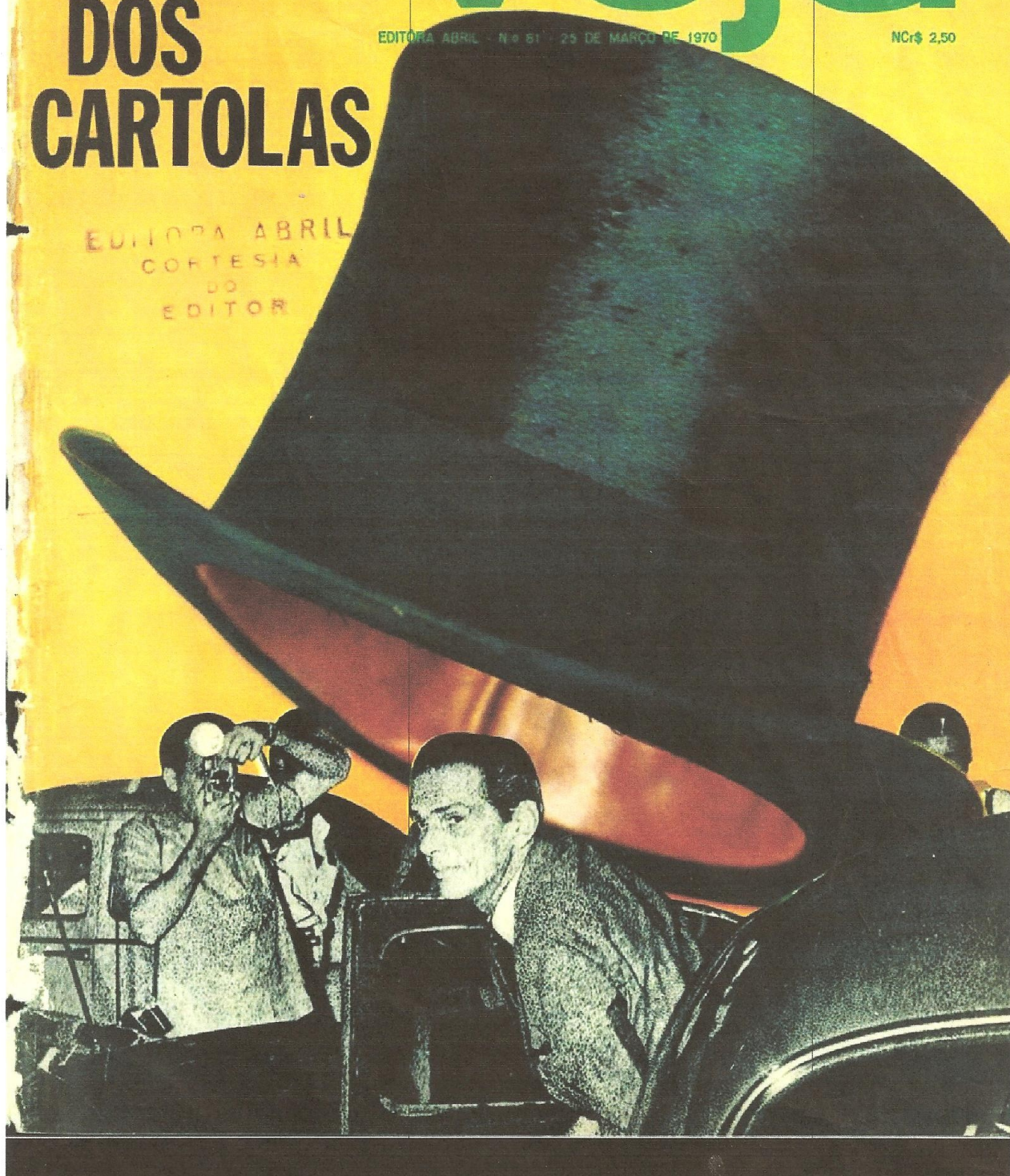
**O
FUTEBOL
DOS
CARTOLAS**

veja E LEIA

EDITORA ABRIL - N.º 51 - 25 DE MARÇO DE 1970

NCr\$ 2,50

EDITORA ABRIL
CORTESIA
DO
EDITOR



Anexo 10 – ***O ESTRANHO JÔGO DO FUTEBOL*** de 25.03.1970

O ESTRANHO JÓGO DO FUTEBOL

Uma estranha formação de homens desliza ruidosamente pelo gramado perfeito — o "green" do Itanhangá Golf Club. Na linha de frente, como um desordenado regimento, troiam de costas os fotógrafos, estimulados pelos palavrões dos que perderam a melhor posição para as suas objetivas. Depois, num grupo compacto e inamistoso, vêm os repórteres de rádio, armados de complicadas combinações de fios, microfones e gravadores — algumas dezenas de mãos ansiosas pela primeira palavra do visi-

tante que todos esperavam. Finalmente, marcha o môço negro, alto e forte, um sorriso glorioso de conquista permanentemente prêso aos lábios grossos. Todavia, os fotógrafos não conseguem fotografá-lo, os radialistas não conseguem ouvi-lo e o môço visitante não consegue dizer palavra nenhuma. Porque agarrado à sua cintura caminha um homem baixo, de olhos pequenos e rosto grave, abafado num terno de fazenda grossa — apesar do esforço e do calor carioca. "Quem é êle?", perguntam-se todos, perplexos. Um

cidadão desconhecido revela: "Fábio Fonseca, do Clube Atlético Mineiro" — pequeno "chapêu côco" entusiasmado com a perspectiva de virar "cartola" (). E o próprio dirigente completa: "Eu quis entregar meu jogador Dario ao técnico Zagalo, pessoalmente". Indiferentes à confusão, os jogadores da Seleção Brasileira continuam seu último treino físico antes do jôgo de domingo passado contra o Chile no estádio do Morumbi. Êles conhecem os cartolas e sabem que os oportunistas falham — mas não tardam.*

Gramado de tapête

Na Terra dos Cartolas, até o ar que se respira é diferente. Acomodados em seus feudos regionais, quase sempre por muitos anos, êles vivem mais tempo nos confortáveis escritórios de tapêtes felpudos e longas escrivaninhas, do que nos gramados do futebol. Se os atletas lutam diariamente por um salário melhor, ou por uma simples promoção, o trabalho dos cartolas nunca ultrapassa as portas pesadas de seus gabinetes. Ali, tranqüilizados pelo ambiente agradável dos condicionadores de ar, uma atmosfera tão limpa que resseca as gargantas, preparam seus futuros num jôgo que pode variar desde o mais puro acôrdo até a mais incrível conspiração.

O senhor dessa fantástica terra tem nome comprido e pomposo como os de reis. Jean-Marie Faustin Godefroid Havelange, 53 anos, ganhou o poder pelos mesmos motivos que podem determinar agora a sua queda: a derrota do Brasil em duas Copas do Mundo. O fracasso de 1950, por excesso de otimismo, e a desorganização em 1954 tinham desgastado toda a força de Rivadávia Correia Meyer, então presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos). E uma campanha liderada por um jovem, João Havelange, coloca no trono Silvio Correia Pacheco. O reinado de Pacheco, cartola inexpressivo, dura apenas dois anos.

E em 1957, quando o antigo aliado desiste da reeleição, Havelange, cartola quase nobre, resolve apoiar sua própria candidatura.

Como nos velhos tempos medievais,

onde o poder e o domínio eram decididos pela hereditariedade, a CBD continua com Havelange até hoje — depois de mais cinco eleições e apesar da amarga desclassificação em 1966.

O ano da Copa na Inglaterra fôra um período duro para Havelange, esportista acostumado às glórias da juventude — destacou-se como um bom nadador e um bom jogador de pólo aquático. Êle havia-se afastado de Paulo Machado de Carvalho, chefe das delegações campeãs

num ambiente de estranha emoção, lágrimas e promessas de confiança eterna: "Estarei sempre ao lado de João Havelange, para trabalhar pelo futebol brasileiro", afirma, comovido, Paulo Machado de Carvalho. E João Havelange, emocionado, responde: "Nunca mais divergiremos".

O Marechal da Vitória, título eterno concedido a Paulo Machado de Carvalho, é oficialmente declarado chefe da mais próxima Seleção Brasileira (que excursionaria à Europa em 1968 e participaria das eliminatórias para a Copa do México em 1969). E Aimoré Moreira, também preterido por Havelange em 1966 (no seu lugar, viajou Vicente Feola, o técnico de 1958), é nomeado técnico do selecionado.

De qualquer modo, nesse ambiente surrealista de acôrds e conspirações simultâneas, a confiança mais sólida precisa das armas mais subterrâneas para sobreviver.

Quando uma Seleção de novos jogadores, que disputaria a Taça Rio Branco (contra o Uruguai, em Montevideu), é convocada, numa fria manhã de junho, o comando da delegação cai nas mãos de Castor de Andrade, carioca, do Bangu Atlético Clube e do jôgo do bicho. Na volta da excursão, quase todos os jornais do Rio dizem que Paulo Machado de Carvalho perdera seu lugar para Castor.

De seu castelo paulistano, a TV-Record, o "marechal da vitória" brada: "Dou 500 000 cruzeiros (velhos) a quem me provar que a notícia é verdadeira". De seu castelo carioca, a CBD, Havelange retruca: "Paulo, não se preocupe, estou com você". Finalmente, no



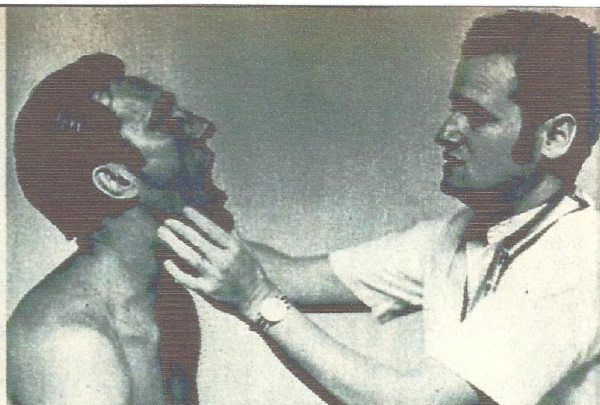
Doutor Paulo no último dia da Cosena

de 1958 e 1962, marginalizando os paulistas do comando nacional do futebol. E no ano de 1967, como um pecador arrependido, Havelange procura novamente o apoio do velho Paulo. Quase ninguém acredita na reconciliação. Afinal, durante todo o ano anterior nenhum dos dois conseguira controlar suas críticas ao adversário de momento. No entanto, os que lidam com o futebol não são homens como os outros. E o reencontro se dá

(*) Cartola: nome, não necessariamente pejorativo, pelo qual são chamados os dirigentes de federações de clubes esportivos, principalmente de futebol.



Tostão saiu do time titular no dia em que feriu o olho. Operado em Houston (foto), voltou curado. Mas o botafoguense Zagalo prefere o botafoguense Roberto



AJB

Um outro problema médico tirou Toninho da Seleção. João Saldanha diz que a sinusite de Toninho talvez tenha sido apenas uma desculpa, ainda para ajudar Roberto

Também Pelé está com a vista ruim? Ou a saúde do rei foi apenas um pretexto para Saldanha se retirar do picadeiro, onde suas feras não queriam mais obedecê-lo?

CARLOS NAMBA



dia 22 de março de 1968, depois de um ano inteiro de confusões, boatos, desmentidos, respostas, denúncias, Paulo Machado de Carvalho recebe o comando da Seleção. Homem experimentado de duas Copas, com setenta anos para completar no ano do campeonato do México ("O 7 é o meu número de sorte e é também o da nossa emissora de televisão em São Paulo"), Paulo acredita que essa permanência será definitiva. E com um festivo banquete na mansão de Almeida Braga, cartolas de todos os gêneros, tôdas as côres e tôdas as origens confraternizaram-se "pela recuperação do futebol brasileiro".

Apenas dois meses depois, em maio, a seqüência de crises recomeça. Os jornais de São Paulo dizem que Pelé não participaria da excursão da Seleção à Europa, pois sua presença era cláusula obrigatória em todos os contratos estabelecidos pelo Santos no exterior. Os jornais do Rio comentam que os jogadores do Botafogo não seriam cedidos à Seleção, se Pelé não fosse convocado. Paulo Machado de Carvalho afirma: "Pelé precisa de paz". Havelange replica: "Pelé será chamado". Paulo Machado de Carvalho desmente: "Nesta Seleção, testaremos novos valores. O Pelé, todos já sabemos como ele joga". E mais uma vez João Havelange se desculpa, dando um recuo muito político e tático: "Apenas afirmei que todos os convocados por Aimoré serão obrigados a se apresentar. Agora, chamar o Pelé, isso é problema do Aimoré". Conclusão: Pelé não viaja com a Seleção e o Botafogo cede seus jogadores.

Quando os convocados se apresentam ao técnico, também numa fria manhã de junho, o diretor de futebol da CBD, Antônio Carlos de Almeida Braga (o "doce Braguinha" como dizia o dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues), comenta com alguns repórteres de São Paulo: "Lá no Rio possuíamos uma imagem prejudicada de João Mendonça Falcão (ex-presidente da Federação Paulista de Futebol) e do Doutor Paulo. Aqui, porém, em contato direto com eles, pude avaliar o quanto valem. E os reflexos positivos dessa nossa feliz união vão servir de base para o grande trabalho da Copa-70".

Depois de vencer duas vezes o Uruguai, o Brasil viaja para a Europa com o velho Sílvio Pacheco, o cartola inexpressivo, na chefia da delegação, pois Paulo Machado de Carvalho preferia assumir o comando nas vésperas das eliminatórias, em junho de 1969. Sílvio Pacheco comporta-se especialmente bem na viagem: fala a muitas rádios européias, participa de agradáveis banquetes, recebe flôres, distribui autógrafos e nem percebe que o ambiente entre os jogadores e a Comissão Técnica (Aimoré, técnico; Lídio Toledo, médico; e Admildo Chiról, preparador físico) mais parecia um furacão incontrolável.

Fora os ingênuos

No divertido circo que viaja pela Europa, a personalidade de um rapaz ingênuo do Internacional de Pôrto Alegre, se choca com as meias-palavras, as afirmações vagas, as declarações sem sentido dos donos do futebol. Sadi Schwerdt, lateral-esquerdo em sua terra — os pampas dos homens livres e sérios —, cedo descobriu os calos nos sentimentos dos companheiros, mas não sabia que os veteranos jogadores vêem na Seleção a oportunidade de melhorar na carreira, se possível sem permitir a exploração pelos cartolas.

Sua primeira decepção foi em São Paulo, no penúltimo jogo, antes da via-



Sadi (à esquerda) acusa Lídio Toledo

gem — Brasil x Uruguai. O Brasil ganhou e o lateral Sadi, marcador de ponta, fez um gol, um acontecimento raro na vida dos zagueiros brasileiros. Assim que o juiz terminou a partida, Sadi correu para os vestiários, ainda ouvindo a torcida, um ruído cavo, diminuindo, diminuindo. Ele sentia que seu peito ia explodir de alegria, talvez não agüentasse sem chorar a festa dos companheiros no vestiário. Todos dizem no sul que Sadi é um jogador frio, nem comemora os gols para não se cansar. Mas Seleção, bem, um gol na Seleção é diferente. Afinal, estão defendendo o Brasil. Sadi desceu as escadas correndo, entrou no vestiário e mergulhou no silêncio mal disfarçado pelo barulho da água caindo dos chuveiros. Aturdido, ele viu os mineiros saírem, despedindo-se com duas palavras, rapidamente, quase de má vontade: o avião para Minas levanta vôo logo, é preciso correr. Os cariocas também vão, depressa, muito depressa. Os paulistas supriram, em grupinhos fechados, falando pouco como todos os paulistas.

De repente, o vestiário ficou enorme, muito maior que Sadi e sua imensa alegria. Nenhum colega, nenhum dirigente,

apenas aquela angústia e o apêrto no coração. É uma vontade de correr sem rumo. Arrumou o material, conseguiu carona no carro de transporte dos uniformes e foi para o hotel.

Depois, o último jogo no Brasil, de nôvo contra o Uruguai e a segunda decepção, muito maior. Lá na direita, o Carlos Alberto contra um ponteiro bom, atrapalhando-se. Na esquerda, Sadi falha menos, mas falha e é vaiado. No intervalo, uma ordem do técnico: "Fica mais plantado, quando der vai só para o meio". No fim da partida, começaram os boatos: "É, o Sadi cansou. Não está bom de físico". E o grandalhão do sul começou a pensar que estavam tramando tudo para tirá-lo do time e entrar o reserva no lugar: Rildo, do Santos e ex-botafoguense, velho conhecido do médico e do preparador físico. Talvez não fosse isso (mas até hoje Sadi não mudou de idéia).

Mesmo assim viajou como titular. E lá está ele na Alemanha. O jogo é difícil, os alemães são duros, estão vencendo por um a zero. E Sadi recebe uma pancada no pé. Cai. Ninguém entra em campo para socorrê-lo. Assustado com o desinteresse, olha para o banco onde estão o médico e os reservas. E vê Rildo já entrando em campo para substituí-lo, mesmo sem que saibam qual é a gravidade da lesão. Sadi sai, quer saber por que foi substituído. Sem receber a resposta, pergunta de nôvo, com a impertinência ingênuo dos novatos. E continua sem resposta.

Na delegação está um outro ingênuo, o doce Braguinha, diretor de Futebol da CBD, mau aprendiz de cartola: viaja por conta própria. E como diretor de Futebol vai descobrindo nos jornais que a Seleção Brasileira usa um sistema ultrapassado, bom para se ver mas ruim para conseguir vitórias. Na Polônia os aposentos reservados para os brasileiros são ruins; Almeida Braga e Sílvio Pacheco telegrafam para o Brasil, protestando. E depois a decepção suprema: dizem que Mário Américo, massagista, é espião de Paulo Machado de Carvalho.

Sem saber dos problemas do outro ingênuo, Sadi pede a Aimoré para voltar: está contundido, e ainda hoje diz, na sua casa, em Pôrto Alegre, enquanto acende um último cigarro do maço de Carlton: "Pedia remédio ao técnico para tratar a lesão, pois o médico Lídio Toledo não fazia muita questão em nos curar. Fui para o México, com o preparador físico Admildo Chiról e o massagista Nocaute Jack — eu e todos os jogadores contundidos, enquanto o time titular quase dava a volta ao mundo para jogar contra Portugal em Moçambique (África). Mas ninguém nos dava exercícios para voltarmos à forma. Reclamamos muito, eu e o Jurandir. Afinal o Chiról arrumou um lugar para nós treinarmos: a boate do hotel, uma salinha

que tinha até piano atravancando o espaço".

Depois, o fim da viagem, jogos em Lima (Peru) e o lateral-esquerdo jogando, sentindo ainda a dor na perna, mas sem dizer nada para não perder de novo a posição. Quando chegam ao Brasil, todos já sabem que ninguém roubou a taça dos brasileiros em Londres: apenas os europeus aprenderam a jogar. No aeroporto Sadi é abraçado por Paulo Machado de Carvalho. Almeida Braga vai para o Rio; não conseguiu aprender a primeira lição do cartola: silêncio, cara fechada e paciência para esperar a forra. Pe-de demissão da CBD — e fala, muito: "Voitei enjoado de tudo, revoltado com a politiquice dos dirigentes, com a malícia de muitos repórteres que acompanharam a Seleção, inventando problemas, criando brigas entre paulistas e cariocas". Mas Sadi aprendeu um pouco: no sul, pede (e consegue, depois de alguma briga) 100 000 novos para reformar o contrato. No Rio, um novo diretor de Futebol entrava na CBD: Antônio do Passo.

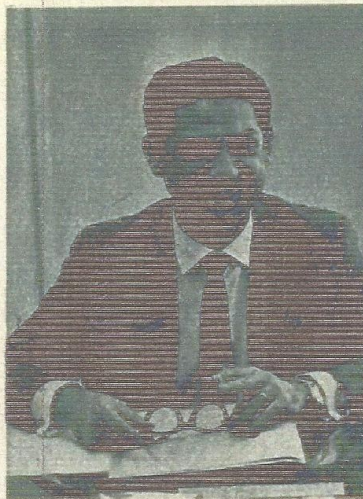
O dono da bola

De simples representante do pequeno Olaria — na Federação Carioca de Futebol — a dono do futebol brasileiro, a carreira do cartola Antônio do Passo, 41 anos de idade, levou treze anos e alguns sustos, mas sempre com total solidariedade a João Havelange. Foi um áspere caminho para um advogado especialista em Lei do Inquilinato e que, no início, não entendia muito das leis do futebol. De tanto ir à Federação, aprendeu tudo sobre a técnica do cartolismo — com a tenacidade e o esforço de quem precisou lutar muito com a falta de dinheiro para concluir os cinco anos de direito. Era o tempo de divisão entre os times grandes do Rio e, um dia, numa eleição para presidente da Federação, foi impossível achar alguém de prestígio que unisse o eleitorado. Se não se tem o melhor, eleja-se um dos menos expressivos — é uma das regras da Terra dos Cartolas. Antônio do Passo ganhou fácil a eleição.

Durante onze anos chefiou a FCF. José Albuquerque, do Olaria, critica seu ex-companheiro: "Antônio do Passo tirou a camisa do Olaria e apareceu com a do Vasco, time para o qual ele sempre torceu. Mas no final deixava todos contentes: apoiava uns times contra os outros; no dia seguinte protegia os prejudicados, e nessa balança viveu onze anos". Para ajudar os clubes cariocas, Antônio do Passo proibiu o televisamento de par-

tidas de futebol e ameaçou nunca mais permitir jogos no Maracanã, se o então Governador Carlos Lacerda não o apoiasse. Como era advogado do Estado da Guanabara, foi demitido do emprego. No dia seguinte valeu-se das recomendações de João Havelange para conseguir outro lugar, também de advogado: muitas vezes, os habitantes da Terra dos Cartolas são solidários com gente do seu mundo, quando cai em desgraça.

Um erro de cálculo — provocado pela confiança excessiva em Havelange — derrubou Antônio do Passo da Federação. Em 1966, a CBD rompeu com São Paulo e decidiu ganhar a Copa sem Mendonça Falcão (o ex-operário da Light que presidia a Federação Paulista) e sem Paulo Machado de Carvalho. Era uma



Passo: um passo atrás de Havelange

grande jogada, e o prêmio, a presidência da FIFA, a federação internacional dos cartolas do futebol. Foram publicados na época (e até agora não desmentidos) dois diálogos que mostram duas dimensões da mesma ambição. Havelange disse a Passo: "Nós vamos ganhar a Copa, eu me elejo presidente da FIFA e quero você como presidente da CBD". Passo disse a Otávio Pinto Guimarães, representante do Botafogo na Federação Carioca: "Eu vou me eleger presidente da CBD e quero você como presidente da Federação". A certeza das quatro vitórias era tanta, que Passo começou a fazer a campanha de Otávio Pinto Guimarães. Mas o Brasil perdeu a Copa, João Havelange perdeu a FIFA e continuou com a CBD, Passo perdeu a Federação e só Otávio ganhou: recusando-se a desistir da candidatura, enfrentou o presidente que o apoiara e venceu-o por 108 votos a 72. Para Antônio do Passo seguiram-se dois anos de espera e de um

extraordinário exercício de paciência e humildade, num modesto cargo de membro do Superior Tribunal de Justiça da CBD, vendo Otávio Pinto Guimarães tornar-se o mais importante presidente de Federação, apoiado por rendas cada vez maiores no Maracanã (NCR\$ 4,2 bilhões foi o total das rendas em 1968).

Mas Antônio do Passo, enfim, é diretor de futebol e não manda na Seleção: ainda fiel a seu compromisso com Paulo Machado de Carvalho, Havelange mantém o "marechal da vitória" na chefia da Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena), uma posição cada vez mais difícil de sustentar. Por imposição dos cariocas, Evaristo (técnico do Fluminense) e Zagalo (técnico do Botafogo) são nomeados assessores da Cosena. Somados a Aimoré e ao supervisor Brandão (que também sempre foi técnico de futebol), a Seleção passa a ter quatro dos 90 milhões de técnicos existentes no Brasil. Aimoré faz relatórios dos jogos, experimenta novos jogadores, muda os times. Os paulistas começam a brigar entre si: Cláudio, Clodoaldo e Rildo criticam a Seleção e Paulo Machado de Carvalho, obrigado a manter a disciplina, anuncia: "Enquanto for chefe da Seleção, eles não serão convocados". Nesse clima, a Seleção vai jogar com a Iugoslávia e ganha de 2 a 0. Mas depois empata com a Alemanha, 2 a 2, no Maracanã. E o ano de 1968 termina com onze vitórias da Seleção em dezesseis jogos — mas são os seis jogos sem vitória que doem mais. No dia 9 de janeiro, Paulo Machado de Carvalho deixa a Cosena.

Começam então a circular rumores de que o governo do Brasil, país onde fica a Terra dos Cartolas, interviria na CBD. Havelange duvida: "Não acredito e não tenho medo de investigação alguma". (Naqueles dias, Castor de Andrade, diretor do Bangu, chefe da delegação que foi com a Seleção ao Uruguai, fora preso como bicheiro e mandado para o presídio da ilha Grande.) Paulo Machado de Carvalho não pede demissão: coloca o cargo à disposição. O velho "marechal" esperava a solução que seu amigo Havelange poderia dar. Uma vez, Paulo Machado de Carvalho falou assim do amigo: "Confio no Havelange, meus filhos nadavam com ele há muitos anos". Agora, a frase mudou: "O que eu posso saber de Seleção? Sou um marquês abandonado". No dia 4 de fevereiro de 1969, o "marechal da vitória" ficou sabendo tudo sobre a Seleção e descobriu que na Terra dos Cartolas não se pode confiar nem em quem nadou com nossos filhos: Antônio do Passo comunica no Rio o nome do novo técnico — João Saldanha. O jornalista e ex-técnico do Botafogo agora tomava conta da Seleção e pedia aos cartolas: "Não se metam com o meu trabalho, que eu prometo não me intrometer no trabalho de vocês".

do de Carvalho: "É hora para somar e não para dividir".

No fim da semana, as estações de rádio e a estação de televisão do grupo Machado de Carvalho iniciaram uma campanha de desagravo a Pelé.

No Rio, a nova seleção treinava. Entre as novas convocações para a posição em que joga Tostão, além de Dario, foi chamado Roberto, do Botafogo.

A voz mais alta

A ascensão e queda de Saldanha tinha tudo para ser mais uma questão resolvida e encerrada nas discussões dos baronetes do futebol. A Comissão fóra dissolvida e reconvocada com Zagalo e o caso ia sendo encerrado na Terra dos Cartolas, quando uma voz mais alta se levantou. O governo federal, que sempre ficou afastado das paixões do futebol, entrou enérgicamente na questão, para controlar a polémica. O Ministro Jarbas Passarinho, um eventual jogador de futebol atormentado pelos meniscos, chamou toda a corte a Brasília. Quis saber o que estava acontecendo e tomar providências para que não acontecessem muitas outras coisas. Além do interesse comum de ver o Brasil ganhar a Copa, Passarinho tem a preocupação particular de impedir que a imagem do governo seja comprometida. Para Havelange, isso foi uma surpresa. Juscelino, Jânio Quadros, João Goulart, Castelo Branco e Costa e Silva mantiveram-no na presidência da CBD enquanto ele exercia sua autoridade absoluta.

A perda da Copa de 1966 foi mais grave que a saída de Saldanha e ele não chegou a ser chamado a Brasília. Falou-se em IPM para apurar a derrota, mas o assunto foi esquecido.

A posição firmada pelo Ministro Passarinho foi clara: todos serão ouvidos e todas as denúncias serão apuradas depois da trégua que terminará com a volta da Seleção. A investigação, segundo o ministro, independe do resultado da Copa. Contudo, os baronetes sabem que só lhes resta a alternativa de conquistar a Jules Rimet, pois do contrário não terão ombros de reserva para receber as culpas da derrota. O governo preferiu não intervir na CBD, demonstrando grande senso político, pois, se o fizesse, estaria bancando o jogo e quem bancar esse jogo não pode perder. Havelange prometeu ao ministro, aos chefes das casas Civil e Militar e ao chefe do SNI um relatório completo da situação. Passarinho vai ouvir Saldanha nesta semana e, enquanto a Seleção se prepara, o governo observa com maior atenção as coisas que se passam na estranha Terra dos Cartolas.

Graças à ação do governo, o debate foi circunscrito pela promessa de que um poder maior que o dos baronetes está interessado no assunto. Se isso não tivesse sido feito, cada um dos 90 milhões de técnicos que vivem no Brasil se dedicaria a alimentar o assunto numa discussão sem fim. Agora, todos esperam a Copa, os jogos e os resultados. Para os jogadores e para o técnico Zagalo, é uma questão de valorização profissional. Para os torcedores, será uma fonte de prazer pessoal. Para o governo, uma questão de prestígio e de zelo. Para os cartolas, porém, a manobra falhou e no México será jogada a sobrevivência de seus feudos. Se ganharem, podem ser poupados; mas, se perderem, pela primeira vez terão que assumir a derrota com a mesma fleuma com que beliscaram as vitórias. Como oportunistas, falharam muitas vezes, mas nunca tardaram para as boas horas. Agora falharam porque acreditaram que a ação do governo, de tão tardia, não chegaria nunca.

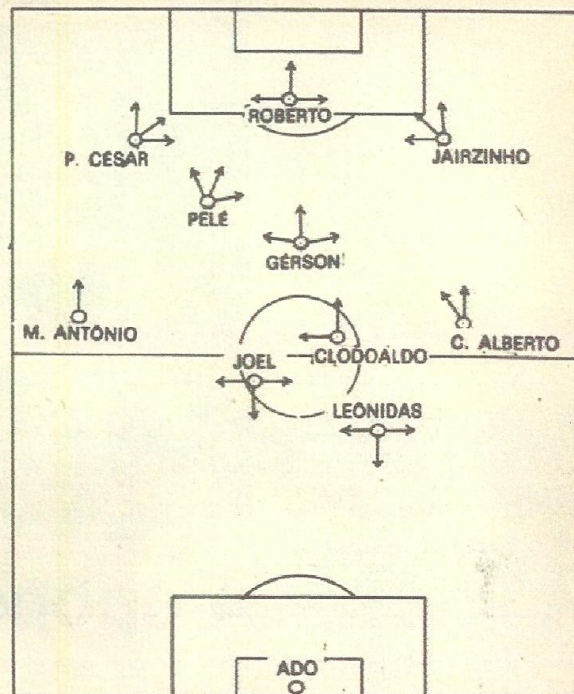
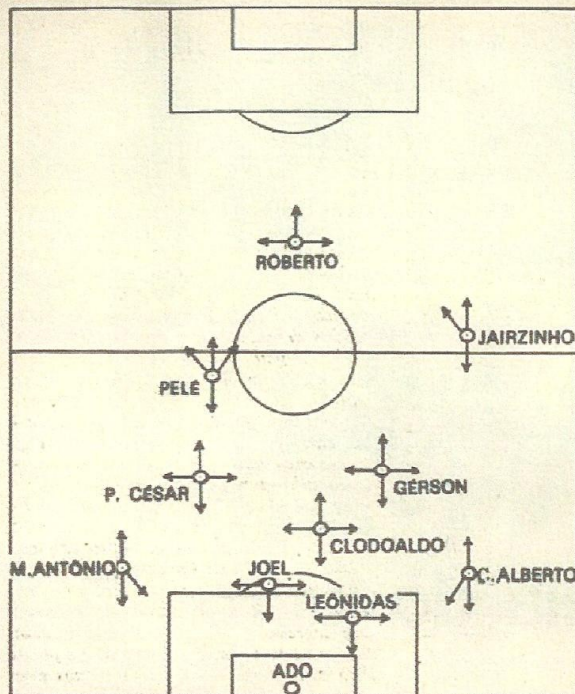
A nova Seleção joga com a sorte de Zagalo

Se o Brasil ganhar a Copa no México, estará confirmada a previsão do antigo zagueiro Nilton Santos (um dos campeões em 1958 e 1962), feita antes da Copa de 1966: "O Brasil só voltará a ser campeão do mundo quando Zagalo for o técnico". Nilton Santos, como a maioria dos entendidos em futebol, não considera Zagalo um técnico excepcional. Mas acha que ele tem duas qualidades fundamentais: a simplicidade e a sorte. A sorte de Zagalo é provada por toda a sua carreira de jogador: ponta-esquerda de recursos limitados, acabou bicampeão do mundo com uma participação importante nos dois títulos (foi sempre muito mais um jogador de meio de campo do que um ponta agressivo, como exigia a torcida). A simplicidade, Zagalo a demonstrou no seu primeiro treino como técnico da Seleção: armou um esquema sem segredos, nem fórmulas mirabolantes — mais ou menos o mesmo tipo de jogo com que o Brasil ganhou suas duas Copas.

Baixo (1,70 m), magro (67 quilos), cabelos embranquecidos e uma calvície que começa na parte de trás da cabeça, Mário Jorge Lôbo Zagalo, alagoano de Macaíó, 39 anos, surgiu para o futebol nos juvenis do Flamengo, depois de uma rápida passagem pelo América. Chamado para a Seleção de 1958, era apenas o reserva de Pepe (do Santos), o melhor ponta-esquerda do Brasil. Mas Pepe se machucou. Zagalo tomou-lhe o lugar. Os jogadores, então, descobriram que, quando Zagalo entrava em alguma luta pessoal, acabava ganhando. A fama chegou a tal ponto que os jogadores, um tanto por brincadeira e outro tanto por superstição, passaram a evitar tocar em tudo que pertencia a Zagalo. Mas isso era apenas o começo de sua sorte dentro do futebol. Transferido para o Botafogo, depois da Copa, foi bicampeão em 1961 e 1962 (já tinha sido bi pelo Flamengo em 1954 e 1955). Embora tivesse sofrido um real golpe de azar (a fratura da perna num jogo contra o Flamengo), sua sorte continuou ao ser transformado em técnico do juvenil do Botafogo, em 1965. Começa com um vice-campeonato e ganha o título no ano seguinte. Em 1967 torna-se o técnico do time principal e dá o campeonato ao Botafogo. Em 1968, bicampeão. Ainda em 1968 consegue mais três vitórias importantes: ganha a Taça Guanabara, depois a Taça Brasil e dirige a Seleção Carioca (representando o Brasil) numa goleada



Zagalo: no primeiro treino barrou Tostão, o melhor das eliminatórias



A Seleção de Zagalo: uma formação para se defender (à esquerda) e outra para atacar. Oito atacam, oito defendem

de 4 a 1 contra a Argentina, no Maracanã. Em 1969 leva o Botafogo às finais do Robertão. E em 1970, com a fama de homem que não perde nenhuma parada difícil, chega à Seleção.

A TÁTICA — A distribuição dos brasileiros dentro do campo nos mundiais de 1958 e 1962 é a mesma que Zagalo quer na Seleção de agora. Naquele tempo havia quatro zagueiros (De Sordi, Bellini, Orlando e Nilton Santos), um jogador de meio de campo que dava proteção aos quatro (Didi), dois jogadores encarregados de ligar a defesa ao ataque (Zito e Zagalo) e três atacantes (Garrincha, Vavá e Pelé). Assim vai jogar o Brasil-70: quatro zagueiros guardando a área (Carlos Alberto, Brito ou Leônidas, Joel e Marco Antônio). Não existe líbero. O importante entre os quatro é a cobertura: quando um deles estiver em combate direto contra o adversário, é preciso que outro esteja necessariamente às suas costas para proteção. Os dois laterais (Carlos Alberto e Marco Antônio) podem ir ao ataque sempre que surgir oportunidade. Os dois do meio (Brito ou Leônidas e Joel) não se adiantam muito. Mas toda a defesa avança imediatamente em direção ao meio do campo, sempre que o Brasil partir para o ataque: isso é para evitar que os adversários encontrem espaço às costas dos nossos volantes,

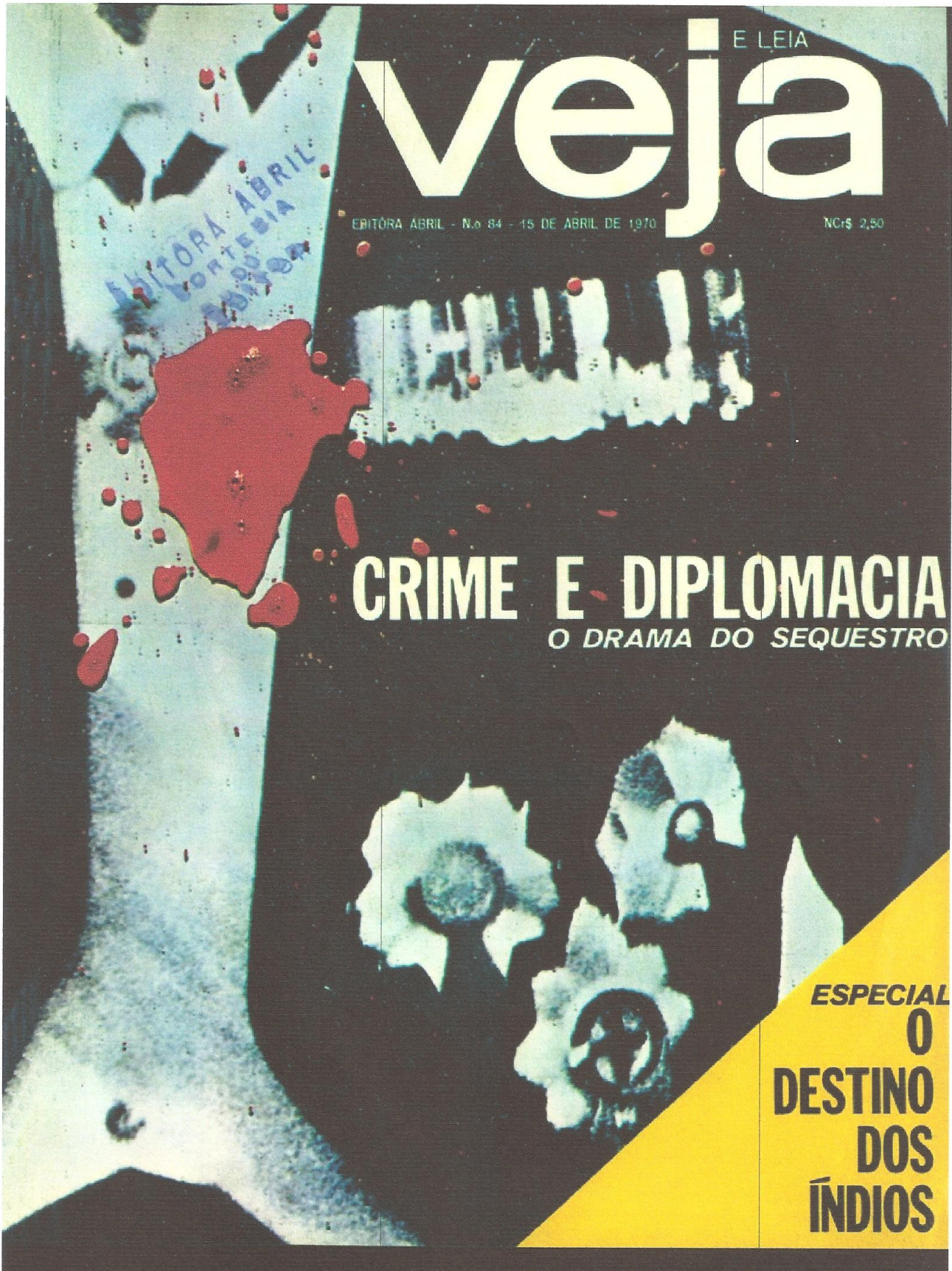
para um possível contra-ataque. O esquema prevê que um dos jogadores do meio de campo estará sempre à frente dos quatro zagueiros. Esse jogador (até agora, Clodoaldo) tem uma missão importante: cabe a ele dar o primeiro combate, quando o adversário se aproxima da área brasileira. Além disso, ajuda os dois que armam o jogo (Gerson e Paulo César). Na Seleção, a função de Gerson e Paulo César não é apenas ligar ataque e defesa: ambos devem participar do ataque e da defesa. Os três do ataque (Jair, Roberto e Pelé) jogarão na base de deslocamentos e velocidade. Jair não precisa permanecer na posição tradicional, mas deve ser um ponta agressivo, que jogue para a frente e feche para o gol. Roberto, o homem de choque (uma espécie de Vavá), deve ter características nitidamente ofensivas. Dêle exige-se muita movimentação, com seguidas deslocamentos (trocando de posição com Jairzinho ou ocupando o espaço de Paulo César, quando ele recua). Pelé, que até agora vinha jogando mais adiantado, passará a jogar como faz no Santos: ajudando os três do meio de campo e partindo da intermédria em direção ao gol adversário. Quando o Brasil atacar, o rei deverá estar próximo de Roberto, para tentar tabelas e para não deixá-lo sozinho contra os zagueiros.

Entre o esquema de Zagalo e o de Sal-

danha a diferença está apenas na concepção de ataque. Saldanha não admite que um ponta-de-lança de choque possa fazer sucesso na Copa, contra os musculosos zagueiros europeus. Por isso, queria jogadores essencialmente técnicos. Exigia que os pontas jogassem bem aberto, junto às laterais, sem muita preocupação defensiva além de um primeiro combate aos zagueiros adversários com o recuo dos homens do meio do ataque (Pelé ou Tostão). A organização de defesa de Saldanha era praticamente a mesma agora montada por Zagalo. Mas o esquema de Zagalo leva uma vantagem: como o trio de meio de campo é completado por um ponta (Paulo César), a defesa fica mais fechada, porque um dos meias (Pelé) recua naturalmente. Quanto ao ataque, a resposta certamente não virá antes da Copa. Com as novas convocações e com a estrutura de jogo que pretende dar à Seleção, Zagalo acabou montando seu time com base no Botafogo e no Santos, os dois quadros brasileiros de maior experiência e de maior sucesso internacional.

Quanto a isso, todos concordam que Zagalo está certo. E essa idéia é completada por outra frase de Nilton Santos: "A Seleção dificilmente é a reunião dos onze melhores jogadores. A Seleção ideal é, geralmente, o time que tem uma estrutura correta".

Anexo 11 – **CRIME E DIPLOMACIA – O DRAMA DO SEQÜESTRO** de 15.04.1970



E LEIA

veja

EDITORA ABRIL - N.º 84 - 15 DE ABRIL DE 1970

NCr\$ 2,50

VITÓRIA ABRIL
CORTEBIA

CRIME E DIPLOMACIA

O DRAMA DO SEQUESTRO

ESPECIAL

O
DESTINO
DOS
ÍNDIOS

Anexo 12 – **O PRESIDENTE – A fé do torcedor** de 06.05.1970



Medici a Dario: conto nos seus gols

O PRESIDENTE

A fé do torcedor

"Tenho muita confiança na Seleção, porque não a julgo pelos seus jogos aqui no Brasil. Trata-se de uma fase, com os jogadores procurando resguardar-se ao máximo, a fim de evitar o pior: a dispensa, por causa de uma contusão qualquer. A Seleção vai melhorar, estou certo disso."

Quem fala assim é o torcedor Emílio Garrastazu Medici, que, por ser também presidente da República, pôde oferecer um almoço aos jogadores da Seleção, na terça-feira passada, no Palácio das Laranjeiras, no Rio. Como bom entendedor, o presidente dirigiu-se a cada um dos jogadores de forma especial: saudou a "cariocinha" de Gérson, manifestou esperança nos gols de Dario, perguntou pelo ôlho de Tostão e dispensou a apresentação a Pelé ("Este eu já conheço muito"). Everaldo mereceu um cumprimento especial e foi apresentado pelo próprio presidente a Dona Scylla: "Afinal de contas, ele vai representar o nosso Grêmio lá no México".

Durante o almoço o presidente prometeu aos jogadores que, se eles voltarem do México campeões, cada um receberá a concessão de posto de recebimento de apostas da Loteria Esportiva.

Na quarta-feira, radinho de pilha na mão, fumando muito, o presidente assistiu ao jogo contra a Austria, no Maracanã. No início do segundo tempo, ele já tinha uma opinião: "Este time do Brasil é muito bom". Mais prudente, o Governador Negrão de Lima, ao seu lado, preferiu aguardar o gol de Rivelino (que garantiu a vitória) para dizer: "Estou gostando muito. É um jogo muito bom, muito bonito. O Brasil está bem".

BRASIL

O novo salário mínimo

Quando, na noite de quarta-feira da semana passada, o Presidente Emílio Garrastazu Medici dirigiu aos trabalhadores a sua mensagem de 1.º de Maio, o velho campo do Vasco da Gama, onde outrora essa data era comemorada ruidosamente, estava vazio, escuro e silencioso. Como praça de esporte, já foi substituído com vantagem pelo Maracanã, maior, mais moderno e funcional; como palco para os encontros dos governantes com os trabalhadores, foi substituído, ainda com mais vantagem, pela rede de microrondas da Embratel, que interliga pela televisão a maior parte dos Estados brasileiros.

No seu discurso, que durou apenas dez minutos e esteve sempre muito longe do tom demagógico das velhas arengas do estádio do Vasco da Gama, o presidente anunciou três medidas principais, além da elevação dos níveis do salário mínimo: 1) a reforma da Consolidação das Leis do Trabalho, a fim de tornar mais rápido e eficiente o funcionamento da Justiça trabalhista; 2) a entrega de parte das atribuições assistenciais da Previdência Social aos sindicatos; 3) a diminuição gradativa das diferenças entre as 22 regiões de valorização salarial, até conseguir que o salário mínimo seja igual em todo o país — isto é, trata-se de acabar com as diferenças no mínimo entre regiões ricas e pobres, com o objetivo transparente de reduzir o êxodo rural.

Mesmo os políticos da oposição reconheceram e louvaram o tom do discurso presidencial. "Sóbrio, sem nada de demagógico", comentou o secretário geral do MDB, Adolfo de Oliveira. "Magnífico", considerou o senador arenista Mem de Sá. "O trabalhador deixou de ser tratado como uma criança a quem se engana com promessas ilusórias", disse o Deputado Tourinho Dantas, da Arena da Bahia.

Justiça rápida — Com o projeto que já enviou ao Congresso Nacional, propondo a modificação da CLT, o presidente visa sobretudo a obter um mais rápido funcionamento da Justiça do Trabalho. Uma providência simples será fundamental para conseguir esse aceleramento: a dispensa da homologação das juntas de conciliação para as rescisões de contratos de trabalho, tarefa que passa a ser executada pelos sindicatos. Com isso, eliminam-se mais de 50% dos processos que atualmente entravam o trabalho das juntas. O projeto estabelece ainda um procedimento sumaríssimo para os dissídios individuais de valor menor que dois salários mínimos, tornando irrecorríveis as sentenças proferidas.

Além das medidas tendentes a acelerar o processo judicial, o projeto dá aos sindicatos a incumbência de prestar assistência jurídica aos trabalhadores, não apenas aos seus filiados, mas a todos



1.º de Maio em Vila Maria (SP): Dia do Trabalho com aumento e reformas

Anexo 13 – **SEGREDOS DO TERROR** de 03.06.1970

COPIA DOS PROGRAMAS
DA TV
EXTRA A TABELA
DOS JOGOS

veja E LEIA

EDITORA ABRIL - N.º 91 - 3 DE JUNHO DE 1970

Cr\$ 2,50

SEGREDOS DO TERROR

O revolucionário tem mesmo que romper com a sociedade que quer transformar, abomina a sua cultura alienante

Como poderemos fazer revolução se citamos como exemplo o trabalho de um vietcong que passava todo o dia num buraco escondido à noite saía para fazer trabalho político e ao mesmo tempo os ressentimos de cinema, teatro etc?

Não importa como vivemos; nenhuma dificuldade pode nos tornar "um pouco frustrado ou um pouco indeciso".

Denúncia a companhia como vacilante ideologicamente

Saudações Revolucionárias
Comunidade (C10)

VPP

Anexo 14 – **O PRESIDENTE** – *Lições da História* de 10.06.1970

O PRESIDENTE

Lições da História

Geralmente, os auditórios impõem a linha aos oradores. Na quarta-feira da semana passada, ao tomar posse na presidência de honra do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio, o Presidente Garrastazu Medici não pôde fugir ao imperativo de pronunciar um discurso cujas linhas principais saíram exatamente da História e da Geografia, para uma clara tomada de posição política.

Da Geografia, o presidente tomou conceitos como o determinismo geográfico, a teoria das zonas de influência (que chegou a influenciar importantes setores do governo Castelo Branco), a lei dos espaços crescentes, para condená-las como "poluições do pensamento geográfico que, fermentando especulações filosóficas, acabaram por levar muitas nações ao colonialismo e ao nazismo, e a humanidade ao racismo e à guerra".

Da História, tomou a concepção do materialismo histórico que "minorias ativas pretendem impor, pela alienação dos valores espirituais do homem, pela violentação do princípio da autodeterminação e pela pressão psicológica do terrorismo de requinte multiforme".

Condenados os extremos da direita e da esquerda, o presidente apresentou sua definição da função de governar, baseada também na História e na Geografia: "Estabelecer a ponte entre o país que fomos e o país que seremos, sem que se deformem os valores essenciais da nacionalidade".

Outros pontos importantes do discurso presidencial:

— O governo não promoverá o controle da natalidade (veja matéria na página 43).

— Já se preparam as comemorações do 150.º aniversário da Independência, em 1972, em substituição à cancelada Exposição Industrial. O.

SUCESSESÕES

Paz para vencer

No passado, vitoriosos nas urnas, os governadores de Estado aguardavam vários meses antes de assumirem o poder. Mas, a simples condição de eleitos já lhes permitia estabelecer uma nova liderança, contrastando, pelo vigor das coisas novas, com o vazio que passava a rodear os governadores prestes a deixar o mandato, normalmente preocupados, nesse período final, em premiar dedicações e proteger amizades.

Com as eleições indiretas, a escolha dos novos governadores, feita pessoalmente pelo presidente da República, General Emílio Garrastazu Medici, prati-

camente duplicou o período em que duas lideranças se exercem simultaneamente nos Estados.

Se aumentou o tempo, contudo, paradoxalmente diminuíram os choques e as animosidades. Euclides Triches, futuro governador do Rio Grande do Sul, reduziu a assiduidade de suas idas a Porto Alegre. Haroldo Leon Peres, escolhido para o Paraná, cancelou sua visita a Curitiba, marcada para junho, e isolou-se em Brasília. Eraldo Gueiros, de Pernambuco, viaja pela Europa. Mesmo em São Paulo, onde o conflito chegou a ser considerado iminente, a discrição do escolhido parece ter resultado no gradual desaparecimento da tensão.

No princípio da semana passada, em mais uma demonstração de boa vontade, Natel aconselhou os deputados estaduais de sua confiança a colaborarem na formação da mesa da Assembleia Legislativa, sem reivindicar postos, facilitando o



Laudo Natel e Abreu Sodré: aos poucos, harmonia

trabalho do coordenador indicado por Sodré.

Enquanto isso, na Bahia, Antônio Carlos Magalhães reafirmava sua solidariedade ao Governador Luís Viana Filho e declarava sua pretensão de manter as mesmas linhas do atual governo, mudando apenas o estilo.

Programas de governo — A cautela em não dividir as lideranças estaduais não tem impedido, porém, alguns candidatos de organizarem equipes para estudar problemas administrativos e pensarem nos seus programas. Em oito amplas salas de dois andares cedidos pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, uma equipe de técnicos coordenada por Mário Piccoli, 35 anos, amigo pessoal de Triches, está trabalhando anonimamente no levantamento de informações encomendado pelo futuro governador. Apesar do cuidado desses técnicos e do que Piccoli chama de "per-

feito entrosamento entre o atual e o futuro governo"; o Governador Peracchi Barcellos deixou entrever uma queixa na entrevista coletiva que concedeu à imprensa: as consultas encaminhadas ao governo pelos assessores de Triches não seriam originais e algumas não teriam cabimento — foi o que ele disse. Para tratar de questões preliminares da sua administração e principalmente de problemas políticos, o Deputado Chagas Freitas, futuro governador da Guanabara, atravessa pelo menos duas vezes por semana os 2 quilômetros que separam sua casa da do Governador Negrão de Lima. Nessas ocasiões Chagas Freitas passa a manhã com o governador em conversas cujo ponto central é a escolha dos nomes dos candidatos do MDB ao Senado.

É possível que esse esforço de entendimento manifestado pelos futuros governadores se deva ao desejo de uma substituição harmônica. Em alguns casos, talvez possa ser atribuído à

convicção de que precisam dos atuais governadores para melhor organizarem os seus próprios programas. Mas a muitos parece que esta cautela, excluído Chagas Freitas, se prende às responsabilidades que eles próprios terão, nas eleições parlamentares de novembro. A missão de levar a Arena à vitória teria sido dada pelo presidente da República aos seus escolhidos na área situacionista. E o cumprimento dessa missão será inegavelmente dificultado se o partido não contar com a ajuda decidida dos homens que ainda estarão no poder quando ocorrerem as eleições. O

Critério revelado

O que o Presidente Garrastazu Medici procura, exatamente, quando escolhe um governador de Estado? Essa pergunta preocupa os políticos há algum tempo, mas até agora nenhum deles recebeu uma resposta satisfatória. O próprio presidente da Arena, Deputado Rondon Pacheco, que visitou quase todos os Estados e preparou um minucioso relatório para o presidente sobre as situações locais, não fornece aos seus correligionários uma explicação definitiva. Com ar enigmático, limita-se, sempre que interrogado, a repetir uma frase de efeito: "No vale das decisões, o presidente é um solitário".

A decisão final realmente pertence só ao presidente. Mas até chegar a ela, ele se vale de informações que lhe são trazidas por diferentes serviços e assessores que, ao contrário dos políticos,

Anexo 15 – ***Um alegre começo*** de 10.06.1970

Um alegre começo

Foi uma guerra de faixas e bandeiras, de vaías e aplausos simultâneos. Uma guerra de homens e mulheres gritando com uma força que eles próprios desconheciam. Mas foi também uma festa de cores alegres, onde o verde-amarelo do Brasil sempre envolveu e abafou o "red-and-blue" listrado dos ingleses. Lá no campo, 22 homens, talvez os melhores jogadores do mundo, procuravam, nem sempre com paciência, a incrível falha de um adversário qualquer, o fácil caminho para a consagração. De um lado, onze ingleses, com seu futebol duro e solidário, impulsionados por outros 5 000 que se espalhavam pelas arquibancadas confortáveis do Estádio Jalisco de Guadalajara. De outro, onze brasileiros — e o apoio de 5 000 torcedores e mais 50 000 mexicanos.

"Nós não podíamos mesmo aplaudir os ingleses", comentou Manuel Pimenta, 47 anos, o garçom baixote de finos bigodes caídos sobre os cantos da boca que os hóspedes do Hotel Morales, Guadalajara, logo apelidaram de Cantinflas: "Afinal eles nos roubaram em 1966. Seus dois gols no jogo contra o México foram completamente irregulares".

Queixas como as de Manuel "Cantinflas" Pimenta contra os juizes de 1966 marcaram os dias que antecederam a abertura do Campeonato Mundial de Futebol. E na semana passada até o técnico do Brasil falava, num tom muito pouco realista, em obter garantias de que Pelé não seria caça dos zagueiros violentos, como na Copa da Inglaterra. Contudo, mesmo antes da disputa começar para o Brasil, um dos titulares da Seleção saiu — ferido —, talvez para não mais voltar.

O músculo de Marco — No gramado do Clube Providência, os jogadores treinam com muito cuidado. Zagueiros improvisados procuram tirar a bola dos avanços — se estes fizerem gol é preciso mudar o goleiro. Jogam a "linha de passe", uma espécie de brincadeira sem muito empenho. Mas um centro vem para Baldochi, o melhor cabeceador entre os jogadores de defesa do Brasil e reserva

de Brito, brincando de atacante na linha de passe: o zagueiro acerta a cabeçada e o falso goleiro Marco Antônio esforça-se demais — e sem sucesso — para evitar o gol. Perdeu a posição, é a regra do jogo. Ado vai para seu lugar, Marco Antônio agora deverá ser atacante. "Não posso" — ele diz em voz baixa. "Então entre como zagueiro" — ordena Zagalo. Caminhando com dificuldade para o meio de campo, sem poder disfarçar a dor na perna, Marco Antônio responde: "Também não posso". Em sua coxa esquerda, uma dor muito forte: um músculo está retesado, como a corda de um

coisinha à-toa". O velho Aimoré, muitos anos de vida no futebol, virou o rosto para quê o zagueiro não lhe visse a careta. E mentiu, piedosamente: "Amanhã você estará bom".

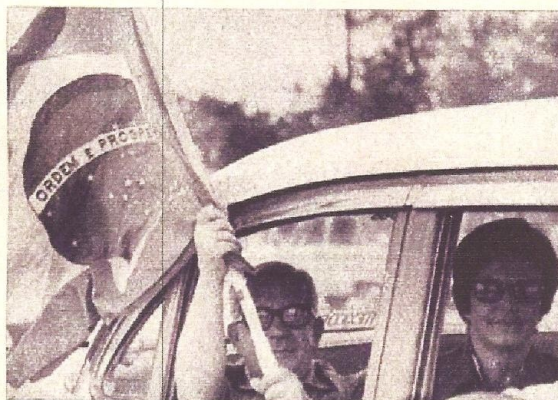
Na quarta-feira Everaldo jogava na lateral, de volta à Seleção.

A manhã alegre — Antes da contusão de Marco Antônio, os jogadores tiveram uma alegre manhã. Logo às 7, um antigo campeão de pólo aquático cruzava a piscina do Hotel Suites Caribe, onde a Seleção está concentrada. Vendo-o nadar, os jogadores se espantam com a agilidade desse homem de 54 anos.

João Havelange sai da piscina, sorrindo muito. Ele nunca assistiu à Copa (exceção: 1966); só veio ver a abertura e entregar uma medalha a Pelé, pelos seus cem jogos na Seleção. Logo saiu para a Cidade do México e, pouco depois, alguém traz a notícia de que o cantor Wilson Simonal vai chefiar a torcida brasileira. Brito, passista da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, usa uma bandeja de plástico como pandeiro. Logo se forma uma roda de samba (com Rivelino no surdo, fundo de couro de uma cadeira, Marco Antônio no cinzeiro de metal, como frigideira, e os cantores Edu, Paulo César, Ado e Jair), assistida por Carlos Alberto, Pelé e Gérson da sacada colonial. Alguns torcedores dançam na calçada defronte ao hotel. O Brasil está no México.

O samba matutino voltou na terça-feira. Nos quartos vazios, Lídio Toledo e Mário Américo remexiam armários, abriam gavetas: todos os comprimidos e até os colírios foram retirados. A Comissão Técnica não quer nenhum problema com o serviço antidopping da Copa.

Ainda por causa do doping, brasileiros e checos trocaram presentes, com a cortesia de velhos amigos: ao técnico checo, Joseph Marko, foram atribuídas por um jornal mexicano declarações de que Pelé jogaria dopado. Segunda-feira à noite os chefes da delegação checa visitaram os brasileiros e lhes deram uma com poteira de cristal, distintivos e flâmulas.



Minas: os pais de Tostão na festa da primeira vitória

violão de cravelha muito apertada. É o estiramento, acidente de trabalho na vida do jogador de futebol. O médico da Seleção, Lídio Toledo, leva Marco para a enfermaria. Imediatamente o massagista Mário Américo começa o tratamento: 24 horas de bolsa de gelo sobre o músculo ferido. Depois, toalhas muito quentes e ondas curtas. Mas o mais novo jogador da Seleção Brasileira, Marco Antônio, zagueiro do Fluminense, ídolo da sua torcida e dono da posição desde que Everaldo teve uma contusão igual, não poderá jogar contra a Checoslováquia. Com o ingênuo entusiasmo de seus dezoito anos, ele ainda pensa que pode. No vestiário, vendo-o deitado, Aimoré Moreira, ex-técnico do selecionado, pergunta: "O que foi?" Mostrando a perna inchada, Marco Antônio responde: "Uma

Têrça cedo, os chefes brasileiros retribuíram a visita e os presentes: uma bandeja de prata e também flâmulas e distintivos.

Apesar da aparente cordialidade, o técnico Joseph Marko fez a sua guerrinha psicológica pela imprensa: "Nosso time é perfeito. Nós somos melhores que qualquer outro concorrente e não temos medo do Brasil. Eles são duas vezes campeões do mundo, mas não jogam como antigamente".

Como antigamente — Afinal, depois de três meses de intensos preparativos, o Brasil ia estreiar na Copa, num jogo em que, praticamente, se decidiria o destino da Seleção no Campeonato Mundial. Os próprios jogadores confessavam seu nervosismo. Mas, se para a torcida isso parecia um mal, para o experiente Pelé era um bom sinal: "Todos estamos bem dispostos, treinados e nervosos. E esse nervosismo é bom porque mostra como nos sentimos responsáveis".

Não era mentira de Pelé. As 70 000 pessoas que foram ao Estádio Jalisco, quarta-feira passada, mais os milhões de telespectadores que assistiam ao jogo Brasil e Checoslováquia a distância mantinham-se numa expectativa nervosa (se brasileiros ou checoslovacos) ou numa indiferente curiosidade. Então o futebol explodiu em Guadalajara, e a IX Copa do Mundo ganhou um novo e insuspeitado colorido. No dia seguinte, a imprensa mundial, tão surpresa quanto a torcida, mostrou todo seu entusiasmo em frases capazes de orgulhar o mais pessimista dos torcedores brasileiros. "O Brasil jogou como se fosse um time de piranhas. Foi engolindo e comendo aos poucos o time checo" (jornal "Kurier", de Viena). "O Brasil é um time de onze anjos correndo em campo, fazendo da bola o que querem. Parece que jogam sobre as nuvens, alegres e felizes" ("La Stampa", da Itália). "Esse jogo foi digno de uma final de Copa do Mundo. O atual time brasileiro é superior àquele que ganhou o Mundial de 1958" (jornal "Iediothahronoth", de Telavive).

E Pelé voltou a ser tratado com a admiração devida aos reis. "Nenhum mortal deveria ser privado de ver esse jogador com uma bola nos pés", afirmou extasiado o correspondente da Checoslovaknews Agency, de Praga. Frases como essas transportaram os nossos jogadores e toda a torcida brasileira de volta à euforia de 1958.

O músculo de Gérson — Durante o jogo, na metade do segundo tempo, os 5 000 torcedores brasileiros no estádio gritavam em coro o nome do moço meio careca que atravessava o campo chorando, na direção do banco dos reservas: garantida a vitória aos 3 a 1, Gérson saía mancando. Dera os passes de longa distância para os gols de Pelé e Jairzinho. Mesmo sentindo a dor na perna, desde os 25 minutos do primeiro tempo, brigara pela bola mais meia hora. Humildemente produzindo para a equipe, o jogador com fama de mau caráter deixou que Clodoaldo fosse várias vezes à frente e ficou atrás na proteção dos zagueiros. Quando atacou, chutou uma bola na trave, no começo do segundo tempo. Sentado no



Inglês em Guadalajara, alegre como o Chacrinha

banco dos reservas, Gérson chorava.

O resto da semana ele passou dizendo que jogaria contra os ingleses: "Para mim, basta pisar no chão. Cinquenta por cento das condições físicas são suficientes". O médico Lídio Toledo afirmava que talvez desse mesmo: "Pelo menos um tempo". Mas Mário Américo, massagista de muitas seleções, não escondeu: "É sério. A idade influi muito".

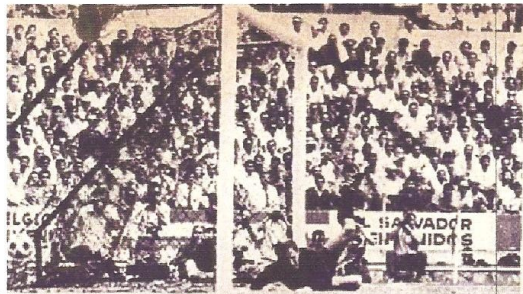
Gérson tem 29 anos e experiência bastante para saber que o Brasil não pode se iludir com a fácil vitória contra os checos: "Não teremos mais a facilidade

de encontrar um time aberto. Tenho medo do excesso de confiança, time que faz muitos gols costuma exagerar nos jogos seguintes".

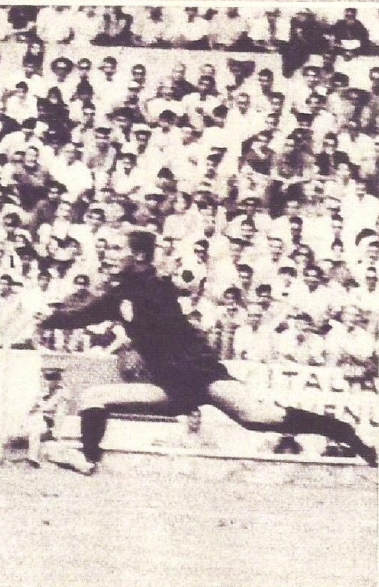
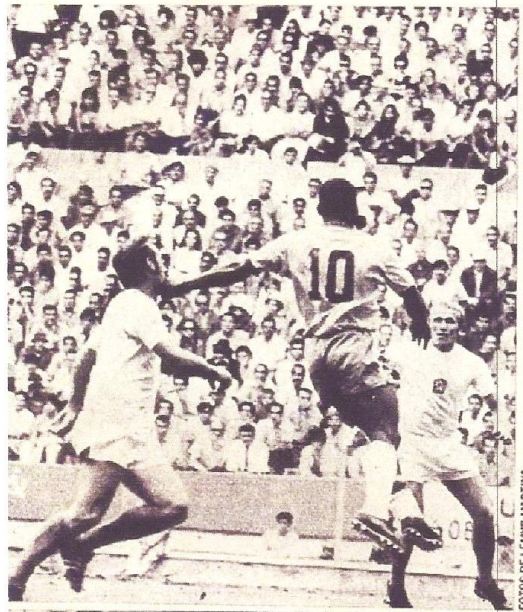
As preocupações do jogador brasileiro, porém, não tranquilizaram os torcedores ingleses no México. Até mesmo os mais jovens, liberais em suas predileções e costumes, terminaram a semana bastante irritados. Martin Reed, vinte anos, loiro e cabeludo, empregado de uma firma corretora de títulos em Londres, comentou com Sílvio Lancelotti, editor de "Vida Moderna" de VEJA e enviado especial à Copa: "Não agüento mais tantos problemas de hospedagem". Na verdade, Martin não tem problemas de hospedagem: seu quarto, sempre enfeitado com uma enorme bandeira inglesa na vidraça que abre para a rua, é um dos melhores em todo Hotel Morales. Seu nervosismo, porém, aparece até nas roupas que veste. No início da semana, Martin só descia para o jantar alegremente vestido com roupas multicoloridas — de fazer inveja ao mais alocado hippie das Ilhas Britânicas. Na véspera do jogo Brasil x Inglaterra, Martin pôs um solene paletó escuro e a inevitável gravata. "Acho que não conseguiremos ganhar de vocês" — confidenciou a Sílvio Lancelotti, afinal.

Entusiasmo — O súbito e inesperado respeito dos ingleses pela Seleção do Brasil estimulou alguns brasileiros mais brinchões (ou mal-educados). No Hotel Morales, onde estão hospedados os enviados de VEJA, um funcionário da Prefeitura de São Paulo ficou exageradamente satisfeito quando alguns vizinhos de quarto o repreenderam por tocar trombeta às 6 horas da manhã. No Hotel Fenix, onde foi instalado o Centro de Prensa de Guadalajara, o gerente advertiu um grupo que perturbava os trabalhos fazendo batucada. E, no Hotel Suites Maria Cristina, um inglês e um brasileiro quase se atracaram a socos porque o brasileiro arrancou uma bandeira britânica de seu pedestal. À medida que se aproximava a hora do jogo entre Brasil e Inglaterra, a rivalidade entre as torcidas ia aumentando. A ponto de se travarem disputas como esta: quando souberam que oitenta brasileiros haviam bebido 1 500 garrafas de cerveja mexicana, num só dia, os oitenta ingleses do Hotel Morales resolveram bater o impressionante recorde. E para isso mobilizaram até suas mulheres. Mas todas as suas tentativas fracassaram. Sua melhor marca ficou nas 640 garrafas — antes do jogo. O

Nas páginas seguintes, imagens dos quatro primeiros gols do Brasil e da alegria do torcedor brasileiro, aqui e no estádio de Guadalajara.

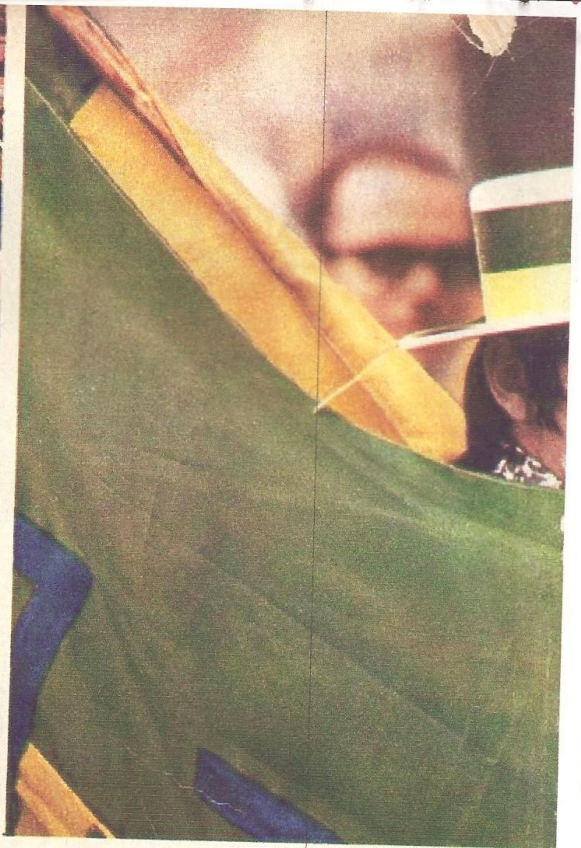


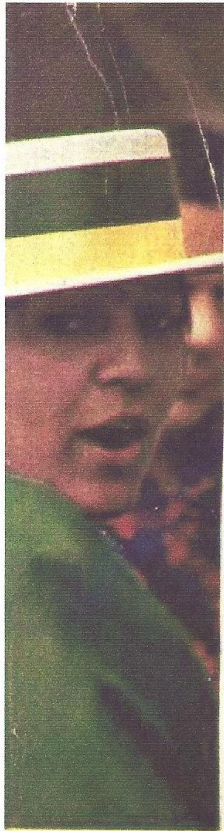
PRIMEIRO GOL — Marten de Vos, jornalista holandês: "Rivelino é um jogador grande demais". Derrubar brasileiro perto da área é quase gol: Rivelino aproveita 50% das faltas. Das duas que bateu quarta-feira, na segunda a bola encontrou o goleiro, na primeira terminou como mostra a foto ao lado: gol do Brasil, jogo empatado, 1 a 1



SEGUNDO GOL — David Meek, jornalista inglês: "Pelé ainda é um jogador fantástico. Na Inglaterra falava-se que ele estava velho demais, não enxergava bem e já não era o mesmo. O que Pelé jogou contra os checos desmente tudo". Na foto acima, à esquerda, Pelé amortece a bola no peito. Na segunda foto, chega ao chão, já virado para o gol. Na foto ao lado, o gol quase feito. Abaixo, o goleiro perdido e o espanto no rosto do checo. Desempatado o jogo: 2 a 1







A TORCIDA NO MÉXICO — Uma festa em Guadalajara, em homenagem à Seleção Brasileira no jogo com os checos: muitas bandeiras e até a torcida do Flamengo dentro do campo (foto à esquerda), tentando elevar ao céu as cores do Brasil e do México, juntas em um balão (queimou depois de subir uns 30 metros). Apesar de muitos, os torcedores em Guadalajara são em menor número do que o esperado pelas agências de passagens. Houve 7 000 reservas mas lá estão torcendo só 5 000 brasileiros

FOTOS DE LEMMY MARTINS E SEBASTIÃO MARTINS





FOTOS DE DOMICIO PINHEIRO - AE

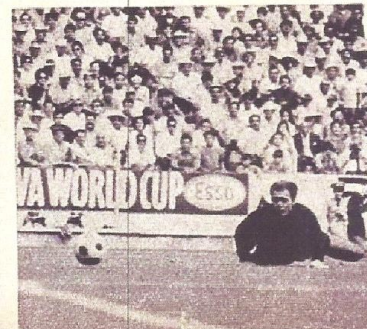
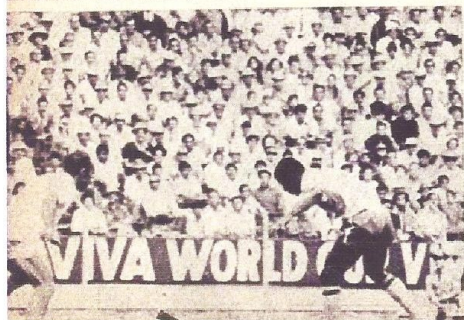


TERCEIRO GOL — Marten de Vos, jornalista holandês: "Jairzinho não é um jogador tão inteligente quanto os outros brasileiros". O desmentido: na foto grande, Jairzinho joga a bola por cima do goleiro. Em seguida, contorna Viktor (desesperado no ar), espera a queda no peito e, na mudança do passo, chuta com a direita: 3 a 1

QUARTO GOL — Victor Santos, jornalista português: "Considero uma glória do futebol ver jogadores como Gérson, Pelé, Rivelino e Jairzinho". Na foto abaixo, à esquerda, Jairzinho contra os checos. Ao lado, um zagueiro batido, depois o de cobertura, o chute, o gol: 4 a 1



FOTOS DE SEBASTIAO MARINHO



Anexo 16 – ***Elementar, caro Ramsey*** de 10.06.1970

Elementar, caro Ramsey

De maneira nenhuma terá compaixão no dia da vingança.

Salomão, rei dos judeus

O time brasileiro que saiu melancolicamente do campo de Liverpool há quatro anos, desclassificado da VIII Copa do Mundo, é uma lembrança que pode ser esquecida: a vitória do Brasil contra a Inglaterra, por 1 a 0, em Guadalajara, México, cancela a amargura de ontem e faz renascerem as alegrias de 1958 e 1962. O time inglês, campeão mundial, era símbolo da frustração do futebol latino-americano, derrotado em toda a linha na Inglaterra em 1966. Por isso, a vitória de domingo não é apenas brasileira, é de todo um continente que cultivava um futebol feito de malícia e arte. No encontro entre os representantes mais expressivos de duas diferentes escolas de bola, o futebol-fôrça saiu derrotado. E o Brasil venceu também o medo mais recente: o de jogar sem Gérson, que foi a grande figura contra os checos. Para o meio-campo, o time brasileiro mostrou que tem Rivelino, até o momento em que o meia do Corinthians se machucou, e Clodoaldo, que, sozinho, cresceu.

As falsas impressões — A Inglaterra, de saída, mostrou uma grande desconfiança em Félix — provavelmente vinha do treino do Brasil, no sábado, assistido pelo técnico inglês Ramsey, que não gostou do goleiro do Fluminense. Mas Félix, no primeiro tempo, decepcionou os ingleses: embora muitas vezes mal colocado nas bolas que a Inglaterra insistiu em cruzar nos primeiros vinte minutos de jogo sobre a área do Brasil, ele foi seguro na defesa das bolas longas e rápido nos reflexos, nas curtas. Em todo o caso, os ingleses perceberam que as esperanças eram infundadas, por causa da atuação de Félix, e também de Brito e Piazza, bastante atentos e empenhados, e mudaram os seus esquemas. Mas, a partir do momento em que passaram a colocar a bola no chão, o jogo ficou mais lógico para a defesa brasileira, bem apoiada pela cobertura de Clodoaldo, marcador implacável de Bobby Charlton, e de Rivelino, que só diminuiria o seu ritmo depois de machucar-se no tornozelo esquerdo num choque com o mesmo Charlton. Este, calvo, velho para os estádios, é o maestro de um time que tem uma defesa forte porque o meio-campo é a sua peça melhor. A história da Inglaterra é esta: a melhor defesa do mundo é, na verdade, o quintal de um excepcional meio-campo. A sombra de Charlton, Mullery e Bell, às vezes ajudados pelos avanços de Cooper e Wright, a defesa joga numa

espécie de sombra, onde lhe chegam apenas bolas espirradas. Mas estes são os esquemas usuais para os ingleses, respeitados campeões do mundo. Já no fim do primeiro tempo, como se estivessem respondendo ao desafio da arbitragem discutível do israelense Abraham Klein — ignorou olímpicamente uma falta em Rivelino, próximo à área, e outra em Pelé, derrubado na área —, as bolas que caíam na defesa inglesa já não eram sobras filtradas através da peneira do meio-campo, eram bolas carregadas com perigo por um time que começava a definir-se.

Ilusões verdadeiras — Nas arquiban-



Quinto gol, contra os ingleses: Jairzinho, um dos derrotados em Londres

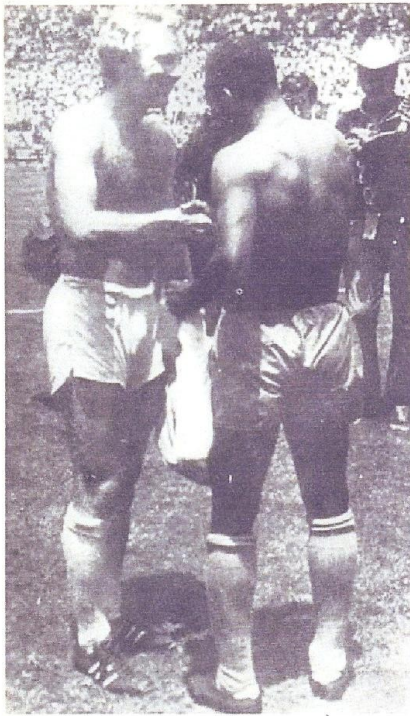
casas, 60 000 mexicanos discutiam no intervalo, com o entusiasmo dos latino-americanos, o firme jogo dos brasileiros. Eles sonhavam com esse dia desde o momento em que Brasil e Inglaterra foram sorteados para a mesma chave de Guadalajara. Julgando-se prejudicados pelos ingleses, em 1966, os mexicanos escolheram o Brasil como seu vingador. Na noite de sábado, a expectativa que dominou a vida da cidade durante toda a semana passada, incontrolada, transbordou definitivamente para as ruas de Guadalajara. Brasileiros — em carros alugados — promoveram à noite um verdadeiro cortejo a que os mexicanos aderiram imediatamente. Durante muitas horas, a cidade enfrentou um dos maiores congestionamentos de trânsito dos últimos cinco anos. Esse entusiasmo acabou tendo uma consequência trágica: na Avenida Juárez (a mais importante de Guadalajara), um torcedor mexicano de dezoito anos — que viajava no cofre de um carro — foi atirado ao chão, acabou sendo atropelado e morto. No domingo,

Guadalajara amanheceu tranqüila. Às 8 da manhã, os jogadores brasileiros acordaram. Na hora do café comeram frutas, queijos, torradas e tomaram muito suco, pensando em conseguir uma cota maior de líquido para o calor de 35 graus. Às 10 horas, jogadores e dirigentes seguiram para o estádio, sendo vigorosamente saudados à sua passagem.

A tabela renasce — E parecia não ter havido intervalo quando começou o segundo tempo, o ritmo do Brasil vinha no mesmo embalo e até crescendo. As ações antes tentadas pelos jogadores brasileiros agora já iam envolvendo a me-

lhor defesa do mundo e chegando cada vez mais perto do goleiro Banks. A tabelinha, que muitos consideravam enterrada desde Pelé-Coutinho, renasceu nos pés de Pelé-Tostão e Pelé-Jair, em duas jogadas venenosas. E Paulo César, o jogador mais vaiado do Brasil, de repente encontrava lugar dentro do campo, impedindo as descidas dos ingleses e ele próprio descendo pela esquerda, em pontadas tão boas quanto as de Edu, o ponteiro esquerdo que a torcida queria. Nesse momento a defesa inglesa estava dominada, o gol que se anunciava desde o fim do primeiro tempo pairava no ar, no fôlego de Clodoaldo, na vontade de Rivelino, na movimentação do ataque, na boca da torcida. Se o gol não viesse, nesse momento, seria a mais funda das frustrações de qualquer torcedor de futebol. Veio o gol. Tostão, com a bola no bico esquerdo da grande área inglesa, passa por um, passa por outro, perde o controle da perna esquerda na hora

continua na página 58



Um jogo difícil e carregado de tensão termina na alegria descontraída da vitória e nos abraços de Félix, Tostão e Everaldo

No fim, uma homenagem a Pelé. Bobby Moore (ao lado), o respeitável marcador do Rei, pediu sua camisa como recordação



A defesa brasileira é horrível, diziam os ingleses antes da partida. No campo, eles constataram que essa opinião era exagerada. Algumas falhas de Piazza e uma "furada" incrível de Everaldo (na foto, disputando a bola com Hurst) não foram aproveitadas pelos atacantes





Dribles curtos de Tostão no lado esquerdo da área inglesa, cruzamento certo para Pelé e chute forte de Jairzinho, que entra pela direita: um gol construído com paciência e talento

Jairzinho, com o gol da foto abaixo, contra a Inglaterra, colocou-se em segundo lugar entre os artilheiros, com 3 gols, ao lado do peruano Cubillas. O primeiro é o alemão Muller, com 4



de passar pelo terceiro, centra então de direita. A bola vai até o joelho providencial de Pelé, dali para o chão. Pelé está no meio da área, um pouco à frente da marca do pênalti. Sem ângulo, ele toca de lado para Jairzinho. No pé de Jairzinho, a bola se deixa carregar. Banks a vê chegando, sai ao encontro dela, mas com o desespero de quem não tem forças para enfrentar o destino. A bola recebe a pancada raivosa do pé direito de Jairzinho. Ela sobe, passa faiscante à esquerda de Banks, explode no meio da rede. São 15 minutos do segundo tempo. As tradições quebram-se, a fleuma britânica se desfaz. E os ingleses, pela segunda vez neste jogo, são forçados a mudar o seu esquema. O anteparo do meio-campo, sólido e inventivo a ponto de criar a melhor defesa do mundo, rui com a saída de Charlton, o maestro da orquestra afinada para garantir bons resultados. Essa orquestra, porém, não ensaiou a virada do jogo. Entra Bell para dar-lhe a agressividade da juventude. A partir dessa mudança, a pressão inglesa é inegável e constante, mas ingênua, não tem nada de calculado, de previsto para a hora da surpresa. Por isso a Inglaterra perde duas fáceis oportunidades — e no fim do jogo Bobby Moore, o homem que anunciou ser possível marcar Pelé olhando de frente e enfrentando-o de peito aberto, curva-se diante do Rei e pede-lhe a camisa.

Favoritos dominam as oitavas

A impressão que ficou, depois das duas primeiras rodadas, é que o encontro entre Brasil e Inglaterra ainda pode se repetir nesta IX Copa do Mundo: na finalíssima. Até agora, apesar de umas poucas surpresas, os resultados confirmaram os prognósticos. E os favoritos estão vencendo.

RÚSSIA E MÉXICO — No grupo 1, URSS está praticamente classificada. Tem três pontos ganhos e joga contra El Salvador, o mais fraco do grupo, já eliminado. A outra vaga vai ser disputada quinta-feira, entre México e Bélgica — com favoritismo para os mexicanos: além de estarem melhor, terão a ajuda da torcida do Estádio Asteca, na Cidade do México. Se ganhar o México, o primeiro lugar do grupo será decidido pela diferença de gols e as melhores chances estão com a URSS: seu adversário é mais fraco.

ITÁLIA E URUGUAI — No grupo 2, a Itália também parece certa para as quartas de final. Precisa apenas empatar com Israel, um resultado quase inacreditável. O Uruguai, o outro líder, com um ponto perdido, vai enfrentar ainda a Suécia, que já foi derrotada pela Itália e não passou de um medíocre empate com Israel. O Uruguai deve se classificar também, faltando, portanto, decidir-se apenas quem fica em pri-

meiro. Tudo vai depender do número de gols, ou seja, de quem conseguir maior goleada contra Israel e Suécia.

BRASIL E INGLATERRA — No grupo 3, a difícil vitória brasileira sobre a Inglaterra, domingo, deu aos brasileiros 99% de certeza de estarem nas quartas de final (para que isso não aconteça é necessário que, quarta-feira, a Seleção Brasileira perca com uma diferença de cinco gols para a Romênia, coisa que nem os romenos acreditam). A Inglaterra ficou dependendo do último jogo contra os checos, já eliminados, com duas derrotas. A Romênia, teoricamente, ainda tem chance — mas, por azar, o seu jogo decisivo vai ser contra o Brasil, o melhor time da Copa.

PERU E ALEMANHA — No grupo 4, a vitória da Alemanha sobre a Bulgária, domingo, e a do Peru contra o Marrocos, sábado, definiram a situação. Com quatro pontos perdidos, Marrocos e Bulgária (derrotados por alemães e peruanos) jogam entre si quinta-feira, numa triste despedida da Copa. Alemanha e Peru, na quarta-feira, decidem o primeiro lugar. Até agora, o Peru mostrou mais futebol — mas a Alemanha, apesar de na estreia quase perder para o fraco Marrocos, tem muito mais experiência internacional e ainda está cotada entre os favoritos.

GRUPO	JOGOS	DATA	RES.	PAIS	P. PERDIDOS						TOT
					1	2	3	4	5	6	
GRUPO 1 CID. DO MÉXICO	MÉXICO x URSS	31/5	0 x 0								
	BÉLGICA x EL SALVADOR	03/6	3 x 0	MEX.							1.º
	URSS x BÉLGICA	06/6	4 x 1	RUS.							
	MÉXICO x EL SALVADOR	07/6	4 x 0	BEL.							
	URSS x EL SALVADOR	10/6		SAL.							2.º
	MÉXICO x BÉLGICA	11/6									
GR. 2 PUERLA E TOLUCA	URUGUAI x ISRAEL	02/6	2 x 0								
	ITÁLIA x SUÉCIA	03/6	1 x 0	URUG.							1.º
	ISRAEL x SUÉCIA	06/6	1 x 1	ISR.							
	URUGUAI x ITÁLIA	06/6	0 x 0	ITAL.							
	URUGUAI x SUÉCIA	10/6		SUÉ.							2.º
	ISRAEL x ITÁLIA	11/6									
GRUPO 3 GUADALAJARA	ROMÊNIA x INGLATERRA	02/6	0 x 1								
	BRASIL x TCHECO	03/6	4 x 1	ROM.							1.º
	ROMÊNIA x TCHECO	06/6	2 x 1	ING.							
	BRASIL x INGLATERRA	07/6	1 x 0	BRA.							
	ROMÊNIA x BRASIL	10/6		TCH.							2.º
	INGLATERRA x TCHECO	11/6									
GRUPO 4 LEON	PERU x BULGÁRIA	02/6	3 x 2								
	MARROCCOS x ALEMANHA	03/6	1 x 2	PERU.							1.º
	PERU x MARROCCOS	06/6	3 x 0	BULG.							
	BULGÁRIA x ALEMANHA	07/6	2 x 5	MAR.							
	PERU x ALEMANHA	10/6		ALEM.							2.º
	BULGÁRIA x MARROCCOS	11/6									

DECISÃO DO 3º LUGAR	
x	
CLASSIFICAÇÃO FINAL	
1.º
2.º
3.º
4.º

Anexo 17 – **A *camisa número 12*** de 10.06.1970

A camisa número 12

Era uma minoria silenciosa e bem comportada. No Cine Hollywood, o maior do bairro de Santana, em São Paulo, seis espectadores, perdidos no meio de centenas de poltronas vazias, mergulham no mundo da fantasia. Estão assistindo ao filme "500 Milhas", péssimo na opinião dos críticos de cinema. No mesmo instante, naquele começo de noite da quarta-feira da semana passada, em todo o Brasil, uma maioria — ansiosa a princípio e terrivelmente ruidosa alguns momentos depois — mergulhava nas emoções de uma aventura muito mais ambiciosa e, acima de tudo, real: a Copa do Mundo. Os olhos e ouvidos atentos se voltavam para o estádio mexicano Jalisco, em Guadalajara, em que se travaria a primeira batalha do Selecio-

considera um dos componentes da alma. Rondon Pacheco, presidente da Arena, também demonstra confiança. "Vamos ganhar de 2 a 0. Estou confiando no nosso quadro. Principalmente por uma razão: temos passado; há todo um passado para dizer que somos os melhores."

Nesse ponto, Arena e MDB estão unidos. Humberto Lucena, líder do MDB na Câmara, comenta sorridente: "Vamos ganhar de 3 a 1; não tem quem possa com a dupla Pelé-Tostão".

O bólo frustrado — Os líderes esbanjam confiança, os liderados seguem o exemplo. Com veemência — como é de seu costume —, o Deputado Último de Carvalho explica numa roda formada à entrada do plenário: "Estão falando mui-



Televisão a cores da Embratel mostra o jogo ao Presidente Garrastazu Medici

nado Brasileiro. Aproveitando o instante dramático, o Deputado Federal Eurípedes Cardoso de Menezes, da Arena carioca, não conseguia evitar uma frase de efeito: "Esses rapazes são os mesmos que mandamos à Itália, são os pracinhas do futebol".

Política de bola — Na verdade, mesmo os políticos mais sisudos acordaram, na quarta-feira, sem o ar solene e grave com que foram dormir na noite anterior. Como qualquer torcedor apaixonado, todos os parlamentares não conseguiram evitar durante o dia discussões sobre o futebol. No seu gabinete, o presidente da Câmara, Geraldo Freire (Arena — Minas), está confiante: "Para mim, vai ser 3 a 1 a nosso favor. A vontade é uma grande coisa. E o que não falta ao nosso time é vontade de ganhar". Geraldo Freire dá muito valor à vontade, que

to desses checos, mas eu acredito no Brasil. Meu palpite é 4 a 1, não deixo por menos. Os nossos craques até agora apenas brincaram, agora vai ser a sério. Vocês vão ver o baile".

Na sala do café da Câmara, as previsões continuam. Não falta sequer a indefectível idéia de se organizar um "bólo" esportivo. O Deputado Temístocles Teixeira (Arena — Maranhão) chega a sugerir um de 200 cruzeiros o palpite. Como não encontra apoio, dá logo uma explicação: "É, do jeito que estamos, sem dinheiro, nem mesmo por 20 contos". Por isso, os deputados acabam entrando no "bólo" dos funcionários da sala do café, muito mais modesto: 2 cruzeiros. Quase todos são a favor do Brasil. Somente o Deputado Nasser Almeida (Arena — Acre) se revela descrente. Seu prognóstico é favorável à Checoslováquia: 2 a 0.

Sem querer dar palpite — "Não entendo de futebol até esse ponto" —, Oscar Passos, presidente do MDB, dizia a José Carlos Bardawil, repórter de VEJA: "Vou torcer, embora não seja um desportista. Confio no nosso time, como patriota". O Senador Passos confessou também que assistiria pela primeira vez nos últimos anos a uma partida de futebol. "Estarei firme na TV", disse, abrindo um sorriso.

Em busca de som e imagem — Chegar a tempo diante de um aparelho de televisão deve ter sido uma preocupação generalizada em todo o país. Nas principais cidades do Brasil, a rotina cotidiana sofreu uma violenta mudança. Enquanto alguns retardatários ainda tentam comprar um aparelho de televisão (nunca se venderam tantos aparelhos como nas últimas semanas; em algumas lojas a procura superou em 50% a média normal no resto do ano), os demais só procuram abreviar seus compromissos na cidade para voltar cedo para casa. As repartições públicas anteciparam o fim do expediente. No Colégio Dante Alighieri, em São Paulo, as provas foram transferidas, porque os professores não acharam produtiva para os alunos a sua realização num dia de jôgo do Brasil. Nas demais escolas houve dispensa de aulas e, mesmo naquelas onde o feriado não foi decretado oficialmente, os alunos esforçados — um outro pequeno contingente da minoria silenciosa — tiveram uma decepção: não encontraram nem os seus colegas nem os professores. Na escala de serviço da guarda do Quartel General do 11 Exército, em São Paulo, só foram incluídos no serviço da noite os soldados que declaradamente não gostavam de futebol.

Adesão do governo — Em Porto Alegre, o Governador Peracchi Barcellos democraticamente usava do direito que lhe conferia sua própria portaria, dispensando o funcionalismo do expediente nas repartições a partir das 4h50 da tarde. Desde as 9 horas da manhã, retirou-se para uma salinha quase secreta do sótão do Palácio Piratini, para receber somente seus auxiliares mais diretos e apressar o expediente. Quando um oficial de gabinete lhe telefonava anunciando a presença no palácio de alguém que poderia ser atendido um outro dia, o governador respondia: "Hoje só atendo assuntos de absoluta urgência. Tenho de apressar o meu trabalho. Depois das 4h50 da tarde, só trato de futebol". Ele é torcedor do Grêmio e fã de Everaldo.

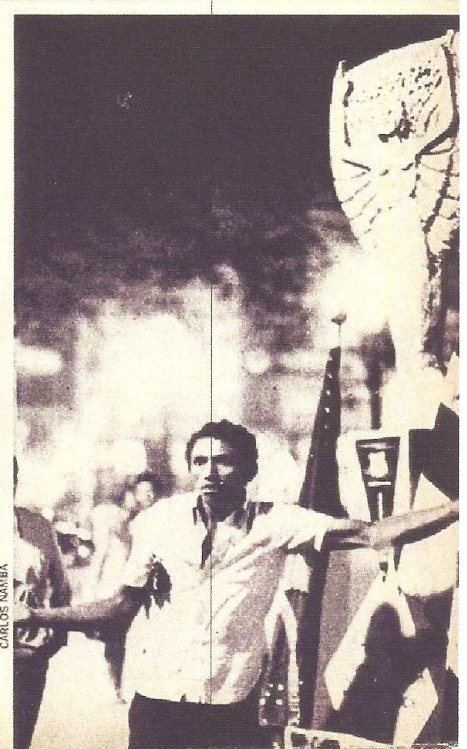
Da mesma forma, o governador de Minas, Israel Pinheiro, determinou que os serviços no Palácio dos Despachos fôssem encerrados mais cedo. "Depois de 18 horas", informava o governador ao

continua na página 62



Brasileiros que não foram ao México saíram às ruas para comemorar (acima começa o curso da vitória, no Rio). E quem não teve tempo de chegar em casa viu o jogo na rua (à esquerda, TV no coreto da Praça da República, SP)

Amontoados nas praças, sobre as árvores e os palanques, os torcedores comemoram gol do Brasil contra a Checoslováquia (abaixo, a alegria maior dos cariocas). À direita, antes do empate, a apreensão ao lado da Copa.



CARLOS NAVIBA

continuação da página 60

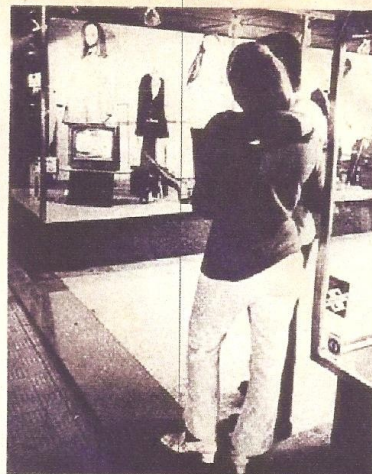
seu assessor de Imprensa, Manuel Higino dos Santos, "não atendo mais ninguém. Quero ver a Seleção Brasileira e torcer pelo meu amigo Tostão"

A hora esportiva — Num dia de tantas antecipações, nas grandes cidades até o tradicional rush da volta ao lar não escapou à regra. Já às 5 da tarde, uma massa agitada e impaciente iniciava seu desfile pelos pontos de ônibus. Na chegada de um ônibus, essa onda humana e irresistível acabava com as indecisões de qualquer um que pensasse desistir da tormentosa viagem: querendo ou não, ele era levado aos trancos para o interior do veículo. Os mais comodistas, em busca de um problemático táxi, enfrentavam uma situação nunca vista: os raros táxis, mais raros ainda. Seus motoristas, pelos mesmos motivos, queriam voltar para casa. Enquanto isso, nas principais ruas da cidade, o congestionamento passava a emperrar o fluxo de trânsito que grupos compactos de carros pareciam querer empurrar, como

se fôsse possível dois corpos ocuparem um mesmo espaço ao mesmo tempo.

A impaciência geral aumentava principalmente entre os motoristas, que, com seus rádios ligados, ouviam um comentário esportivo sobre o jogo prestes a se iniciar contra a "misteriosa e eficiente Checoslováquia" e que terminava com um vibrante "Avante Brasil". Poucos devem ter percebido, no entanto, que o programa era "A Voz do Brasil", também antecipado para aquele horário de 5 da tarde, a fim de deixar disponível a hora costumeira, quando se iniciaria a luta do Brasil pela conquista do título. E que o espaço aberto dentro da programação normal para assunto francamente esportivo, na voz do locutor Antônio Carlos Rezende (há cinco meses, ele — que é locutor esportivo e de noticiário — saiu da Rádio Gaúcha para a Agência Nacional), atendia a um desejo do Presidente Garrastazu Medici de franquear os canais oficiais para informar o que acontecia no México, durante todo o campeonato.

A cor do futebol — Não fôra o som



Pôrto Alegre: o jogo dos namorados

dos alto-falantes espalhados pelas ruas, anunciando "para dentro de instantes" o início da transmissão, e a presença de pequenos e grandes grupos diante dos aparelhos de televisão ligados nas lojas e em alguns pontos das cidades, o pouco movimento nas ruas durante o jogo poderia lembrar perfeitamente um dia de domingo. Os que não estavam em casa tinham seus motivos: não conseguiram condução ou acharam que não teriam tempo suficiente para voltar. Ou ainda preferiram vibrar numa grande e anônima companhia. Era o caso do comerciante Petrônio Freitas, que diante de uma loja, no Rio, justificava: "Minha casa até que fica perto. Mas preferi ver o jogo por aqui mesmo. É bem mais animado".

Em casa ou fora dela, em volta de uma rodada de chope ou diante de uma loja, o entusiasmo, afinal, foi igual. No Palácio das Laranjeiras, o Presidente Emílio Garrastazu Medici, que assistia com sua família à transmissão pela TV em côres, não escondeu sua alegria nos lances de gol. Em São Paulo, o Governador Abreu Sodré, também convidado pela Embratel, juntamente com mais quatrocentas personalidades do Estado, para assistir no Edifício Itália ao jogo colorido, não resistiu quando Rivelino marcou o gol de empate. Levantou-se e, tirando o cachimbo da boca, exclamou: "Eu não disse? O primeiro é de Rivelino. Está aí". Momentos antes, os gritos de "Rivelino, Rivelino" tomavam conta da sala de estar do Serviço Social do Comércio (Sesc), em São Paulo, na hora em que ia ser cobrada a falta sobre Pelé. Mais gritos, estes ofensivos ao juiz nas decisões que pareciam prejudicar o Brasil, toram ouvidos no Parque da Redenção, em Pôrto Alegre, onde um auditório de 4 500 pessoas se comportava como se estivesse num estádio, acompa-

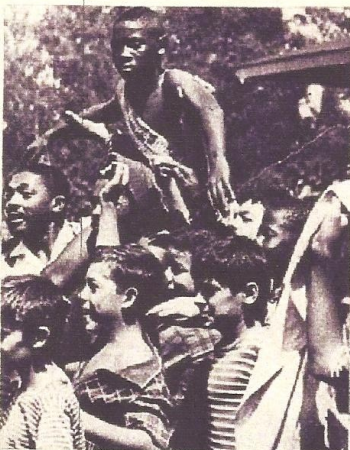
A torcida do pequeno jogador

Camisa amarrotada, calção largo e pés descalços, Monga, treze anos, sentou-se em frente à televisão para assistir ao primeiro jogo do Brasil na Copa. A imagem não era boa — pouco contraste, fantasmas —, mas isso não parecia perturbá-lo. Impassível, ele viu o primeiro gol dos checos e a primeira oportunidade perdida por Pelé. Seu palpite era 1 a 1. Sem nenhum entusiasmo aparente, Monga viu o gol de Rivelino. Para ele, o time não ia bem.

Valdir de Souza, o Monga, entende do assunto: é campeão paulista dente-de-leite pelo Nacional, centro-avante, considerado um jogador frio. "Não se perturba com nada" — diz Ettore Marchetti, técnico dos dente-de-leite da Portuguesa de Desportos.

Às vezes Monga seguia as jogadas na TV, falando os nomes dos jogadores antes do locutor. Não gostou das faltas dos brasileiros no meio do campo e, afinal, um lance o emocionou: "Quase! Nessa o Pelé usou a cabeça" — disse quando o Rei tentou o gol do meio de campo. (Torce pelo Santos, "mas não é por causa dele, não".) Torcia para Clodoaldo fazer um gol. Quando Pelé desempatou, Monga perdeu a calma e chegou a pular. Mas continuava achando que os checos empatariam. Jairzinho joga a bola por cima do goleiro e faz 3 a 1. Há uma festa na sala. Monga não sai do lugar e só observa: "Também, com o lança-

mento do Gérson..." Elogia outro passe de Gérson e critica a entrada de Paulo César. Vibra outra vez, com uma jogada de Brito: "Olha lá o Brito. Sempre o Brito". Sorri, e seus dentes muito brancos lhe dão ao rosto negro uma espécie de claridade: "O quarto gol, que beleza!" Então está tudo bem? "Não, falta o Dario nesse ataque." (Ele joga como o Dario, é uma espécie de tanque.) Termina o jogo. O mau aluno Valdir de Souza pergunta: "Será que amanhã é feriado?"



Monga: de jogo igual ao de Dario

nhando a partida diante de uma tela gigante de 3 por 4 metros.

Grandes ou pequenos, portáteis ou semiportáteis, os aparelhos de televisão registraram uma audiência espantosa. Na Guanabara, uma pesquisa do IBOPE revelou uma média de 93% de aparelhos ligados das 19 às 22 horas, índice só comparável ao registrado quando houve a transmissão ao vivo da chegada do primeiro homem à Lua.

Uma ajuda eficiente — Mas nem todos se limitaram simplesmente a ver o jogo. Alguns pretenderam ter uma participação maior na sorte da Seleção, ainda que de forma indireta e muitas vezes duvidosa. João Havelange, presidente da CBD, ao justificar o seu retorno do México, disse bem-humorado que nas duas vezes em que o Brasil levantou o campeonato não esteve no local dos jogos. Em 1966, foi ver a conquista do tri e diz que não deu sorte. Voltou do México para não repetir o azar. É a colaboração por omissão. Já a esposa de Zagalo, Dona Alcina de Castro Zagalo, permaneceu durante o tempo todo

da partida ajoelhada, os braços apoiados na cama, com um têrço nas mãos, e de frente para a televisão. É a colaboração ativa. Na casa de Rivelino, seu pai foi obrigado a prestar uma colaboração do gênero de João Havelange. Irritado com o primeiro gol, que foi dos checos, papai Nicolino resolveu se retirar da sala e se trancou no seu quarto. Não demorou muito, Rivelino empatava. A noiva do jogador, Maísa, não teve dúvidas. "Volta lá para cima, 'seu' Nicolino", sugeriu ela, "que o senhor está dando sorte. Volta que eu quero ver o Roberto fazer mais um."

Um esforço maior — Tanto os jogadores checos como os ingleses entraram em campo no jogo contra o Brasil sem saber que seus respectivos nomes estavam misturados na farofa sob uma galinha preta, rodeada de velas e charutos ofertados a sete encruzilhadas, para que "fechasse os caminhos dos adversários do Brasil e evitasse acidente para os jogadores brasileiros". Esta é uma forma mais trabalhada de cooperação. Seu autor: um preto forte, de cabeça inteira-

mente raspada, o massagista do Fluminense Eduardo Santana, mineiro de Andrelândia, 35 anos, "traçado na umbanda e na quimbanda desde os sete anos". Ele costuma fazer um trabalho de umbanda — a linha branca da macumba — em favor da Seleção Brasileira, e outra de quimbanda — a linha negra — contra a seleção adversária. Neste último, Santana procura que os adversários "se desencontrem no campo e não que se machuquem". Para a Seleção Brasileira, o trabalho é para "clarear o pensamento dos onze jogadores e do técnico". Santana afirma que se fôr necessário vai até mesmo ao México por sua conta para "fazer um trabalho mais forte". Ao repórter de VEJA, Oswaldo Amorim, que perguntou como seria esse trabalho, Santana respondeu ser impossível explicá-lo minuciosamente. "Mas se fôr preciso sacrificar um animal", acrescenta ele, "eu sacrifico. Faço qualquer coisa para o Brasil vencer."

Na madrugada de quinta-feira, quando o carnaval extemporâneo que irrompeu em vários pontos do Brasil logo após o final da goleada ainda deixava

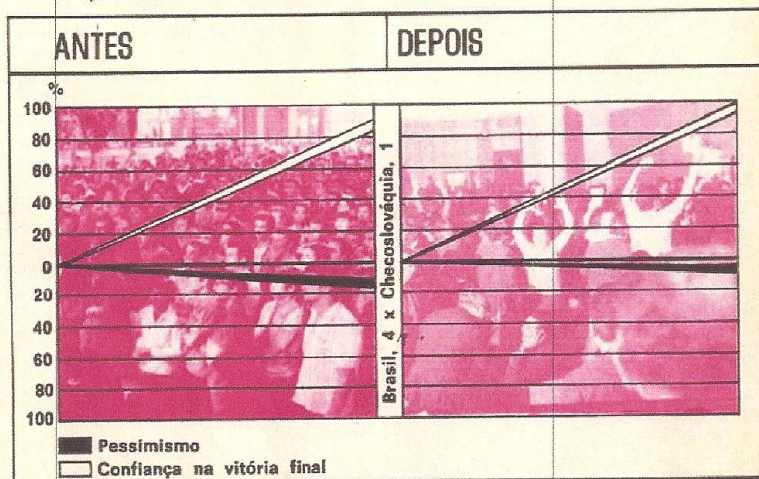
Os brasileiros confiantes

Uma opinião sobre futebol pode ser tão instável quanto uma previsão do tempo. Num e noutro caso, menos pela falta de personalidade de quem opina do que pelos estranhos e caprichosos ventos que podem soprar. Momentos antes da estréia do Brasil na Copa do Mundo, VEJA procurou saber em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Brasília, através da amostragem das classes rica, média e pobre, o que o brasileiro achava da sua Seleção. Dos entrevistados, 83% afirmaram que o Brasil seria campeão por possuir o melhor futebol do mundo, ou por estar melhor preparado física e taticamente. Apenas um comerciante de Belo Horizonte justificou a presença do Brasil nas finais por proteção dos juizes. Algumas outras explicações que não se enquadravam numa categoria mais genérica foram registradas. "O Brasil merece ganhar porque joga honestamente, sem a maldade dos gringos", afirmou um importador de São Paulo. "O Brasil tem a proteção divina", declarou cheio de fé um comerciante mineiro. Em São Paulo, uma jovem senhora, dona de uma loja de perucas, entendia que o segredo do sucesso estava no fato de o Brasil possuir "o futebol mais alegre do mundo". Uma outra paulista, também jovem, aconselhava: "Acredito na força do pensamento positivo. Se todos pensarem na vitória, ela estará garantida".

Entre os 17% que não acreditavam em sua Seleção, o fracasso do Brasil estaria ligado a misteriosos designios. "El Salvador vai vencer porque será protegido pelos juizes" (estivador aposentado; Belo Horizonte). "O Brasil não chegará às finais porque a FIFA não deixa nenhum país ganhar a taça em definitivo" (balconista, Belo Horizonte). "A Inglaterra vencerá, porque o Brasil está prejudicado pela politicagem e o Zagalo protege o Botafoço" (funcionário público, Belo Horizonte). "O

Uruguai será o campeão; 1950 vai-se repetir" (açougueiro, Belo Horizonte). A capital mineira foi a única em que os derrotistas superaram os otimistas. Em São Paulo, um jornalista garantiu que a Bélgica será a campeã, "porque dei esse palpite num bôto e não posso mudar de opinião para não dar azar".

Depois da vitória brasileira contra os checos, VEJA renovou a consulta dentro da mesma amostragem. Os ventos mudaram a opinião de muitos pessimistas (veja o gráfico). Um professor do Recife, explicando sua mudança de opinião, afirmou: "O Brasil estava escondendo o jogo, o seu verdadeiro futebol".



seus últimos vestígios, Santana foi até a praia de Copacabana levar uma toalha branca, um pente e um perfume para Iemanjá.

A primavera do outro — Se nem antes do jogo inicial do Brasil a expectativa conseguia padronizar, de certa forma, o comportamento da torcida (veja o quadro de consulta da opinião pública), o que se viu depois supera a imaginação. Donos de bares que fazem questão de ostentar na caixa o aviso de "fiado, só amanhã" passaram a distribuir gratuitamente doses generosas de bebidas, em comemoração. Torcedores, que poderiam ser chamados de "tipo redundante", repetiam gritos entusiasmados de gol e soltavam rojões, enquanto ouviam a gravação do jogo pelo rádio, como se ele estivesse se realizando naquele momento. Redatores, como o do "Diário da Noite", do Recife, subitamente com vontade de redigir um título, talvez menos objetivo, mas muito mais poético, como este: "Assim começaram a murchar as flores de esperança da mais curta primavera vermelha" (a ilustração é a seqüência do gol de falta). Senhores de idade, como o Deputado Último de Carvalho, 74 anos, rejuvenescido pela alegria da vitória, que de dedo em riste procura seus interlocutores de antes do jogo, exclamando descontradadamente: "Eu não disse? Eu não disse? 4 a 1! 4 a 1!" E logo em seguida, mais calmo, explica: "Jogador de futebol é como mineiro: desconfiado e dissimulado. A turma aqui não estava jogando nada. E daí? Na hora do caneco, eles jogam. Eu também, se fôsse jogador, faria assim. Eles são uns artistas, não podem arriscar suas pernas sem mais nem menos".

Geraldo Freire também está sorridente: "Nessas horas o brasileiro se esquece do sofrimento". Conta que quando chegou em casa o Brasil estava perdendo por 1 a 0. "Fiquei tão irritado", comenta Geraldo Freire, "que nem tive coragem de ficar vendo. Fui ler no meu quarto. De repente, a meninada que assistia ao jogo deu uma espécie de urro formidável. Fui lá, o Brasil tinha empatado. Ai criei coragem, vi até o fim e vibrei a cada gol. Foi sensacional."

No fim da tarde de quinta-feira, os deputados já não falam tanto sobre futebol. Circulam pelo plenário, discutem na tribuna, trabalham nas comissões. Mas continuam sorrindo, falando calmamente, sem demonstrarem qualquer irritação. Como deveria estar acontecendo com a maioria dos brasileiros. Com a vantagem de poderem experimentar novas emoções e igual alegria. O que não acontece, provavelmente, com a minoria silenciosa. Como os solitários espectadores das "500 Milhas", uma corrida automobilística em sala escura, que não dura mais de duas horas. ○

Vitória pela ponta

O editor de "Esportes" de VEJA, Antônio Euclides Teixeira, que observou os romenos durante toda a semana, mostra o que o Brasil precisa fazer para ganhar de seu próximo adversário:

Antes de mais nada, o Brasil precisa cuidar dos seus defeitos na defesa. Não que a Romênia seja um time eminentemente ofensivo. Na verdade, as maiores virtudes dos romenos estão na defesa. Mas há em seu ataque (sem contar Dobrin, que só joga se o técnico Nicolescu perdoar a suspensão que lhe aplicou por indisciplina) um jogador particularmente perigoso: Dumitrache. Dribla com grande facilidade, chuta forte e, apesar de ser baixo (1,72 m) e ter corpo frágil, sobe bastante para cabecear. É o que se pode considerar um jogador de temperamento sul-americano. Aliás, a origem la-

jogam um futebol menos pesado são o lateral direito Saimareanu e o central Lupescu (este nem tanto). Para ganhar sem dificuldades da Romênia, o Brasil deve fazer o jogo pelas pontas. Pois, apesar da violência de Mocanu e da qualidade de Saimareanu (reconhecido como um dos melhores do time), é pelas laterais que os romenos têm seus pontos mais falhos. Além da violência, Mocanu não tem quase nada a mostrar dentro de campo: é um jogador medíocre tecnicamente, sem poder de recuperação, e que pode ser vencido mais facilmente nos lances de velocidade.

Tentar a falta — Pelo outro lado, podem ser aproveitadas as descidas de Saimareanu, que avança constantemente para ajudar o ataque. Tentar pelo meio é tempo perdido: Dinu e Lupescu são os mais firmes da defesa. O ideal, já que o Brasil não tem ponta-esquerda, seria dar a Tostão a função específica de sair sem-



Os romenos contra o atacante inglês Bobby Charlton: os perigos da violência

tina dos romenos explica a afinidade que eles têm com a bola, pois são muito mais hábeis do que qualquer outro jogador europeu não latino — com exceção dos austríacos, ausentes da Copa. Pode-se dizer mesmo que o jogo dos romenos tem uma leve tonalidade do jogo malicioso dos sul-americanos. E muita maldade também. Foi o que se viu contra os ingleses, quando os romenos mostraram uma particularidade do seu jogo que até agora vinha sendo mantida em segredo: a violência. Muito mais que os ingleses, foram os romenos que usaram o jogo duro. O lateral esquerdo Mocanu, especialmente, mostrou ser muito hábil nessa especialidade: tirou o lateral Newton de campo e ainda acertou o reserva (Wright) que o substituiu. De sobra, andou caçando qualquer outro inimigo que passasse por perto dos seus pés. O zagueiro Dinu também joga duro, embora com mais lealdade. Na defesa, os únicos que

pre para os lados. Com isso, ele arrastaria um dos dois da defesa (Dinu ou Lupescu) e daria chance para as entradas de Pelé. É claro que os romenos brigam mais pela bola, procurando impedir que o adversário tome conta dela. Mas aí pode estar também uma das vantagens do Brasil: os romenos cometem muito mais faltas. E o Brasil tem excelentes chutadores de faltas. Tendo Jairzinho, um jogador resistente aos choques contra os adversários, Zagalo poderia instruí-lo também para suas entradas pelo meio, onde fatalmente os romenos acabam cometendo faltas. Isso teria ainda a vantagem de abrir as duas pontas para as deslocções de Tostão — na sua tentativa de tirar os zagueiros centrais do meio da área.

Se jogar assim, o Brasil não pode perder da Romênia de jeito algum, nem que um cataclisma reparta o Estádio Jalisco ao meio. ○

Anexo 18 – *Uruguai, vinte anos depois* de 17.06.1970

Uruguai, vinte anos depois

Vinte anos depois da desastrosa — para os brasileiros — final de 1950 no Maracanã, Brasil e Uruguai voltam a se enfrentar numa Copa do Mundo, agora pelas semifinais. É, como em 1950, o Brasil é o ataque sensacional, devastador, temível. O Uruguai, o time das vitórias menores, difíceis, quase mesquinhas. Seu ataque não tem quase nenhum poder (fêz apenas dois gols nas oitavas de final, e passou para as semifinais com um gol marcado já na prorrogação do jogo contra a URSS), mas a defesa é extraordinariamente segura (só um gol contra, em quatro jogos).

É o mais defensivo dos times sul-americanos e joga basicamente num 4-3-3 (Ubiñas, Anchetta, Matosas, Mujica são os zagueiros. Cortés, Montero Castillo e Maneiro são os homens do meio campo. E Cubilla, Esparrago e Bareño, os três do ataque). A defesa por cobertura (o zagueiro marca no seu setor, não importando a troca de posição dos atacantes contrários), com a preocupação de que haja sempre um na sobra. O jogador que fica na sobra pode variar: não existe líbero fixo. O lateral direito Ubiñas (trinta anos) é o mais fraco da defesa. Marca duro mas tem pouca recuperação e pode ser vencido nos lances de velocidade, principalmente se atraído para o meio de campo. Os dois centrais, Anchetta e Matosas, ajudam-se mutuamente,

seguríssimos no jogo pelo alto. O lateral esquerdo, Mujica, dono de uma saúde espantosa, marca na base da antecipação. Às vezes dispara pelo campo adversário e tem um chute violentíssimo. Com a saída de Rocha (contundido), o meio campo uruguiaio perdeu a voz de comando, mas ganhou mais velocidade. pela entrada de Maneiro — um jogador de raciocínio rápido. Ele, mais Cortés e Montero Castillo estão constantemente recebendo a ajuda de Cubilla, que raramente permanece na ponta direita. É o típico atacante uruguiaio, malicioso, inteligente, perfeito nos toques de bola. Esparrago, o centroavante (autor do gol que eliminou a URSS), e o mais brigador: fica praticamente sozinho contra o zagueiro adversário, procurando abrir caminho para o gol. Bareño, o ponta-esquerda, é o mais fraco do time.

Esse time fez um papel medíocre nas oitavas (empatou com Itália, 0 a 0; ganhou de Israel, 2 a 0; e perdeu para a Suécia, 1 a 0).

O técnico Juan Eduardo Hohberg reconhece que a sorte de seu time está nas mãos da defesa. "Temos até onde for nossa defesa."

Para o Brasil, que joga mais ofensivo, o Uruguai representa um sério perigo. A tática do time é atrair o adversário para o seu campo, para depois lançar-se em rápidos contra-ataques. Uma tati-

ca que, até agora, deu bons resultados.

ITÁLIA x ALEMANHA — Uma das melhores — senão a melhor — defesa da Copa, um ataque que parece ter despertado agora, depois de um futebol pobre e medroso nas oitavas de final, a Itália, como o Brasil e o Uruguai, persegue a sua terceira Taça do Mundo. Os 4 a 1 de Toluca podem apenas ter confirmado a fraqueza e a falta de experiência internacional dos entusiasmados mexicanos. Mas, para Ferruccio Valcareggi, o técnico, "cavaliere" da República Italiana por ter classificado seu time para a Copa do México, a goleada de domingo é apenas a confirmação do que vem falando desde que o Campeonato do Mundo começou: "O verdadeiro futebol da Itália só vai aparecer nas quartas de final. Nas oitavas, o time vai jogar apenas o suficiente para continuar na Copa". Mas, seguramente, quarta-feira em Guadalajara, os italianos entram com menos credenciais que a Alemanha, dona do melhor ataque e do artilheiro — Müller — da Copa até agora.

Com um começo fraco, um modesto 2 a 1 contra os principiantes marroquinos, os alemães foram crescendo até a sensacional virada de domingo contra a Inglaterra, uma vingança de sua derrota na final de Wembley em 1966. Ainda assim, os italianos levam a vantagem de ter um time mais jovem e vindo de uma partida mais fácil: a idade de alguns jogadores alemães, como Uwe Seeler, 34 anos, o mais velho da Copa, pode pesar depois dos 120 minutos de esforço contra a Inglaterra.

GRUPO	JOGOS	DATA	RES.	PAIS	P. PERDIDOS						TOT.	
					1	2	3	4	5	6		
GRUPO 1 (CID. DO MEXICO)	MEXICO x URSS	31/5	0 x 0									
	BELGICA x EL SALVADOR	03/6	3 x 0	MEX.								1
	URSS x BELGICA	06/6	4 x 1	RUS.								1
	MEXICO x EL SALVADOR	07/6	4 x 0	BEL.								4
GRUPO 2 (PUEBLA E TOLUCA)	URUGUAI x ISRAEL	02/6	2 x 0									
	ITALIA x SUECIA	03/6	1 x 0	URUG.								3
	ISRAEL x SUECIA	06/6	1 x 1	ISR.								4
	URUGUAI x ITALIA	06/6	0 x 0*	ITAL.								2
GRUPO 3 (GUADALAJARA)	URUGUAI x SUECIA	10/6	0 x 1	SUE.								3
	ISRAEL x ITALIA	11/6	0 x 0									6
	BRASIL x TCHECO	02/6	0 x 1	ROM.								4
	ROMENIA x TCHECO	06/6	2 x 1	ING.								2
GRUPO 4 (LEON)	BRASIL x INGLATERRA	07/6	1 x 0	BRA.								6
	ROMENIA x BRASIL	10/6	2 x 3	TCH.								2
	INGLATERRA x TCHECO	11/6	1 x 0									1
	PERU x BULGARIA	02/6	3 x 2									
GRUPO 5 (GUADALAJARA)	MARROCCOS x ALEMANHA	03/6	1 x 2	PERU.								1
	PERU x MARROCCOS	06/6	3 x 0	BULG.								2
	BULGARIA x ALEMANHA	07/6	2 x 5	MAR.								5
	PERU x ALEMANHA	10/6	1 x 3	ALEM.								2
GRUPO 6 (GUADALAJARA)	BULGARIA x MARROCCOS	11/6	1 x 1									1

GRUPO	1º	2º	3º	4º
GRUPO 1	URUGUAI	ITALIA	MEXICO	URSS
GRUPO 2	URUGUAI	ITALIA	ISRAEL	SUECIA
GRUPO 3	BRASIL	INGLATERRA	ROMENIA	TCHECO
GRUPO 4	BRASIL	INGLATERRA	ROMENIA	TCHECO
GRUPO 5	PERU	ALEMANHA	BULGARIA	MARROCCOS
GRUPO 6	BRASIL	INGLATERRA	ROMENIA	TCHECO

GRUPO	1º	2º	3º	4º
GRUPO 1	URUGUAI	ITALIA	MEXICO	URSS
GRUPO 2	URUGUAI	ITALIA	ISRAEL	SUECIA
GRUPO 3	BRASIL	INGLATERRA	ROMENIA	TCHECO
GRUPO 4	BRASIL	INGLATERRA	ROMENIA	TCHECO
GRUPO 5	PERU	ALEMANHA	BULGARIA	MARROCCOS
GRUPO 6	BRASIL	INGLATERRA	ROMENIA	TCHECO

* Os jogos URSS x Uruguai e Inglaterra x Alemanha só foram decididos na prorrogação

Anexo 19 – ***Festividade e conflito*** de 17.06.1970

Festividade e conflito

Primero desabotoando delicadamente, depois rasgando com brutalidade, dezenas de rapazes arrancaram uma a uma todas as peças de roupa de uma jovem, na Avenida Luís Xavier, no centro da pacata cidade de Curitiba, logo após o jogo Brasil e Inglaterra. Quatro mil pessoas postadas nos passeios aplaudiram a moça, nua no meio da rua. As vitórias do Brasil na Copa estavam servindo de pretexto para o curitibano, sobretudo o jovem da classe média baixa, promover manifestações em que o desejo de comemorar acabou subjugado por uma imperiosa vontade de agredir. Na semana passada, vinte minutos após o jogo com a Romênia, a Avenida Luís Xavier, zona de cafés, cinemas e restaurantes, bate-papos e paqueras, ficou inteiramente ocupada por cerca de 5 000 jovens, que lançavam foguetes, bombas e buscapês e organizavam correrias. E valavam as dezenas de policiais que tentaram e conseguiram impor a ordem uma hora depois.

SEGUNDA CENA — *Dario deve ou não estar pelo menos no banco de reservas da Seleção? Normalmente, em Minas Gerais essa questão é mero tema para discussões enfiadonhas. Mas foi motivo para que o comerciante Juvenal Pereira da Silva matasse a tiros o cordato operário Durvalino Queiroga da Silva. Ambos comemoravam a vitória do Brasil sobre a Inglaterra, bebendo cachaça e cervejas num boteco da Avenida Nossa Senhora do Carmo, em Belo Horizonte. "Afinal, Durvalino só queria que o Dario ficasse na regra três", disse a testemunha Tracy Antunes. Juvenal justificou-se na delegacia: "A partida mexeu com meus nervos. Quando fui agredido, saquei do revólver e dei dois tiros. Também tenho direito de achar que o Dario não presta".*

TERCEIRA CENA — *Na noite de Ipanema insólita e fria, quarta-feira passada, os grupos que queriam sair dos bares e queimar fogos pelas ruas, sentados nos capôs dos carros, foram barrados por agentes da polícia da Guanabara. Dentro dos bares, os sorrisos dos rapazes e os gritinhos das moças que reaciosamente comemoravam, antes do fim, a vitória contra a Romênia, de repente foram interrompidos por um estranho silêncio. E logo substituídos por lágrimas provocadas por bombas de gás lacrimogêneo lançadas contra todos, em cima dos garçons, sobre as mesas. Mesmo assim as moças requebraram com as batucadas de grupinhos que se formavam nas esquinas. Muitas, depois dos chopos e martinis, atravessaram a avenida e fica-*

ram na praia, correndo sem rumo. Quando as ondas molhavam os seus pés, as moças e rapazes retornavam e continuavam a correr ao longo da praia, alguns caindo na areia, novamente entre sorrisos e gritinhos.

QUARTA CENA — *Seu segundo filho tinha nascido há pouco no quarto 601 da Beneficência Portuguesa de Porto Alegre. "Com licença, com licença que eu ainda quero ver o resto desse jogo lá na Praça da Alfândega", dizia o pai e comerciante Paulo de Tarso Mendes, caminhando rapidamente pelos corredores da maternidade, no intervalo de Brasil x Romênia. Alto, pálido, desdentado e com a barba por fazer, suas palavras eram abafadas pelos sons de um radinho de pilha que carregava. Com salário de 150 cruzeiros, não tem relógio: "O Marcus Vinicius nasceu aos 40 minutos do primeiro tempo".*

O drama nas ruas

O futebol é uma festa. Uma orgia, ainda que casta, e, tal como acontecia nos felizes bosques gregos, envolve alegremente todos os músculos do corpo num balé sutil e enérgico. "Association", o chamam internacionalmente — e ninguém poderia fazer uma festa, principalmente essa, sozinho. Ainda selvagem, foi na dança, a primeira festa humana, que o único bípede ereto sobre a Terra comemorou a sua condição singular. E o futebol evoca ainda esses tempos primitivos do homem: além da dança e do andar tipicamente humanos, o futebol é a atividade que envolve mais de perto as pernas e os pés.

Mas o futebol, ainda sendo uma festa, é também uma guerra. Trata-se, antes e acima de tudo, de liquidar o inimigo. Esse caráter ambíguo do futebol, essa contradição entre festividade e conflito, reflete-se também fora do campo de jogo. Nisso possivelmente reside o segredo da euforia militante, da alegria combatente que tomou conta do país nos últimos dias.

Talvez aqui interfira uma outra situação em que o entusiasmo está intimamente ligado a um conceito de superioridade: o patriotismo. Um povo ainda jovem, de glórias poucas e esporádicas — um voo de Bartolomeu de Gusmão, um voo de Santos-Dumont —, se exaltaria ao ficar claro que é uma potência mundialmente respeitada pelo menos em uma atividade. Então se explicariam as bandeiras ondulantes enroladas no corpo, o verde-amarelo que brota subitamente de dentro de um carro, nas mãos

das pessoas, nas janelas e nas sacadas.

Que os brios patrióticos andam ferrosos ficou evidenciado nas verdadeiras escaramuças promovidas pelos torcedores em Curitiba, onde o próprio Hino Nacional foi uma das armas. A cada início de festa da vitória, no ambiente alegre das ruas, grupos de quatrocentas a quinhentas pessoas se juntam numa esquina e começam a gritar o brado que só se diz impunemente ao juiz de futebol. A polícia acode e o grupo se desfaz. Numa ocasião, porém, a polícia paranaense conseguiu surpreender um grupo em pleno câro. Diante da ameaça de dispersão talvez enérgica, a multidão passou a entoar o Hino Nacional. Tal como mandam os regulamentos militares, os bravos soldados imediatamente se perfilaram até o fim do hino. E a dispersão ocorreu só depois, tranquilamente. Em São Paulo, o patriotismo teve um desvio ainda mais acentuado, de-



ASSIS HOFFMANN

Porto Alegre: apêlo aos sentidos

inintencionalmente trágico: dois irmãos embriagados mataram o caçula igualmente embriagado depois de ele ter ousado afirmar que a Inglaterra merecia o empate.

Mas esse patriotismo exageradamente exibicionista e às vezes inteiramente distorcido não passa da aparência de uma questão de fundo. Os brasileiros, na eufórica caminhada da semana passada, celebravam também a nostalgia da comunidade. Nas grandes metrópoles, ao contrário do que acontece nas vilas ou cidades pequenas, não há farmácia para discussões políticas, não há bares onde todos se conhecem, dançam e tomam cerveja. Na verdade, com o desenvolvimento urbano, do Recife a Porto Alegre, há uma multiplicação de farmácias e bares que se tornam irreconhecíveis,



CARLOS NAMBA



ADEMAR VENEZIANO

anônimos e ainda diferenciados socialmente. O relacionamento entre as pessoas passa a ter limitações. Ao fazerem a festa juntos nas ruas, gritando os mesmos nomes, cantando as mesmas canções ingênuas, abraçando-se, os brasileiros se sentem parte de uma grande comunidade.

Mais do que em qualquer outro lugar, isso fica claro em São Paulo. Nos bares, após os jogos, a cumplicidade do côro em comum tem gerado uma intimidade entre desconhecidos muito pouco paulistana. As pessoas se sentem livres para mudar de mesa, conversar com alguém que lhes sorriu — ou xingou. Quando normalmente o paulistano, para iniciar uma amizade, exige ou um relacionamento profissional ou uma rígida apresentação formalizada.

Essa espontaneidade maior no encontro entre as pessoas, essa euforia na convivência, é que marca como dias de festa os dramas de rua que o país está vivendo. Essa festa nasce do movimento dos corpos na televisão — e do fundo do coração das pessoas.

No entanto, nos bares de São Paulo, por exemplo, essa comunhão provisória frequentemente leva a um conflito, a brigas que não existiriam se não houvesse a repentina intimidade entre desconhecidos. Chama igualmente a atenção o fato de que tanto a festa como o conflito gerados pela euforia da Copa são mais intensos na classe média. No Rio, Ipanema, Zona Sul. Em Pôrto Alegre, de quarenta bandeiras que desfilaram na Avenida Borges de Medeiros após Brasil x Romênia, 26 eram do Grêmio, dez do Brasil e apenas quatro do Internacional, o time popular. Em Salvador, a animação dura mais tempo no Farol da Barra, bairro rico. Também se nota que em Pôrto Alegre são as mções que tomam a iniciativa nas festas e que as paulistanas se portam desinibidamente nas comemorações e nos conflitos.

Tudo isso configura um quadro de extravasamento de frustrações não futebolísticas. Em Curitiba, são os garotos dos bairros, os estudantes de ginásios noturnos — em suma, os jovens da classe média inferior — que ao fim dos jogos emergem dos bares, apontam na boca das ruas, descem dos ônibus no centro. Muitos deles (4 000 a 6 000 ao fim de cada jogo) já vêm de tênis, para correr.

Soltam foguetes dentro dos carros ou amassam os que passam na tentativa de formar um curso, dão empurrões e pontapés, vão mulheres que andam sós. Por um momento, ocupam a zona privilegiada da Avenida Luís Xavier, com sua mística de ponto de encontro de intelectuais, jornalistas e playboys.

Esse modo de comportar-se, evidentemente, não é patriótico nem congraçador — e muito menos esportivo. Talvez seja uma demonstração de que a classe

média resume dramaticamente as hesitações de um momento de transformação nacional. Em São Paulo, são universitárias que sentam nos capôs dos carros, dançam sôbres mesas de bares, expandem-se mais do que no Rio — possivelmente porque as cariocas normalmente podem ser mais espontâneas do que as paulistanas.

O caráter conflituoso da festividade futebolística tem também outros desses aspectos extrafutebolísticos. Numa sociedade complexa e problemática como a nossa, nas dores do parto do desenvolvimento, as camadas populares têm poucas possibilidades de participação direta nas decisões do rumo a tomar. Diz o psicólogo paulista Antônio Carlos Cesari- no: "Os movimentos de opinião estão dificultados. O futebol seria um momento em que é possível as pessoas se movimentarem coletivamente, inclusive com explosões violentas, extravasando uma agressividade que não tinha outro caminho para sair".

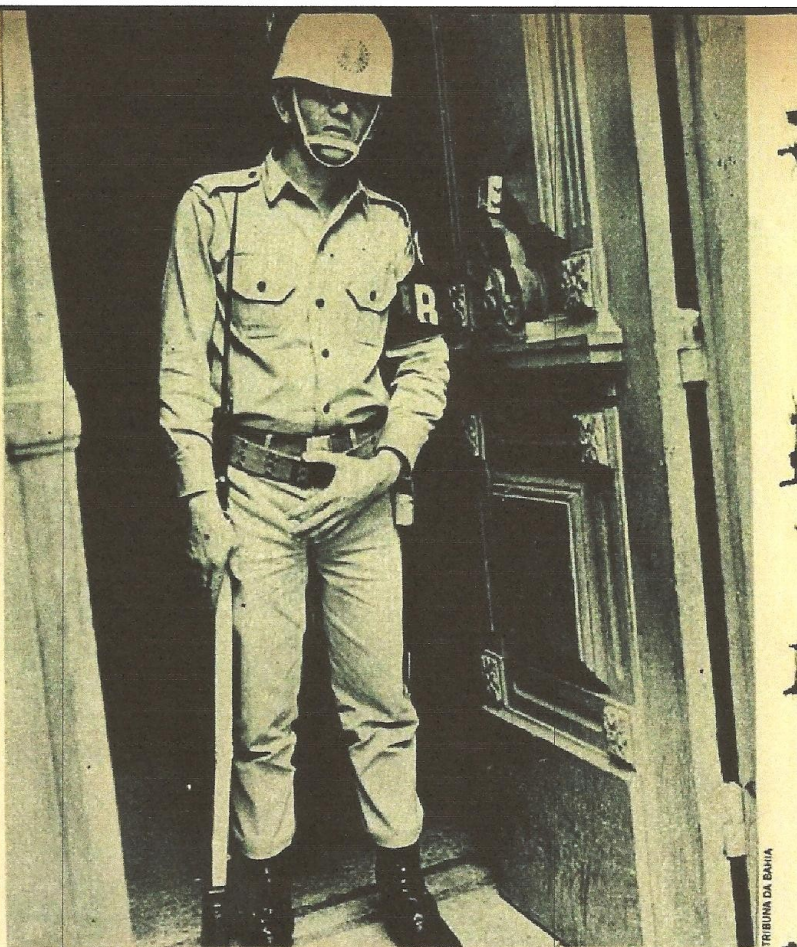
Essa situação não deixa de inquietar algumas pessoas, como o sociólogo mineiro Fábio Lucas: "Estamos vivendo o êxtase de uma paixão nacional: o interesse pela Copa do Mundo tornou momentaneamente secundários quase todos os outros interesses da vida coletiva. É o caso de indagarmos até onde isso implica uma força positiva de conagração para superação das dificuldades comuns ou mero entorpecimento transitório e evasionista".

Outros, porém, encaram o problema com certo otimismo. Para o sociólogo pernambucano Pessoa de Moraes, "o chamado urbanismo — a civilização urbana brasileira — não é um fenômeno estanque, autônomo, mas uma combinação complexa, sobretudo em plano inconsciente, de tradicionais valores míticos, mágicos, místicos, com novos valores".

E esse substrato mágico aflora a explodir no carnaval e no futebol numa euforia que exige, inclusive, o perfeccionismo. "Nossos jogadores, por exemplo, são elevados à categoria de super-homens. É o sentido mágico de nossa cultura".

A euforia da Copa, entretanto, pode não se relacionar com nada além do futebol. Lembra Décio Pignatari, poeta paulista e teórico da comunicação de massas, que o futebol é uma manifestação da grande massa, daqueles que não dominam o "código central" (a palavra escrita) e assim desenvolvem em alto nível os "códigos subsidiários" (locomotor, tátil, auditivo). É uma arte brasileira, intimamente ligada à dança e à música.

Uma arte popular e barata: o futebol não requer alfabetização, duas pedras fazem o gol, uma bola faz o jogo. Essa economia o tornou tão difundido. São mais de 10 000 partidas a cada domingo, da qual participam ou já participaram



Salvador: o porte não muito ereto, para que o ouvido alcance o som de festa

85% dos brasileiros. Toda a população, assim, é parte ativa no processo de criação dessa arte que é o futebol.

Por isso é possível o acôrdo entre o intelectual e o semi-analfabeto, sôbre a beleza dêste ou daquele gol. Todos têm direito e condição para opinar, e essas opiniões pouco divergem, na verdade. Foi a nação em péso que obrigou, por exemplo, Zagalo a mudar o Selecionado na partida contra a Áustria. Se houvesse uma pesquisa nacional sôbre os cinco ou dez melhores jogadores da atualidade, a unanimidade seria impressionante.

O futebol se caracteriza por uma alta flexibilidade corporal, mas também utiliza os pés e as pernas mais do que qualquer outra coisa. Nisso é diferente de todos os outros esportes, e exatamente por essa causa se mostrou mais adequado ao povo brasileiro, que com a contribuição africana se tornou dançarino por excelência. Os brasileiros, quando jogam futebol, estão dançando, como o fazem no carnaval, a outra grande festa do país.

Que é o futebol então? É a nossa arte,

como a arquitetura foi a arte dos gregos e a música a dos alemães.

Se o futebol é a nossa arte coletiva, o modo mais autêntico de expressarmos a nossa cultura e civilização, isso não quer dizer que êle seja um fim em si ou que tenha origem em si mesmo. Tal como as edificações gregas e as árias de Bach, o futebol tem origem nos sofrimentos e esperanças de toda uma coletividade. Multidões de anônimos tentaram canções antes que do âmago do mesmo povo surgissem as grandes obras musicais. Quase todo brasileiro já deu seu chute — e dos milhares de chutes nasceu Pelé. E o povo brasileiro reconhece a sua imagem na Seleção, fruto de grandes e pequenas dores e de um imenso amor à arte.

Mas por que o povo brasileiro se reconhece numa festa que é também um conflito? Quem é inimigo do povo brasileiro? Talvez a frustração de não viver num país desenvolvido. Talvez o inimigo que todo homem precisa ter para sobreviver.

Anexo 20 – **BRASIL, PARA SEMPRE** de 24.06.1970



E LEIA

veja

REVISTA SEMANAL - Nº 30 - 24 DE JUNHO DE 1976

C\$ 250

BRASIL, PARA SEMPRE

Anexo 21 – **O PRESIDENTE** – *Casas e música* de 24.06.1970

sem fazer declarações, enquanto a Transamazônica começava a ocupar as primeiras páginas dos principais jornais do país. No sábado, porém, em Nova Hamburgo, RS, falando no pavilhão-restaurante da Feira Internacional de Calçados, de improviso, ele talvez tenha demonstrado parte de seu entusiasmo na obra ao dizer: "Visitar o Rio Grande é um lenitivo para quem tem a responsabilidade de governar um país grande. Depois de ter visitado o nordeste, onde vi toda aquela miséria e crianças morrendo de fome. (...) Junto com meus ministros, tomei uma decisão que considero das mais importantes e corajosas do governo da Revolução. A construção de uma estrada que rasgará a Amazônia de leste a oeste, que possibilitará a integração das regiões norte e nordeste. Quando as riquezas do sul estiverem circulando ao lado das que forem geradas no norte, então se poderá alcançar a segunda Revolução: o Brasil todo será um só país".

O PRESIDENTE

Casas e música

Com a ajuda do Presidente Garrastazu Medici, a barraca de São Paulo arrancou a todo o vapor, para obter a maior arrecadação da Festa dos Estados, promoção filantrópica que se realiza em Brasília, anualmente, no mês de junho, em favor da Casa do Candango.

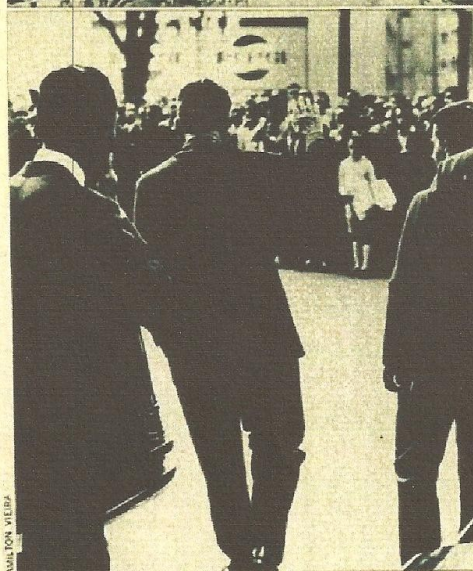
Sob o comando da esposa do Ministro Alfredo Buzaid, da Justiça, a barraca paulista realizou sexta-feira um concerto no Teatro Municipal de São Paulo (Orquestra Sinfônica Municipal, regência de Simon Bleck), com entradas vendidas a 150 cruzeiros, e o presidente compareceu, para prestigiar a promoção. Dona Scyla, que o acompanhou a São Paulo, inaugurou outra promoção filantrópica, a exposição Arrastão 70 — de trabalhos artesanais em benefício do Clube das Mães.

Mas não foi apenas para ouvir música que Garrastazu Medici esteve em São Paulo na semana passada. Ele aproveitou para inaugurar, em Campinas, um conjunto de 1.531 casas populares, que recebeu o nome do Marechal Costa e Silva. As horas vagas entre a inauguração das casas populares e o concerto do Teatro Municipal (traje a rigor) foram usadas para uma visita de pésames ao Governador Abreu Sodré, pelo falecimento de sua sogra, e um jantar íntimo (apenas trinta convidados) na residência do ministro da Justiça. Sábado de manhã, o presidente seguiu para o Rio Grande do Sul, mas retornou a Brasília no domingo, a tempo de ver pela televisão em cores especialmente instalada no Palácio da Alvorada a decisão da Copa entre Brasil e Itália.

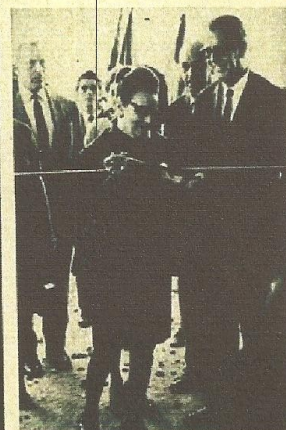


FOTOS DE ESTIVÃO DE S. PAULO

Filantropia: acima, o presidente no teatro; abaixo, Dona Scyla no Arrastão 70



AMALTON VIEIRA



Presença popular na visita de Medici: ao lado, em São Paulo; abaixo, em Campinas



Anexo 22 – *A ilusão dos uruguaios* de 24.06.1970

A ilusão dos uruguaiois

Eles nunca deixaram de pensar que sempre foram melhores do que nós. Talvez eles tenham, escondida bem no fundo de seus vibrantes corações, uma incômoda necessidade de pensar assim. Eles são poucos, menos de 3 milhões, apenas a metade dos habitantes da nossa maior cidade. No campo, porém, são onze contra onze, e cada um deles vale um pouco mais do que um porque traz sobre o peito o azul heróico de sua camisa de tantas glórias. Os uruguaiois crescem tanto, com essa camisa, que se diria que ela para eles tem tanto valor como tinha para Davi sua funda contra Golias. E o Davi uruguaio talvez tenha mais fúria do que o bíblico, porque no seu caso o Golias é quase um padrasto. Eles, afinal, nasceram contra nós. Desde 1680, a Banda Oriental do Uruguai — isto é, as terras à margem leste do rio Uruguai — vinha sendo colonizada por portugueses. Quando estes chegaram às margens do rio da Prata, os castelhanos construíram uma praça forte para contra-atacar. E assim nasceu, em 1726, um conjunto de instalações militares, Santa Fé de Montevidéu. De 1820 a 1825 sua terra formou a Cisplatina, uma pequena província de um imenso império, o Brasil. A libertação dos uruguaiois, após muitas batalhas, foi também o nascimento da República Oriental do Uruguai. Talvez, por isso os uruguaiois, quando jogam contra o Brasil, sempre tentem fazer renascer o seu envelhecido futebol. É contra nós, mais do que contra qualquer outro país, que eles se afirmam como uruguaiois.

A foto no banheiro — Essa atitude explica a garra que levou os uruguaiois à vitória em 1950. O Rio cantava há três dias a marchinha de João de Barro com a qual a torcida brasileira vibrara, em côro, com o olé — naquele tempo em que as chuteiras se chamavam chancas, o nome era baile — sobre a Espanha (6 a 1): "Eu fui às touradas de Madri..." Naquele domingo, El Negro Obdulio levantou-se mais

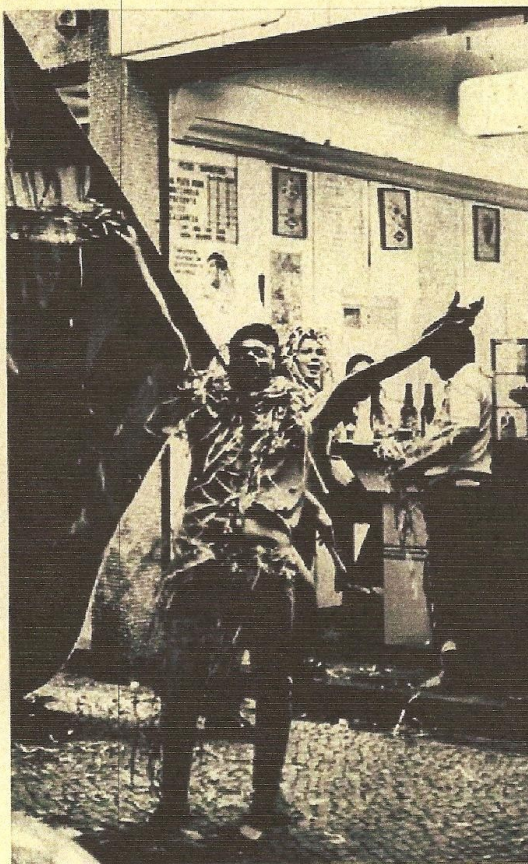
cedo do que de costume, no hotel onde os uruguaiois estavam concentrados. De chinélos, calça amarrotada e camisa aberta ao peito, percorreu tôdas as bancas vizinhas ao hotel. Comprou todos

os cantos da concentração. El Grán Capitán Obdulio as havia distribuído com raiva, e em silêncio.

Cidades irmãs — A mesma raiva com que, ainda naquele dia, depois dos 2 a 1, Hugo Gianni, uruguaio morador em Rivera e dono de uma loja de aparelhos domésticos em Santana do Livramento (as duas cidades são uma só, divididas entre o Brasil e o Uruguai por uma linha imaginária no meio da rua), passou para o lado brasileiro em sua camioneta com alto-falantes, cheia de gente cantando o hino do Uruguai.

Os riverenses comemoravam a vitória da sua Seleção. Os carros subiam a Rua Sarandi, a principal, e iam até a divisória com o Brasil. Daí voltavam em corso para o interior de Rivera. Na esquina, a menos de 50 metros, mais ou menos cem brasileiros assistiam ao carnaval.

Foi de repente que Hugo Gianni resolveu romper o conciliatório itinerário do corso para invadir o lado brasileiro. Sobre a capota da camioneta, em uma gaiola, havia um macaco com a camisa da Seleção Brasileira, comendo um cacho de bananas (os torcedores uruguaiois chamam os brasileiros de macacos ou de macacos negros). Além disso, amarrada atrás da camioneta, arrastando-se no chão, vinha uma bandeira brasileira. O comandante da guarnição do Exército brasileiro em Livramento, quando soube dos maus tratos à bandeira nacional, deu meia hora para os uruguaiois pararem com aquilo. Se não parassem, um pelotão iria buscar aquela bandeira em território uruguaio. Antes da meia hora, porém, Hugo Gianni e a bandeira brasileira arrastada entraram no Brasil. Os brasileiros que assistiam à comemoração, mal Gianni tinha entrado uma quadra dentro de Livramento, fizeram parar sua camioneta. Obrigaram-no a hastear a bandeira brasileira já meio róta e a tirar a camisa do macaco. Alguém foi buscar um disco com o hino brasileiro e Hugo Gianni foi obrigado a cantá-lo.



A alegria no Rio: um carnaval suspenso há duas décadas

os exemplares de um jornal carioca que havia publicado a foto da equipe do Brasil em fila olímpica, com uma legenda que antecipava a conquista que não veio. Obdulio arrancou de cada exemplar as páginas com essa foto. E com elas forrou o banheiro reservado aos jogadores. Vários jogadores urinaram sobre o retrato. Além do banheiro, as páginas estavam espalhadas por todos

Uma hora depois, uma multidão entrava para o lado uruguaio, quebrando vidros das casas, jogando foguetes no meio da massa de riverenses que continuava o seu carnaval. A calma só voltou a Rivera e Livramento, onde "pulsa el mismo corazón", segundo uma poesia popular, depois de os brasileiros terem depredado a casa de Hugo Gianni, destruindo seus móveis, seus vidros, tudo.

A vingança — Pois é possível que, para a grande maioria dos brasileiros, a rivalidade com os uruguaios seja um tanto remota e amortecida. Mas o gaúcho da fronteira nunca se sente tão brasileiro como quando tem diante de si um uruguaio. E, para os 80 000 brasileiros de Santana do Livramento, ter diante de si os 40 000 uruguaios de Rivera é uma experiência diária. Por isso, tal como pôde constatar Elmar Bones da Costa, enviado especial de VEJA, dificilmente alguém estará mais agra-

centros das duas cidades. O policiamento na fronteira imaginária passou de dez para duzentos soldados brasileiros com baioneta calada; no lado uruguaio, os soldados eram quarenta.

Os castelhanos — Vai começar o jogo Brasil x Uruguai. Nas escadas do Bar Pedrinho, na linha divisória do lado brasileiro, Mauro, um rapaz de 25 anos, surge quase correndo, debaixo do braço um pacote. É a bandeira uruguaia, que ele leva "para devolver a êsses castelhanos a mesma ofensa de 1950" (os gaúchos da fronteira sempre chamam os uruguaios de castelhanos). Os duzentos homens que lotam o bar aplaudem. Está tudo preparado: depois do jogo vão sair, descer duas quadras além de onde está o policiamento e entrar em Rivera, para arrastar a bandeira uruguaia nas ruas. Mas, cinco minutos antes do jogo, três guardas ficaram na porta do Pedrinho e depois da vitória só deixaram os tor-

para dar um grito com os castelhanos". Um rapaz magro, de cabelos grandes, agitando o seu casaco na direção de Rivera, grita em tom histérico: "Falem agora, castelhanos, falem agora", até cair no chão, desmaiado. A 100 metros, na fronteira, alguns uruguaios assistem quietos. "Pois é" — diz um deles — "os macacos vingaram-se."

A torcida elegante — O carnaval de Livramento se repetia, com poucas variações, em todo o território nacional. No Rio, até mesmo com fantasias na rua. Mas sem dúvida os gaúchos eram os brasileiros mais satisfeitos quarta-feira passada. Mesmo a muitos quilômetros da fronteira. A TV Difusora de Porto Alegre, canal 10, colocou a TV em cores de seu estúdio à disposição das autoridades. Inicialmente, o ambiente foi solene. Ao som do Hino Nacional, de um pulo, o General Breno Borges Fortes, comandante do III Exército, co-



Jornais brasileiros: o doce sabor da vingança, a euforia de quem chega à final — e a falta de comedimento de sempre

decido a Clodoaldo, Jair e Rivelino pelos três gols de quarta-feira do que os santanenses. Ainda mais porque os uruguaios, mesmo depois de 1958 e 1962, continuavam achando que eram melhores do que nós. Diziam sempre: "Ustedes son campeones del mundo porque no se encontraron con la Celeste". Na noite de terça-feira passada, no Bar Imperial, em Rivera, em tôdas as mesas discutia-se futebol e bebia-se cerveja Norueguesa. Alguns, de pé, propunham apostas aos berros. Um moreno baixo, passos vacilantes, chega à porta do bar. Depois, com a voz arrastada de bêbado, diz, aos arrancos: "Ustedes brasileños seguren los canzoncillos que ahí viene la Celeste". Os uruguaios aplaudem, assoobiando, gritando, batendo nas mesas. Os brasileiros xingam, jogam bolas de papel no bêbado, que faz um gesto obscuro para os frequentadores do bar e sai. Dentro do bar, continuam as apostas, os gritos, os palavrões e as ameaças. E assim em tôdas as ruas que ligam os

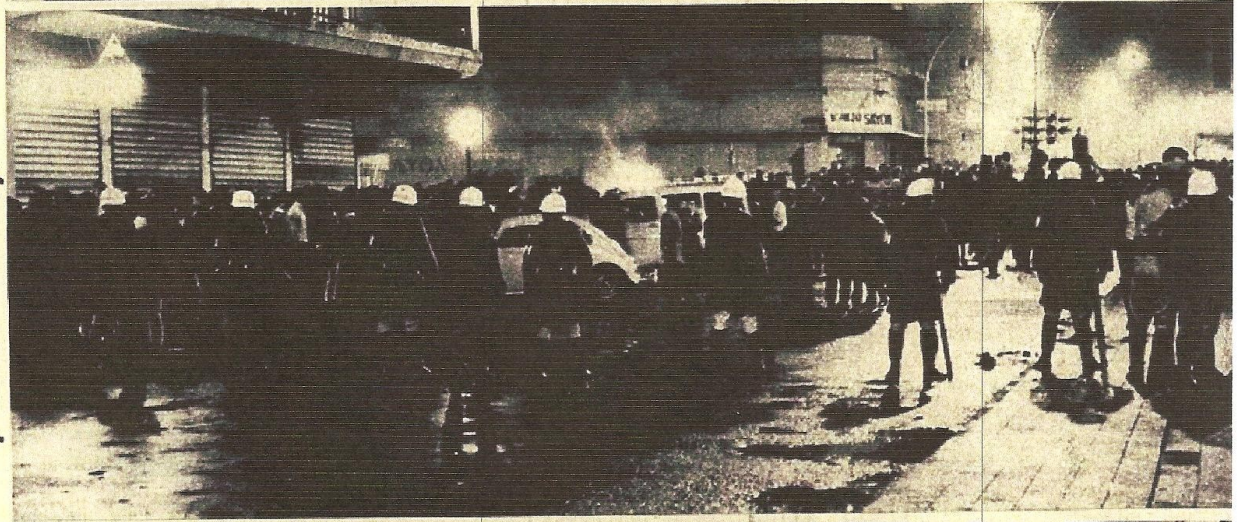
cedores saírem de um em um. Tomaram a bandeira de Mauro. "Acho que foi melhor, senão podia dar uma bruta confusão", diz ele, indo juntar-se aos torcedores que começam a chegar dos bairros para o Largo Internacional. Mas quando o carnaval esquenta — as quatro escolas de samba da cidade estão na rua —, Mauro volta a insistir. "Vamos invadir, vamos invadir." A massa obedece e começa a mover-se em direção à barreira de policiais que guardam o largo. Os policiais apontam as baionetas caladas para os que vêm na frente e é visível a sua preocupação de não fincar a baioneta em ninguém. Um rapaz veio correndo em direção a um dos soldados e este desviou a baioneta. Isso encorajou a multidão, que avançou. O comandante Leô manda pedir auxílio ao Corpo de Bombeiros, e os ânimos acalmam-se. Um senhor de uns quarenta anos chega diante dos soldados chorando e se ajoelha: "Pelo amor de Deus, eu esperei vinte anos por isso. Deixe eu passar, só

locou-se em posição de sentido, sendo seguido pelos demais. Uma salva de palmas ao término do hino deu ao ambiente um toque ainda mais cerimonioso. Parecia até que se ia assistir a uma ópera. Havia mesmo uma senhora de máxi-mantô branco, de brocado e sofisticadamente penteada — para ver o jogo pela televisão. O General Fortes, o Prefeito Telmo Thompson Flôres, seu amigo Valdemar Magadan, o Coronel Jaime Mariath — secretário da Segurança — e o bispo auxiliar compunham as primeiras fileiras de uma seleta assistência de cem pessoas. No começo, a torcida era comedida. Pouco a pouco, a cada lance mais disputado, nem mesmo o General Borges Fortes pôde manter uma atitude formal de entusiasmo. Constantemente passava as mãos nervosas pela cabeça. Na hora do primeiro gol, o primeiro a levantar-se da cadeira foi o comandante do III Exército — mas, já meio de pé, lembrando-se talvez do seu posto, voltou rapidamente a sentar-se. Para em



A ESPERA — Bandeiras da Seleção em Montevideu e a esperança no cartaz, antes de começar o jogo. Depois da vitória dos brasileiros, em Santana do Livramento, na fronteira (foto grande, abaixo), os soldados tentaram evitar brigas como as de 1950 e cercaram a rua que divide Brasil e Uruguai

FOTOS DE ASSIS HOFFMAN



A INVASÃO — Ao lado, em Livramento, os brasileiros, bandeira verde-amarela à frente, tentam invadir o Uruguai, na rua comum aos dois países, para vingar as humilhações de 1950. Os soldados, porém, contêm os invasores. Acima, alguns dos quarenta soldados uruguaios que reforçaram o policiamento da cidade

seguida levantar-se de uma vez e abraçar-se a Thompson, Magadan e Mariath, que pulavam, vermelhos como pimentões: "Gol, gol, Brasil, Brasil". No intervalo, a direção da TV ofereceu cerveja, guaraná e salgadinhos. Praticamente ninguém comentava o fato de se estar vendo TV a cores. No segundo tempo, o refinamento do ambiente já se tinha transformado e bombinhas estouravam pelos corredores da Difusora.

Os uruguaios — Também longe da fronteira, em Montevidéu, outro enviado especial de VEJA, Paulo Totti, chefe da sucursal de Porto Alegre, verificava: "Fue en una tarde gris" que o povo uruguaio se havia preparado quarta-feira para assistir por dois canais de televisão e seis emissoras de rádio ao jogo Brasil x Uruguai. "Maracanazo" era a palavra mais em uso na imprensa e na memória desse povo que, por ter ainda menos heróis e glórias que o Brasil, encontra qua-

bando de ciganos, fazendo-a mudar três vezes de local, "numa insistência muito simpática, mas suspeita, para que cheguemos a conhecer o México de norte a sul e de leste a oeste" — era o que mandavam dizer os correspondentes (mais de quarenta) dos jornais e rádios uruguaios no México. As manchetes da quarta-feira: "La historia se repetirá: seremos once Obdulios", de "Acción"; e "Uruguay juega hoy contra Brasil y toda la FIFA", oito colunas em azul-celeste de "La Mañana". Antonio García Pinto, colunista de "El Día", lembrava: "Há que forçar-lhes o amor próprio, recordarlhes coisas que passaram. Façanhas que se fizeram por amor à glória e não ao dinheiro...", numa referência aos protestos dos jogadores contra as diárias de 5 dólares que a direção da Seleção lhes quis oferecer. Tal como no Brasil, se procuravam agouros e presságios. Chetto Pellicari, 67 anos, locutor da Copa de 1950 para a Radio Sport, hoje comen-

banco do governo, levando-os até a caixa-forte de uma agência, de onde fugiram com 7 milhões de pesos, sem deixar pistas.

A tristeza — Às 19 horas, quando o jogo começou, estava todo mundo em casa. Na 18 de Julio, só alguns populares diante de poucas casas comerciais que deixaram os televisores ligados nas vitrinas. Foi providenciada urgentemente uma usina auxiliar para fornecer mais 350 000 quilowatts à cidade, diante do grande uso dos televisores. A venda dos aparelhos, após o jogo com a URSS, subiu 50%.

Depois do jogo, as pessoas passavam sem sorrisos, caminhavam apressadas, protegendo-se do frio e da chuva. Mas os uruguaios são um povo esportivo. Torcem como fanáticos, desesperadamente, opõem uma vontade de vencer a qualquer processo racional que lhes mostre que não têm condições de vencer, mas



Jornais uruguaios: uma grande tristeza misturada a muita dignidade no reconhecimento da derrota — e o natural protesto

se exclusivamente no futebol uma grande oportunidade de afirmação internacional. "Los otros tienen mejor delantera, pero nosotros tenemos una grande defensa. Además, somos los olímpicos y vestimos la celeste", dizem ou pensam as 3 200 pessoas que, nessa tarde de chuva e frio de 18 graus, na Plaza Libertad compraram todas as bandeirinhas listradas de azul e branco que lhes ofereciam por 150 pesos (uns 3 cruzeiros), sob um cartaz "Uruguay, campeón del mundo, 1950 y 1970".

Dessa vez, a Seleção do Uruguai tinha saído para o México sem grandes esperanças, com pouco tempo de preparo. E ainda perdeu Rocha, contundido no primeiro jogo. No domingo, porém, o Uruguai derrotava a URSS. "Derrotar um país como a URSS, para nós uruguaios, só será possível em futebol" — diz Antonio Mercader Urvoy, redator do vespertino "El Diario". O otimismo aumentava e surgiram os protestos. Stanley Rous transformou a equipe oriental num

tarista da Radio Carve, afirmou a Paulo Totti: "Mira... em 1924 não existia rádio e a gente acompanhava os jogos olímpicos de Paris na frente das redações dos jornais. Vinha um telegrama descrevendo o jogo e um funcionário, com um megafone, gritava para a rua: 'Ataca ahora la Argentina'. Ou então: 'Ataca Uruguay'. E, finalmente: 'Gol de Uruguay, Uruguay es campeón olímpico'. Veja, naquela tarde de 1924 chovia e fazia frio" — disse êle, apontando para a rua —, "estaba una tarde tan gris como hoy". As 5 da tarde — o horário é o mesmo do Brasil — a Avenida 18 de Julio foi ficando deserta. As escolas e as lojas fecharam. Os deputados deviam discutir a reformulação dos aluguéis, mas nem Câmara nem Senado abriram. E os jornais, no dia do jogo, nem deram notícias dos "innombrables" — os guerreiros tupamaros, cujos nomes não podem ser publicados. Embora êles, no dia anterior, tivessem ido às 6 da manhã às casas de dois altos funcionários de um

reconhecem a derrota no final e cumprimentam o vencedor. "Ustedes son brasileños?", pergunta o policial de farda azul, na esquina de Mercedes e Rio Branco: "Entonces, mis cumplimientos. 'Chairsinho' es aún mejor que Pelé".

Em 1950, nós dizíamos que éramos melhores do que êles. Depois do jogo, nem sabíamos onde estávamos. "Não sei como fui parar em Niterói. Não me lembro de ter pegado a barca", contou Zizinho. Antes, depois de Gigghia ter marcado seu gol, um silêncio de entêrro monumental tinha tomado conta do Maracanã e de todo o país. Por um momento, uma voz possante o interrompeu: "Isso é uma mentira. Estamos sonhando", gritou na arquibancada o barítono Valdir de Perrota. Mas era um pesadelo. Durante vinte anos, os uruguaios alimentaram o mito desse, para êles, sonho maravilhosamente real. Agora, êles perderam o seu triunfo. Talvez já tenham sido tão bons quanto nós, mas não são mais e sabem disso.

Anexo 23 – ***A taça do futebol de ouro*** de 24.06.1970

A taca do futebol de ouro

O último capítulo da Copa Jules Rimet foi escrito pela Seleção Brasileira na Cidade do México, domingo, dia 21 de junho de 1970. Campeão mundial de futebol, ao derrotar na final a Seleção Italiana por 4 a 1 (confirmando o palpite do Presidente Garrastazu Medici), depois de vencer em 1958 e 1962, o Brasil fica com a Copa para sempre. Este capítulo de encerramento é um sutilíssimo golpe de cena no fim de uma longa história.

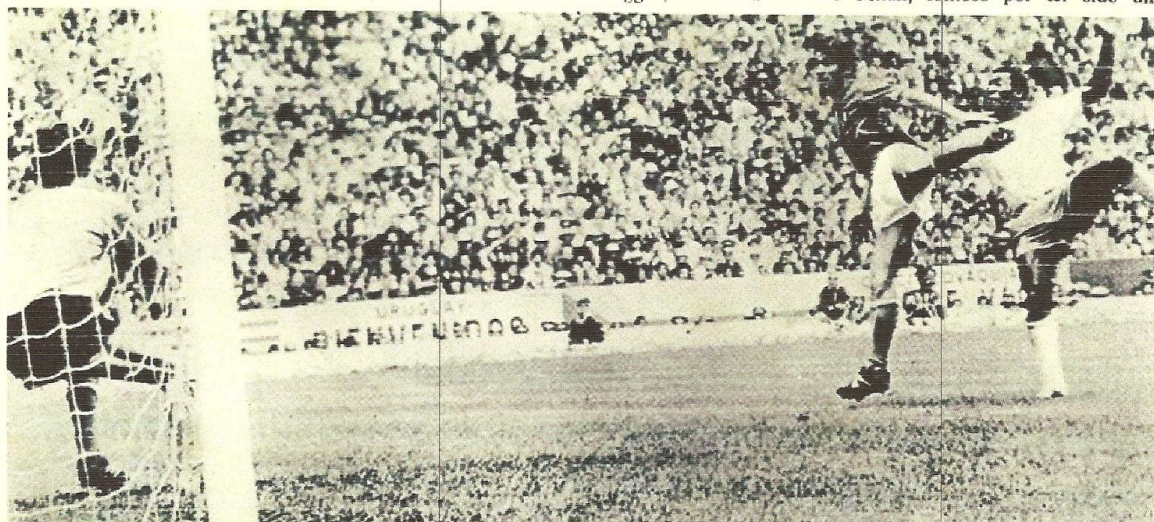
A surpresa não está na vitória do Brasil, indiscutivelmente o melhor, mas na vitória de um maravilhoso futebol ofensivo, depois do predomínio cada vez mais acentuado, nos últimos oito anos,

do primeiro tempo, o Brasil fez o seu gol; porém, mais do que isso, deu a entender que havia encontrado o caminho para outros e para a vitória. A jogada saiu pela esquerda, num arremesso lateral de Tostão para Rivelino. Este suspendeu na área, até a admirável cabeçada de Pelé. Depois do gol, Jairzinho foi para a esquerda, porque era pela esquerda que haveria de abrir-se o caminho, era aquele o lado certo para vulnerar a defesa italiana e o ponteiro, pela direita, nas únicas três oportunidades de duelo com o seu marcador Facchetti, tinha levado a pior.

Mas Facchetti, obediente aos esquemas do técnico Valcareggi ("Nós olha-

das preocupações defensivas, e no estilo clássico do futebol brasileiro, feito de dribles que desorganizam a marcação homem a homem. O tempo de que o Brasil precisou para vencer a Itália, da marcação impiedosa e da "catimba" operística, foi aquele que passou até a descoberta afinal muito simples: era necessário jogar à brasileira. Com dribles curtos, os avantes do Brasil tiravam da jogada os seus marcadores, obrigando o excelente líbero Cera a se deslocar e a abrir o compacto esquema defensivo italiano.

Desde os tempos em que Trapattoni, o líbero de outras seleções italianas e do Milan, famoso por ter sido um



Pelé toca o chão depois de vencer no salto e jogar a bola de cabeça para além da linha de Albertosi: Brasil, 1 a 0

do futebol das retrancas e das defesas cerradas.

Pouco tempo — De quanto tempo precisa um time de excelente ataque contra um adversário que marca homem a homem e conhece a fundo a arte da "catimba"? Pareceu que dezenove minutos fossem suficientes. Aos 19 minutos

** Artíficos legais praticados com o objetivo de atrasar o jogo, irritar o adversário, obter comiseração do juiz ou simpatia da torcida. Podem ser dos seguintes tipos: forjar contusão, demorar a executar penalidades, gesticular exageradamente ou reivindicar com insistência o que, claramente, deve ser cobrado pelo adversário.*

mas apenas para o homem que marcamos e o acompanhamos aonde ele for", foi para a esquerda, para não abandonar Jair. E o caminho, que parecia aberto, continuou fechado. O time italiano não perdeu a sua estrutura e a sua disposição. Tecnicamente inferior ao brasileiro, é um time dono tão-somente de uma tática que o faz muito sólido na defesa, e no ataque o deixa à espera de alguma falha da defesa adversária. E a defesa brasileira no primeiro tempo teve três, uma de Brito e duas de Clodoaldo. A segunda de Clodoaldo deu o gol à Itália (veja a página 48).

Muitos gols — Mas o caminho do gol não estava nem na direita nem na esquerda. O caminho da vitória estava nas arrancadas de Gérson, sôlto de exagera-

grande marcador de Pelé, neutralizava o ataque brasileiro (do Santos e até da própria Seleção), o Brasil não conseguia descobrir a chave de uma máquina muito bem montada. Domingo, na Cidade do México, descobriu. Dessa demorada descoberta vieram os três gols do segundo tempo e, com a defesa italiana desmontada, Carlos Alberto e Everaldo, os dois laterais brasileiros, transformaram-se em atacantes, para surpreender os adversários e impor, definitivamente, um domínio total. Criadas essas condições, Jairzinho, de novo na direita, cresceu no final e conseguiu passar três vezes por Facchetti, tôdas em jogadas perigosas; a defesa tranqüilizou-se e não repetiu as falhas do primeiro tempo; e Pelé mostrou que até mesmo na maliciosa arte da "catimba" éle é o rei. **O**

Anexo 24 – ***Futebol de exceção*** de 24.06.1970



FOTOS DE LEONAR MARTINS

Euforia, emoção, choro: Jairzinho, logo depois do seu gol contra os uruguayos, o segundo do Brasil

Futebol de exceção

Impressionado com as vitórias brasileiras, o jornalista espanhol Pedro Escartín, 68 anos, ex-juíz de futebol, teve esta frase no reservado de imprensa do Estádio Jalisco: "O Brasil nos comove porque joga um futebol de exceção". Escartín se referia à insistência com que a Seleção Brasileira procura o gol, numa época marcada pelo jogo defensivo. Mas a frase vale também em relação ao próprio futebol brasileiro; a Seleção que veio ao México não mostra o futebol que se joga atualmente no Brasil. O esporte que a Seleção Brasileira exibiu no México foi verdadeiramente um futebol de exceção. Um futebol para consumo restrito do Mundial. Não há nenhum time brasileiro que jogue como o Brasil. Uma Seleção deve ser sempre a melhor amostra do futebol de um país. Mas, enquanto a Inglaterra foi o retrato autêntico do atual futebol inglês e a Itália também um retrato autêntico do atual futebol italiano, o Brasil teve pouco do atual futebol brasileiro.

Claro que todo país que ganha uma Copa acaba estabelecendo normas e in-

fluenciando o resto do mundo. A vitória da Inglaterra em 1966 foi a exaltação da defesa. E nem o Brasil pôde se ver livre desta influência. Surgiram as cópias verde-amarelas do jogo sem ataque, que esvaziaram estádios e colocaram muitos clubes em situação de icada. Para estabelecer o futebol defensivo, fez-se uma operação matemática simples: mais jogadores na defesa, menos no ataque. Porque os treinadores brasileiros ainda dividem um time de futebol em ataque e defesa.

Provavelmente teria sido mais inteligente procurar copiar (ou adaptar) métodos de treinamento físico, preparação específica para os jogadores de acordo com suas funções em campo. E, apesar da feia derrota de Liverpool em 1966, ainda resiste a idéia de que futebol é mesmo com brasileiro, e ninguém mais.

A nova mentalidade — A Seleção que veio ao México, porém, está muito longe de representar esse quadro de tintas não muito amenas. Ela está pelo menos quatro anos à frente do próprio futebol

brasileiro, tanto na organização tática como na mentalidade. Um exemplo dessa nova mentalidade: em Guanajuato os próprios jogadores (Carlos Alberto, Gerson e Pelé) se encarregaram de fazer uma severa advertência a Marco Antônio, Edu, Everaldo e Paulo César, que não estavam mostrando muita responsabilidade pela Copa. Frase de Pelé: "Vocês precisam entender que nós temos que ganhar esta Copa de todo jeito. Ou pelo menos tirar uma classificação digna, pois disso depende não apenas o de vocês, mas o futuro de todos os jogadores brasileiros. Por isso, quem veio até aqui tem que colaborar".

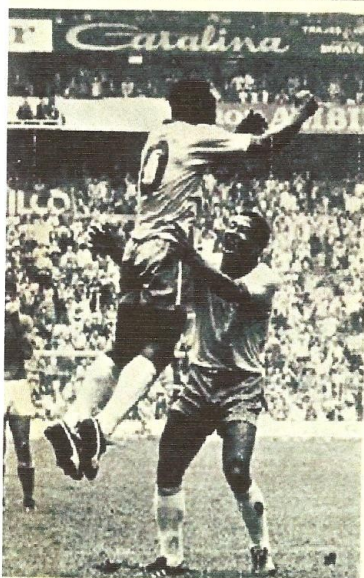
Na parte tática, Zagalo não fez nenhum milagre. Apenas adaptou à sua concepção um esquema que praticamente já existia desde o tempo de Saldanha. O que coloca essa Seleção à frente do futebol brasileiro são as novas funções que os próprios jogadores se atribuíram, como a disposição permanente de bri-

continua na página 54

Nas duas páginas seguintes, as fotos da vitória que levou a Seleção Brasileira à final da Copa: os 3 a 1 contra os uruguayos



Facchetti segura o braço de Jairzinho, mas Albertosi já saltou para o lado errado e a bola vai na direção do gol, no desempate do jogo



Detalhe do gol de Jairzinho (à direita): o capitão da Itália, Facchetti, faz um inútil esforço, mas a festa já está no rosto de Jair



Pelé salta para abraçar Jairzinho depois de marcar, numa cabeçada perfeita, o primeiro gol. O lance nasceu num cruzamento de Rivellino

FOTOS AP

Entre Boninsegna (caindo) e Cera, Gérson chuta para marcar o segundo gol do Brasil, abrindo o caminho da vitória aos 21' do 2.º tempo





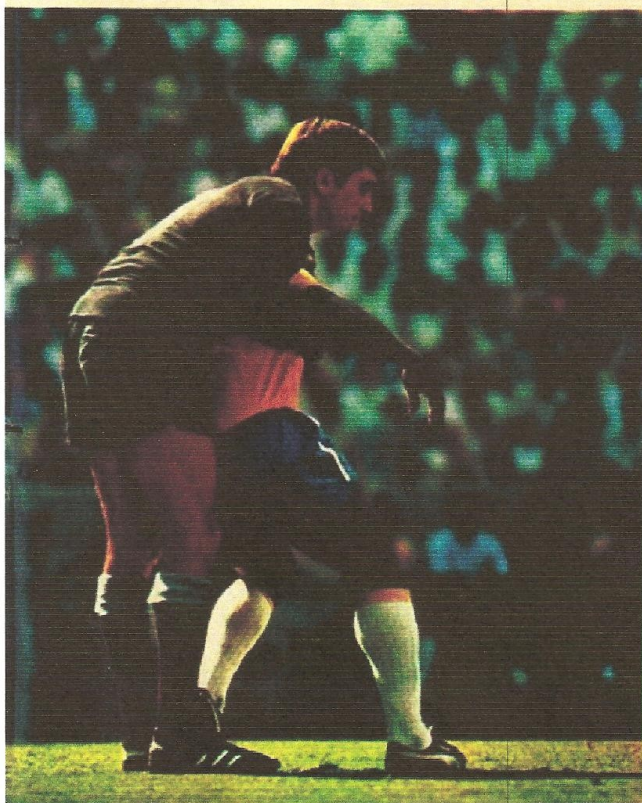
Gérson, uma fraca presença contra o Uruguai, num choque com Ubiñas. Abaixo, Pelé, que voltou a mostrar o seu futebol fantástico, olha a bola desviada do gol certo, no último instante, por Montero Castillo



FOTOS DE SEBASTIÃO MARINHO E LEANDR MARTINS

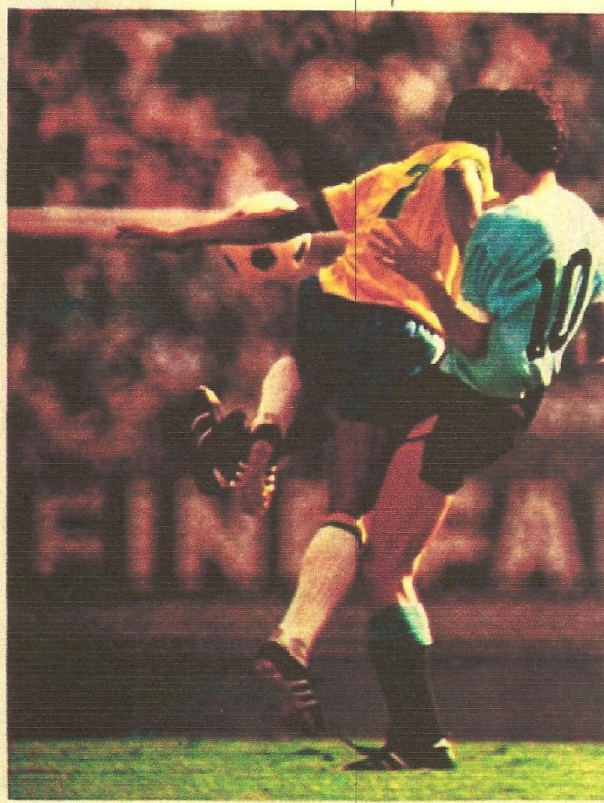


Com um futebol explosivo, Jair foi a grande revelação brasileira na IX Copa do Mundo. Para detê-lo, os adversários (como os uruguaios, na foto) apelaram sempre para a violência



Na guerra da Copa, o cavalheirismo: Mazurkiewicz, o extraordinário goleiro uruguaio, ajuda Pelé a levantar-se

24/6/70



Tática uruguaia: derrubar Jair (Ma-neiro) e marcação cerrada sobre Gér-son (Cortés), Resultado: Brasil, 3 a 1

53



Pelé chuta, Pelé caminha, Pelé cai, Pelé avança. Contra os romenos, ele foi o mesmo Pelé a quem, após o jogo contra os checos, o "Daily Sketch", de Londres, se referiu entusiasmado como "um ator que representa muitos papéis, sendo o principal deles o de um mágico"

FOTOS DE GENYAL ANTONIO PEREIRA



continuação da página 51

gar pela bola. Esquemáticamente, o Brasil é um time que joga no 4-3-3, mas qualquer numeração desaparece, por exemplo, quando se vê o time todo se defendendo na hora em que está sendo atacado.

Além disso, essa Seleção definiu um novo conceito de velocidade, fundamental para o futebol moderno. Até agora, acreditava-se que a velocidade do jogo é a velocidade da bola. A atual Seleção está provando que a velocidade do jogo é a velocidade do jogador (inclusive quando ele não está com a bola). Exemplo: os jogadores que determinam a velocidade do time brasileiro são Gérson e Tostão. Enquanto Gérson retém a bola (aparentemente tirando velocidade do jogo), Tostão se movimenta, atraindo adversários, criando espaços para as entradas de Pelé, Rivelino e Jair. E leva uma grande vantagem sobre o antigo conceito de velocidade: a bola só é lançada quando o jogador que vai recebê-la tem pelo menos 60% ou 70% de possibilidades de ganhar o lance. Enquanto no jogo de velocidade feito sem esta precaução há uma margem muito grande para bolas divididas.

Esta Seleção deve também valorizar definitivamente um lado sempre esquecido dentro do futebol brasileiro: a preparação física. Nunca uma Seleção se preparou tão bem como agora. O próprio Pelé reconhece que jamais esteve tão bem em toda a sua carreira. E Gérson, que nunca se esmerou em treinamento físico, foi sempre um dos mais entusiasmados. A prova do valor dessa preparação está nesta frase do goleiro Leão, segundo reserva de Félix: "Quando chegar ao Brasil, vou exigir que o Palmeiras me dê este mesmo tipo de treinamento".



Pelé: seriedade contra o Uruguai

Os onze homens

Do Brasil eles partiram humilhados, carregando uma herança recente de desconfiança e uma bagagem amarga de críticas, vaias e quase desprezo. Do México, eles saem como os heróis maiores de um povo que os aceitou esperançoso de sucessos e, por isso mesmo, se determinou a apoiá-los. Agora, esses homens começam sua viagem de volta, seguros de terem executado seu trabalho com consciência e vontade. No fundo, sua mentalidade e comportamento não se transformaram nestes cinquenta dias de aventuras mexicanas. Pois todos chegaram a Guanajuato, nos primeiros dias de maio, com seu objetivo principal claramente definido — disputar a Copa do Mundo até o seu fim. E o conseguiram.

Aqui, o editor-assistente de "Vida Moderna", de VEJA, Sílvio Lancelotti, mostra os onze jogadores que formaram o time principal do Brasil nos campos do México.

FÉLIX MIELLI VENERANDO, 32 anos, 1,78 de altura, 70 quilos. Alternando algumas defesas excepcionais com falhas assustadoras, ele próprio reconhece que não foi o ideal nesta Copa para a posição que teve Barbosa, Gilmar e Castilho. Reconhece mesmo que os inexperientes Ado e Leão talvez fossem mais hábeis. No entanto, ninguém poderá criticá-lo por falta de esforço e vontade. Durante os treinamentos dos brasileiros no fechado Clube Providência de Guadalajara (piscina, sauna, bar, boate, quadras de tênis e um ótimo campo de futebol), ele sempre exigiu de Admildo Chirol o melhor dos preparos. Sem luvas ("Não gosto de usá-las mesmo com chuva"), o corpo magro e desajeitado deslizando levemente no ar, Félix garantiu a confiança do técnico Zagalo — e o posto de titular. E ganhou a certeza de haver se comportado como um dos mais esforçados jogadores da Seleção Brasileira. Sua única queixa: "Por melhores que sejam as defesas que eu faça, só falam de minhas falhas".

CARLOS ALBERTO TÓRRES, 25 anos, 1,80, 75 quilos. Um começo indeciso, mas com uma ascensão progressiva e tranquilizadora, o capitão brasileiro estruturou nossa insegura defesa. De maíó vermelho, tomando sol sobre as lajotas de pedra que circundavam a piscina oval do Suites Caribe, Carlos Alberto confessa seu nervosismo no primeiro jogo: "Uma estréia em Copa do Mundo assusta qualquer jogador. Depois que o Rivelino marcou nosso primeiro gol, ficou tudo muito fácil". De fato, hoje, quase

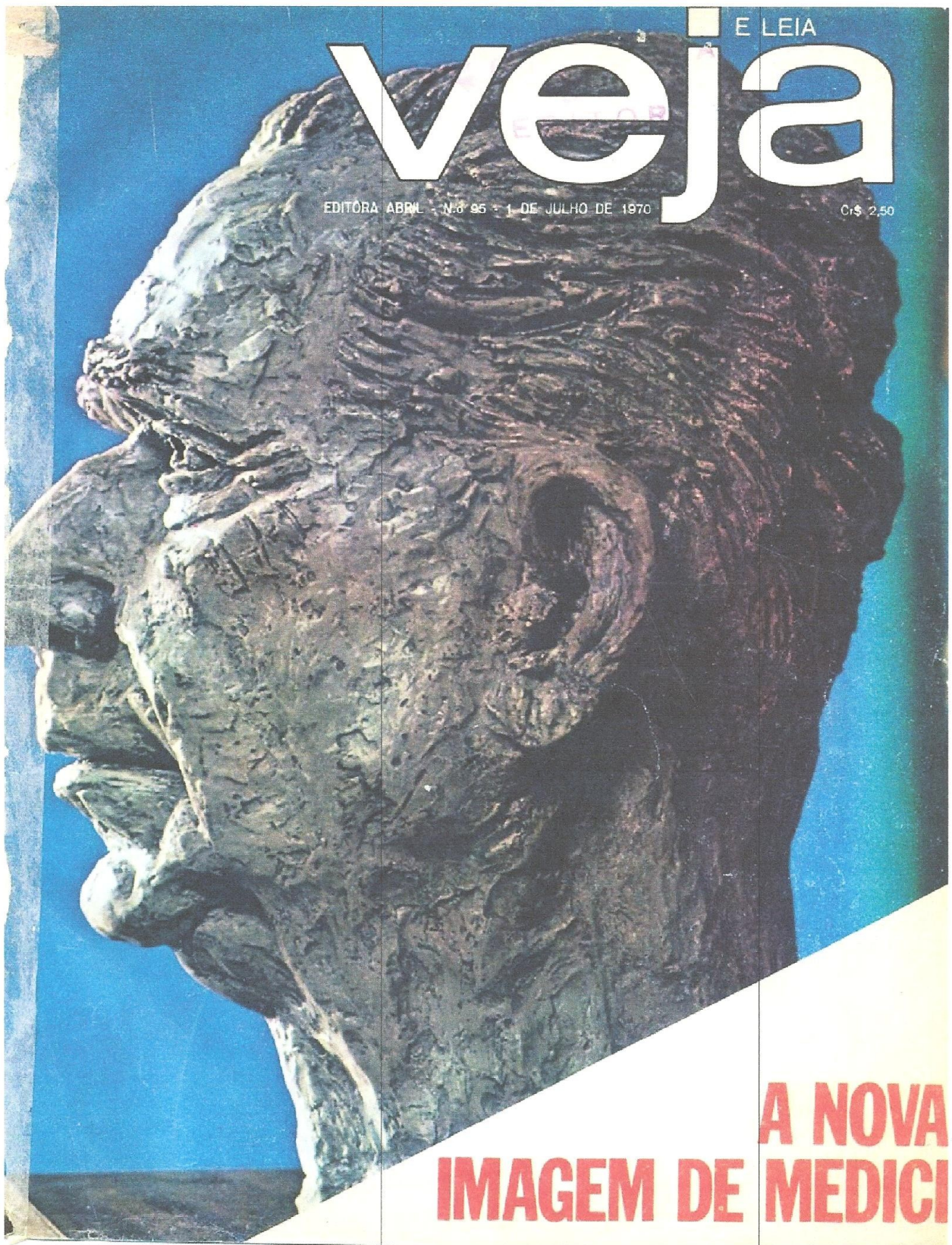
todos os jornalistas entrevistados por uma agência internacional de notícias já acham que ele foi, com o italiano Burgnich, o checo Dobias e o uruguaio Ubiñas, um dos melhores laterais direitos da Copa.

HÉRCULES BRITO RUAS, 31 anos, 1,76 de altura, 74 quilos. Sempre sorridente, as mãos enormes marcando o ritmo brusco de suas passadas, o eco surdo de sua voz rouca repercutindo nas paredes brancas do Suites Caribe ou nos corredores estreitos que ligam os vestiários ao campo do Estádio Jalisco, Brito se destacou, em primeiro lugar, como o homem mais agitado e mais ruidoso da delegação do Brasil. Nos degraus do confortável ônibus que o Comitê Organizador da Copa cedeu ao Brasil (sempre cercado por garotos e garotas caçadores de autógrafos), ou liderando as batucadas diárias no restaurante da concentração, sua figura sobressaía imediatamente, como dentro do campo, pela vitalidade, enorme capacidade física e surpreendente disposição para o combate.

WILSON DA SILVA PIAZZA, 27 anos, 1,76, 71 quilos. Nenhum membro de delegação brasileira poderá anotar, nestes cinco meses de convivência, um momento mais nervoso, um gesto de raiva ou uma palavra de repreensão no comportamento de Piazza. De fala macia, os dentes saltados marcando o seu riso constante, ele explica sua tranqüilidade pelo temperamento típico do mineiro: "Nasci assim e vou morrer assim". Jogador de meio de campo, chegou ao fim da Copa tão bem como quarto zagueiro, que o seu companheiro de clube, Fontana, prometeu pedir ao técnico do Cruzeiro de Belo Horizonte para mudar de posição: "Agora o Jacaré não sai mais da área. Eu vou ter que jogar no meio de campo, se não quiser ser reserva".

EVERALDO MARQUES DA SILVA, 25 anos, 1,72, 67 quilos. Solitário e calado. Sempre afastado das brincadeiras habituais dos jogadores brasileiros e isolado dos repórteres e fotógrafos, Everaldo já foi confundido pelos mexicanos com Nocaute Jack, o auxiliar do massagista Mário Américo. Raramente saiu de seu quarto durante as "janelas" — tempo que a chefia da delegação concedia à imprensa duas vezes por semana. "Eu nunca o vi sorrindo" — comentou um companheiro da Seleção. No entanto, por seu futebol sério, duro e impecável, Everaldo ganhou lugar entre os melhores laterais esquerdos desta Copa, ao lado do italia-

Anexo 25 – ***A NOVA IMAGEM DE MEDICI*** de 01.07.1970



E LEIA

veja

EDITORA ABRIL - Nº 95 - 1 DE JULHO DE 1970

Cr\$ 2,50

**A NOVA
IMAGEM DE MEDICI**

Anexo 26 – ***Carta ao leitor*** de 01.07.1970



Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
 Diretores: Edgard de Sílvia Faria
 Gordiano Rossi
 Richard Oveas
 Roberto Civita

Conselho Editorial: Edgard de Sílvia Faria, Hernani Donato,
 Luis Carta, Mino Carta, Odylo Costa, filho, Roberto Civita,
 Victor Civita

veja

Revista Semanal de Informação

REDAÇÃO

Diretor
 Mino Carta

Redatores-chefes: José Roberto Guzzo, Sérgio Pompeu
 Editores: Bernardo Kucinski, Raimundo Rodrigues Pereira, Sebastião Rubens Gomes Pinto, Ulysses Alves de Souza
 Secretário de Redação: Henrique Cabán
 Chefe de Arte: George S. J. Duque Estrada
 Subsecretário de Redação: Sílvia Sena
 Edições Assistidas: Almir Galardini, Antônio E. Teixeira, Carmo Chaves, Orrir Horazin, Elia Gaspari, Geraldo Mayrink, J. Salomão D. Amorim, José Ramos Tinhorão, K. Matsumoto, Leo Olsson Ribeiro, Luis Adolfo Pinheiro, Michel Cavetta, Paulo Henrique Amorim, Renato Norouze, Roberto Pereira, Sérgio Oyarun, Sérgio Lancelotti
 Repórteres Especiais: Alico Gama, Armando Salem, Dirceu Brícola, Fernando Seneado, Hélio Gama Filho, Nilo Martins, Octávio Ribeiro, Telvani Guedes
 Redatores: Antonio C. Augusto, Calomar Smith de Vasconcelos, Harry Luis Hertz Schoeller, Italo Tronca, Maria da Penha Della, Norma Freire, Pedro Cavalcanti, Târik de Sousa
 Repórteres: Anthony de Christo, Eda Maria Romão, Eliana Machado, Eimar Rones, Guilherme Veloso, J. A. Dias Lopes, Nelson Pedro Gandara
 Fotógrafos: Amilton Vieira, Carlos Namba, Geraldo Guimarães, Máximo Kishi
 Arte: Ademar Assaoka, Américo Ietto Filho, Hélio de Almeida, José Bigetti, Pedro de Oliveira
 Produtor: Alexandre Daura Coelho, Carilto Nucci, Maurício Senassato, Octavio Yamashita
 Colaboradores: Investimentos: Alcyrio Biondi; Livros: Bruna Bencucci; Medicina: Imany Novah Moraes

Bureau

Rio - Chefe de Redação: Nelson Silva / Repórteres: Bernardo de Mendonça, Danubio Rodrigues, Gastão F. Fatusco Filho, Iamar Cardona Machado, Marcos de Sá Correa, Maria Helena Dutra, Davaldo Amorim, S. Proença Leitão, Sílvia Távora / Fotógrafos: Achemar Veneziano, Antônio Andrade - Rua do Passado, 56, 8.º andar, 222-8885, Telex: 811451 - Brasília - Diretor: Pompeu de Souza / Luis Guttemberg (chefe) / Evandro Parangassu, J. Carlos Bårdawi, Luis Humberto (fotógrafo) - Ed. Central, salas 1201 e 1202 - Setor Comercial Sul, fones: 43-4800, 43-4899, 43-4823, 43-4898, Telex: 041-254 - Belo Horizonte - Alberico Souza Cruz (chefe) / Geraldo Augusto dos Reis - R. Espírito Santo, 460, salas 777 e 708, fones: 22-3720, Telex: 037-224 - Pernambuco - Paulo Totti (chefe) / Gilberto Faullet / Assis Hoffmann (fotógrafo) - Av. Otávio Rocha, 115, sala 511, fones: 24-4825 e 24-4778 - Recife - Roman S. Minetti (chefe) / Franklin Campos José Saffioti Filho, Paulo Sotero / Clodomir Bezerra (fotógrafo) - R. da Condição, 103 - Ed. Didade de São Salvador, salas 502 e 503, fones: 4-8657 - Salvador - Edgar M. Castro - Nova York - Luiz Garcia - 11 W. 42nd Street, Telex: 423-063 Paris - Alessandro Porro

Serviços Editoriais

Diretor: Roger Karmay / Documentação: Antonio Zago, Carmen Crady, Celso Ming, Dilcio Covizzi, Irene A. Cardoso, João Guizzo, José Carlos Kloury, Luna Alkalay, Maria Regina Viana, Ubirajara Forte / Serviços Fotográficos: Francisco Albuquerque (gerente), Jussá Leito (operador), Jorge Bortolan, Rogério de Oliveira, João Batista Perito (fotógrafos) / Cartografia: Francisco Beltran (gerente) / Abril Press: Samuel Dirceu (gerente)

Serviços Internacionais

Newswatch/Paris-Match/Associated Press/Matéria Internacional via Varig e Air France

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Diretor Comercial: Haroldo Bariani
 Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira
 Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
 Gerente Comercial: Oscar Delucci
 Gerente de Promoções: Sérgio B. Rosa
 Gerente de Publicidade, Rio: Ricardo Tadei
 Representantes: São Paulo: Clodineir Caffagni, L. A. R. Frota, Paulo Dias Pini, Páriso Brati Piani / Rio: Leopoldo Amorim / Porto Alegre: Roberto Molino (gerente) e Elciano Engel / Belo Horizonte: Sérgio Porto / Curitiba: Edison Helm / Recife: Antônio Lya Filho / Brasília: Luiz Edgar Tostes

Diretor de Publicidade Internacional: L. Bilyk
 Diretor de Relações Públicas: Hernani Donato
 Diretor, Rio: André Raccach
 Diretor de Produção: Arno Langner
 Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco de Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Sílvia Faria

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, fones: 266-0011, Telex: 0211533 / Publicidade e Correspondência: Rua João Abade, 118, 1.º andar, fones: 2291422 / Administração: R. Emilio Goeldi, 573, São Paulo / Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A.
 Preço: exemplar avulso - Cr\$ 1,50 (preço de Cr\$ 0,98 para porte registrado, suportes e Cr\$ 0,38 para porte aéreo, em todo o Brasil). Assinaturas anuais - Cr\$ 65,00 (preço de Cr\$ 2,08 para porte registrado superficial e de Cr\$ 0,38 para porte registrado aéreo). Para assinaturas anuais esses valores deverão ser dobrados. Nenhuma pessoa está autorizada a angariar assinaturas desta publicação. Se for procurado por alguém, denuncie às autoridades locais. Números criados: Rio de Janeiro, Rua Bacondora, Cabral, 141, São Paulo, Rua Brigadeiro Tobias, 773, P.O. Caixa Postal 7961 / Todos os direitos reservados. / Impressa nas oficinas de Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo

1/7/70

Carta ao leitor

As alterações da vida política acontecem quase sempre debaixo de pomposos discursos e de sibilinos cochichos. Os personagens dessa vida difícil são quase sempre cautelosos e os resultados aparecem às vezes em pequenas proporções. Na semana passada, porém, o surgimento de uma peça imprevisível e idôlatrada que agiu sobre o povo e o governo com poderes praticamente mágicos alterou com uma intensidade fora dos padrões convencionais os rumos do jogo político e propôs novamente, em termos inéditos, o importante problema da popularidade de um governo revolucionário. Esse estranho agente da felicidade coletiva foi uma estatueta de ouro: a Taça Jules Rimet. Sua chegada a Brasília provocou o alegre encontro, num só aplauso, da multidão com o General Garrastazu Medici. As reações populares e o júbilo governamental fizeram com que a imagem do presidente da República surgisse de uma forma inteiramente nova, buscada por todos há seis anos com muita persistência e algumas decepções. A pequena estatueta parece ter conseguido o êxito onde grandes planos e complicadas teorias falharam: o caminho da popularidade está aberto para o governo. A história e as imagens da chegada do símbolo mágico e das esperanças que ele estimula começam na página 18.

A escultura da capa é obra do artista romeno Ilie Gilbert, 49 anos, que a tra-

balhou primeiro em barro, passando o negativo em gesso para finalmente obter a única cópia em epoxy, uma resina sintética que permite soluções práticas e vibrantes.

As 8 horas da manhã de sábado, de um fulminante ataque cardíaco, morreu em Belo Horizonte o repórter de VEJA Geraldo Augusto dos Reis, 29 anos. Ele começara no jornalismo como locutor de esporte da Rádio Guarani de Belo Horizonte, há cerca de dez anos. Estêve no "Diário de Minas" até se inscrever, no início de 1968, no Curso de Jornalismo da Editora Abril. Era o único dos candidatos que se apresentava sem o trunfo do "curso superior" — mas isso não impediu que fosse aprovado. A seu pedido, foi designado para Belo Horizonte e, ainda em 1968, fazendo a cobertura da prisão de um grupo de padres franceses, mostrou as qualidades que confirmaria depois em dois anos de excelente trabalho, ao conseguir levantar preciosos elementos antes mesmo que a própria polícia.

Seus últimos três meses, diz Alberico Souza Cruz, chefe da sucursal de VEJA em Belo Horizonte, foram de total euforia, por vários motivos: o nascimento do seu primeiro filho (Claudinho), a compra de um apartamento próprio, a presença de Dario na Seleção e, finalmente, o tricampeonato.

M.C.

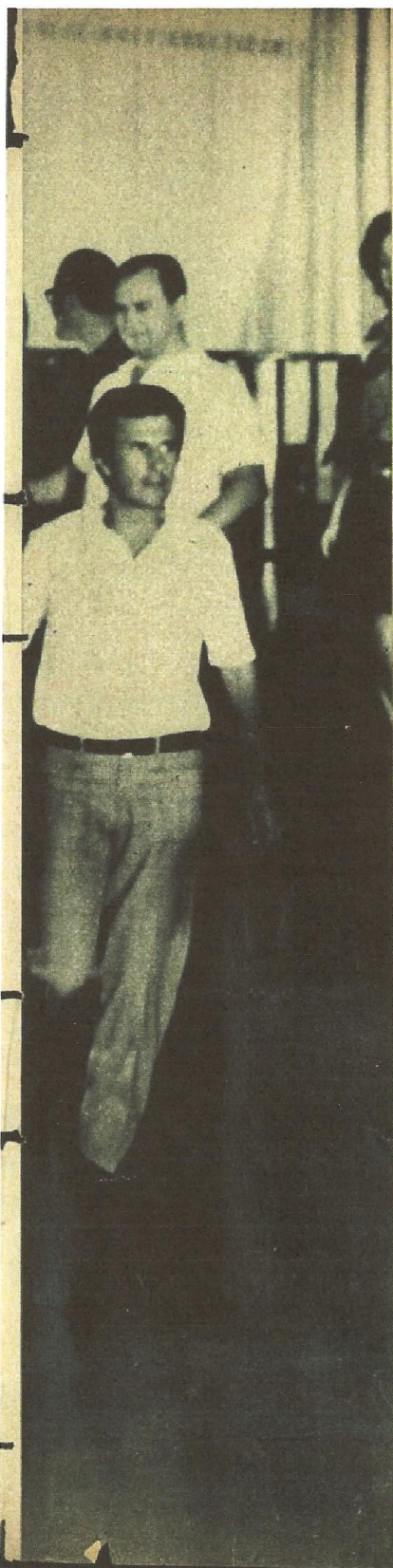
Índice

CAPA		18	
AMBIENTE	46	ESPORTE	66
APONTAMENTOS	14	GENTE	64
ARTES PLÁSTICAS	72	HUMOR	12
BRASIL	33	INTERNACIONAL	50
CARTAS	8	INVESTIMENTOS	79
CIÊNCIA	61	LIVROS	69
CINEMA	74	MÚSICA	76
DATAS	71	RELIGIÃO	63
ECONOMIA E NEGÓCIOS	39	TELEVISÃO	71
ENTREVISTA	3	VIDA MODERNA	48

17

Anexo 27 – ***A imagem do sucesso*** de 01.07.1970





ROBERTO STUCKERT

BRASIL

A imagem do sucesso

"Que é o governo? Nada, se não dispuser da opinião pública"

Napoleão Bonaparte

A chegada do presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici, ao Palácio do Planalto é sempre a repetição de um ritual solene. Seus principais assessores o aguardam ao pé da grande rampa de mármore branco e ele desce do carro enquanto a bandeira verde da Presidência (com o brasão da República no centro) é hasteada, ao som da banda do Batalhão de Guardas. Essa cerimônia está incluída no roteiro de algumas excursões turísticas de Brasília e sempre consegue uma pequena assistência. Na terça-feira da semana passada, a chegada do presidente teve um público inusitado: 70 000 pessoas estavam concentradas desde cedo na Praça dos Três Podêres. Quando o General Médici começou a subir a rampa, cercado por Dona Scylla, suas noras e seus filhos e seus netos, teve que se voltar, erguendo os braços num gesto largo e instintivo, para agradecer aos aplausos que vinham da multidão da praça, que respondia com cadenciadas salvas de palmas. Ao chegar ao patamar do palácio, o general estava sorridente. Nunca um presidente revolucionário pôde ser aplaudido pelo povo da capital.

No grande salão de recepções, cerca de trezentas pessoas, entre ministros, autoridades e jornalistas, aguardavam a chegada do presidente e dos tricampeões mundiais de futebol que traziam definitivamente a Taça Jules Rimet para o Brasil. Quando o General Médici entrou, foi recebido por outra salva de palmas. "Ele estava alegre e descontraído", comentou um ministro. Para a multidão e para os observadores mais superficiais, estava começando a festa dos tricampeões, mas para alguns colaboradores diretos da Presidência os aplausos tinham outro significado: surgia naquele momento uma evidente demonstração de simpatia popular ao governo.

O prêmio desejado — No Palácio do Planalto estava claro que a razão e o denominador comum da concentração popular daquela tarde ensolarada era a vitória da equipe brasileira no México. Mas os aplausos ao presidente tinham

Medici no Alvorada: como todo bom torcedor, com a bandeira em punho

também outro significado: o povo o reconhecia e aceitava como cabeça e símbolo da imensa e exaltada torcida em que o país inteiro havia-se transformado. "Em termos de comunicação de massas", disse a VEJA um assessor presidencial, "isso significa muito para um governante que não despreza a popularidade." O próprio General Médici, na noite de 27 de outubro de 1969, poucas horas depois de ter sido indicado para a presidência da República, declarou através de uma cadeia de rádio e televisão: "Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros propósitos de servi-lo e confesso lealmente que gostaria que o meu governo viesse, afinal, a receber o prêmio da popularidade, entendida no seu legítimo e verdadeiro sentido de compreensão do povo".

Com todas as decisões presidenciais tomadas de improviso, a que resultou na festa da Praça dos Três Podêres teve seus oponentes. Fato semelhante já havia ocorrido há três semanas, quando o presidente resolveu ir ao nordeste para verificar pessoalmente, nas frentes de trabalho e nas reuniões de organismos regionais, os problemas provocados pela seca. Então, no seu discurso do Recife, ele mencionou as resistências ao seu empenho em realizar a viagem. No início da semana passada a discussão teria sido reaberta, e por causa dela quase não se realizou a festa de terça-feira. Alguns dos colaboradores do governo consideravam temerária a presença de dezenas de milhares de pessoas diante do Palácio do Planalto.

Na verdade, o primeiro programa da visita dos campeões do mundo não previa a concentração popular na Praça dos Três Podêres. Na tarde de segunda-feira, o Senador Mem de Sá (Arena-RS), baseado em informações do palácio, desencorajava a realização de uma sessão especial do Congresso Nacional em homenagem à Seleção, dizendo que ela teria seus minutos contados entre a chegada à cidade, um almoço no Alvorada e o caminho da volta.

A distância geográfica entre uma recepção pública no Palácio da Alvorada e outra no do Planalto é de 6 quilômetros, mas a distância política é várias vezes maior. O Planalto, situado na Praça dos Três Podêres, facilita a afluência popular, enquanto o Alvorada, fora da cidade, a dificulta.

O perigo de ferir — Enquanto o Se-

ador Mem de Sá estava certo de que o encontro do presidente com a Seleção seria definitivamente no Alvorada, no Planalto era discutida a mudança: uns temiam pela segurança do General Medici com a concentração de tão grande massa popular. Outros temiam a decepção da frieza da acolhida sem a presença do povo. O presidente decidiu-se pela recepção aos jogadores no Planalto e pela apresentação da taça de ouro ao povo do alto do parlatório de mármore da Praça dos Três Podêres, um dos detalhes mais simbólicos da arquitetura monumental do palácio, de onde os chefes de Estado saúdam o povo depois de receberem a faixa presidencial.

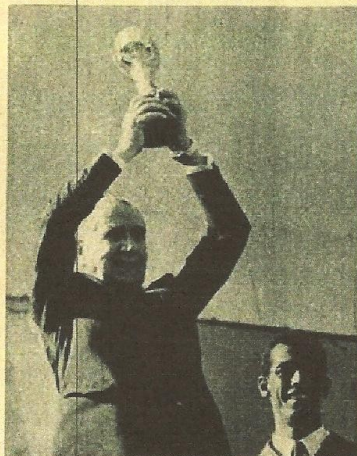
A decisão do General Medici determinou a organização de um esquema de segurança bastante flexível e amistoso. A multidão não deveria ser considerada suspeita, mas bem-vinda. As tropas do Exército que formaram os cordões de isolamento permitiram que famílias ultrapassassem as barreiras e se colocassem perto do local onde o presidente e os jogadores deveriam se encontrar. Um soldado do Batalhão da Guarda Presidencial continha um dos cordões, no lado direito do palácio, com seu fuzil. O oficial que o comandava aproximou-se e retirou a baioneta da arma, pedindo que a recolhesse: "Assim há o perigo de ferir alguém. Guarda isso". Quando Gérson Oliveira Nunes, camisa 8 da Seleção, desceu do carro que o trouxera do aeroporto ao palácio, o primeiro a abraçá-lo foi um soldado do policiamento, abaixo de aplausos.

As manifestações populares amorteciam as preocupações pela segurança, mas não deixavam de criar um clima de surpresa. O Marechal Márcio Souza e Mello, ministro da Aeronáutica, pareceu espantado quando foi aplaudido na chegada. O presidente, porém, manteve-se alegre. Quando o carro do Corpo de Bombeiros trouxe os jogadores, o General Medici desceu a rampa para receber o capitão Carlos Alberto Torres com a taça e o técnico Zagalo. Guardando a discreta distância que a prática do trabalho ensina, um sargento da segurança, à paisana, mantinha-se próximo do general. Seu cuidado só deu um resultado concreto: colocando-se entre o presidente e os fotógrafos, impediu que fosse registrado o abraço do chefe do governo no capitão da equipe. Quando outros jogadores se aproximaram, o sargento preferiu afastar-se, relaxando espontaneamente seu zelo ardoroso.

Fest sem perigo — Diante da multidão, o presidente ergueu a Copa do Mundo e pediu aos demais membros da delegação e ao Ministro Jarbas Passarinho que repetissem a cena.

A alegria do presidente, que se ma-

nifestava diante da maior e mais espetacular concentração popular dos dez anos de Brasília, começara no domingo do jogo Brasil x Itália, quando os brasileiros deixaram a movimentada avenida W-3, cenário natural dos carnavais de rua em Brasília, formando um curso que foi até o longínquo, bem protegido e aparentemente intangível Palácio da Alvorada. Lá o General Medici e Dona Scylla, empunhando a bandeira, chefiavam um animado grupo de torcedores. De camisa esporte, todos comemoravam a vitória. De paletó e gravata, com o colarinho ligeiramente frouxo e o inseparável charuto, só o Professor João Leitão de Abreu, chefe da Casa Civil. Os torcedores do palácio juntaram-se aos do curso. Os portões foram abertos e os jardins do Alvorada tornaram-se o centro das comemorações. O Presidente Medici jogava bola com seus netos, controlando-a com alguma habilidade.



LUIZ CARLOS ROHEM

Medici: todos gostariam de imitá-lo

Quando anoiteceu, Dona Scylla dirigiu-se ao Major Coutinho, chefe da segurança presidencial, e perguntou-lhe se já não era hora de acabar a festa, fechando os portões do palácio; o Presidente Medici estava ao seu lado. Evandro Paranaguá, da sucursal de VEJA em Brasília, ouviu as respostas: "Ainda está cedo, deixa o povo entrar", disse o general. O major apoiou: "Não se preocupe Dona Scylla, não há perigo".

Na terça-feira, depois de assistir à manifestação popular que Brasília ofereceu aos tricampeões, quando a Seleção voou para o Rio levando a taça e proporcionando um carnaval em julho, o presidente tinha sua imagem nitidamente associada à vitória do México.

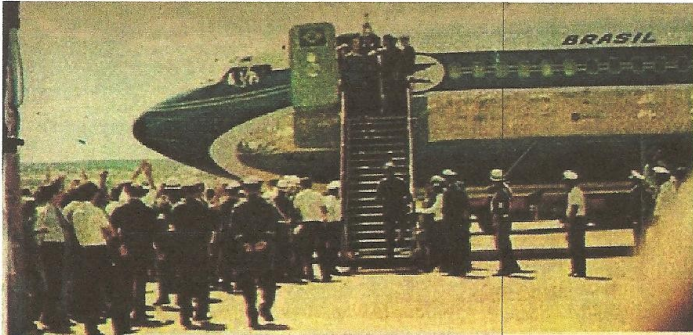
Ele se interessou por todos os jogos, mas nunca disse aos jornalistas que não podia tratar dos assuntos do Ministério porque "o assunto hoje é futebol", como

fêz em 1958 o Presidente Juscelino Kubitschek depois da vitória de 5 a 2 sobre a Suécia. O presidente acertou a previsão do resultado (4 a 1) do jogo contra a Itália, e esse detalhe ocasional foi muito mais observado pelos torcedores de 1970 do que as previsões que Jânio Quadros fazia em 1958, quando anunciava que, "mesmo sem números para referir, sei que a vitória será do Brasil". Mesmo sem ter comemorado a vitória na Cinelândia, em 1958, e sem ter fumado nervosamente dois maços de cigarros, em 1962, como fêz João Goulart, Medici identificou-se com a vitória de forma mais clara que qualquer outro presidente. Talvez essa diferença possa ser atribuída à imagem do torcedor sincero e comovido que o presidente apresentou à nação. Identificando-se como torcedor, ele teria conquistado para a festa que organizou aos campeões a simpatia de todos os outros torcedores que, como ele, gostariam de ter levantado a taça ao lado de Carlos Alberto e Pelé, do alto do grandioso parlatório do Palácio do Planalto.

A feliz associação — Apesar de tudo ocorrer de forma súbita e imprevista, provavelmente os resultados não teriam sido mais positivos se tivesse havido um planejamento detalhado. A maioria dos especialistas em comunicação de massas que assessoram os políticos americanos recomenda sempre que eles procurem associar positivamente suas imagens aos fatos que provocam júbilo popular. Da mesma forma, aconselha que demonstrem diante de acontecimentos trágicos uma reprovção marcante e a firme intenção de intervir para alterar o rumo dos fatos.

Se o presidente foi favorecido na semana passada pelas reações felizes diante da vitória, no início do mês, diante do problema da seca no nordeste atuou com a sensibilidade de um político interessado na conquista da opinião pública. No Recife, discursando na reunião da Sudene, transmitiu para todo o Brasil seu espanto e sua comoção diante da gravidade dos fatos e a determinação de desencadear as medidas necessárias para enfrentar a tragédia. Duas semanas depois, em Novo Hamburgo, anunciava pessoalmente o compromisso de seu governo de concluir a Rodovia Transamazônica, para onde poderão deslocar-se milhões de nordestinos, criando um núcleo de colonização pioneiro em terras consideradas férteis.

Popularidade revolucionária — O Presidente Medici parece procurar estabelecer a imagem do que seria a popularidade revolucionária. O Marechal Castello Branco, pela própria situação do país em seu governo, teria preferido abdicar de qualquer intenção popular pelo receio



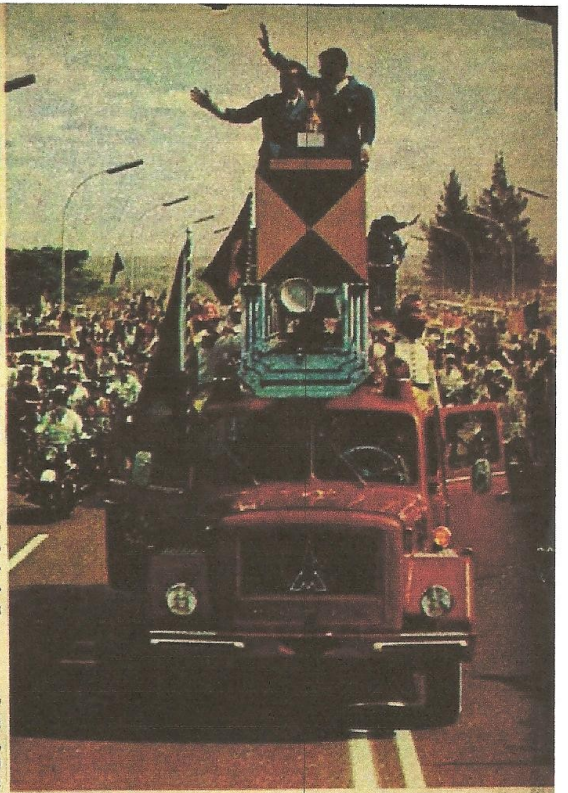
Brasília, 23 de junho, 13 horas — o capitão Carlos Alberto surge na porta do Boeing que trouxe os nossos campeões e ergue a Taça Jules Rimet para o Brasil



Do aeroporto ao Palácio do Planalto, 16 quilômetros de aplausos: de pé à beira do Elxo (direita) ou sobre carros (esquerda), 150 000 brasilienses felizes

Diante do Palácio, 70 000 aclamaram os jogadores. Desde a inauguração de Brasília, em 1960, nunca tanta gente se juntou na Praça dos Três Podêres

FOTOS DE LUIZ HUMBERTO



da necessidade das custosas concessões que ele vira o governo Goulart fazer. O Marechal Costa e Silva, lançado dentro de um clima mais otimista, teve sua imagem seriamente alterada depois da edição do AI-5, em dezembro de 1968. O General Medici, segundo alguns, teria a seu favor uma relativa estabilidade financeira — afastando-o do clima que envolveu o Marechal Castelo Branco — e sua própria promessa de redemocratização, distanciando-o da imagem do governo Costa e Silva na fase posterior ao AI-5. Além dessas vantagens da conjuntura política e econômica da Revolução, o General Medici reuniria algo da figura austera de Castelo Branco e da comunicabilidade de Costa e Silva.

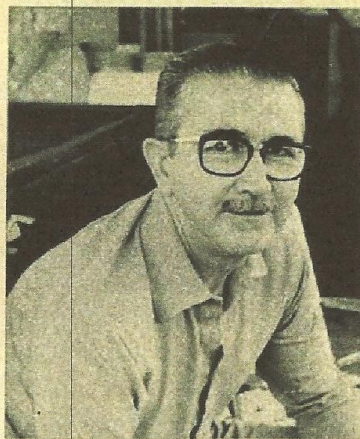
Outro fator que vem sendo considerado influente na formação da imagem do General Medici junto ao povo é a definição permanente de sua força e de suas fraquezas. Na convenção da Arena, no ano passado, ele disse aos políticos: "O capitão do barco sou eu e não delegarei o comando". A partir daí escolheu pessoalmente os novos governadores dos Estados. Semanas depois de ter falado aos políticos, disse ao povo de São Paulo, ao inaugurar a Praça Roosevelt: "Não peçam a este homem o dinheiro que ele não tem para dar". No nordeste, diante da seca, usou sua força para condenar as estruturas seculares e mostrou os limites da ação do governo, recusando-se a fazer promessas messiânicas.

Para o Coronel Otávio Costa, chefe da Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República (AERP), o objetivo é "conseguir canais de comunicação que permitam ao povo entender e acompanhar a ação do governo". Dentro dessa orientação, a Assessoria promove uma campanha por meio de filmes que são exibidos na televisão e em cinemas. Essa atividade, segundo seus idealizadores, não deve ser encarada como propaganda convencional e sim como uma tentativa de criação de um clima de otimismo. Nesse espírito, dizem, procura-se informar sobre as realizações do governo, colaborando com a educação moral e cívica do povo e sobretudo dos jovens.

O interesse do Coronel Otávio Costa nas mensagens otimistas é tão constante, que nos últimos dias tem-se preocupado com anúncios comerciais que contêm apelo à violência. Ele considera que essas mensagens podem influir perigosamente na opinião pública, enquanto outros, mais otimistas, tendem a contribuir para um melhor relacionamento humano. Para orientar suas análises e campanhas, a AERP conta com o psicólogo José Cavalieri, do Instituto Superior de Orientação Profissional (ISOP), que, mesmo sem integrar a pequena equipe de se-

te homens da Assessoria *, acaba de ser indicado para representar a Presidência da República na comissão do Instituto Nacional do Cinema que estudará o problema dos jornais da tela.

A imagem cuidadosa — Até agora, a imagem do governo tem sido formada com a ajuda de um trabalho cuidadoso e aparentemente econômico. Segundo a AERP, a maior parte dos pequenos filmes apresentados na televisão estão dirigidos principalmente para as crianças. A execução é feita por produtores independentes que, depois de informados das mensagens pretendidas, apresentam seus roteiros. O preço de cada filme oscila entre 5 000 e 12 000 cruzeiros. Como os preços, os resultados também variam. Há oito dias, um deles foi vaiado num cinema de Brasília. No entanto, os técnicos estão atentos para qualquer necessidade



Manso Neto: entendimento com o povo

de modificação e, depois que o humorista Ziraldo publicou uma charge satirizando os filmes que eram apresentados antes dos jogos da Copa, o Coronel Otávio Costa passou a reconsiderar a eficiência desse tipo de divulgação. (A charge de Ziraldo mostrava um torcedor nervoso, diante da televisão, que, depois de ouvir que a transmissão do jogo ia começar, lamentava ter que esperar os filmes de divulgação do governo, dizendo que seus nervos não resistiriam.)

Mas é muito provável que os colaboradores do Presidente Medici, dedicados à busca de melhores formas de comunicação, estejam atualmente mais preocupa-

dos em como aproveitar os resultados positivos da Copa e os aplausos de terça-feira.

No Congresso esses fatos não passaram despercebidos. O Senador Filinto Muller, líder do governo no Senado, comparou o General Medici a Getúlio Vargas, na capacidade de comunicação com as multidões. O Deputado Raimundo Padilha, líder do governo na Câmara, mencionou o episódio da Copa e o interesse pelo futebol como "uma ponte de comunicação entre o governo e o povo". Outro deputado, Humberto Lucena, líder da oposição, mesmo reconhecendo a popularidade do futebol, enumerou algumas medidas que, segundo ele, se fossem tomadas, trariam uma popularidade ainda maior: "no campo econômico, a encampação das refinarias particulares de petróleo e, no campo político, a revogação dos atos institucionais".

Para Lucena, nem mesmo programas de desenvolvimento econômico seriam suficientes para trazer grande apoio popular, "pois o povo quer e aplaude o desenvolvimento, mas quer, acima de tudo, por índole e por tradição, a plena liberdade".

Dentro do governo, um dos maiores entusiastas do desenvolvimento da mobilização popular é o Coronel Manso Neto. Esquivo a qualquer tipo de publicidade pessoal (assistiu à chegada da Seleção de uma das janelas do canto esquerdo do Palácio do Planalto), ele ocupa a Assessoria Especial da Presidência e é o mais antigo colaborador do General Medici. Quando um ministro lhe foi oferecer um plano de governo, desencorajou-o, dizendo que "estamos sob a vigência de pelo menos dois grandes planos plurianuais, e não devemos partir para outro". Evitando grandes planos, ele atua intensamente em projetos específicos, como o projeto da Rodovia Transamazônica e a nova política brasileira em relação a royalties e patentes. Desde a viagem que Medici fez em maio passado à Bahia (onde foi recebido entusiasmadamente), o Coronel Manso vem defendendo uma maior participação popular nos planos e nas ações governamentais. Nem mesmo a ameaça do terrorismo e da subversão seria capaz, segundo ele, de impedir essa aproximação: por ser obra de um grupo extremamente reduzido de pessoas, a ação subversiva não pode ser força e pretexto para impedir que governo e povo se entendam.

Passada a euforia da vitória, o governo parece se preparar para uma ação que o possa levar a uma popularidade duradoura, sem esquecer certamente a advertência do ensaísta político americano Sidney Hyman: "Antes que possa haver um Moisés, é preciso que exista uma terra de Canaã e um povo de Israel querendo deixar o Egito".

* Além do Coronel Otávio Costa, fazem parte da equipe: Tenente-Coronel José Maria Toledo Camargo, Capitão Jaime Taddey, conselheiro João Clemente Balena Soares (do Itamarati), Luis Carlos Chaves Oliveira, o Professor Carlos Alberto Rabaça e o jornalista Sérgio Fredi.



Carlos Alberto, o Presidente Garrastazu Medici e seu neto no almoço informal do Alvorada; enquanto todos comiam galinha, Zagalo recebeu macarrão, homenagem à última vitória

Garrastazu Medici e Pelé (abaixo), Jarbas Passarinho e Zagalo (direita): como todos os torcedores, o presidente e o ministro quiseram conhecer as peripécias da conquista no México



Anexo 28 – ***O sucesso da imagem*** de 01.07.1970

O sucesso da imagem

Em todo o país, muitos políticos saíram em busca de seu próprio pedaço da glória da Copa. Ligeiramente surpreendidos pela extensão da euforia que tomou conta de quase toda a nação, eles procuraram interpretações particulares para a vitória e, na medida do possível, tentaram enquadrá-la em seus objetivos. O Governador Peracchi Barcelos saudou o lateral-esquerdo Everaldo na sua chegada a Porto Alegre não apenas como um herói esportivo, mas como uma espécie de paladino da democracia, da liberdade e da Revolução de 1964: "Vocês (os jogadores tricampeões), com esta vitória, devem ter influído no espírito de quantos, a serviço de causas malsãs, procuraram enxergar no Brasil um país que não é uma democracia, mas ditadura. Mas quem quiser ver que isto não é uma ditadura, é uma democracia, que venha às ruas de todos os Estados brasileiros e veja como o povo livremente se manifesta. Ninguém lhe tolhe os passos e ele, dessa forma, testemunha ao mundo que a Revolução de Março de 1964 pode ter imposto, em certos momentos, algumas restrições, mas é uma Revolução eminentemente democrática. E exemplo disso nos deu, sobejamente, o Presidente Garrastazu Medici, com o qual vocês almoçaram".

Com uma interpretação igualmente ampla e patriótica, o não pouco político João Havelange defendia a idéia de fazer de Pelé, "o brasileiro mais conhecido em todo o mundo", um embaixador inteiramente do Brasil. "Está na hora de aproveitar o prestígio do maior jogador de todos os tempos para se fazer uma propaganda objetiva do governo e do povo brasileiro."

Governadores e prefeitos, políticos raramente ou nunca vistos em campos de futebol anteriormente, multiplicaram propostas e prêmios, homenagens, e aproveitamento da conquista da taça. Mesmo nas cidades que não puderam apalpar os heróis da Copa, a vitória do tri foi também um estopim político. Até a Câmara Municipal de Timóteo, cidadezinha do interior de Minas, foi agitada por debates convocados por uma facção que pretende a mudança de seu nome atual — segundo eles, indigna homenagem a um primeiro habitante que viveu e morreu bêbado e motivo para convocações do cantor Agnaldo Timóteo anunciar constantemente na TV o nome do homenageado. Novo nome: Guadalajara, a cidade do México. A Seleção disputou a maioria dos jogos onde o Presidente Garrastazu

Medici já instalou um Consulado Honorário do Brasil.

A capital empolgada — O que de fato surpreendeu em todas as festividades futebolísticas não foi a já esperada participação dos políticos, mas sim a extraordinária e intensa adesão da classe média* em geral mais distanciada do futebol. Famílias inteiras de funcionários, profissionais liberais e até mesmo



O corso: classe média na dianteira

ricos proprietários desfilavam felizes com seus automóveis embandeirados e acabaram se transformando na vanguarda dos festejos. Desde a primeira vitória do Brasil, até as quartas de final com o Peru no dia 13, as comemorações em quase todas as capitais eram comanda-

* Os sociólogos consideram muito difícil definir o que é "classe média" no Brasil, dadas as diferenças entre níveis de renda e nível de instrução, ou mesmo de estilo de vida, etc.

Uma definição elástica, um tanto eletrodoméstica, de classe média foi estabelecida pelas empresas de opinião pública do Brasil, para efeito de venda e promoção: é classe média quem tem máquina de lavar, geladeira, televisão, enceradeira, uma empregada e um automóvel, em geral um fusca. Do ponto de vista do comportamento, a classe média é comparada à mortadela de um sanduíche: de um lado os pobres, do outro os ricos; e oscila entre o receio de empobrecer e a vontade de enriquecer.

das pelos cursos de automóveis. A participação só se tornou mais geral nas últimas partidas, à medida que aumentava a tensão e a chance de vitória definitiva. Em Porto Alegre, por exemplo, uma das mais características cidades brasileiras de classe média, a sucursal de VEJA notou que os ônibus que antes passavam pelo centro praticamente silenciosos, apesar de lotados e da algazarra ao redor, na terça-feira, dia da chegada de Everaldo, transformaram-se em verdadeiras caixas acústicas de onde ecoavam gritos eufóricos e cantorias. Somente nesse dia a escola de samba Os Bambas da Orgia, à qual pertence Everaldo e composta de pessoas da chamada classe C, saiu às ruas para festejar.

Brasília, a mais classe média das cidades brasileiras, participou toda ela da recepção aos jogadores, na maior festa já acontecida na capital. Um curso de centenas de carros e com três horas de duração inaugurou a tensa espera da Seleção.

Os jornais calcularam em desde 70 000 até meio milhão o número de participantes dos festejos, mas todos são unânimes em que nunca houve tanta massa humana reunida em Brasília. Quando chegou o Boeing 707, às 12h45, a multidão invadiu o aeroporto apelando para os mais variados recursos. Mulheres entusiasmadas driblavam os guardas para se agarrarem aos campeões enquanto os próprios guardas tentavam conseguir autógrafos dos jogadores. O Governador Hélio Prates chorava literalmente ao abraçar Pelé e Zagalo. A massa humana tentava a qualquer custo tocar no símbolo mítico da glória nacional, a Taça Jules Rimet, que Carlos Alberto pressava contra o peito ao passar pelo estreito corredor humano do aeroporto (que Mário Américo chamou de "corredor polonês"). Um homem conseguiu subir no carro de bombeiros preparado para levar os jogadores em desfile até o Palácio do Planalto e tentou beijar os pés de Rivelino como se adora um deus.

A festa carioca — Enquanto os campeões almoçavam com o presidente (camarão, galinha ao molho "curry", peru, rosbife e vinho rosé), os cariocas antecipavam sua festa sob uma garoa fina. No Hotel Plaza, destino dos jogadores, seis horas antes da chegada triunfal, o povo já disputava um lugar espremido, empurrando em ondas sucessivas o cordão de isolamento. A resistência impassível debaixo de chuva mostrava a me-

continua na página 26



ADHEMAR VENEZIANO

RIO: apesar da chuva, a Seleção foi ovacionada durante três horas por 1 milhão e meio de cariocas e treze escolas de samba

continuação da página 24

dida do grau de dependência afetiva criado entre o povo e a Seleção. Na Avenida Presidente Vargas a espera era feita de samba e excitação. Levas compactas se movimentavam nas ruas sob estandartes e blocos, escolas de samba e bandeiras de todos os times de futebol cariocas. Quando o cansaço venceu, as pessoas se deitaram nas calçadas. Mas a cada soar de sirenas renascia o entusiasmo e os gritos voltavam ainda mais histéricos. Finalmente surgiu o cortejo, que partiu do Galeão, onde Carlos Alberto ergueu talvez pela centésima vez a taça sob o aceno de milhares de lenços, cruzando a cidade em direção ao Hotel Plaza, precedido de trinta batidores do Exército, Marinha e Aeronáutica.

E, apesar do milhão e meio de parti-

da Inglaterra* (foi no jôgo com a Inglaterra que elas começaram a se salientar nos festejos de rua). Em Belo Horizonte, por exemplo, a vitória definitiva do Brasil no domingo desencadeou uma verdadeira explosão com características de desrecalques. As mesmas famílias conhecidas por formarem a "Tradicional Família Mineira" saíram às ruas em seus carros gritando e cantando músicas pornográficas numa comemoração nada tradicional e extremamente ruidosa da conquista da Jules Rimet. A incrível desinibição dos mineiros (acompanhando o comportamento da classe média do resto do país), que ainda está sendo devidamente avaliada pelos membros mais velhos dessas mesmas famílias, segundo o sociólogo Padre Lucas, foi uma "descarga de agressividade e espontaneidade até então reprimidas por frus-

passagem dos heróis da Copa das janelas de seus apartamentos no Rio de Janeiro pareciam preocupar-se com a ininterrupta cantoria de paródias obscenas.

Seria essa aceitação natural da obscenidade apenas uma consequência de a própria cidade viver carnavais onde o obsceno está às vezes presente?

Vera Maria Pereira, professora da Universidade Católica do Rio de Janeiro, diz que a euforia do tri foi nitidamente agressiva, fruto de uma depressão, como também é o carnaval, mas não se limitou a apelos meramente sexuais típicos da festa carnavalesca. Segundo ela, o denominador comum da euforia, que poderia explicar tanto as mulheres que ficaram nuas como as paródias obscenas e os atos isolados de violência entre manifestantes e policiais, era a grande vontade de simplesmente desafiar os valores estabelecidos.

Segundo Vera Maria, "a recente mudança do processo político do país, de um lado, e a própria despoltização, do outro, fazem com que as pessoas se liguem apenas através de acontecimentos como os festivais de canção (inicialmente) e agora o futebol, formas de participação apolíticas e ainda estimuladas pelos meios de comunicação em massa, principalmente a televisão".

A força da comunicação — A transmissão dos jogos pela TV no instante mesmo da sua realização pode ser a chave que falta para decifrar o enigma da súbita participação da classe média na euforia futebolística. Os técnicos explicam a violenta penetração da TV em relação ao rádio principalmente porque ela usa o que eles chamam código de imagem de assimilação mais fácil e com muito mais informações do que apenas o código de som. A participação das mulheres na euforia (outro aspecto novo) é também resultado da súbita compreensão das regras de um jôgo em si plásticamente bonito mas que elas não conheciam. As mulheres acabaram identificando cada jogador, antes um nome apenas, uma abstração, como identificam nas novelas um personagem e acabam mesmo ligando-o ao ator que ele representa.

Janete Clair, que escreve novelas de grande sucesso na classe média, inclusive "Véu de Noiva", compara a emoção provocada por uma novela com a trazida pelos jogos da Copa: "Na novela, o público vai se identificando a tal ponto com os personagens, que passa a confundir-los com os artistas. Por exemplo, quando morreu o personagem Felício Madeira, da novela 'Véu de Noiva', o ator que fazia o papel era agarrado na rua por pessoas em prantos.

continua na página 28



CARLOS MARINHA

A alegria: nas ruas de São Paulo, a comemoração da vitória é em família

cipantes, a festa de recepção no Rio foi muito menos agressiva do que as comemorações anteriores acontecidas à medida que o Brasil se aproximava das finais. Também em Porto Alegre, onde havia 10 000 festejadores nas ruas e onde também chovia, a alegria era diferente, menos provocativa do que a surgida nas comemorações anteriores.

Mas a marca mais flagrante dessa agressividade, as paródias altamente pornográficas, permaneceu e chegou mesmo ao apogeu na terça-feira.

A vez do palavrão — As letras dessas paródias atacavam todos os países contra os quais o Brasil jogou, vários jogadores famosos e até mesmo a rainha

trações e incertezas diante do presente e do futuro". Essas frustrações normalmente se refletiriam no chamado "complexo de Jonas", o profeta que sonhava com o antigo aconchego da barriga da baleia sempre que algo incomum lhe acontecia. A classe média mineira volta-se para valores do passado sempre que tempos de incerteza surgem pela frente. Mas as festas da Copa criaram uma nova válvula de escape, momentânea mas altamente funcional. Essa válvula, usada não só pelos mineiros como em todo o país, o incitamento pelo palavrão, a agressão pelo nu, é considerada pelos sociólogos como típica da classe média, a mesma que lê "O Pasquim", onde o palavrão é admitido sob a forma complacente do asterisco. Um protesto inconsequente, mas ao qual a classe média adere porque é o máximo que lhe é permitido. E, na terça-feira, nem as sisudas senhoras que acompanhavam a

* As paródias procuravam palavras as mais absurdas, como "galinha", araruta, aço, Dona Amália (ou Eulália) e outras, para rimarem com "rainha" (da Inglaterra), Itália, etc.



SÃO PAULO — No Vale do Anhangabaú, 500 000 pessoas esperam sob intenso frio a chegada da Seleção

A DECEPÇÃO — Mas só vieram dois titulares (Clodoaldo e Rivelino) e seis reservas. Sem Pelé, Gérson e Carlos Alberto, o povo valou o prefeito e a CBD

continuação da página 26

Todo o mundo se desesperou como se tivesse morrido uma pessoa da família".

Não só a participação da classe média como também a intensidade da euforia, mais agressiva ao fim de cada jogo, pode ser explicada pela TV. Segundo o psiquiatra Antônio Carlos Cesarino, do Hospital das Clínicas de São Paulo, no momento em que o espectador fica prêso a uma participação apenas de observador dos fatos, e fatos que emocionam, como é o caso do futebol, a tendência é querer entrar no campo, chutar a bola, xingar o juiz, agredir o adversário. Quando nada disso pode ser feito, acumula-se uma tensão que tem que sair de alguma forma.

E, se a assistência é coletiva, cria-se também uma ligação emotiva que sem-

tebol traduz comportamentos, estimula emoções, polariza opiniões e paixões... É um espetáculo de multidões no qual estas podem exercer seus clássicos comportamentos".

A transmissão pela TV sobressai como causa principal da adesão da classe média ao futebol (ela que já é sua adepta usual nas novelas), quando se verifica que os jogos repercutiram intensamente não apenas no Brasil mas em todos os países onde houve a transmissão direta. Isso elimina as condições econômicas, políticas e sociais da atual classe média brasileira (certamente diferente das de outros países), como a causa principal. Na Itália, na Inglaterra, no Uruguai e onde tenha havido transmissão direta, a participação foi ampla e maciça, refletindo-se em todos esses países num comportamento de seus próprios governos e

noite, Brasil, tricampeão do mundo! Boa noite, São Paulo, esquecido pela CBD na recepção aos seus heróis!" O auditório quase veio abaixo.

A decepção — A revolta dos admiradores de Hebe nasceu quando as 300 000 pessoas que se acotovelavam no Anhangabaú na quarta-feira, aguardando o desfile do Selecionado, se sentiram logradas. Pelé não veio (foi direto para Santos) e nem Gérson, e o grande símbolo da vitória, a Taça Jules Rimet, ficou em mostra nas vitrinas cariocas do Banco do Estado da Guanabara. Nem uma réplica havia, para aplacar a ira do povo que se comprimia sob uma chuva fina e o frio de 10 graus. As milhares de bandeiras eram agitadas inutilmente* e quando o Prefeito Salim Maluf, que havia prometido a cada jogador um automóvel em nome da cidade, num gasto total de 315 000 cruzeiros, tentou falar no palanque, recebeu a mais estrondosa vaia de sua carreira.

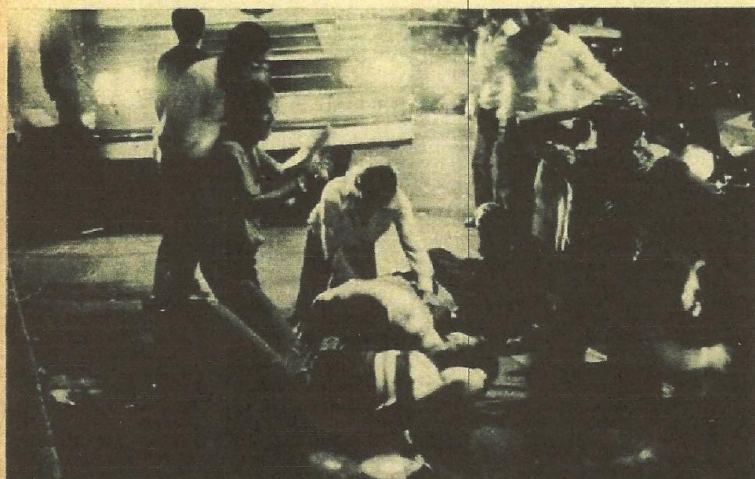
Apesar da decepção, os paulistas ainda festejaram mais do que os mineiros, numa euforia que já não era só da classe média, mas generalizada. A classe média mineira parece ter-se retraído logo a partir das festas do domingo, dia da vitória, antes da chegada de seus grandes heróis Tostão, Fontana, Dario e Piazza.

Toda a euforia, com sua sensação agradável de aliviadora de tensões, parecia ter funcionado como uma espécie de narcótico, exigindo também um sono reparador logo em seguida.

Na chegada dos craques mineiros, a festa de Belo Horizonte foi marcada pela presença apenas de velhos torcedores das gerais e empregados do comércio em dia de folga. A Copa tinha acabado e o mineiro classe média voltava ao processo já conhecido de recalçar suas frustrações tentando agarrar-se aos valores do passado, como Jonas, o profeta. Voltavam os dias normais.

Com a diferença que agora o Brasil é tricampeão de futebol, apesar de os pedidos de Carlos Alberto ao Presidente Médici mostrarem que isso não significa necessariamente que ao menos os problemas do futebol brasileiro estejam resolvidos. Carlos Alberto pediu, além de isenção ou diminuição no imposto de renda para todos os jogadores do país, a regulamentação e sindicalização dos profissionais e a aposentadoria em menor tempo que o dos trabalhadores normais.

* Somente numa semana, um grande magazine em São Paulo vendeu 20 000 bandeiras; em Porto Alegre, o único fabricante vendeu em um mês de Copa o equivalente a dois meses da campanha "Ponha uma bandeira em sua sala de aula"; no Rio, a Petrobrás distribuiu 430 000 fôlhas com as cores da Seleção.



CARLOS NAHBA

A euforia: simples explosão de alegria ou extravasamento de recalques?

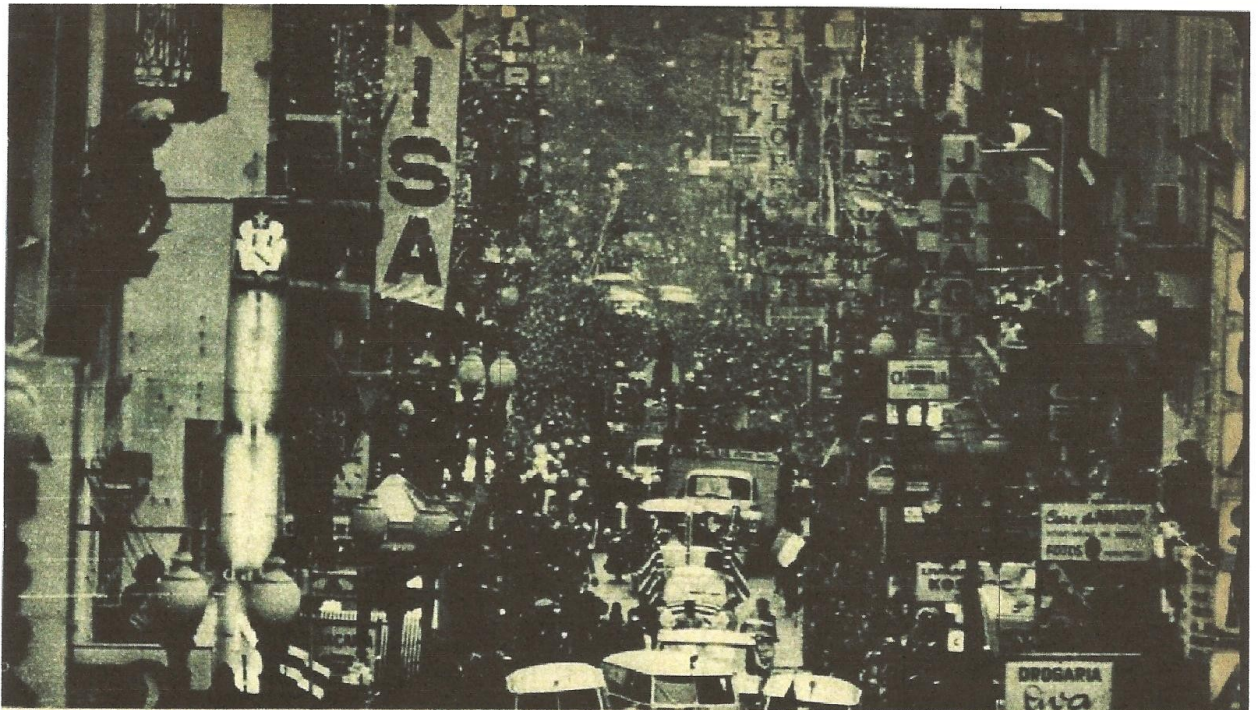
pre existe entre pessoas de um grupo, multiplicando essa tensão que individualmente poderia ser suportada.

Cada um acaba sentindo a soma das tensões de todo o grupo. Daí a grande explosão logo que o jogo termina: as ruas das cidades, totalmente desertas (cerca de 95% de audiência das TVs durante os jogos), são invadidas repentinamente por carros, os céus cobrem-se de balões, os foguetes explodem sem cessar. O jornalista Artur de Távola, que fez cursos de especialização em TV no Chile, em sua coluna no jornal "Última Hora" (Guanabara), explicou da mesma forma o tom agressivo da euforia mas assinalou que, além da sensação de impotência criada no torcedor, houve também a junção de dois meios de comunicação em massa, cada um já em si poderoso, a TV e o futebol: "Vivemos a realidade de dois meios de comunicação simultâneos, um dentro do outro. O fu-

dirigentes, que trataram os seus jogadores dando-lhes uma importância nunca vista anteriormente.

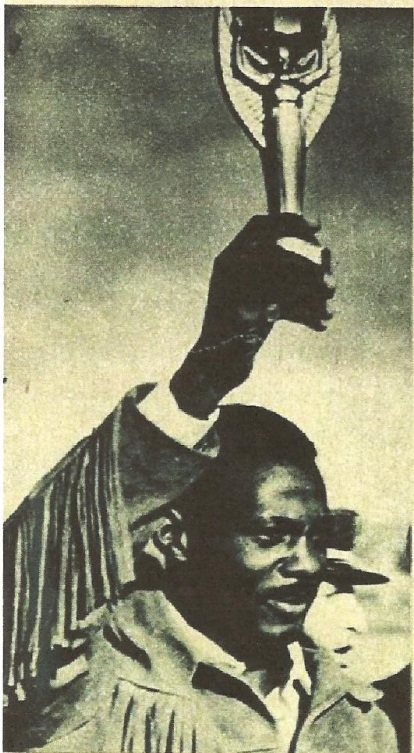
Um dos exemplos mais claros da simbiose TV-futebol foi oferecido pela conhecida apresentadora de TV de São Paulo Hebe Camargo, considerada por muitos como uma espécie de porta-voz da classe média paulista. Nos dias finais da Copa e depois da vitória, o auditório de Hebe ressoava como um estádio de futebol. Quando o Brasil venceu a Itália e Hebe pediu publicamente pelos microfones desculpas à colônia italiana, foi repreendida com gritos de desaprovção. Mais tarde, porém, dezenas de pessoas telefonavam ao seu programa em lágrimas, agradecendo o que elas receberam como um sinal de consideração.

No dia em que a Seleção deveria estar em São Paulo e só vieram dois titulares, Rivelino e Clodoaldo, e seis reservas, Hebe abriu seu programa dizendo: "Boa



PORTO ALEGRE — Everaldo (abaixo) ergue a réplica feita de latão da Taça Jules Rimet e dá início à festa triunfal pelo centro da cidade, com papéis picados, escolas de samba, churrasco e chimarrão

ASSIS HOFFMAN



BELO HORIZONTE — Israel Pinheiro, no centro do palanque, aproveita os 50 000 aplausos recebidos por Tostão e Dario. Nas ruas, 15 minutos de desfile festivo

Anexo 29 – ***A maioria silenciosa*** de 01.07.1970

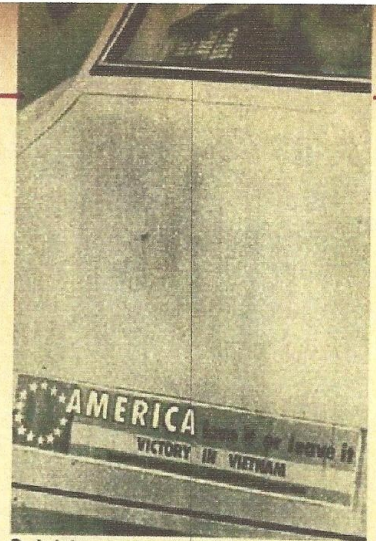
A maioria silenciosa

No domingo da vitória, depois dos 4 a 1 sobre a Itália, o Brasil não era exatamente o país hospitaleiro que consta das cartilhas escolares. Andar de carro pelas suas principais cidades sem bandeiras nacionais nos pára-brisas era muito mais que uma falta de interesse esportivo: era uma temeridade. Para alguns estrangeiros, italianos principalmente, o contato com a delirante multidão das ruas transformava-se geralmente num desagradável teste de sobrevivência. Em vários lugares, aos gritos de "Ó Dona Amélia, Ó Dona Amélia, a Seleção..." (fêz tais e quais coisas impubescíveis) ou em brados igualmente pouco sutis, hordas eufóricamente furiosas agrediram ou insultaram estrangeiros ou "suspeitos", depredaram seus bares e automóveis, numa rara e dificilmente recomendável demonstração de nacionalismo. O mais surpreendente nestes excessos de zelo patriótico foi talvez o fato de serem cometidos não apenas pelos jovens habituados a um comportamento espalhafatoso nas ruas, mas também por senhores normalmente respeitáveis e circunspetos. Uma das mais interessantes questões levantadas, agora que a euforia está em declínio, é a de saber até que ponto estas demonstrações foram uma manifestação das intenções profundas da maioria silenciosa brasileira. Ela afinal existe?

AME-O OU DEIXE-O
— A interrogação começou a ter sentido a partir de uma campanha desenvolvida principalmente em São Paulo em torno de uma frase copiada dos EUA. Com a vitória de Nixon no fim de 1968, e com seu esforço desde o início do governo para despertar a sua "maioria", começaram a aparecer os dísticos e slogans dos defensores da guerra do Vietnam. "America, love it or leave it" (América, ame-a ou deixe-a) passou a ser visto com freqüência em pára-choques e pára-brisas de carros dirigidos pelo operariado urbano e pela classe média não universitária dos EUA, representando um protesto dos cansados das agitações estudantis, das rebeliões dos negros e das críticas à posição do governo em relação à guerra do

Vietnam. A versão brasileira — plástica com a frase "Brasil, ame-o ou deixe-o" — apareceu de forma mais discreta. Os dísticos (10 000) foram fabricados com dinheiro de empresas particulares em São Paulo e distribuídos a repartições públicas, bancos e quartéis. Após o início pouco espontâneo, a campanha ganhou uma vida própria tão ativa, que chega a surpreender seus patrocinadores. Esgotados os 10 000 da distribuição gratuita, começou a venda dos slogans em bancas de jornal, por uma firma particular. Custando 3 cruzeiros, ainda assim cada banca vende uma média de cem por semana. Ao lado desta grande procura, criou-se uma absorção natural da palavra de ordem, que é copiada e redenhada por crianças em escolas e mesmo fora delas.

Nos Estados Unidos, embora o "love it or leave it" seja um dos símbolos mais usados em nome da maioria silenciosa, o mais difundido é o uso da bandeira nacional como uma afirmação de patriotismo. Com a Copa do Mundo, a campanha brasileira se tornou ainda mais parecida com a americana: milhares de ban-



O início: protesto contra o protesto

deiras do Brasil invadiram as residências e os automóveis. Elas agora passam a identificar uma maioria também defensora do esquema "lei e ordem" que apoiaria o governo em todas as suas decisões neste sentido?

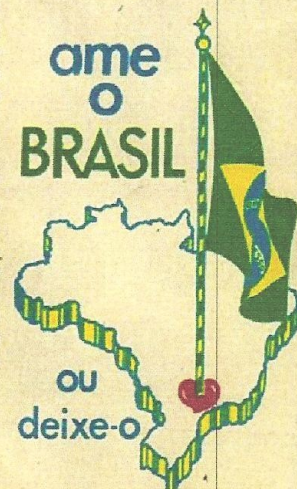
A resposta já é difícil; de qualquer forma, é preciso esperar que a lembrança do alegre futebol desanuvié o sisudo ar da política.



BRASIL

AME-O OU DEIXE-O

Abril: um início muito discreto



Junho: o desenvolvimento espontâneo...

... e a profusão de formas

Anexo 30 – **O PRESIDENTE** – *Uma boa semana* de 08.07.1970

para os candidatos, em 1970 ela parece ter-se transformado numa ameaça. Os candidatos que atuam nas áreas atingidas pela seca estão preocupados com o enorme número de eleitores seus que fogem para outras regiões ou saem do Estado. Um deles é o deputado arenista Joaquim Pereira Lima, eleito com cerca de 6 000 votos, a maior parte dos quais obtidos em Araripina, no interior de Pernambuco: "Tenho certeza de que vou me prejudicar. A maior parte dos eleitores são homens da roça e pequenos comerciantes. Durante a seca, esse povo vai embora em busca de recursos". Apesar de ver com pessimismo suas chances de reeleição, Pereira Lima vai candidatar-se outra vez. Se a situação para políticos como ele já era difícil antes da vigência do novo preceito constitucional, exigindo que a quantidade de cadeiras seja determinada pelo número de eleitores e não mais pela quantidade de habitantes, agora parece ter piorado ainda mais. Em Pernambuco, haverá em 1971 um máximo de quarenta cadeiras de deputados (atualmente são 65).

Fernando Lyra, líder da oposição na Assembléia Legislativa, acha que o êxodo dos flagelados não terá uma influência decisiva nas próximas eleições: "Muito mais que o êxodo, pesará a opinião do Presidente Emílio Garrastazu Médici de que aqueles que lamentavam a fuga dos flagelados só o faziam porque isso diminuiria o censo e, portanto, prejudicaria a representação política".

CONGRESSO

Os marginalizados

Na quarta-feira da semana passada, perante uma centena de deputados e um bom número de assistentes espalhados pelas galerias, o Ministro Mário Andreazza, dos Transportes, falou durante uma hora e meia sobre as construções das rodovias Transamazônica e Cuiabá—Santarém (veja a página 21). Terminada a exposição, o líder do MDB, Humberto Lucena — o segundo orador inscrito para interpellar o ministro —, começou por lamentar que o governo tivesse baixado um decreto-lei, quando poderia ter enviado o projeto do Plano de Integração Nacional ao Congresso, onde seria enriquecido "inclusive pelo MDB, que está inteiramente de acordo com a iniciativa".

Poucos dias antes, discursando no Senado Federal, o Senador Josafá Marinho, do MDB da Bahia, já havia criticado o governo por haver baixado, até aquela data, 35 decretos-leis sobre matérias que poderiam ser remetidas ao Congresso para discussão e votação. Para o senador oposicionista, a "edição constante de decretos-leis significa o esvaziamento do Poder Legislativo".

Vários motivos — Na verdade, as reclamações contra uma suposta marginalização do Congresso não são novas, nem são feitas exclusivamente pela oposição. Desde a reabertura, em outubro do ano passado, depois de dez meses de recesso, os congressistas da Arena e do MDB têm-se queixado constantemente do corte de algumas de suas prerrogativas, o que levou à perda de sua força política. Mas os próprios parlamentares reconhecem que sua imagem ficou prejudicada perante a opinião pública, por erros cometidos no passado e pelo obsoleto da estrutura do Congresso, que não se modernizou como seria de desejar.

O reconhecimento dos erros, contudo, não faz com que eles aceitem passiva-



Lucena: as lamentações do Congresso

mente a marginalização. O fato de o governo baixar um decreto para a construção da Transamazônica, sem levar em conta a contribuição dos parlamentares, provocou amargas queixas nos dois partidos. Um deputado da Arena declarou que uma pequena crítica sua à redução de 30% dos incentivos fiscais da Sudene, para financiamento da rodovia, encorajou outros parlamentares (e até dois governadores — Luís Viana Filho, da Bahia, e Nilo Coelho, de Pernambuco) a se manifestarem no mesmo sentido. A liderança da Arena chegou mesmo a promover, discretamente, audiências de alguns desses deputados com o presidente da República. Ninguém critica o Plano de Integração da Amazônia, mas o desvio das verbas da Sudene e a utilização do recurso do decreto-lei, que praticamente impede o Congresso de influir na matéria.

Não à unanimidade — "O Executivo mantém com o Legislativo as relações mais cordiais possíveis", explicou a VEJA um assessor presidencial. No caso, o presidente apenas utilizou um poder que lhe

é atribuído pela Constituição: baixar decretos sobre matéria de natureza financeira (a transferência de verbas da Sudene para a Sudam). Na Câmara, um deputado da Arena formulou explicação menos lisonjeira para o Legislativo: o presidente preferiu o decreto por estar certo de que, se enviasse um projeto ao Congresso, este não seria emendado de forma construtiva, mas receberia "um uníssono amém da maioria arenista". Essa unanimidade passiva, segundo esse deputado, é um dos principais motivos do desprestígio do Poder Legislativo e da incapacidade de seus membros para influírem politicamente nos assuntos que interessam às regiões que eles representam.

O PRESIDENTE

Uma boa semana

Passadas a euforia e a agitação que cercaram a chegada dos campeões mundiais de futebol a Brasília, o Presidente Emílio Garrastazu Médici passou uma semana relativamente tranqüila e aparentemente sem novidades. Esse calmo intervalo, porém, propiciou o ambiente para a tomada de importantes decisões, que serão anunciadas esta semana durante a estada do presidente na Guanabara.

Na área política, a reabertura das três Assembléias Legislativas (Goiás, Guanabara e Rio) ainda em recesso — e a seleção final dos deputados a serem casados em cada uma delas — foi resolvida na última semana, decidindo-se pelo menor número possível de punições. Quando a reunião do Conselho de Segurança Nacional foi marcada para quarta-feira próxima, no Rio, o General João Baptista de Figueiredo, chefe da Casa Militar e secretário do CSN, já tinha obtido do presidente as decisões finais. A reunião do CSN, da qual estará ausente o Ministro da Agricultura Cirne Lima, já dispensado pelo presidente para uma inspeção de quatro dias pelo nordeste, será apenas o ato solene e formal considerado indispensável para a divulgação da decisão.

Mobilização nacional — Da mesma forma, na área econômica, o presidente tomou decisões que só nos próximos dias terão divulgação. A principal foi a aprovação de uma grande mobilização nacional da agropecuária, numa operação de aumento da produção que procurará usar os mesmos métodos de emulação nacional utilizados para a conquista da Copa do Mundo. O compositor Miguel Gustavo, autor de "Pra Frente Brasil", o hino da Copa, já compôs uma marcha; e o Ministro Delfim Netto, apoiado principalmente pelo Ministro Cirne Lima e pelo presidente do Banco do

Brasil, Nestor Jost, comandará uma ofensiva publicitária, usando slogans como "Plante quanto puder, que o governo compra", "Crie o gado que puder, que o governo compra". E a campanha será lançada simultaneamente com informações sobre duas novas safras recordistas da agricultura brasileira: soja e trigo.

Por causa de uma reunião para tratar de detalhes desse programa ambicioso com assessores presidenciais, o presidente do Banco do Brasil e o ministro da Agricultura foram as duas últimas pessoas a deixarem o Palácio do Planalto ao anoitecer de sexta-feira passada, pouco depois das 18h20. O resultado dessa reunião o Presidente Medici soube no Palácio da Alvorada pelo seu filho e assessor, Professor Roberto Medici, mas o dado mais otimista da semana o Ministro Delfim Netto lhe apresentou pessoalmente, logo na segunda-feira: o saldo do comércio exterior brasileiro, atingindo níveis jamais alcançados. Era a resposta nacional às barreiras levantadas pelas autoridades americanas aos nossos têxteis, com a compra de trigo em outros mercados e as ofertas espontâneas de crédito por bancos internacionais, aos quais o Brasil até agora sempre tem recorrido.

E assim, graças a uma semana de poucas novidades em Brasília, o presidente terá uma semana de despachos e boas novidades no Rio.

SÃO PAULO

A busca do líder

Nos seus quatro anos de existência, a Arena paulista viveu muitas lutas longas e algumas pouco edificantes. Na semana passada, o noticiário dos jornais indicava um aparente renascimento das velhas divergências. Quando o Professor Lucas Nogueira Garcez, presidente do diretório regional do partido, deixou apressadamente a sede da praça da República, após a reunião da última segunda-feira, surgiram imediatamente boatos e especulações sobre uma nova e grave cisão.

Os motivos principais do conflito seriam dois: a forma de escolha do líder partidário na Assembléia Legislativa estadual e a seleção dos nomes que deverão concorrer ao Senado.

Para saber as regras de eleição do líder, Garcez consultou a direção nacional do partido, que através do presidente Rondon Pacheco esclareceu ser prática uniforme em todos os demais Estados a eleição pelo voto aberto dos deputados da bancada estadual. Quatro dos sete membros da comissão executiva discordaram dessa orientação, achando que o voto deve ser secreto e, nesse sentido, vão recorrer ao diretório nacional,

já que a interpretação veio do presidente do partido. A tentativa de adoção do voto secreto é aparentemente uma manobra contra a escolha do Deputado Blota Jr., já indicado pelo Governador Abreu Sodré para representar o governo na Assembléia Legislativa. Apoiando Blota para a liderança partidária já existe um documento assinado por 42 parlamentares, que estão com seus votos comprometidos se tiverem que os dar abertamente.

Quatro candidatos, uma vaga — A escolha dos candidatos ao Senado também se complicou no decorrer da semana passada. Além dos dois nomes tidos como certos — o do Senador Auro de



Blota Jr.: ameaçado pelo voto secreto

Moura Andrade e o do Vice-Governador Hilário Torloni — surgiram outros postulantes: Oscar Klabin Segall, presidente da Caixa Econômica Estadual, e Orlando Zancaner, presidente da Assembléia Legislativa.

Para alguns analistas, o surgimento dessas novas candidaturas prejudica mais diretamente Moura Andrade, que estaria bem eleitoralmente, porém mal partidariamente, sem força dentro da convenção. Ele permaneceu afastado durante a época de composição dos diretórios municipais — estava na Espanha, como embaixador do Brasil. Muitos chegam a afirmar que Torloni só aceitaria sua candidatura se a de Moura Andrade fôsse impedida, porque nem a Arena nem o MDB têm grandes possibilidades de eleger os dois senadores e, diante da vantagem de Auro de Moura Andrade, Hilário Torloni ficaria sem chances.

Apesar de tudo, Garcez desmentiu a existência de dissensões mais profundas. "Saí com pressa segunda-feira por causa do cardeal que ia rezar uma missa às 8 horas no antigo Convento da Luz, hoje Museu de Arte Sacra."

DIPLOMACIA

O terror comum

Depois de sua passagem pelo Departamento de Estado, o general americano George Marshall repetia sempre que, "quando os diplomatas dizem ter chegado a um acordo, é possível que se tenham desentendido completamente". Na semana passada, em Washington, os chanceleres do hemisfério, reunidos na Assembléia Extraordinária da Organização dos Estados Americanos, demonstraram que é possível chegar à unanimidade sem sair do desacórdio. A oportunidade para essa demonstração de habilidade profissional foi a discussão dos delitos do terrorismo e da definição do alcance do direito de asilo.

Terror fora — No início da reunião o Brasil e a Argentina tendiam a apresentar uma proposta que incluiria na convenção que regula o asilo um artigo que excluísse os terroristas. O Chile e o México, mesmo condenando o terror, não queriam mexer na convenção. Como seria possível alterar um documento mantendo-o intato?

Essa tarefa, aparentemente impossível, foi realizada pelos chanceleres: aprovaram uma resolução onde, por unanimidade, consideram comuns os crimes praticados pelo terror e, portanto, fora do alcance da proteção do asilo. Enquanto isso, a convenção fica como está e todos ficam satisfeitos.

A rigor, no caso brasileiro, as três embaixadas que habitualmente recebem asilados já vinham negando asilo a quem estivesse envolvido em atos terroristas. Calcula-se que mais de cem pedidos foram negados nos últimos dois anos. Contudo, esse comportamento, que era fruto exclusivo do julgamento dos embaixadores, passará agora a ser um discreto dever.

Vitória do Itamarati — Do ponto de vista político, a decisão dos chanceleres foi uma grande vitória do Itamarati. Porém, dentro de sessenta dias, o Comitê Jurídico Interamericano, por decisão da Assembléia, deverá começar a preparar um parecer para definir tecnicamente a situação dos terroristas. Alguns especialistas em direito interamericano acham que "o Comitê, com quaisquer intenções, não poderá produzir nada de muito concreto em termos técnicos. A questão é política e foi resolvida politicamente. Qualquer esforço para ir mais longe poderá criar interpretações diferentes e acabar até mesmo dividindo os onze juristas que deverão integrá-lo". Essa preocupação, pelo menos por agora, não atinge a diplomacia brasileira, e o Chanceler Mário Gibson considerou a resolução "muito boa".

Anexo 31 – **O TERROR REGENERADO** de 15.07.1970

veja

E LEIA

EDITORA ABRIL - N.º 97 - 15 DE JULHO DE 1970

Cr\$ 2,50

0 TERROR RENEGADO

Massafumi Yoshinaga

Anexo 32 – ***E a taça?*** de 15.07.1970

CARTAS

Informação

Um leitor nos escreve da Alemanha uma carta de seis fôlhas contando da desinformação de seus amigos alemães sobre o Brasil. Eis alguns tópicos de sua carta: Sr. Diretor: Nesta longínqua Alemanha recebo VEJA através de amigos brasileiros de Roma. Vem com atraso de dois ou três meses, mas vale a pena, assim mesmo, porque se podem ler ótimas reportagens sobre o Brasil. Alguns alemães já me perguntaram se no Brasil há alguma "instituição", outros querem saber se começamos a luz elétrica e ainda há quem pergunte por que a "minoridade" branca vive matando "milhões e milhões" de índios. Em geral, eles se afiguram uma faixa de equador muitíssimo larga, dentro da qual se debate um minúsculo Brasil, mergulhado em doenças tropicais. Não pode haver turista que queira conhecer um lugar assim. Até agora não encontrei ninguém que soubesse que língua se fala no Brasil. Boa parte acha que é o inglês, outros respondem que é o espanhol ou mesmo o francês. Sobre a literatura portuguesa e brasileira, evidentemente nada sabem. Alguns chegam até a teimar que o português é um dialeto espanhol, porque assim aprenderam na escola. Nunca ouviram falar em Camões (traduzido já para várias línguas), Antônio Vieira, Eça de Queirós, Rui Barbosa, Machado de Assis, para citar os que logo me vieram à mente. Sobre música, nunca ouviram falar em José Maurício, Carlos Gomes e nas pianistas Guiomar Novaes e Magdalena Tagliaferro, ou na cantora Bidu Sayão. O Brasil poderia muito bem, aproveitando o valor promocional de nossa conquista definitiva da Taça Jules Rimet, entrar noutras campanhas para conquistar novas vitórias.

Tarcísio Gomes da Silva
7241 Ergenzingen über Horb
Katholisches Pfarramt
Alemanha

Sêca

Sr. Diretor: Li na VEJA n.º 93, sob o título "Sêca, a luta da Sudene", a notícia de que "o Banco do Brasil no Nordeste já foi informado de que poderá operar com 20 milhões de cruzeiros de empréstimos a agricultores para pagamento em oito anos". Tendo igual informação, tanto pelo rádio como por vários órgãos da imprensa carioca, na qualidade de agropecuarista da zona sul do Estado, dirigi-me às agências do BB de Crato e Juazeiro do Norte, no intuito de obter esclarecimentos sobre essa modalidade de financiamento, e obtive a declaração de que nenhuma autorização

ali chegara a respeito do assunto. Quer isso dizer que essa história de empréstimos a agricultores, a juros módicos e prazo extenso, a fim de evitar o abandono dos lares pelos agregados e, ao mesmo tempo, proporcionar meios de reaparelhar os imóveis rurais, por enquanto não passa de mera promessa sem nenhum cunho de realidade, infelizmente.

Paulo Feitosa
Crato, CE

Sr. Diretor: VEJA n.º 91 publicou uma entrevista com o Sr. João Agripino, governador da Paraíba. O governador lamenta que o governo federal pague apenas 2 cruzeiros por dia-salário ao flagelado, acrescentando que uma criatura humana, com cinco filhos, não pode passar, subsistir ou sobreviver com um salário que corresponde a menos da metade do mínimo, que na Paraíba é de 124 cruzeiros. Se o governador lamenta tal situação, então por que ele nomeia, contrata funcionário para ganhar apenas 30 cruzeiros mensais? Tem mais: se o Sr. João Agripino lamenta o salário do flagelado, então por que ele nomeia, contrata professora para ganhar apenas 42 cruzeiros por mês? E, para provar que não estou mentindo, segue uma página do Diário Oficial do Estado da Paraíba, com os referidos atos governamentais publicados. Uma professora na Paraíba ganha 42 cruzeiros mensais. E a professora tem curso pedagógico. Daí, pergunto: onde está o valor que o Sr. João Agripino alega deve ter a pessoa humana, se nem ele próprio reconhece tal valor? Há poucos dias, uma mensagem do governador foi derrotada na Assembleia Legislativa, pedindo a abertura de crédito de 500 000 cruzeiros para fazer face às despesas de desapropriação de terreno em frente ao Hotel Tambaú. E esse terreno seria desapropriado para se construir um parque de estacionamento em frente ao referido hotel, que é a grande obra do governador. Ora, se o Estado está em situação aflitiva, quase calamitosa, como disse João Agripino a VEJA, então como se explica querer ele gastar 500 000 cruzeiros para desapropriar certo terreno em frente a obra de luxo?

José Geraldo da Costa
Guarabira, PB

E a taça?

Sr. Diretor: Agora que, para suprema alegria de 90 milhões de brasileiros, a Copa Jules Rimet foi conquistada e ficará para sempre nesta pátria generosa e acolhedora, começam a surgir desinteligências sobre a sua melhor e de-

finitiva acomodação. Querem uns que ela fique em lugar destacado, entre os numerosos troféus ganhos pelos nossos atletas, ou seja, na CBD. Não sei se está certo ou errado. Alvitram outros que ela faça parte do patrimônio a reunir num possível Museu Nacional dos Desportos. Do mal, o menor. E por que não erigir em sua memória, na capital da República, um monumento colossal, condigno da fabulosa Brasília, na própria praça em que se cogita construir o museu? Uma coluna do mais raro mármore ou de granito culminando com a gigantesca reprodução da Copa com a douradura apropriada. A determinada altura da coluna, inacessível a qualquer manifestação de rapacidade, numa espécia de redoma, à prova de bala, envolta numa chama eterna, a simbolizar o fogo sagrado da pátria, a verdadeira Taça Jules Rimet, no eixo de uma plataforma giratória, para que pudesse ser admirada pelos milhares de visitantes que se dirigem a Brasília atraídos pela fama dessa obra faraônica. Na base desse monumento — verdadeiro desafio à Estátua da Liberdade —, um bronze de Pelé e de seus vitoriosos companheiros, como também uma memória de gratidão aos seus competidores: Glória aos vencedores — Honra aos vencidos!, numa demonstração de paz universal possível entre todos os povos da Terra, unidos no esforço físico, na sanidade mental. Seria, acima de tudo, um magnífico testemunho do vigor e do merecido orgulho do nosso povo. Esta é somente a idéia, sem o colorido das palavras que melhor pudessem impressionar. Ela poderá ser mais uma das muitas disparatadas e quixotescas idéias que se oferecem à vossa apreciação. Mas não deixa de ser fruto do entusiasmo de um leitor vosso que, não sendo propriamente brasileiro, escolheu o Brasil como sua segunda pátria e sofre e rejubila com ele como qualquer nacional.

Paulo Macedo
Belém, PA

TV

Sr. Diretor: Essa conceituada revista (n.º 95) publicou carta do Sr. José Maria R. de Vasconcelos, procurando retificar lapso que VEJA teria cometido ao dizer que Teresina não receberia as imagens da Copa. Esnobando, como bom piauiense, o Sr. José Maria afirma que todos os hotéis daquela capital estiveram naqueles dias superlotados de turistas, vindos do Maranhão e Pará para verem essas imagens; esqueceu-se, porém, de elucidar que a imagem vista em Teresina é da TV Ceará, canal 2, de Fortaleza.

Eloy Carvalho Lima
Fortaleza, CE

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA.
Caixa Postal 2872, São Paulo, Capital.

Anexo 33 – ***O PRESIDENTE – O calor dos jogos*** de 29.07.1970

continuação da página 16

trabalho parlamentar: proibia os parlamentares de apresentarem projetos que criassem despesas e estabelecia prazos para que fossem votados os projetos do Poder Executivo. Depois da reforma constitucional decretada pela Junta Militar que substituiu o Presidente Costa e Silva, as coisas pioraram: suas imunidades foram reduzidas, eles não podem mais convocar sessões legislativas extraordinárias, suas viagens ao exterior têm de ser aprovadas pelo presidente da República e foram suprimidas as passagens aéreas gratuitas.

"Abuso terrível" — Duas instituições que muito ajudaram os parlamentares a se manterem em evidência também foram atingidas: os requerimentos de infor-

da vez (em 1963 chegaram a funcionar trinta) e os seus integrantes não podem viajar para fora do Distrito Federal para suas investigações. "Essas medidas foram saneadoras, havia um abuso terrível", diz um deputado da Arena.

Plano inclinado — Parlamentares dos dois partidos reconhecem, reservadamente, as limitações atuais do Congresso e apontam a excepcionalidade do momento como principal fator dessa marginalização. Mas a autocritica é feita em termos muito diferentes, conforme a posição de cada um. Os emedebistas, de modo geral, concordam com o Deputado Ulisses Guimarães, vice-presidente em exercício do partido: "O Congresso está marginalizado porque o governo retirou-lhe o poder de iniciativa". Os arenistas têm maior número de argumen-

so se ressentem também da falta de uma assessoria técnica. Nesse terreno, o Executivo já lhe tomou a dianteira: a Universidade de Brasília vem auxiliando o governo na elaboração de doze projetos importantes, enquanto a Câmara se limitou a um contato inicial, que ainda não produziu frutos. Essa morosidade é denunciada por muitos: acham que o Congresso deve criar, por seu próprio trabalho, as condições que levem à melhoria de sua imagem. Ou, como diz o arenista gaúcho Daniel Faraco: "O Congresso se afirma não pelo que pode fazer, mas pelo que faz".

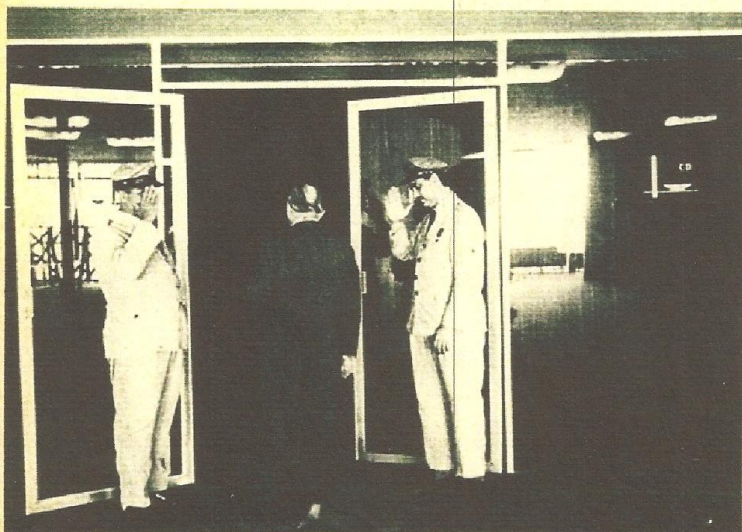
O PRESIDENTE

O calor dos jogos

Conquistar a Copa Jules Rimet definitivamente foi uma felicidade nacional, mas para alguns ela trouxe uma pesada carga de preocupações. Empolgado com a festa popular que foi a recepção aos jogadores, em Brasília, o Presidente Emílio Garrastazu Medici deseja, novamente, misturar-se com o povo, deixando de lado os rigores do Serviço de Segurança. E são os homens da segurança presidencial que já não sabem como bem desempenhar sua missão, uma vez que o general não se conforma mais em comparecer apenas às solenidades preparadas pelo cerimonial do Palácio do Planalto.

Na semana passada, motivado por preocupações desse tipo, o Serviço de Segurança convenceu o presidente a não comparecer à instalação dos XXI Jogos Universitários, no Estádio Edson Arantes do Nascimento, em Brasília. Três dias depois, recebeu em palácio os organizadores da disputa, acompanhados de numerosos atletas. Muito bem-humorado, o presidente conversou animadamente com eles e recebeu um novo convite para assistir às provas. E prometeu que compareceria, de surpresa.

A medalha conquistada — Na quarta-feira, Garrastazu Medici resolveu cumprir a promessa. O Serviço de Segurança conseguiu que, ao invés de comparecer ao Estádio Edson Arantes do Nascimento, ele fôsse ao campo esportivo do Batalhão de Guarda Presidencial, onde seriam realizadas as provas finais de atletismo. E lá ele se instalou num palanque especial, logo cercado por estudantes que assistiam às provas. Wilma Alemanni, da equipe paulista de revezamento (4x100), foi-se aproximando, com a cumplicidade de assessôres presidenciais, conseguiu subir no palanque e pediu um autógrafa ao general. O autógrafa foi concedido e o presidente se pôs a conversar com ela. A jovem se entusiasmou; a certa altura entregou a Garrastazu Medici a medalha que havia ga-



Na entrada da Câmara dos Deputados, o reencontro com as honras perdidas

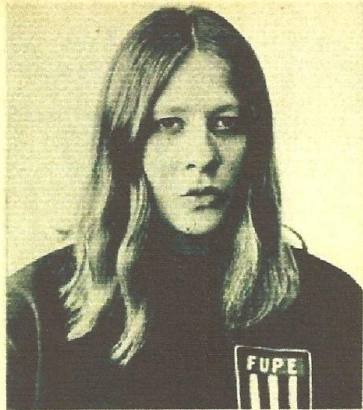
mações e as Comissões Parlamentares de Inquérito.

Os requerimentos de informações eram apresentados em tão grande número, que no governo Costa e Silva ameaçaram entrar a administração pública, pois os ministérios eram obrigados a respondê-los em prazo certo. Agora, eles só podem ser apresentados no Congresso quando se refiram especificamente a assuntos que sejam tratados em projetos em tramitação. O senador famoso que deixava com seu secretário papéis assinados, com os quais eram preparados requerimentos de informações para serem apresentados enquanto ele viajava, já não consegue aparecer tantas vezes no noticiário de "A Voz do Brasil".

No caso das Comissões Parlamentares de Inquérito, o prejuízo foi maior. Agora só podem ser criadas até cinco de ca-

tos. "O Congresso estava tão distante da opinião pública, que muitos soltaram foguetes quando foi posto em recesso", disse um dos dirigentes do partido governista. Um deputado do MDB diz que o Parlamento caiu de nível "porque as cassações levaram os melhores". E um jornalista que está no Congresso há oito anos afirma que "a Câmara e o Senado entraram num plano inclinado desde o fim do parlamentarismo, em 1963".

Assessoria — Apesar das queixas quase unânimes quanto à perda de iniciativa, há um grande realismo entre os parlamentares em aceitar essa perda como fenômeno universal, dada a necessidade de os executivos se fortalecerem para enfrentar a complexidade dos problemas que se apresentam ao Estado moderno. Concordam, ainda, em que o Congr-



Wilma: o beijo em paga do autógrafo

nho na disputa. O presidente examinou o troféu e, quando quis devolvê-lo, a jovem não aceitou: "É sua, presidente. Um presente nosso". Houve aplausos, Wilma se entusiasmou de vez e beijou o presidente no rosto. E ele retribuiu.

Garrastazu Medici, então, abandonou definitivamente as normas do protocolo e da segurança. Desceu do palanque, enfiou-se entre os atletas, conversou com eles (muitos já o conheciam da visita ao palácio) e agradeceu de forma simbólica os aplausos que recebia: deu um abraço no estudante Waldo Rohifs, o barbudo presidente da Federação Universitária Mineira de Esportes. O presidente disse que aquele abraço valia para todos os estudantes que participavam dos jogos.

REFORMA AGRÁRIA

INDAIBRAINCRÁ

Graças a uma simples palavra de poderes cabalísticos — SHAZAM — o tímido radialista Billy Batson se transforma, sempre que necessário, no onipotente Capitão Marvel, capaz de voar e de destruir males que a comunidade não consegue enfrentar. Os governos, porém, mesmo sabendo que as palavras não fazem mágicas, habitualmente manifestam crenças excessivas em novos órgãos de novos nomes. Na tentativa de equacionar a questão agrária, já existiu o INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização), mas o governo Goulart preferiu lançar uma nova palavra: Supra (Superintendência para a Reforma Agrária). Com a Revolução, a Supra foi extinta e nasceram dois novos órgãos no governo Castelo Branco, o INDA (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário) e o IBRA (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária). Com o governo Costa e Silva adicionou-se o GERA (Grupo Executivo para a Reforma Agrá-

ria). Agora acabou tudo e começou o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). No fim da tarde de sexta-feira passada, o ministro da Agricultura, Luís Fernando Cirne Lima, empossou o primeiro presidente do novo órgão, José Francisco de Moura Cavalcanti, dizendo que o INCRA "não será apenas uma sigla". Se fôr assim, pela primeira vez um organismo de política agrária trará resultados efetivos para a população camponesa do país.

Sem agitação — Para o ministro da Agricultura "a ação do novo órgão se concentrará na execução de um programa de colonização capaz de resolver os problemas do homem do campo do nordeste. A pretensão é colonizar os vales úmidos do Brasil central e do Maranhão, além das manchas de terra de boa produtividade nos dois lados da Transamazônica". Além dessa ação específica, o INCRA deverá conceituar em termos regionais o módulo agrícola (medida de superfície variável, capaz de dar sustento a uma família de lavradores). Segundo as declarações do Ministro Cirne Lima a VEJA, o novo órgão deverá aperfeiçoar o sistema de cadastramento (o IBRA cadastrou 4 milhões de imóveis rurais). Além disso, deverá restabelecer o sistema de crédito fundiário e a participação da iniciativa privada na colonização. "Isso porque", diz Cirne Lima, "ficou provado que a colonização por empresas não dá certo."

O novo presidente do novo órgão, Moura Cavalcanti, 43, foi governador do Amapá e é procurador do Estado de Pernambuco. Foi convidado para o lugar há duas semanas, quando Cirne Lima visitou as áreas nordestinas afetadas pela seca. "Reforma agrária é a disciplina do uso da terra para obter a elevação do nível de vida do homem do

campo. Reforma agrária", disse a VEJA, "não significa desapropriar. Isso só será feito se a propriedade não tiver destinação social. A agitação no trato de um problema sério como esse não me parece aconselhável." Cavalcanti dará ênfase à colonização, principalmente na área da Transamazônica: "O nordeste não pode resolver seus problemas usando apenas suas fronteiras. Temos a Zona da Mata, onde residem 157 pessoas por quilômetro quadrado, uma densidade demográfica somente igual à da China Continental. Não adianta, pois, dividir a terra. Qual a família que pode sobreviver no nordeste com apenas 2,5 hectares de terra? No sertão o terreno é pobre. A população precisa diminuir, ir em busca de melhores oportunidades". Cavalcanti diz que não tem planos, tem diretivas; e acrescenta: "Se se compreende reforma agrária como eu a compreendo, então afirmo que ela começa na segunda-feira".

109 em 110 — Apesar do otimismo recente, há quem lembre que na questão agrária as terras e os homens parecem ser muitos e todos os ingredientes de possíveis soluções também são prolíficos. O próprio Ministério da Agricultura teve 109 ministros em 110 anos de existência e, agora, o Deputado Braz Nogueira, relator das 10 000 páginas de conclusões da CPI que investigou as atividades do INDA e do IBRA, diz que "a simples reestruturação de órgãos burocráticos não bastará para implantar uma reforma agrária eficiente". No INDA e no IBRA, os 9 000 funcionários contratados esperam o início da reforma agrária e alguns deles já se habituaram ao jogo dos nomes. Uns dizem que "INIC + Supra + INDA + IBRA + INCRA, novas fora, nada". Outra versão concede poderes mágicos de reforma no campo a uma nova palavra: "Indaibraincra".

ESTUDANTES

Aula ministerial

Reunir num só personagem o fanatismo sectário do dominicano Torquemada, chefe da temível Inquisição, e o lirismo melancólico de Dom Quixote, um visionário que só pensava em correr o mundo desfazendo agravos e socorrendo os oprimidos, talvez tenha parecido a muitos uma tarefa impossível. Contudo, para o Ministro Jarbas Passarinho, da Educação, a mistura dos dois foi o método mais fácil para criar uma imagem que lhe permitisse retratar a figura do jovem estudante. Na noite de sexta-feira passada, no amplo plenário da Câmara dos Deputados, perante 119 alunos dos diversos cursos da Universidade de Brasília que o elegeram paraninfo, o ministro fez uma análise considerada rea-



Cirne Lima: INCRA não é só sigla

Anexo 34 – ***Ame-o ou deixe-o*** de 05.08.1970

CARTAS

Dúvidas

Sr. Diretor: A revista VEJA, como as demais, recebe dinheiro para fazer certas reportagens, como os projetos da NASA, CBD, Beatles, guerra do Vietnã? Gostaria que os senhores — sinceramente — respondessem.
Raimundo Nonato Soares Gurgel
Fortaleza, CE

Para maior e definitivo esclarecimento do leitor, num rasgo de sinceridade integral, confessamos que fomos pagos por Edgar Allan Poe para publicar, no número passado (29-7-70, página 69), uma reportagem sobre ele próprio e o seu livro "Histórias Extraordinárias", que acaba de ser lançado no Brasil.

Ame-o ou deixe-o

Sr. Diretor: VEJA demonstrou oportunamente a falta de imaginação de quem criou o slogan "Brasil, ame-o ou deixe-o", relatando a origem e significado do mesmo: tradução literal da frase americana criada para apoiar a política do Presidente Nixon e a guerra do sudeste asiático. Embora o citado slogan possa agradar a nacionalistas mesquinhos e negativistas, é preciso estudar de forma construtiva meios de divulgar o Brasil Grande, objetivo e sentido da Revolução que o próprio Presidente Medici não se cansa de definir. E, para não tomarmos a atitude de adolescentes que apenas "agredem porque é agressivo", procuramos propagar slogans mais positivos, como muitos que foram vistos e ouvidos. "Brasil, conte comigo!", a título de sugestão. Ou por que não "Pra frente, Brasil", "Brasil, um só coração", dentro dos motivos que nos sugere a famosa música de Miguel Gustavo?...
Professor Antônio Luís Gomes
São Paulo, SP

Investimentos

Sr. Diretor: Muito instrutiva a seção "Esteja Atento", do número 97 de VEJA, sobre a análise utilitária de um balanço de banco. Poderiam produzir algo parecido, para a análise dos relatórios periódicos dos fundos de investimentos?
João Ferreira Dias
Belém, PA

Sua sugestão é oportuna, sobretudo porque vem reforçar um projeto já em execução pela equipe do nosso Caderno de Investimentos.

Valor do homem

Sr. Diretor: No início da entrevista

com Mário Henrique Simonsen, VEJA n.º 97 (15-7-70), se diz que "um dos defeitos da cultura brasileira é não encarar a educação como matéria-prima de produção". Isso não é um defeito. Encarar a educação como matéria-prima de produção é reduzir o homem ao nível de uma máquina. Ele é apenas mais um fator de produção, um meio a um fim e não um fim em si mesmo. O homem é outro bem capital, uma coisa que entra no motor da produção. Esta concepção rouba a dignidade do homem, que, por ser homem, tem direito a educação e cultura e não importa a sua produtividade. O defeito é que o Brasil está procurando o seu desenvolvimento dentro de um sistema que sempre favorece uns poucos à custa dos muitos e deixa a maioria marginalizada na estagnação.

Padre Estevão Wagner
Recife, PE

Dom juan

Sr. Diretor: Lamentável a notícia publicada em VEJA, n.º 98 (22-7-70), sobre um fato ocorrido em São Miguel Paulista, São Paulo. Na página 59 li o triste relato da vida de Avelino Ferreira, um pobre coitado (vê-se pela foto) que "já confessou ter seduzido mais de cem pessoas de ambos os sexos". Há um trecho do artigo que diz: "Ele está preso na Casa de Detenção, aguardando julgamento, acusado de violentar um menino de seis anos". O que está acontecendo, meu Deus? Pergunto: por que as autoridades não internam esse pobre homem numa casa de doentes mentais?

Elisa Grinspum
São Paulo, SP

Política

Sr. Diretor: A VEJA n.º 99 (29-7-70) publicou a notícia de que Otávio Caruso da Rocha será candidato ao Senado pelo MDB. Não terá ocorrido alguma confusão, pois os dois candidatos lançados são Paulo Brossard e Geraldo Brochado da Rocha?

Francisco Miranda Meirelles
Rio de Janeiro, GB

Na matéria "Nível saudável" ocorreram duas confusões: 1) o Deputado Otávio Caruso da Rocha não é candidato ao Senado; 2) o trecho que diz que o futuro Governador Euclides Triches iniciará sua participação na campanha no dia 27 de outubro. Na realidade, ele começou no dia 25 passado e a 27 de outubro deverá encerrá-la, em Bagé.

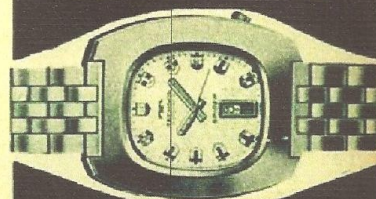
Cartas para: Diretor de Redação, VEJA, Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital.

VEJA

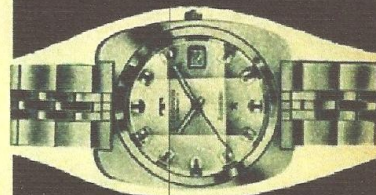
o encontro



COM TECHNOS



SPIDER — Automático, em aço, calendário duplo, rolamento de esferas, 25 rubis, "Fast Beat" (batida rápida), à prova d'água, 5 atm, pulseira original, coroa embutida.



SUPERCRON — Automático, em aço, calendário, a prova de fogo e água, 25 rubis, "Fast Beat" (batida rápida), vidro de cristal de rocha, pulseira original.

(Technos possui a maior linha de relógios de pulso)



TECHNOS
O SUÍÇO MAIS PONTUAL DO MUNDO

DENISON

Anexo 35 – ***Não o deixe*** de 14.10.1970

continuação da página 6

Vejite

Sr. Diretor: Um leitor maranhense, dos mais ilustres (o ex-governador José Sarney), disse, em carta publicada nesta seção, que os maranhenses haviam contraído uma espécie de doença: vejite. Na verdade, os maranhenses soem ir às bancas, no afã de comprar VEJA para saciar sua terrível sede de saber. E o estudante, o funcionário, o homem de negócios e o doutor, todos estão doentes. Gostaria, na medida do possível, que fizessem uma reportagem sobre a carreira diplomática no Brasil. Talvez o Itamarati possa ajudar-me e, para tanto, deixo o meu endereço para qualquer comunicação: caixa postal 456.

Antônio Gomes Silva Filho
São Luís, MA

TV, 1.º dia (e a razão?)

Sr. Diretor: No n.º 109 de VEJA (7-10-70), o leitor Hamilton Vieira, do Rio, fez uma indagação. O negócio é o seguinte: dizia o leitor que Luís Lôbo, crítico de TV do "Jornal da Tarde", escrevera, em "Realidade", em fins de 1969, que a primeira atração da TV brasileira foi o frei José Mojica, um cartaz

internacional, sob o patrocínio da goiabada Peixe. VEJA n.º 107, porém, disse que o primeiro programa foi um show com Wilma Bentivegna cantando boletos, Walter Forster fazendo novela, Mazzaropi humorismo, nada de frei Mojica. E que Cassiano Gabus Mendes montou um programa de duas horas e meia sem patrocinador. Com quem a razão?

Alberto Morais Régio
São Paulo, SP

VEJA está certa.

Não o deixe

Sr. Diretor: Quando surgiu o decalque "Brasil, Ame-o ou Deixe-o", imediatamente me lembrei do "America, Love it or Leave it", tal como VEJA observou a seguir. Gostei da adaptação feita, porém senti, como publicitário, que talvez houvesse alguma coisa errada na frase. Parecia-me uma rejeição muito forte, incompatível com a hospitalidade brasileira, a repulsa contida na última parte da frase. Recentemente, em São Paulo, encontrei no bar do seu Mário de Oliveira, na rua Garcia Duarte, um slogan que me pareceu representar o verdadeiro espírito do povo brasileiro: "Brasil, Ame-o e Não o Deixe". A frase, segundo me informaram, é de autoria de um estudante.

muito inspirado, Eugênio Bretel Lopes. Eddie Augusto da Silva
São Paulo, SP

Bang-bang-bola

Sr. Diretor: VEJA n.º 106 (16-9-70) publicou uma foto do time de futebol que representa esta região no Campeonato Paranaense da divisão especial, tendo por título esta frase: "Grêmio: onde bola e bola se confundem". É com grande pesar e profunda tristeza que, na qualidade de integrante da sociedade oestina, venho protestar contra aquela reportagem, a qual veio colocar diante dos leitores uma imagem maçulada de nossa urbe. Não é verdade que a cidade de Guarapuava seja um reduto de pistoleiros, que sua gente transforme em pancadaria a diferença que sua equipe não pode tirar com a bola e que os jogadores dos times adversários corram risco de vida.

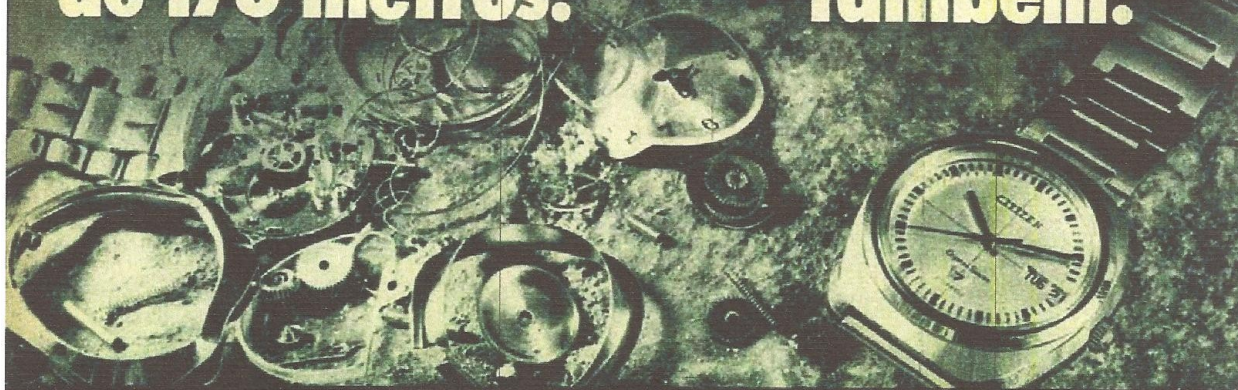
Alfredo Gelinski
Guarapuava, PR

Mas é verdade que Filpo Nuñes levou uma série de bofetões e que Bidon, jogador do Coritiba, foi ameaçado por um torcedor guarapuavano, que correu atrás dele com uma navalha.

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA.
Caixa Postal 2872, São Paulo, Capital.

Este relógio caiu de 178 metros.

Este Citizen também.



é meio difícil imaginar que a Citizen tem tanto cuidado para fabricar relógios de precisão, já depois joga-los de um helicóptero, a 178 metros de altura.

Mas é precisamente isso que ela faz. Como líder e pioneira no mercado mundial de tecnologia relojoeira, a Citizen e a empresa preocupada com qualidade, vive desenvolvendo projetos como este "Parashock", testado no Citizen que esta foto a direita.

Não é preciso comentar nada. Basta olhar

Ninguém vai comprar um Citizen só para jogá-lo de uma altura dessas, mas a Citizen é japonesa e tem uma persistência que só os orientais podem compreender.

Outro exemplo é o teste da caixa "Parashock" que reveste os relógios Citizen. Vários deles foram atirados no Oceano Pacífico para ver se não entrava água mesmo. Os resultados contaremos num próximo anúncio.

A Citizen tem no Brasil mais de 500 modelos, inclusive eletrônicos, para homens e senhoras, e uma perfeita rede de assis-

ta não funciona. Quem precisa de assistência técnica com um relógio assim?

E não é mesmo uma ironia: relógios tão precisos serem fabricados por uma empresa tão adiantada?

CITIZEN

A MÁQUINA DO TEMPO

Venda nas lojas relojoeiras
CITIZEN DO BRASIL LTDA.

Avenida Rio Branco, 371 - Telefone 37.5203

Anexo 36 – *Um ano de Medici – O ESTILO DO GENERAL NOS ATOS DO
PRESIDENTE* de 04.11.1970

Vende-se apto.

Quando André Spitzman Jordan deixou a Polônia, no fim da Segunda Guerra Mundial, seus bens, além da fortuna de viver, estavam reduzidos quase ao essencial. Em 1967, no Rio, quando foi fulminado por um ataque cardíaco, deixou a lenda de um dos mais ágeis empresários dos tempos dourados do café-society que brilhou nos anos 50.

Agora, na partilha de seu espólio, procura-se um comprador bem-aventurado interessado em dispor do conforto e das delícias do apartamento que mandou construir no edifício Chopin, na avenida Atlântica.

Se os príncipes feudais construíam grandes palácios, ele, um dos principais baronetes do mercado imobiliário, ergueu, num 13.º andar, o monumento à sua eficiência e um cenário para sua riqueza. Com sete salões, seis quartos, seis banheiros em mármore de Carrara, dois elevadores sociais, seis quartos de empregados e vagas para doze automóveis na garagem, seu apartamento agora corre o risco de se transformar num imenso elefante branco. Segundo o colunista Zóximo Barroso do Amaral, do "Jornal do Brasil", o maior apartamento do Rio custa 2 400 000 cruzeiros. Essa quantia excede o teto dos financiamentos do BNH mas preenche a curiosidade dos astutos fiscais do imposto de renda, interessados em descobrir milionários em busca de casa própria.

O flagelo de Deus

O vigário da pequena cidade baiana de Boninal talvez tenha idéias muito precisas a respeito da nova doutrina social da Igreja e é até possível que já tenha predicado a necessidade de os muito ricos distribuírem melhor os bens que conquistaram na terra. Contudo, quando surgiram na sua paróquia dois ladrões especializados em aliviar os altares das igrejas do peso de suas velhas e valiosas imagens de santos, o padre resolveu utilizar métodos dissuasórios muito mais eficientes que as simples prédicas.

Rigorosamente integrado com seu rebanho e com a ajuda do delegado, o vigário conduziu os dois ladrões pelas ruas da cidade enquanto os fiéis entoavam cantos sacros anunciando que "com minha mãe estarei, no céu, no céu". De 100 em 100 metros, os refinados gatunos eram chicoteados religiosamente. Depois, foram expiar suas penas no purgatório do hospital, onde durante três dias se curaram das feridas.



A posse: começa o jogo da verdade

O 1.º aniversário: um tom impessoal



FOLHA DE SÃO PAULO

Um ano de Medici

O ESTILO DO GENERAL NOS ATOS DO PRESIDENTE

Fiel ao compromisso assumido, não me disponho, no momento, ou em futuro próximo, a abrir mão das prerrogativas que pela Constituição me foram conferidas, porquanto as considero imprescindíveis à defesa da própria ordem constitucional." Essa frase, pronunciada pelo presidente Emílio Garrastazu Medici da cabeceira da longa mesa de reuniões do palácio das Laranjeiras, diante do Ministério reunido na tarde de sexta-feira, por ocasião do primeiro aniversário do governo, encerra, por um futuro de proximidade incalculável, os trabalhos dos laboratórios de especulações em torno da revogação do Ato Institucional n.º 5.

Se o presidente Medici tivesse discutido o texto de seu discurso com políticos maneirosos ou velhos conselheiros dos cerimoniais das comemorações oficiais, talvez tivesse sido aconselhado a repetir, como fizeram tantos presidentes, planos de muitas cores e riquezas para o futuro e de muitos elogios para o passado. Alguns lembrariam talvez que os temas polêmicos devem ser discretamente afastados durante as festas de aniversário. Os políticos seguramente desaconselhariam, por inoportuna, uma reafirmação do vigor do AI-5 a quinze dias das eleições gerais. Esse discurso, argumentariam sábios caciques, poderia ter sido feito há mais tempo e ser pronunciado daqui a um mês, mas agora ele atrapalha a campanha. Com muitas probabilidades, mesmo sem ter recorrido

às luzes bruxuleantes porém tênues dos caciques e dos conselheiros, a questão da oportunidade do pronunciamento terá sido pesada pelo próprio presidente.

O estilo do general — A decisão de Garrastazu Medici demonstrou, um ano depois de assumir o governo, que os gestos e atos presidenciais somente serão bem compreendidos por quem se preocupar sobretudo em conhecer o comandante do III Exército até outubro de 1968, o general de quatro estrelas.

O sentido da oportunidade e o verdadeiro significado dos momentos solenes é entendido pelo presidente como é apresentado aos oficiais do Exército. Ele demonstrou que o governo não pretende iludir o eleitorado com falsas promessas, para se arrogar o direito de considerar, no dia 16 de novembro, todos os votos recebidos pela Arena como sufrágios à decisão de se manter o AI-5 e à política do governo. Como militar, o presidente desprezou a festa pela ação.

Há exatamente um ano, reunido com o Alto Comando das Forças Armadas, que o indicara para a chefia do governo, o general Garrastazu Medici convidou para a vice-presidência o almirante Augusto Haman Rademaker, que tinha o compromisso formal, assumido ao lado de seus companheiros de junta, de rejeitar qualquer cargo. O general poderia ter retirado o convite, mas insistiu. Pouco depois, um ajudante-de-ordens que não assistira à reunião ouviu o general

comentar com um assessor: "Comigo é assim: mato o galo na primeira noite". Segundo o jovem oficial, estava claro que o futuro presidente testava a extensão e as condições de exercício do comando que lhe entregavam.

A lâmpada morta — Dias depois, instalado no palácio do Planalto, o presidente Medici demonstrava novamente sua autoridade alterando uma pequena luz de rotina do terceiro andar. A lâmpada vermelha da porta do gabinete presidencial, insistentemente acesa durante o governo de Jânio Quadros e com menos insistência em outros governos, para indicar que ninguém poderia entrar, nunca mais foi ligada. O símbolo luminoso tornou-se completamente desnecessário: ninguém entra no gabinete do general Medici sem ter sido chamado.

A formação militar do presidente dirige não só a rotina como todo o relacionamento com seus colaboradores. "Não o conhecia antes de ser convidado para o Ministério e doze meses depois não tenho nenhuma intimidade com ele. É um chefe militar de princípios rígidos" — explicou um de seus nove ministros civis (os militares são sete). Outro, mais experiente, que participou das reuniões do governo Costa e Silva juntamente com o então chefe do SNI, acrescenta: "O presidente é capaz das mais ousadas atitudes políticas, de ouvir e adotar idéias que lhe são apresentadas, embora não abra mão do poder de fazer opções, sem aceitar fatos consumados e sem admitir a delegação de decisões que lhe pareçam fundamentais".

As muitas fatias — Mesmo alguns dos poucos assessores que, pela convivência estão mais próximos do general Medici são incapazes de esquematizar com clareza o seu comportamento. "Cada um de nós", explicou um deles, "por mais que o conheça, conhece apenas uma fatia, um aspecto particular de sua personalidade. Mesmo para nós, o presidente se revela surpreendente."

Circunspecto durante as reuniões e formal durante os despachos com seus ministros, nas horas de intimidade familiar o general Medici é capaz de simular a brincadeira de "ficar de mal" com seus pequenos netos para depois voltar, descontraído, a conversar e diverti-los.

As voltas do Ato — A definição clara de sua posição diante do AI-5 talvez demonstre a preocupação do presidente de não permitir o surgimento dos nefandos "porta-vozes oficiais" cujas palavras freqüentemente semeiam a confusão. Ao aceitar sua indicação para a presidência da República, quinze dias antes da posse, o general anunciou que esperava entregar ao seu sucessor um Estado redemocratizado. A partir daí pro-

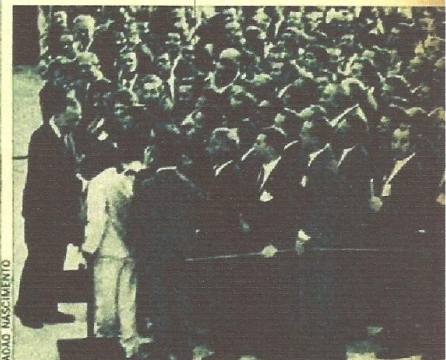


CARLOS MUELLER

Medici assumiu o comando da Arena na convenção. Em Porto Alegre, ao lado, com Peracchi e o general Figueiredo, indicou Triches para o governo



ASSIS HOFFMANN



Com os trabalhadores: depois de criar o PIS, o presidente abriu as portas do palácio aos delegados da CNTI e anunciou o programa de ação sindical

ADOLFO NASCIMENTO



ROBERTO STUCKERT

O tri comemorado no Alvorada: o major Coutinho, chefe da Segurança, o ministro Pratini de Moraes e sua esposa, dona Scylla, o presidente, o general Figueiredo, o chefe do SNI, Carlos Alberto Fontoura, e o ministro Girne Lima

liferaram as especulações. Meses depois, em sua primeira entrevista coletiva, o presidente esclareceu que, como general e chefe do SNI, propusera a edição do AI-5 em meados de 1968, diante do agravamento dos distúrbios estudantis. Apesar desse lembrete, em um ano de governo Medici não houve um só mês em que não surgisse uma "fonte bem informada" prevendo pelo menos o retorno do habeas corpus para o mês seguinte.

Todos esses boatos podem ter nascido nos mais diferentes arrabaldes do governo ou da política, mas certamente não saíram da sala do presidente. Sua preocupação com o sigilo é permanente. Quase todas as notas emitidas pela Assessoria de Imprensa do palácio,

Protegido pela aplicação de rígidos princípios de método para o funcionamento da máquina governamental, como um comandante no campo de batalha, o general Emílio Garrastazu Medici comanda as fileiras da política em várias frentes.

No campo institucional, ele não pretende se desfazer das leis revolucionárias enquanto não considerar implantadas importantes reformas na sociedade e a instauração de um regime político que ofereça garantias suficientes de estabilidade. Para isso, um dos pontos considerados mais importantes é o esforço de profissionalização das Forças Armadas, devolvendo à tropa os oficiais que a Revolução teve de deslocar para postos da administração.

o presidente ergueu para todo o Brasil o símbolo da vitória no México e representou a imagem do torcedor que, mesmo discretamente, sempre acalenta o sonho de poder repetir o gesto triunfante dos capitães das seleções vitoriosas.

A ovação popular que Brasília deu ao general Medici e aos tricampeões mundiais de futebol não foi limitada à satisfação da vitória do futebol. Os aplausos recebidos na praça dos Três Poderes sensibilizaram o próprio general. Um de seus assessores comentou: "Esta praça mudou os rumos do país". Agindo em outras frentes, Medici conseguiu demonstrar a rapidez das decisões e a preocupação de seu governo pelos problemas sociais. Diante do problema da seca, em poucos dias surpreendeu al-



Com Juracy Magalhães no alegre almoço dos colegas da turma Laguna e Dourados

até mesmo as mais lacônicas, são revistas pessoalmente pelo general.

O jogo do segredo — Conhecendo a nervosa curiosidade dos corredores palacianos, o presidente Medici instituiu um jogo de muita eficiência e tensão. Em que, em certos casos, quando está estudando alguma medida importante, confia-a a alguns assessores, sem que nenhum deles saiba quais são seus companheiros de sigilo.

O Programa de Integração Social ("a fórmula brasileira de participação nos lucros", segundo o ministro Delfim Netto) só era conhecido por cinco pessoas (três ministros e dois assessores). O segredo, inviolado, viveu dois meses, um período extremamente longo para a habitualmente indiscreta política brasileira, até que o próprio presidente anunciou o PIS.



A tristeza no enterro de Sousa Régis, o policial morto no seqüestro de Holleben

Na área política, a ação do presidente parece concentrar-se na preocupação de criar novos quadros dentro de uma organização partidária que assegure aos agrupamentos políticos a invulnerabilidade diante dos perigos do extremismo ideológico.

Os bons resultados — Quando esses objetivos estiverem atingidos, o general provavelmente desdobrará os movimentos de suas forças para novos objetivos, diante dos quais a legislação revolucionária talvez não seja indispensável.

Um dos objetivos perseguidos insistentemente pela Revolução — a popularidade do governo — já foi conquistado pelo general Medici. A luta pela popularidade apresentou seu primeiro resultado favorável no momento em que, empunhando o pedestal de mármore da estatueta dourada da Copa Jules Rimet,

guns de seus colaboradores viajando para as regiões mais prejudicadas e anunciando a construção da rodovia Transamazônica.

Enquanto o governo comemora seu primeiro aniversário, uma série de projetos é cuidadosamente estudada. Três ministros e dois assessores analisam, em fase final, um plano relacionado com a reforma da estrutura agrária da Zona da Mata de Pernambuco. Outros discutem a política de ocupação das margens da Transamazônica, além da recuperação de terras no Vale do São Francisco, para onde estão projetadas nove grandes áreas-piloto em cinco Estados. Esses planos, porém, só serão divulgados quando todos os detalhes, envolvendo desapropriações, transferência de populações e grandes investimentos públicos, estiverem perfeitamente equacionados.

Na boca do túnel — Esses projetos foram discutidos durante a semana passada pelo mesmo Ministério nomeado um ano atrás (a única alteração foi a saída de Fábio Yassuda do Ministério da Indústria e Comércio, onde foi substituído por Marcus Vinicius Pratini de Moraes). Como chefe dessa equipe reforçada por colaboradores que o acompanham desde seus comandos na Academia Militar das Agulhas Negras (1964), no SNI (1966) ou no III Exército, o presidente conta também com o trabalho de seus dois filhos Sérgio e Roberto Medici. O primeiro é oficialmente secretário particular e carrega sempre sua mala negra tipo "James Bond" ou pastas de cartolina com processos para despacho. O segundo, com o título de secretário particular para assuntos especiais, acompanha diretamente vários projetos do governo.

Estranhando o luxo dos palácios, o presidente e sua família deslocam-se entre o Alvorada, que apelidou de "gaiola", e o Laranjeiras, no Rio, mantendo um ritmo exaustivo que deverá durar ainda outros três anos.

Contudo, a primeira quarta parte do mandato do general Emílio Garrastazu Medici foi ultrapassada com resultados considerados satisfatórios e sem os inquietantes indícios de crises políticas que rondavam os palácios nos dias que antecederam a sua posse. Um de seus assessores, valendo-se da gíria dos locutores esportivos, definiu um ano de governo dizendo: "O time saiu bem no primeiro tempo. Contusões ligeiras sem previsão de substituições. O técnico, sereno, permanece na boca do túnel. Quer todo mundo atacando e defendendo em bloco. E chutando em gol".



Roberto Medici: filho e colaborador

O ano e os números

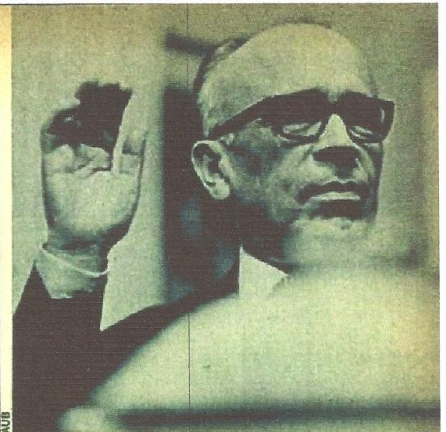
Nestes primeiros doze meses de governo do presidente Medici, inúmeros funcionários do palácio do Planalto foram os encarregados de responder às 82 000 cartas e telegramas enviados ao presidente de todos os pontos do país. A ordem do general Emílio Garrastazu Medici é que nenhuma delas, mesmo que seja uma simples mensagem de agradecimento, fique sem resposta.

Até o momento, segundo as informações da secretaria particular do presidente, os três fatos que provocaram o maior afluxo de correspondência endereçada ao palácio do Planalto foram: a conquista do tricampeonato mundial de futebol, o Plano de Integração Social e o decreto que proibiu as publicações consideradas licenciosas. Se a popularidade de Medici puder ser avaliada pelo volume de correspondência, o balanço é, certamente, positivo.

De acordo ainda com a secretaria particular, chefiada por seu filho Roberto Medici, o número de críticas é muito pequeno e o de pedidos de emprego menor ainda.

AS ESTATÍSTICAS — *Um levantamento numérico da atividade do presidente neste primeiro ano de governo indica, entre outras cifras importantes, as seguintes: enviou ao Congresso 136 mensagens, sendo 48 projetos de lei ordinária, 4 projetos de lei complementar, 22 mensagens indicando nomes para cargos diversos, 11 textos de acordos e convênios internacionais, 35 pedidos de suspensão da tramitação de projetos, 17 mensagens encaminhando projetos de decreto legislativo;*

- editou 58 decretos-leis e 16 atos complementares;
- fez mais de 30 discursos oficiais (alguns dos quais foram editados em livro com o título "Jôgo da Verdade"), além de dezenas de pequenos pronunciamentos, empregando em 90% deles as palavras desenvolvimento e justiça social;
- visitou 15 Estados e 1 Território Federal (Guanabara, 19 vezes; São Paulo e Rio Grande do Sul, 5; e Pernambuco, 2, foram os mais visitados);
- voou 114 horas, a bordo de aviões da FAB, desde o moderno BAC-111 até o desconfortável "Búfalo";
- esteve uma só vez no exterior, quando atravessou a fronteira com o Uruguai na localidade de Chuí para um rápido encontro com o presidente uruguaio Jorge Pacheco Areco;
- apesar de ter viajado bastante, o presidente Medici permaneceu 208 dias em Brasília, cuja consolidação transformou em meta de seu governo.



Etelvino Lins: volta o conciliador

CAMPANHA

Na reta final

Entrevistando populares na rua, uma emissora de televisão de Fortaleza chegou, na semana passada, a um resultado surpreendente. Nenhum dos entrevistados sabia o que é cédula única e voto vinculado e boa parte deles ignorava até que o Ceará tivesse três candidatos ao Senado. Em São Paulo, a última pesquisa realizada na capital do Estado indica que, enquanto 40% dos consultados votarão nos candidatos do MDB e 18% nos da Arena, 30% não sabem ainda em quem votar, ou simplesmente votarão em branco.

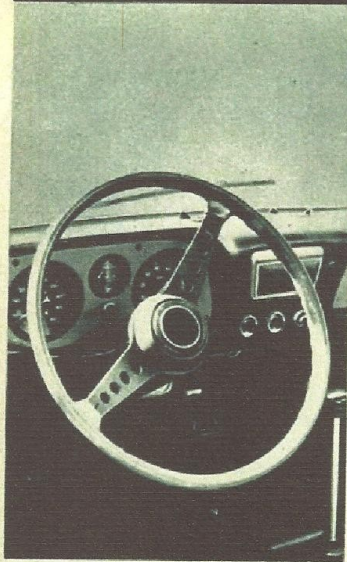
A situação preocupa tanto arenistas quanto emedebistas. Os primeiros vêm com apreensão o grande número dos que não sabem em quem votar, às vésperas da eleição; os segundos afligem-se com o número dos que votarão em branco, pois estes são, na maioria, descontentes que, normalmente, deveriam votar na oposição.

A volta — Para quebrar o desinteresse do eleitorado, os dois partidos procuraram, em todos os Estados, apresentar pelo menos alguns candidatos que pudessem tratar com desenvoltura de temas mais polêmicos. A Arena de Pernambuco, por exemplo, conseguiu trazer de volta à política o antigo pessedista Etelvino Lins, quase candidato à presidência da República em 1955. Político de prestígio nacional, segundo muitos apoiado pelo presidente Emílio Garrastazu Medici e por setores das Forças Armadas, Etelvino Lins deverá dar à representação de Pernambuco na Câmara projeção e realce. Ele surgiu candidato provocando logo polêmica ao recomendar ao MDB o reconhecimento da irreversibilidade da Revolução e, antes mesmo de eleito, já se credenciava para disputar a presidência da Câmara dos deputados.

Tom agressivo — Em Minas Gerais,

Anexo 37 – ***Ame-o, e ninguém o segura*** de 23.12.1970

Sua emoção começa aqui:



Cada curva de Le Mans conta uma história. E esta história está sendo escrita em cada edição de Quatro Rodas. As fotos dos momentos mais excitantes, das espectadoras mais lindas, das derrapagens mais sensacionais - tudo chega a você com toda a carga de emoção do fato acontecendo. Centenas de repórteres, fotógrafos e redatores fazem tudo para que você esteja em todas as corridas - sem sair de Quatro Rodas.

QUATRO RODAS

CARTAS

Ame-o, e ninguém o segura

Sr. Diretor: Ainda sobre o slogan "Brasil, ame-o ou deixe-o", que um leitor contestou no n.º 110 (14-10-70) de VEJA, e sugerindo a mudança para "Ame-o e não o deixe", o que acho ainda incorreto; o mais certo mesmo, e mais brasileiro, talvez seja "Brasil, ame-o cada vez mais".

Antônio Gomes Silva Filho
São Luís, MA

Sr. Diretor: Será que ninguém segura este país de copiar alguns slogans alienistas? Além do "Ame-o ou deixe-o", o "Ninguém segura este país" foi copiado dos Estados Unidos, onde a frase foi usada e adquiriu fama na crise econômica de 1929. A National Association of Manufacturers difundiu um cartaz mostrando a sedutora miss Colúmbia que proclamava: "Nothing can stop U.S."

Jorge D. Almeida
Salvador, BA

A tradução brasileira não tem qualquer ligação com esse fato. Ela começou a ser usada no Brasil depois que o presidente Emílio Garrastazu Médici, durante o jogo final da Copa do Mundo (Brasil x Itália), exclamou, emocionado, ao ver o gol de Jairzinho: "Ninguém segura este país".

De olhos fechados

Sr. Diretor: Julguei muito sábia a resposta de Ruy Guerra, quando VEJA perguntou o que achava de minha atitude, fechando os olhos nas cenas de violência do filme "Os Deuses e os Mortos". Disse ele: "Acho muito natural". Muita gente, entretanto, poderá não achar natural que um membro do júri de premiação do VI Festival de Cinema de Brasília tivesse tal atitude. Minha resposta é a seguinte: Fechei os olhos, realmente, numa seqüência do filme, a do sacrifício do animal. Gente morre, no cinema, à base do banho de sangue de "ketchup", de mercúrio cromo ou de tinta brilhante. Mas o bicho morre mesmo. O animal da seqüência do sacrifício já era o segundo abatido para o realismo do filme. O primeiro não deu bom resultado, segundo se soube. "Matei" muita gente em "A Muralha", mas ficção é ficção e o martírio dos animais me perturba e me constrange, pois é uma realidade bárbara nos filmes.

Dinah Silveira de Queiroz
Brasília, DF

TV demais

Sr. Diretor: Na reportagem sobre Loteria Esportiva, n.º 119 (16-12-70),

VEJA afirma que os fabricantes de televisão esperavam vender em São Paulo 75 000 aparelhos por mês. Não é muito?
Denise Grinspum
São Paulo, SP

As previsões dos fabricantes eram de 75 000 aparelhos por mês em todo o país.

Newton, a glória

Sr. Diretor: Li em VEJA n.º 118 (9-12-70) o artigo intitulado "A Glória de Natal", numa justa referência ao pintor Newton Navarro. Trata-se, sem sombra de dúvida, de um dos maiores pintores do nordeste. E, acrescento, além de pintor, Newton é um poeta de fina sensibilidade, contista e escritor de méritos, com livros publicados.

Walter Wanderley
Belo Horizonte, MG

Quando o vereador ganha

VEJA n.º 112 (28-10-70) afirma que os vereadores de Araraquara receberão vencimentos, uma vez que a população da cidade ultrapassou 100 000 habitantes. Na verdade, segundo a legislação em vigor, somente vereadores das cidades com mais de 200 000 habitantes têm direito a algum vencimento.

Élio David de Almeida
Vereador em Volta Redonda, RJ

É pena

Sr. Diretor: VEJA n.º 117 (2-12-70) observou, no artigo "Pena de morte — data vênica", que é provável a aplicação da pena de morte no Brasil, num futuro próximo. Pelo que eu tenho conhecido dos senhores, através das matérias publicadas na revista, sou inclinada a acreditar que os senhores são contra a pena de morte. Nesse caso, mantendo neutralidade em torno do assunto, estão fazendo uma terrível omissão. Pelo fato de considerar alguém um perigoso delinqüente, tem-se o direito de matá-lo? A vida humana já não importa? Seremos obrigados a assistir a um assassinato legalizado em nosso país? Considero a pena de morte o maior dos horrores, o mais trágico dos absurdos aceitos pela humanidade, e tenho dito isso a quem quer que seja. Porque, diante disso, ou a gente é contra e declara publicamente, ou a gente cala e consente.

Maria Esmeralda Soares Payão
Campinas, SP

Em princípio, VEJA é contra a pena de morte.

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA, Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital.

Anexo 38 – **SEQÜESTRO: A FIRME POSIÇÃO DO GOVÊRNO** de 30.12.1970

**POLÔNIA:
SOLUÇÃO IMPOSTA**

veja

E LEIA

EDITORA ABRIL - N.º 121 - 30 DE DEZEMBRO DE 1979

Cr\$ 2,50



**SEQÜESTRO:
A FIRME POSIÇÃO DO GOVÊRNO**

Anexo 39 – ***O PRESIDENTE – Alegria de Natal*** de 30.12.1970

RESGATE

Só a esperança

Prisioneira de um obscuro e torturante labirinto, dona Maria Aparecida Gomide, segundo depoimentos de alguns familiares, está à beira de um colapso nervoso. Tímida dona de casa até 31 de julho último, quando os Tupamaros seqüestraram seu marido, decidiu-se, após quatro meses de espera, a tentar uma solução própria e independente dos delicados canais diplomáticos. Mas, depois de alguns dias de esperança e entusiasmo, vê-se novamente presa a uma teia complexa e misteriosa, que não lhe permite enxergar saídas fora dos limites do seu otimismo desesperado.

Quando chegou a Brasília no dia 10 deste mês, dona Maria Aparecida trazia a intenção definida de consultar o chanceler Mário Gibson Barboza sobre a viabilidade do seu plano. Em contatos mantidos com representantes dos Tupamaros, tinha recebido a exigência de 1 milhão de dólares pela libertação do cônsul Aloísio Dias Gomide e uma carta manuscrita por ele próprio, como prova de ainda estar vivo. Segundo declarou aos jornalistas logo após o encontro com o chanceler, dona Maria Aparecida recebeu dele a explicação de que o governo brasileiro não poderia intervir no assunto, pois isso implicaria intromissão nas questões do governo uruguaio. Mas reconhecia-lhe o direito e o dever de procurar por todos os meios preservar a vida de seu marido.

A negativa legal — Animada por esse reconhecimento e talvez esquecida de que a neutralidade integral do governo impossibilitaria a realização de seu plano, a esposa do cônsul lançou-se à campanha de arrecadação de fundos. Não lhe faltaram voluntários para ajudar na tarefa e o seu afagado desejo (realizar o resgate antes do Natal), para algumas pessoas, chegou a ganhar ilusórios contornos de realidade. Mas, antes de a campanha completar uma semana, o ministro da Fazenda, Delfim Netto, gelou o clima de euforia com uma restrição legal: "A transferência dos dólares é rigorosamente impossível".

Já despojada do desembaraço ganho durante os dias exaustivos da campanha, dona Maria Aparecida volta a ser a mulher tímida de sempre. Intercalando as palavras com lágrimas, confessa o seu desespero: "Não estou entendendo mais nada. Se eu não podia sair com o dinheiro, por que me deixaram realizar a

campanha?" Após a declaração do ministro, ela já esperou horas num estúdio de televisão pela oportunidade de falar. "Estou sentindo que ninguém quer me receber mais." O balanço geral do que foi arrecadado durante a campanha será possível apenas no início de janeiro. Ela não sabe quantos cruzeiros terá, mas retira da fé e do desespero a decisão de tentar o resgate com o que a campanha der, e em cruzeiros mesmo. "Meu papel é salvar meu marido. Não importa que eu dê dinheiro aos Tupamaros. O governo do Uruguai que os combata depois."

Nenhuma pista — No Uruguai, de-



Grassi diz que só viu Gomide ao fotografá-lo

pois de haver acompanhado com simpatia e alguns exageros (um jornal chegou a afirmar que o dinheiro do resgate já havia sido arrecadado) a campanha de dona Maria Aparecida, a imprensa voltou-se para uma outra possibilidade de libertação do cônsul brasileiro. Dois jovens tupamaros presos pela polícia na semana passada tinham em seu poder uma carta recente de Gomide (o conteúdo não foi revelado) e um rôlo de filme com fotos dele.

Walter Grassi Ratini, funcionário do Ministério da Educação e fotógrafo de casamentos e batizados, foi quem bateu as fotos, mas seu depoimento à polícia não deixou nenhuma pista animadora. Diz que chegou e saiu do local onde está o cônsul com os olhos ven-

dados. Sobre a situação de Gomide, fez apenas um comentário: "Ele está bem de saúde, só me parecia um pouco assustado com o estouro dos flashes".

As manchetes dos jornais chegaram a fazer crer que a prisão de Juan José Noched, o outro tupamaro, era decisiva. Nos fundos da sua carpintaria existiria um túnel onde poderia estar escondido o cônsul. Mas a própria polícia se encarregou do desmentido: o túnel não existe, a carpintaria é uma inocente fábrica de brinquedos onde cinquenta operários trabalham dobrado nesta época de Natal, e os sócios de Noched ignoravam completamente estar dividindo os lucros com um importante tupamaro.

O PRESIDENTE

Alegria de Natal

A quarta-feira da semana passada, antevéspera do Natal, foi um dia especialmente alegre para o presidente Emílio Garrastazu Médici. Quando os funcionários do palácio do Planalto foram levar-lhe os votos de boas festas, numa cerimônia estritamente protocolar, o presidente ouviu a saudação do general Carlos Alberto Fontoura, chefe do SNI, confessou a sua felicidade por ter merecido "a colaboração de uma equipe unida" e considerou "muito reconfortante" aquela manifestação.

As 5 horas da tarde, ele recebeu os cumprimentos dos seus ministros e do vice-presidente Augusto Rademaker. "Nesta hora, reverenciamos em vossa excelência o chefe de família exemplar, que não poupa esforços nem mede cansaços para bem conduzir esta grande família que é a nação brasileira no caminho certo", disse o chanceler Mário Gibson Barboza falando por seus colegas.

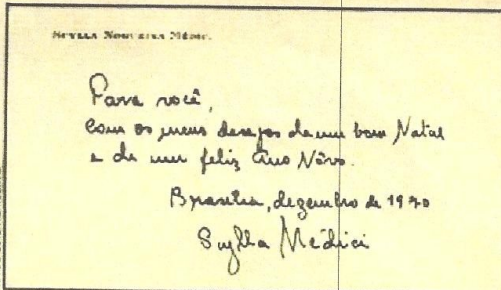
Em seguida, o ministro entregou ao presidente uma bandeja de prata: "Desejamos que contraste o frio deste metal com o calor de nossa amizade". O general Médici agradeceu a homenagem e a "valiosa colaboração" dos ministros ao governo.

Alegrias e tristezas — Enquanto seu marido era homenageado no palácio, dona Scylla Medici passava um dia menos formal e seguramente mais estafante. Ela percorreu cidades-satélites de Brasília — Planaltina, Sobradinho e Gama — e a maior favela da capital, a Invasão do IAPI (60 000 habitantes), distribuindo presentes em cerca de cinquenta escolas e entidades assistenciais previamente selecionadas por sua secretária particular.

Com essa caminhada beneficente, dona Scylla participou pela primeira vez de uma atividade diretamente assistencial,



FOTOS LUIS HUMBERTO



Junto com os presentes, o cartão da primeira dama desejando boas festas

Dona Scylla: deu muitos brinquedos, recebeu flores, palmas e homenagens

desde o início do governo. A alegria das crianças diante das bolas e bonecas que recebiam, as palmas, hinos e homenagens, alegraram a primeira dama. Mas, diante da multidão confusa de mães e crianças que a aguardava na favela da Invasão, ela pareceu chocada. Principalmente porque essas crianças iam ficar sem os presentes e só os alunos regularmente matriculados na escola primária deviam recebê-los.

Entre as fortes emoções desse dia houve também momentos de bom humor, como quando a professora do jardim infantil do centro espírita Bezerra de Meneses, em Sobradinho, assegurou à primeira dama que seu marido contava com a proteção de bons e poderosos espíritos invisíveis. ○

DIPLOMACIA

Paradoxo

Na atividade diplomática, assim como na política, nem sempre a teoria corresponde à prática. Na semana passada, ao regressar da Assembléia-Geral da ONU, onde integrou a delegação brasileira, o senador Aurélio Viana, líder do MDB no Senado, fez uma análise da orientação do Brasil naquele órgão que parece confirmar essa regra. Ele não esconde seu entusiasmo com as posições defendidas na ONU pela delegação brasileira, particularmente a atuação do embaixador Araújo Castro.

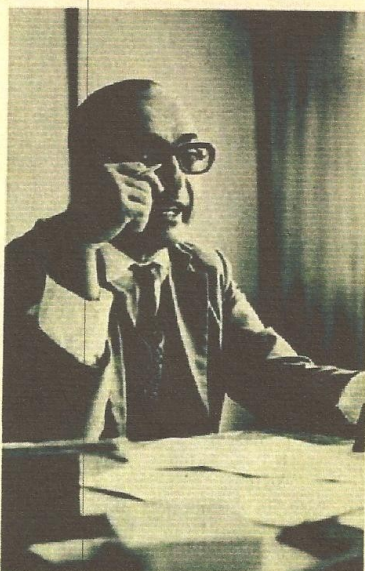
Na sessão de 7 de outubro, por exemplo, a moção apresentada pelo Brasil sobre as medidas necessárias ao fortalecimento da segurança internacional ganhou, na prática, o apoio quase unânime das 127 delegações, inclusive dos Estados Unidos, da União Soviética e, pela primeira vez desde 1964, também de Cuba, cujo representante se levantou de sua cadeira e foi cumprimentar pes-

soalmente o embaixador brasileiro. Em quatro páginas compostas de nove "considerandos" e de dezessete conclusões, a moção brasileira foi elogiada, inclusive, pelo sísudo Jacob Malik, da União Soviética.

Contradição — Os pontos mais importantes do projeto de resolução aprovado pela Assembléia-Geral reafirmam a convivência pacífica entre as nações independentemente de seus sistemas político e social e, por fim, que a paz é debilitada "pela persistência da sujeição colonial em qualquer de suas formas e manifestações". Essa última parte é que levou o senador Aurélio Viana a sentir uma contradição na posição brasileira. Dois meses depois de aprovada essa mo-

ção, o Brasil figurava como um dos países que votaram a favor de Portugal num projeto de resolução sobre a concessão de independência aos povos coloniais, que teve uma centena de votos favoráveis.

Para o Itamarati, essa contradição — que Aurélio Viana disse ter sido particularmente sentida pelos delegados africanos — não existe. Segundo fonte da Secretaria-Geral, o Brasil continua coerente com a sua posição tradicional de defesa da autodeterminação dos povos. "Os africanos é que mudaram", explicou essa fonte, "pois eles ampliaram o sentido da palavra autodeterminação, transformando-a em independência, pura e simples. Ora, o Brasil entende que a independência é uma das formas de autodeterminação, mas não a única, pois os habitantes das chamadas províncias ultramarinas poderiam resolver, por exemplo, adotar um estatuto de associação com Portugal."



Viana: a teoria distante da prática

Líder natural — O Itamarati acredita que o Brasil tem sido coerente, defendendo, em tese, a autodeterminação e o fim do colonialismo e, na prática, não aceitando moções ou projetos de resolução que pedem à ONU o fornecimento de ajuda "moral e material" para os guerrilheiros que lutam nas províncias portuguesas de Angola, Guiné e Moçambique. Para Aurélio Viana, a votação brasileira a favor de Portugal, embora bem explicada, poderá custar ao Brasil, em 1971, a sua não-inclusão em nenhum organismo da ONU, "pois as nações da África e Ásia, que votam unidas na questão da descolonização, poderão negar seus votos ao Brasil que, paradoxalmente, é considerado por elas como líder natural do Terceiro Mundo, como o demonstra o apoio quase unânime obtido pela sua moção sobre a segurança internacional apresentada em outubro último". ○